

ELISABETE DE LOURDES CHRISTOFOLETTI

PSICOLOGIA ANALÍTICA TEXTUAL:

Método Experimental de Psicologia Analítica com História Oral

Monografia apresentada à Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica para obtenção do título de analista junguiana na oitava turma - primeira de não residentes, no ano de 2007.

Orientador: Rodney Galan Taboada

São Paulo - 2011

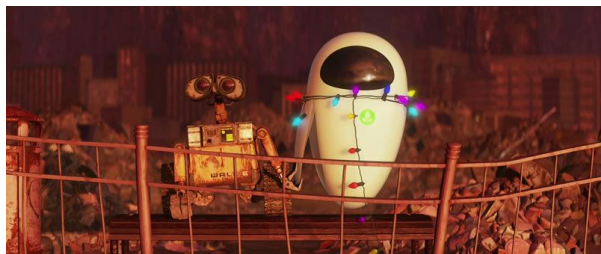
A questão é:

Ser ou Não Ser?

Que é mais nobre pra alma,
sofrer as pedradas e flechadas do azar ultrajante
ou
pegar em armas contra um mar de confusão
e se opondo a dar um fim a tudo isso,
morrer ... dormir ...
é a consumação que com devoção deve ser desejada.
morrer ... dormir ...
dormir e sonhar ...
Tá aí um obstáculo.
Porque neste sono da morte, que sonhos vão chegar,
quando estivermos desembrulhados do papel de mortal?
Aí é preciso dar uma pausa.

E é essa pausa que dá miséria a uma vida tão longa.
Por que quem agüentaria as chicotadas e o desprezo da época?
A injustiça do opressor, a ofensa do pretensioso?
A insolência dos burocratas, as pontadas do amor desprezado?
A rejeição que um mérito paciente recebe do medíocre...
quando ele mesmo pode quitar tudo com uma simples overdose?
Quem carregaria o peso de uma vida chata resmungando e suando...
se não fosse o pavor de alguma coisa depois da morte?
Esse país da amnésia... essa fronteira do desconhecido...
de onde nenhum viajante volta, embaraçando nossas vontades...
e nos fazendo preferir carregar o que já temos
do que voar para o que desconhecemos.
Então a consciência faz de nós todos covardes.
E o impulso nascido da decisão... adocece... com a frieza da computação,
o pensamento e os empreendimentos de largo alcance e do momento com esse olhar,
desvia o seu curso e perdem o nome de “ação”!

Shakespeare - Ham-let (teatro oficina)



Quando penso em você ... fecho os olhos de saudade ...

Áquele com quem como da mesma comida, da mesma bebida, me faz sorrir,
companheiro de buscas e sonhos, com quem Ubuntu pode ser compreendido.

Com amor, a Nilson.

Partilha...

Sylvia, irmã presenteada pela vida, no encontro dos caminhos.

Luisa, Paula e André pela família partilhada.

Marcos, parceiro de tantas propostas, pelos riscos e descobertas.

Callia, pela inquietude.

Arnaldo, por acreditar “os não residentes”.

Miriam, Luciana, Marcos, Rose e Rosaly, pelo cheiro de casa em terras de SBPA.

Byington e Maria Helena, pela alteridade.

Taboada, pela leveza, presente do tempo.

Shakespeare, por Ham-let.

Garcia, por tantos momentos: amorosidade, competência, cumplicidade, que o nosso delicioso humor prevaleça, minha gratidão amazônica.

Eliana Basílio, pela crença, gratuidade, por todas as guirlandas em tempos das Campinas...

Pelos Arnestos, Piras, Gibas, Rusticos, Genésios, Mercados, Teatros, cinemas, danças, cantigas, curvas da estrada, eranóis, risos, emails, cumplicidades, desavenças, irmandades estabelecidas, na vivencia em busca de alteridade, pelo que cada um é. Salvador, Botuca, Bauru, as Araras, Jundiaí, São José, Campinas, das Brasília, Meu Porto.

“Meninos-Adultos” do GPA, pelas terças feiras.

João, pela possibilidade de uma irmandade.

Elizeu e Benedita, pela vida.

Marina e Osmar pelo Nilson.

Ana, Tânia e Gabriela, pela generosidade e confiança da partilha de suas vidas comigo. Sou Amazonicamente Grata a cada uma de vocês.

Resumo

Esta monografia tem como objetivo apresentar um método experimental de trabalho clínico que denominei de Psicologia Analítica Textual. O trabalho baseia-se na junção da Psicologia Analítica com a História Oral e foi realizado de forma experimental a partir de 1998. O método proposto consiste basicamente na construção conjunta entre analista e analisando de uma narrativa escrita que será retrabalhada continuamente dentro do setting analítico.

Inicialmente são gravadas uma série de sessões que compõem uma unidade que serão transcritas e transcritas de forma a incorporar a voz do analista, mantendo-se o ritmo da fala. Esta narrativa textualizada retorna então ao analisando que em sessão irá lê-lo, respeitando o ritmo dado na narrativa inicial. Tanto analisando quanto analista podem intervir na leitura a qualquer momento. Esta etapa novamente é gravada, e todo o processo se repete tantas vezes quantas forem necessárias.

De forma protegida e segura, o espaço da análise permite ao analisando a experiência narrativa de sua própria história, facilitando a identificação de mitos pessoais à medida que se realiza este processo de contar e recontar para si mesmo sua narrativa. Ao ficar com as imagens, num processo de releitura de si mesmo, potencializa as chances de reconhecer um de seus mitos e que este pode ser lido como um arranjo significativo de sua existência, considerando que ali há a representação criativa de um personagem com múltiplas possibilidades de desenvolvimento e realização.

A proposta envolve metalinguagem, mito, literatura, alma, em um processo narrativo que, quando textualizada, facilita o ganho de consciência. Como num processo de filtragens sucessivas, avançamos até chegarmos a um produto que seja satisfatório para o analisando, onde sua alma possa senti-se contemplada.

Palavras Chaves

Psicologia Analítica, C. G. Jung, Psicologia Analítica Textual, História Oral.

Abstract

This monography presents an experimental method for clinical work called Textual Analytical Psychology. This work draws from Analytical Psychology and Oral History and it has been tested experimentally since 1998. The method basically consists in mutual building up of a written narrative where analyst and analysand will continually reshape the story in the analytical setting.

Initially a group of sessions are recorded forming a unit to be transcribed and transcribed in a way that may integrate the analyst's voice and the rhythm of the conversation. This textualized narrative then returns to the analysand who will read it in session respecting the rhythm of the original narrative. Both analyst and analysand are allowed to intervene at any moment of the reading. The fase of the process is recorded again and the whole process should be repeated as much as necessary.

In a secured and protected way the analytical setting will bring the analysand to really take part in the creative process of a narrative construction of his own history, what can make easier for him the identification of personal myths while he is in this process of telling and retelling to himself his narrative. Staying with the images, in a process of rereading of himself, potencializes his chances to recognize one of his myths and realize that this particular myth can be taken as a significant arrangement of his existence, taking into account the fact that in there we find the creative representation of a character with multiple possibilities of realization and development.

This method deals with metalanguage, myth, literature, soul, in a way that facilitates the gain of conscience by the textualization of the narrative process. Just like a process of sucessive filterings, we go on until we have a end product that can be felt as satisfactory by the analysand, where finally his soul may feel contemplated.

Key words

Analytical Psychology, C. G. Jung, Analytical Psychology Textual, Oral History.

ÍNDICE

1. Aproximação	13
2. Caminho percorrido	26
2.1 Jung e Freud: Uma Relação Entre Cartas	30
2.2 Caminho Trilhado	34
3. Narrando a Construção de Pontes	43
4. Procedimento Metodológico	55
4.1 História Oral	55
4.2 Psicologia Analítica Textual	58
4.2.1 Etapas do Processo	59
5. Discussão do Procedimento Metodológico	66
5.1 Ana	71
5.2 Análise das Narrativas Textualizadas	83
6. Anotações das Impressões da Vivência de um Método	102
7. Narrativa Textual final	111
8. Narrativa de Ana	119
9. Bibliografia	235
9.1 Bibliografia Citada	235
9.2 Bibliografia Lida ao Longo da Formação com Relevância Para Este Tema	238
Anexos	244
Anexo A - Carta de Autorização	245
Anexo B - CD	246

“Se tens um coração de ferro, bom proveito. O meu fizeram-lhe de carne e sangra todo dia.”

Saramago



http://www.ignezferraz.com.br/img/dicas/film-art_09rembrandt.jpg

05.05.2010

1. APROXIMAÇÃO

Este texto é fruto de alguns anos de trabalho e de reflexões sobre aquilo que chamei de Psicologia Analítica Textual – uma metodologia possível que buscou formas de ganhar corpo para ser apresentada.

Peço licença a você, que lê meu texto, para discorrer sobre a proposta desse método, que venho praticando em caráter experimental, pois acredito ser este um momento e espaço riquíssimo para discuti-lo.

Corro o risco de me estender em determinados trechos, mas para que isso não ocorra, redobrei a atenção. Como tenho dedicado algum tempo a esse estudo, o que exige um exercício constante para não tentar falar sobre todas as angústias e reflexões neste espaço, de uma única vez.

O que ora apresento é a proposta em desenvolvimento de um método para ser utilizado durante o processo de análise, para mobilização e apropriação do analisando em relação à sua própria história.

Apresento este trabalho de finalização do curso de formação na SBPA (Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica), com o desejo de estabelecer diálogo e reflexão com o leitor, de forma a me ajudar a refletir sobre a Psicologia Analítica Textual.

Convido você a abrir mão de alguns conceitos preestabelecidos sobre método e análise. Quando chegamos a um país novo, é preciso deixar em suspenso velhos hábitos se quisermos conhecê-lo; essa é a única possibilidade de adentrar na sua cultura, identificar a ressonância que provoca em nossa vida e integrá-la à nossa, se for o caso. Assim, solicito generosidade, tolerância e paciência para conhecer este procedimento metodológico que, para mim, tem sido significativo na prática analítica.

Trata-se de uma Psicologia que se apropria da narrativa, utiliza procedimentos da história oral por meio da transcrição, alcançando um texto em que o analisando-personagem vivencia seus diferentes papéis e se reconhece neles, sem se aprisionar nas amarras e engodos da própria narrativa, que, sendo repetida dia após dia, vai determinando a existência.

Minha monografia é resultado de vivências, experiências, procuras e buscas, posso dizer que é parte importante de meu processo de individuação, uma das minhas possibilidades que veio a ser parte de meu exercício de fazer escolhas, entre ideias, desejos, vontades e necessidades, parte de minha história.

Pôr em suspenso os assuntos vinculados à Amazônia para me envolver em outro tema de monografia não foi fácil, mas, para ser justa com meu processo, não tive escolha, em razão do caráter de eldorado, do romantismo do ideário amazônico numa comunidade junguiana. Viver na Amazônia é um exercício de “sobre-vivência” diária, na usurpação, na agressão, na diversidade, no “não lugar”, no luto diário e absurdamente intenso e solitário, mas também na possibilidade criativa contida na adversidade.

Em meio aos 40 °C de Porto Velho, às chuvas wagnerianas, à umidade, ao cheiro da mata, à convivência com bons e passageiros amigos, suas chegadas e partidas, partilho alguns anos de trabalho e a vivência deste método experimental.

A ideia de fundir uma leitura teórica, orientada pela Psicologia Analítica de Jung e dos pós-junguianos, com a metodologia de campo da *História Oral*, e ainda com a noção do *Imaginal*, como proposto por James Hillman (1984), surgiu em uma das tantas saborosas reuniões de um grupo de amigos, professores vinculados ao Centro de Hermenêutica do Presente na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), envolvidos com pesquisa, que se aproximaram da História Oral. Nós nos reuníamos com frequência para discutir Filosofia, Psicologia, Educação, Arte, Música e conversar amazonicamente sobre a vida permeada pela alquimia das nossas cozinhas. Tempo bom!

Morando numa região onde é difícil o acesso a grupos e pessoas que pensam e trabalham a Psicologia Analítica, por causa das distâncias geográficas, busquei, ao longo dos anos, formas de romper com o longe e atender às minhas necessidades. Descobri, assim, a escrita pela internet. Criei a oportunidade de experienciar a construção de vários trabalhos, apropriando-me da internet, nos anos 1990, na busca incessante de formas de diminuir a solidão, num trabalho criativo, responsável e com qualidade.

É bem sabido que o gosto pelas Letras me acompanha desde a infância, assim como por pintura, música e dança. Em função desse prazer, as pessoas mais próximas desde cedo precisaram exercer sua tolerância para conviver com meus poemas, minhas crônicas, meus contos e as tentativas de um livro inteiro.

Como diz Drummond em *Infância*:

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo./ Minha mãe ficava sentada cosendo./ Meu irmão pequeno dormia./ Eu sozinho menino entre mangueiras/ lia a história de Robinson Crusóé,/ comprida história que não acaba mais./ No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu/ a ninar nas longes da senzala – nunca se esqueceu/ chamava para o café./ Café preto que nem a preta velha/ café gostoso/ café bom./ Minha mãe ficava sentada cosendo/ olhando para mim:/ — Psiu... Não acorde o menino./ Para o berço onde pousou um mosquito./ E dava um suspiro... que fundo!/ Lá longe meu pai campeava/ no mato sem fim da fazenda./ E eu não sabia que minha história/ era mais bonita que a de Robinson Crusóé. (Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=D9hCuyTRef4>>. Acessa em: 16 maio 2010.) (DRUMMOND, 2010, p. 93.)

Contar histórias, ouvi-las ou criá-las sempre fascinou. Antes mesmo de estabelecer um alfabeto, o homem contava suas histórias nascidas no cotidiano, ou as ouvia de seus pais, de seus avôs, e de todos que os antecederam, como a tradição oral contida na *Odisseia*, ou a tradição oral que acompanha nossos índios até hoje na Amazônia, na busca de não perder sua história, nem o conhecimento dos que vieram antes e garantir a sobrevivência da cultura na qual se estão inseridos e a vida é gerada.

Quando nos deparamos com uma criança, ou mesmo um adulto, despida da crítica do patriarcado, ela lê, ouve, assiste uma, duas, três, muitas vezes, quantas forem necessárias, a mesma narrativa. A criança passa dias, semanas, meses entretida com uma única história ou mesmo um único trecho dela. Até que um dia, não precisa mais entrar em contato com aquele aspecto. Passou. A história cumpriu um de seus papéis, auxiliou-a na elaboração de algo que a incomodava, que pegava com jeito na emoção, em algo fixado, que pedia contato com a situação.

Por vezes, nesse processo, para estar em contato com a ferida psíquica, a criança desenha, re-desenha a história, ou aspectos dela, elabora cenas, está tão identificada, tão tomada emocionalmente pela situação, que precisa buscar

alternativas para os personagens e fatos, experimenta outros desfechos, vai testando possibilidades de vivências e resoluções. Faz assim também com os sonhos. Em algumas experiências que tive com grupos de sonhos com crianças, pude observar que facilmente as crianças incorporam no seu sonho, ou em seu relato, o que ouviram do outro e também passa a lhe pertencer, no reconhecimento de que aquilo é seu, tendo uma atitude de pertencimento na vivência do outro. Observamos esse tipo de situação nas memórias adquiridas, memórias que não vivemos fisicamente, mas que, de ouvir relatos e nos identificar, por fazerem sentido, ressoam e tornam-se nossas. Ou ainda, as memórias arquetípicas que nos acompanham, com as quais nos identificamos ou pelas quais somos tomados, de todos que vieram antes de nós.

O espaço da análise possibilita, de forma protegida e segura, a narrativa da própria história, no contar e re-contar a si mesmo, na construção de uma narrativa textualizada.

Na Psicologia Analítica Textual, o analisando faz uma sequência de narrativas que devem buscar uma totalidade. Essas sessões são gravadas, quantas vezes for necessário, e, em seguida, esse material é transcrito.

A etapa seguinte é a de transcrição, quando da linguagem oral passamos à escrita. É um processo de depuração. Destilamos a narrativa, que, textualizada, retorna ao analisando em sessões, sendo retomada e lida, podendo haver interrupções para trabalhar com os símbolos ali presentes. É um processo em que liquefazemos o que foi relatado, repetindo, lendo e relendo. Ao final, temos uma textualização em que a Alma permanece, evaporando, depois do fogo alquímico no qual foi aquecida durante as sessões de análise, sendo reconhecida pelo analisando que a toma com propriedade e consciência.

Esse é, em parte, o desafio aqui proposto: na narrativa dos mitos pessoais, o analisando tem a possibilidade de torná-la textualizada, dando-lhe uma forma reconhecida por nossa cultura – a letra, a escrita – uma imagem de si próprio dentre tantas possíveis. Ao ficar com essa imagem, o analisando conecta-se, mergulhando verticalmente, tendo a chance de perceber que esse é um mito, uma possibilidade para sua existência, de

que ali há a representação de um personagem com múltiplas possibilidades de desfechos e alternativas para sua vida.

Dividi minha monografia em nove capítulos e deixei como Anexo A o modelo da carta de autorização para que pudesse utilizar a narrativa textualizada de minhas analisandas.

Este capítulo, “*Aproximação*”, divide-se em três momentos. No primeiro, explico em linhas gerais o que chamo de Psicologia Analítica Textual, a seguir, trato do que representou para mim a formação na SBPA, quando consolidamos a primeira turma de não residentes no eixo Rio-São Paulo, e, por fim, encerro com minhas impressões sobre a trajetória nesse período de formação.

No Capítulo 2, “*Caminho Percorrido*”, faço uma rápida alusão às correspondências trocadas entre Jung e Freud, enfatizando a importância e a qualidade que essas correspondências carregam, constituindo um espaço de apresentação e elaboração de ambos, do relacionamento construído entre eles, com suas diferenças, semelhanças e dificuldades que nunca foram superadas, e finalizo com uma reflexão lembrando minha trajetória dentro do tema.

Em “*Narrando a Construção de Pontes*”, Capítulo 3, apresento os diálogos teóricos e inter-textos que estabeleço ao longo da constituição do trabalho aqui apresentado.

No Capítulo 4, “*Procedimento Metodológico*”, discorro sobre a História Oral e como se constitui a Psicologia Analítica Textual e as etapas do processo, buscando esclarecer o tipo de intertexto que estabeleci.

No Capítulo 5, “*Discussão do Procedimento Metodológico*”, apresento Gabriela, Tânia e Ana, as três analisandas a quem farei referência para explicar como o método experimental tem se desenvolvido. Ana é a analisanda com quem irei aprofundar o trabalho, oferecendo uma análise do material apresentado no processo, ressaltando que não tenho interesse neste momento em analisá-la, mas, sim, estabelecer um diálogo com você, leitor desta minha monografia, sobre a Psicologia Analítica Textual, através da apresentação e análise das narrativas textualizadas.

Em “*Anotações das Impressões da Vivência de um Método*”, Capítulo 6, trago um pouco da minha vivência como analista no processo com a Psicologia Analítica Textual.

Em “*Narrativa textual final*”, Capítulo 7, apresento apontamentos para a conclusão do trabalho realizado.

No Capítulo 8, “*Narrativa de Ana*”, deixo a você, leitor, as narrativas textualizadas que foram realizadas com essa analisanda. A textualização apresentada é da segunda narrativa, destaco que grifei o que foi narrado e constituiu a primeira textualização. Esse capítulo poderia ser considerado um anexo, o que significa que sua leitura não é essencial à compreensão do que apresento, mas fiz questão de deixá-lo no corpo da monografia, por representar um princípio do método, para o qual a narrativa textualizada é de extrema importância, assim como nossas histórias e possibilidades perante a vida não podem ser consideradas anexos, mas, sim, texto principal.

Finalmente chegamos à “*Bibliografia*”, Capítulo 9, que divido em duas partes. Na primeira, nomeio os textos que citei na monografia, e, na segunda, os textos que foram referências para mim ao longo dos anos de formação e que contribuíram de forma mais direta para o amadurecimento da proposta da Psicologia Analítica Textual.



Mais uma vez, peço generosidade para fazer um complemento na aproximação de minha monografia, trazendo um relato que poderia ser somente pessoal, caso carregasse apenas a história pessoal, mas não é só isso, pois é também a história coletiva das doze pessoas que compuseram a primeira turma de formação dos não residentes no eixo Rio-São Paulo da SBPA (Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica), sendo acrescida da possibilidade de um olhar sobre a história de uma instituição que, em determinado momento histórico, teve a coragem de buscar novas formas de trilhar os caminhos já conhecidos na formação que oferecia.

Vimos de quatro estados diferentes (São Paulo, Bahia, Distrito Federal e Rondônia). Éramos doze, no início, e, ao final do primeiro ano, uma das pessoas, por razões pessoais, deixou a formação. A 8ª turma de formação,

como éramos chamados, manteve viva a lembrança dessa pessoa que não seguiu conosco na trilha, mas permaneceu em nossa memória.

Ao longo dos anos, fomos tomando consciência das diferenças e dos recursos que foram necessários mobilizar individualmente e coletivamente, para enfrentar os conflitos internos do grupo, por exemplo: brincávamos dizendo que nossa turma faria, ao término da formação, uma monografia coletiva intitulada: *A Importância do ar condicionado no processo de individuação*. Isso porque, depois de muito calor nas salas onde eram realizados os seminários, instalou-se um aparelho de ar-condicionado, cujo uso exigiu diálogo, argumentação e consenso.

Mas os recursos mobilizados, seja pelo grupo, seja pela SBPA, nos levaram a embates criativos com a instituição, à medida que foram surgindo dúvidas no cotidiano do curso e situações que exigiam reflexão e abertura para novas alternativas que viabilizassem o processo, distanciando-o do tratamento e das regras rígidas do processo de formação já conhecido pela instituição. Ambas as situações nos transformaram em pessoas e, creio, em uma instituição melhor. Estávamos todos sendo aprendizes da mesma lição, porém em posições diferentes. Foi e tem sido um exercício constante de amorosidade.

Sofremos e fantasiámos a primeira perda e nos fortalecemos mais ainda como grupo, buscamos nossa identidade ao longo dos anos tentando construir um nome para a turma, assim, criamos um encontro, o “*Era Nós*”, trocadilho com *Eranos*, para ampliar a relação de amizade que vínhamos criando, com o conhecimento e respeito profissional desenvolvido por cada um de nossos colegas de formação. Buscamos conhecer a forma de trabalhar, os assuntos de interesse e pretendemos seguir com o projeto, como forma de manter o grupo, em encontros anuais, significando uma maneira de renovar as energias.

A criação da lista de discussão na internet foi fundamental, pois até hoje nos mantemos próximos, com espaço seguro e intimista, onde ficamos à vontade para nos expressar com o afeto que alimentou o grupo, com o respeito conquistado, a cumplicidade e um delicioso e refinado senso de humor.

Foram quase cinco anos de “*estado de graça*” na vivência da formação na SBPA, período de muito estudo, de escolhas, ausência de férias, de analisando que aprenderam a respeitar minha formação, havendo alguns que

se apropriaram e se sentiram em formação também, de deliciosas relações de amizade, reflexões, dores, alegrias, ausências e partilha amorosa de meu companheiro.

Para mim, não resta dúvida de que a formação de analistas proposta pela SBPA é o que há de melhor que a instituição pode oferecer. Ao longo dos últimos 11, 12 anos, frequentei a biblioteca da instituição, participei de forma fragmentada dos cursos, eventos, simpósios oferecidos, pois em raríssimas ocasiões foram oferecidos eventos de forma condensada, tornando quase impossível a participação de pessoas fora de São Paulo e região.

Somos um país muito grande, temos distâncias muitas vezes difíceis de ser compreendidas, quando não vividas. A aridez da solidão na ausência de diálogo, de interlocução, só não é desesperadora porque a Alma encontra formas de alimentar a fé de que vale a pena buscar, insistir e não resistir, mas se re-inventar.

Exemplificando, para que eu realizasse o curso de formação de analistas, foram no mínimo 224 horas de voo, sem contar os incontáveis atrasos, as malas perdidas, as horas nos aeroportos (e haja criatividade para buscar argumentação em tempos de crise para convencer da urgência de ser incluída no voo seguinte), para não perder o horário da análise, da supervisão, dos seminários.

Mas a tarefa heroica não se constela somente na Turma de Formação, mas na Luta e Coragem dos que viabilizaram a proposta de formação na instituição, dos analistas que, de forma competente, ética e afetuosa, se disponibilizaram a trabalhar conosco nos finais de semana, também sacrificando a rotina do trabalho, da família, de lazer, além das variadas formas com que cada família se envolveu, com respeito, em nosso processo.

As adequações que lentamente foram se estabelecendo, incluindo a alimentação, a infraestrutura, a secretaria, a discussão difícil, mas absolutamente necessária, a tecnologia, com o uso de e-mail, do Skype, para corroborar a viabilização da formação. Não tenho receio em afirmar que, sem essa tecnologia, a formação de muitos, inclusive a minha, seria inviável.

Ainda, é por meio dessa mesma tecnologia, com os programas Skype e Dimdim, que tenho conseguido estar um pouco mais perto de momentos de

discussão da vida da SBPA, seja nas questões de organização, domésticas, seja em momentos de estudo e comemorativos, para os quais a família da SBPA se reúne.

Meu desejo é que nossa turma seja a primeira e evoque a necessidade, a curiosidade da abertura cada vez maior de nossa instituição.

A frequência dos encontros para os seminários foi muito importante, uma vez que essas reuniões funcionaram como o fogo alquímico. Escrevemos nossa narrativa graças à frequência e à qualidade dos encontros, destilamos, buscamos purificá-la para encontrar nitidez, evocando o espírito do grupo, na relação que poderíamos estabelecer nos transformando. Chegamos, fomos diluídos em água, depois aquecidos pelo fogo, nos misturamos, discriminamos, juntamos e separamos várias vezes, até que pudemos manter nossa identidade dentro do grupo, trilhando um caminho de individuação, também, enquanto grupo.



Esta monografia foi sendo trilhada em vários lugares, no aeroporto, depois de longa espera, de atrasos sem justificativas ou mesmo ausência de informação, naquelas cadeirinhas da aeronave, que antes pareciam tão apertadinhas, mas agora parecem mais com um sofá de avó (daqueles que sentamos confortável e longamente), dado o tamanho do desejo de estar voando rumo ao encontro dos amigos, dentro da aeronave, em tantos voos que deveriam durar sete horas, mas que, habitualmente, podiam triplicar ou multiplicar o tempo, transformando-se em verdadeiros propedêuticos, voos que permitiam entrar em contato com o aprendizado de forma sistemática do curso de Formação.

Moças e moços meticulosamente penteados, com sorriso no rosto e habitualmente muito perfumados, dizem que somos bem-vindos, em seguida, dão as orientações: “*em caso de depressurização, máscaras de oxigênio cairão automaticamente, puxe-as, coloque sobre a boca e nariz e depois auxilie*

crianças e idosos ao seu lado”. Primeiro, colocar a própria máscara ... depois auxiliar ... como nos apropriamos dessa orientação no cotidiano, olhar para si, como pressuposto, para mergulhar em uma interioridade, garantir uma proteção com essa máscara que permite respirar melhor, uma forma de se apresentar para as relações estabelecidas.

Quando as luzes se apagam, o silêncio da aeronave é interrompido pelo choro de uma criança, pela conversa em tom de voz mais elevado, pelo cheiro de bebida alcoólica de alguém que se excedeu, pelo viajante da cadeira ao lado que demonstra incômodo pela luzinha de leitura acesa, ou pela tela do computador, ou ainda pelo vizinho que gostaria de conversar, o encontro com o vendedor de maravilhas que resolvem todos os problemas emocionais com produtos milagrosos, o grato encontro com o maestro que re-escreveu sua história, ou até mesmo com amigos, de forma inesperada, são situações que foram compondo cada capítulo desta jornada, o contexto no qual tantos pensamentos, ideias novas e projetos foram se configurando.

Esse é um dos momentos de coagulação, solidão, celular desligado, carregado e carregando todas as vivências dos últimos dias em terra visitada, permitindo a aproximação da saudade do cheiro de casa, o sonho com o abraço no aeroporto, o teclado pode por vezes parecer opaco, mas o pássaro de ferro segue como quem sabe o caminho e onde chegar, um caminho com o qual tem muita intimidade, por vezes o trecho final parece muito mais longo que de fato é. Poderíamos lembrar Ulisses retornando à casa mais de dez anos depois, ou o caminho da busca do graal... sempre um caminho sendo trilhado.

Esta história poderia ser a de muitos colegas, como outras vividas por aqueles que também fizeram sua trajetória, seu caminho, para completar a jornada, que é individual porque coletiva, realizando algo que entendiam ser importante, ou para simplesmente cumprir o caminho do Self, por isso também único, mas esta é Minha História.

Desde jovem, fazia questão de reverter em livros qualquer presente recebido. Devorava-os. Foi assim quando, ainda jovem, conheci Machado de Assis, era a possibilidade de navegar por outros mundos em meu próprio universo. Mais tarde, compreendi que falavam da psique e por isso fascinavam, me levavam à solidão acompanhada e partilhada de inteireza no trânsito das letras e isso me auxiliou a

encontrar uma possibilidade de resposta a um professor de Educação Moral e Cívica que, no ensino fundamental, me questionava insistentemente por que iria fazer psicologia. Creio que não era só uma questão de escolha, era preciso.

De volta à aeronave que todas as vezes me levou para casa, seja à SBPA, seja ao Porto do Velho... Por um momento, a voz do piloto interrompe o silêncio e com satisfação avisa: *“acabamos de receber autorização para pousar no aeroporto Governador Jorge Teixeira, em Porto Velho, Rondônia, são 2:40 horário local, o tempo está agradável, o termômetro marca 30°. Que todos tenham feito uma boa viagem e sejam bem-vindos”*.

O pássaro de ferro tem suas portas abertas e somos tomados pelo cheiro da mata úmida, por um bafo de 30°, como um abraço, quente e úmido, aquele que ainda aguardo encontrar no saguão.

Chegamos.

Sejamos todos, de fato, bem-vindos. Bem-vindos à minha monografia!

“Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos.”

Saramago



<http://pimptoes.files.wordpress.com/2008/08/van-gogh3.jpg>

05.05.2010

2. CAMINHO PERCORRIDO

Meu interesse pela História Oral nasceu da proximidade e da intimidade com a pesquisa.

Quantos fartos cafés foram degustados para discutir as implicações e a força que a textualização poderia ter, na Clínica da Psicologia Analítica, pelo grupo de inquietos amigos, professores e pesquisadores de diferentes áreas de formação do Centro de Hermenêutica do Presente da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Mas, o primeiro contato com a ideia da textualização, ocorreu com o trabalho de Paulo Freire, namoro iniciado aos 15 anos de idade, rendendo muitas vivências – inicialmente em programas de Educação de Adultos, que foram fundamentais para o que sou hoje.

Só podemos ter ganho de consciência se trabalharmos com as narrativas que são significativas para a vida, já lia em Paulo Freire naquela época. Mas ali não havia mergulho vertical na interioridade, nem o espaço necessário e a preocupação com os conteúdos evocados desses descobrimentos, cuja função é tão bem desempenhada pela Psicologia Analítica.

Em busca da narrativa que trouxesse a consciência da própria interioridade, fiz mestrado, busquei parceria de reflexão na PUC-SP e na Unicamp, onde permaneci e vivi intensamente a procura por esses entendimentos vinculados a um trabalho, que já realizava, de formação de educadores de adultos. Embora tenha sido bastante enriquecedor, percebi que não me sentia totalmente atendida sobre como o processo de consciência era construído na individuação, precisava de algo mais.

Minhas inquietações resultaram na dissertação defendida na Faculdade de Educação da Unicamp, intitulada: *Educação popular, facilitadora do processo de transformação social. Uma leitura a respeito do movimento da consciência em educadores de adultos.*

Lembro-me da surpresa quando os educadores viram suas falas transcritas. Na época, ainda não trabalhava com a ideia de transcrição e da metodologia que desenvolvi nos anos posteriores. O eu-texto, terminologia que

usei no trabalho de Psicologia Analítica Textual, consiste no reconhecimento de si mesmo, da História que é tomada nas mãos, com a possibilidade de distanciamento do dito, evocando reflexão, após a narrativa ter sido textualizada, transcrita, retornando ao Analisando.

Incentivados pelas educadoras, os educandos escreviam relatos significativos de sua vida durante o processo de alfabetização. A força da narrativa, que era primeiro partilhada no grupo e depois transformada em texto, carregava um *quantum* de sentimento que, embora pleno de vitalidade, nem sempre nos satisfazia, uma vez que as explicações teóricas ficavam aquém da vivência de mestre-aprendiz. Trabalhávamos com parâmetros éticos e com o princípio de que nenhuma atitude deveria ser tomada, caso tornasse o outro dependente de qualquer um de nós ou do trabalho que estávamos realizando. Tínhamos a preocupação de desenvolver e preservar a autonomia, estabelecendo uma relação de alteridade com os alfabetizandos. Isso fez com que todos, mais do que sobrevivido, nos transformamos em nosso processo de individuação.

O trabalho finalizado trouxe alegria, cumprindo também a função de manter viva a chama da inquietude, do sabor pela pesquisa e do interesse pela psique. A importância da história contada na primeira pessoa, repleta de significados e tomada nas mãos com a possibilidade de desencadear qualquer desfecho era enorme. “Brincar” com essa multiplicidade de caminhos me encantava, era, de forma viva, a oportunidade do vir a ser. Pelo velho ditado “quem conta um conto, aumenta um ponto”, sabemos que quase automaticamente alteramos as piadas, personificando ou pessoalizando cada uma delas, ou que, ao relatar um filme, sempre o apresentamos de maneira diferente da anterior, até esgotar o modelo do relato, que, emocionalmente “saturado”, cede espaço para novos conteúdos. Se quatro pessoas assistirem ao mesmo filme, cada uma fará uma interpretação pessoalizada. São diferentes olhares da mesma pessoa para o mesmo tema, podendo ser destacados aspectos relevantes para aquele período da sua vida.

Se atribuímos caráter curativo ao assistir a uma película e refletir sobre ela, ao ler um livro e dele falar com tanta ênfase, tomados de forte carga emocional, ou ao ouvir uma música e cantar juntos com outras pessoas até que

nos sentimos abastecidos de seu conteúdo, reconhecemos que essas são formas e linguagens de acesso e alimento da Alma, para que seja dito por intermédio delas o nosso dizer.

Em minha dissertação de mestrado, percebi que, da fala textualizada retornada às educadoras, emanava uma força gigantesca, impulsionando a vivência de apropriação de si mesmas. Foi possível acompanhar o reconhecimento das próprias histórias, dos sonhos, das frustrações, das surpresas com a capacidade de dizer e ter vivido o que ali havia sido relatado e agora estava textualizado. A retomada do eu-texto naquele momento possibilitou observar aspectos do processo de individuação de cada uma delas. Textos tão diferentes e, ao mesmo tempo, com tantas dores “severinas”, como no poema de João Cabral de Melo Neto, semelhantes em trajetórias absolutamente pessoais, transformando a probabilidade de “sinas severinas” em fazer-se.

À medida que tinha contato com a textualização de cada uma, encantavam-me as individualidades e ficava inquieta com conteúdos ali depositados. Naquele momento, não havia condições de trabalho adequado para individualmente mergulhar em determinadas questões, já que o foco não era de análise, embora o trabalho com Paulo Freire nos chamasse intensamente para uma vivência de liberdade somente possível em relações horizontais, com vivências de amorosidade, crítica, esperança. Havia uma atenção em buscar a experiência do existir, transcendendo o viver, discernindo e discriminando o eu do outro na relação dialógica, estando de forma significativa no mundo.

Escrever, tornar essas lembranças vivas neste texto, fizeram-me ir para nossa biblioteca e separar os livros de Paulo Freire que trabalham o conceito de dialogicidade. Foi uma sensação gostosa: passear pelas prateleiras, sentir o contato com o dorso de cada um dos livros, as capas se soltando do miolo, as páginas amareladas tantas vezes visitadas, cheias de anotações, múltiplos odores. Fui entrando na vivência de uma temporalidade horizontal, no contato com as anotações, me e nos re-lendo em observações feitas nas bordas das páginas em diversas cores, em épocas diferentes, com vários entendimentos, num movimento de complementaridade. O olhar com que revejo não é o mesmo com o que escrevi, só posso vê-lo com a memória do que vivi, mas com o olhar

de hoje. Descobri que, no mergulho nas águas de Paulo Freire, estava com saudades de sua escrita, saudades dele, de sua esperança e capacidade de se fazer constantemente.

Aproveito o ocorrido com o re-memoramento, provocado pelos livros de Freire, para assinalar que, ao desenvolver o trabalho de Psicologia Analítica Textual, assim como para elaborar esta monografia, reafirmo meu papel de também personagem narradora: esta é uma das minhas narrativas, meu eu-texto, repleto das minhas lembranças, das minhas experiências de vida. Sou metamorfoseada ao sentar aqui e escrevê-la, assim como no trabalho com a narrativa de meus analisandos, na vivência do arquétipo do curador-ferido.

Em sua obra, Paulo Freire insiste que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p. 29). A Psicologia Analítica também entende que o homem é um ser de relações consigo mesmo e com o outro, e é nessa relação que se dá a redenção. Na convivência com os opostos em si e na relação, temos a possibilidade de integrar os nossos complexos e nossa sombra.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (FREIRE, 1987. p. 44)

Como experiência de amorosidade, a análise é transformadora na relação. Por isso, vivemos o arquétipo do curador-ferido. Sem amor não há coragem nem criação – de si mesmo e do outro. É na palavra refletida analiticamente que encontramos seu caráter transformador. Ousando olhar para a Alma aprisionada nas fixações, complexos, na vivência inconsciente e adaptativa em função de um coletivo não reflexivo, nos aproximamos da possibilidade de romper com a opressão que controla o sonho, que rouba a ousadia do existir, vivendo mais em função da morte em vida do que da vida.

Dialogar consigo próprio é exigência da natureza humana, sob qualquer circunstância. Ao elaborar questionamentos a si mesmo, ao narrar uma trajetória de vida, uma história (que é sempre pessoal), o autor é o primeiro a

ouvir, a supor, a reconhecer seus limites e possibilidades de respostas ou encaminhamentos. Além da autonomia e liberdade de compor a própria história, mantém consciência de que está vivo e repleto de possibilidades.

Nas discussões sobre História Oral e Psicologia, pude novamente vislumbrar a possibilidade de me debruçar sobre a necessidade sentida no trabalho de campo da dissertação e amplificá-lo, verticalizando-o.

Assim, a textualização, o eu-texto, ganha papel central, permitindo ao narrador, ao analisando, ludicamente, esteticamente “brincar” com seus conteúdos mais profundos e visualizar novas possibilidades. A história de vida, sai da condição secundária e coloca-se no papel principal, no corpo do texto, na vida.

2.1 Jung e Freud: Uma relação entre cartas

Jung, quando valoriza o símbolo, possibilita múltiplas leituras a partir de um mesmo ponto. Considerou e trabalhou em sua obra com intertextos, e estabeleceu interlocuções com outras áreas do conhecimento, trazendo para o espaço analítico as contribuições de campos como alquimia, literatura, artes plásticas, música, dentre outras, que são conhecimentos, espaços de manifestação da Alma. Tais costuras me permitiram propor o método textual, que é analítico.

As correspondências trocadas entre Freud e Jung receberam uma cuidadosa e delicada introdução feita por seu organizador W. McGuire. Nela, entendemos o longo processo estabelecido, primeiro, entre Freud e Jung, e, posteriormente, pelas famílias, que, para mim, criam um dos momentos mais bonitos: em 1970, dá-se o encontro dos filhos dos dois mestres, Ernst Freud e Franz Jung, ambos arquitetos, para viabilizarem a publicação das cartas dos pais.

Nas cartas, acompanhamos o estabelecimento de um diálogo profícuo, a metamorfose na forma de se referirem um ao outro, da formalidade à manifestação do afeto intenso, impossível de ser contido naquelas linhas. Isso

pode ser observado na última carta em que formalmente Jung encaminha um paciente a Freud.

O desejo de ser tratado pessoalmente pelo senhor era tão inequívoco que senti ser meu dever fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para apoiar os seus esforços de recuperação e facilitar o seu tratamento pelo senhor. A inquestionável ajuda que as suas idéias lhe proporcionaram prepararam-no para progredir ainda mais nessa direção. [...] Na sincera esperança, caro Professor, de que o senhor concederá a sua ajuda ao paciente, fico. (McGUIRE, 1993, p. 562)

Não temos informação de resposta de Freud para essa carta de Jung.

Nas primeiras correspondências trocadas entre Freud e Jung (McGUIRE, 1993), observamos cuidado, formalidade, distanciamento, e predomínio dos conteúdos com caráter profissional, além de certa timidez ao expô-los. À medida que a relação ganha intimidade, aprofunda-se. E com a formalidade que a época exige, ambos falam de questões pessoais (argumento utilizado por Jung mais tarde para justificar a não publicação das cartas, pois não via nelas grande interesse científico), das angústias pelas quais são acometidos no trabalho com a psique, consigo próprios, de diferenças na forma de conceber o funcionamento da psique, de relações familiares.

Caminhamos um pouco mais pela história e reconhecemos o conflito provocado pelas diferenças surgidas, estados de humor (como ilustração, vide carta 254 J, McGUIRE, 1993, p. 428), e irritabilidade. No avanço desse convívio, surge a publicação de *Símbolos da transformação* (JUNG, 1988) como gota d'água das diferentes reflexões e posterior ruptura da relação (como ilustrações, as cartas 333 J a 346 F, McGUIRE, 1993). Vemos o sofrimento de ambos, manifestado de formas distintas, a dificuldade de administrar e superar as dores, culminando com as últimas correspondências a que temos acesso, nas raras cartas de encaminhamento de paciente, nas quais é constante a possibilidade de identificar a carga emocional de uma relação tão intensa.

Fico inquieta com a voracidade, o desejo de estarem juntos, próximos, as agressões geradas pela impossibilidade de transcender os conflitos e diferenças entre ambos, a troca entre colegas (um pedido de supervisão de Jung para Freud na carta 4 J, p. 46, e de Freud para Jung na 10 F, p. 54), mobilizados pela necessidade de conhecimento, e tomados por suas produções intelectuais,

sempre com ética, seja no relato e na discussão de casos de pacientes, como quando falam de si mesmos, como podemos ver na carta 9 J, p. 52, seja na análise de sonhos, o que ocorre diversas vezes.

Acompanhamos, ainda pelas cartas, o anúncio e estabelecimento de uma tragédia, conforme Meier escreve a Eissler, em 1954, depois de ler a correspondência completa: uma “tragédia em fragmentos” (McGUIRE, 1993. p. 23), as cartas conseguem trazer essa consciência. Tragédia que no grego antigo é τραγωδία, τράγος = bode e ὤδή = canto, portanto, o canto do bode. Na Grécia, as tragédias eram apresentadas nos rituais em homenagem ao deus Dionísio, durante a primavera, referendando o florescimento.

Para Aristóteles, a tragédia é um drama que evoca, através da compaixão e do temor, a exposição dos sentimentos.

Nietzsche, em o *Nascimento da tragédia* (2007), nos convida à imersão nas profundezas da existência na experiência da tragédia, no reconhecimento dos opostos em nossa interioridade e na possibilidade de transformação, renascimento, no contato com a dor individual e coletiva.

A história e o sofrimento desses dois homens, Freud e Jung, de quem somos herdeiros psíquicos, é a vivência da tragédia de um tempo, de uma relação transferencial, com seriedade e dignidade. Nas cartas, encontramos expostos os “bodes” pessoais e da sociedade psicanalítica da época. Afinal, o que são os “bodes” senão os complexos, as fixações?

Aristóteles ainda entende que a tragédia sempre leva à destruição ou à loucura de um dos envolvidos (pode ser o outro externo ou interno).

Nas tragédia *Bacantes*, escrita por Eurípedes, encontramos a descrição de uma cena lindíssima: Dionísio chega a Tebas e vive o confronto com Penteu. Como um deus necessário, Dionísio se dá aos humanos para que eles possam estabelecer um caminho de autoconhecimento. Como deus da arte, é o deus-espelho que reflete de volta para as pessoas o que elas são e o que não são, para que com autonomia, possam se transformar, ou não suportando o divino em si, enfrentem a loucura, espaço de desintegração da vivência dos opostos.

O encontro e confronto de Dionísio com Penteu acena para a convivência com as diferenças, a união dos opostos em nós mesmos e na relação com o outro, evidenciando nossa humanidade.

Penteu, rei de Tebas, é um personagem heroico, dedicado à função de manter a lei e a ordem em Tebas, é o símbolo do homem ímpio, provido de orgulho, punitivo. Sua rigidez o impede de reconhecer seus próprios desejos e necessidades. Usa da autoridade para se proteger, mantendo-se sem saber o que é e não sendo reconhecido pela própria mãe. Ao se confrontar com Dionísio, não suporta o poder de seu êxtase, de seu entusiasmo pela vida, pela qual se dá, e termina vítima da loucura sagrada de desse deus.

A convivência com nossos aspectos opostos, Penteu e Dionísio, talvez seja nosso maior desafio.

A personalidade, a forma de se conectar e sentir o outro fora e em si, na “tragédia” vivida por Freud e Jung, é re-conhecida na espera pela resposta à carta escrita e enviada, na cobrança pela demora de Jung em respondê-la, na ansiedade, no afeto, na vontade de diálogo e na dificuldade em aceitar a diferença na convivência. Há cuidado e rigor estético, rigor textual, ética, e a confiança nessa forma de comunicação, de estarem próximos, diminuindo distância e solidão.

Jung guardava as cartas de Freud em um local que chamava de esconderijo, cuja chave ficava constantemente em seu bolso, enquanto Freud as guardava em um arquivo a seus cuidados. Quando precisou ir a Londres para fugir dos nazistas, durante algum tempo, acreditou-se que as cartas de Jung enviadas a Freud haviam sido destruídas, mas, posteriormente, foram encontradas.

Jung estudou o teste de associação de palavras e o tempo de resposta, chegando ao conceito de complexo. O que ele diria se pudesse ter em mãos as cartas trocadas entre ele e Freud e observasse as datas em que foram escritas? A intensidade com que foram trocadas em determinado momento, e a distância em outros. Algumas eram respondidas sem a resposta anterior ter chegado; portanto, falando de si mesmo ao falar do outro e para o outro. Que leitura Jung faria dessas cartas se as considerasse como narrativas, como eu-texto?

A qualidade, profundidade, no texto e na apresentação do texto-conteúdo das cartas trocadas entre esses dois homens, a dinâmica estabelecida entre as correspondências, me remete à proposta que ponho em discussão sobre a

Psicologia Analítica Textual, na qual vemos uma das possibilidades de Jung e Freud como texto, personagens de seus próprios textos, de suas interioridades.

2.2 Caminho trilhado

A experiência que vivi, provocada pela distância física do estado de Rondônia a São Paulo, exigiu risco, criatividade e abertura para experimentar trabalhos analíticos pela internet, por e-mail, Skype. Mas foi especialmente a experiência do eu-texto nos e-mails que ampliou a reflexão sobre o processo transferencial, o tempo de atendimento, como estabelecer um vaso terapêutico seguro, um conceito de temporalidade como desdobramento horizontal entre passado, presente e futuro, o tipo e a quantidade de energia necessários para a textualização com uso desse instrumento, que hoje denomino procedimento metodológico da Psicologia Analítica Textual.

Nos anos de 1998-1999, realizei o primeiro trabalho denominado Psicologia Textual. Somente agora, quando busco a data das primeiras vivências dessa proposta, é que me dou conta de quantos anos se passaram desde que a propus a Ana, a primeira analisanda com quem utilizei experimentalmente a metodologia aqui apresentada (CHRISTOFOLETTI, 2000).

Nesse período, pude vivenciar algumas situações em que utilizei essa mesma metodologia, estabelecendo pontes de diálogo com a História Oral, transcendendo a ideia de biografia no contexto analítico, realizando um trabalho que reconhece e valoriza a imagem, articulado com o discurso e a palavra escrita, possibilitando e estabelecendo intertextos.

Trata-se de um procedimento que permite o trabalho dentro de uma perspectiva simbólica junguiana, na qual o discurso é uma totalidade e o Self está lá, na textualização.

Diferentemente de uma biografia, não há preocupação com a história a ser relatada, nem com algum tipo de sentido egoico; mas são narrativas que emanam da necessidade de uma interioridade a ser ouvida pelo caminho, cronologia ou estrutura que o inconsciente determinar.

No ano de 1987, na Psicologia Social, tivemos Ecléa Bosi, depois Antônio Ciampa, que publicaram suas teses de livre-docência e de doutorado, respectivamente, e, por caminhos diversos, deram caráter diferenciado ao lugar da narrativa, aos depoimentos coletados para suas pesquisas. Apresentaram à psicologia a inteireza das entrevistas que constaram em seus trabalhos, em vez de fragmentos.

Esses autores não tinham preocupação analítica na conexão com o símbolo ou com as imagens e fizeram leituras profundas e belíssimas na ótica da Psicologia Social.

Bosi (1987) realizou uma pesquisa de História Oral de Vida com velhos, tornando possível ouvi-los. As entrevistas foram apresentadas na íntegra no corpo da tese, não como apêndice ou com caráter ilustrativo do texto principal. Ela se dedicou ao trabalho de memória e lembrança, tendo a coragem de não objetificar as pessoas que entrevistou. Tratou-as como sujeitos e abriu-lhes a possibilidade de visitar suas memórias. Analiticamente, podemos pensar no processo transferencial, quando Bosi foi “fisgada” pelas memórias dos que entrevistou, abrindo portas para que as suas também emergissem, tornando transformador o processo de pesquisa.

Para Ecléa Bosi, a memória é algo que pertence ao tempo, quando revisitada pelo narrador, este faz um recorte em suas experiências, que, ao serem ouvidas pelo outro, evocam no ouvinte suas próprias memórias, constituindo também uma narrativa possível de si próprio na relação com o outro, podendo ser transformador para ambos.

Ciampa (1987) surpreende e encanta quando apresenta uma tese de doutorado fazendo aproximação importante com a literatura. Estabelece uma interlocução entre o poema de João Cabral de Mello Neto, *Morte e vida Severina*, e a entrevista realizada com uma senhora nordestina a quem chama de Severina.

Fiquei maravilhada. Ali, era possível perceber como a narrativa da “Severina de Ciampa” era dinâmica, viva, corroborando sua tese de que identidade é metamorfose. Aliás, já no prefácio do livro, escrito pela orientadora de Ciampa, Silvia Lane, é possível reconhecer uma metamorfose. Ela aponta que, na dissertação de mestrado, ele teria realizado uma pesquisa positivista,

revedo sua posição no doutorado em um trabalho com intertextos, mais subjetivo, no qual pesquisador e pesquisado se transformam. Mais uma vez, o arquétipo do curador-ferido, do mestre-aprendiz.

Se, para Ciampa, a identidade é dialética, se a singularidade está na totalidade, para os analistas Junguianos, a capacidade de metamorfose da identidade é manifesta no processo de individuação. Somos individuais, porém vinculados a um todo, na vivência consciente e na experiência de um inconsciente individual e coletivo.

A narrativa de Severina me incentivou a fazer uma leitura simbólica. Fiquei encantada, o movimento de vida-morte-vida na defesa de que identidade era metamorfose! Ora, essa capacidade de constante transformação é característica também do processo de individuação.

Creio ser importante lembrar que esses trabalhos surgiram num contexto político, econômico e sociocultural de um Brasil ainda sob o fantasma da ditadura. Chegavam à universidade aqueles que fizeram a educação básica em pleno regime militar, em meio a aulas de OSPB (Organização Social e Política do Brasil) e de Educação Moral e Cívica. Mas a educação artística também foi introduzida, como sensibilização à arte.

A ditadura criou uma geração que precisou lutar para encontrar formas de expressar sua criatividade, com medo de falar, buscar novas formas de expressão. Uma geração que cresceu quase sem livrarias, ou com policiamento das leituras escolhidas, instituindo uma leitura autorizada, talvez com alguma exceção nos grandes centros. Para os professores, não era diferente. Entendo que a importância desses dois trabalhos está em apresentar à comunidade acadêmica uma possibilidade de resgate de uma totalidade com dignidade, colocando a narrativa da pessoa no corpo do texto, sem censura, sem cortes, nem mesmo em nome da neutralidade científica. Foram atitudes de busca de respeito à vida e à alteridade.

Como membros de uma comunidade que pensa e age em função de valores ocidentais, aprendemos e nos acostumamos à necessidade de buscar a verdade das coisas e de cada um de nós, habitualmente, uma única verdade. Nossas histórias e contos de fada têm a preocupação de deixar uma lição de moral no final, diferentemente de outras culturas – como podemos observar nas

histórias indianas, ou africanas –, como se precisássemos ser direcionados, como se tudo o que fazemos tivesse um sentido e se dirigisse a um fim teleológico.

O tempo de nossa humanidade aparenta se aproximar de um fim, apesar de termos feito conquistas inacreditáveis quando comparamos com o mundo de alguns séculos atrás, e, principalmente, das últimas décadas. Esta nossa humanidade falhou nos quesitos integração, unidade, liberdade, qualidades que possibilitariam uma vivência de alteridade na individuação, na relação com o outro, mesmo que o outro seja o meio ambiente. Ali está a redenção. Colocamo-nos ao lado de nossa verdade e, apesar de tantos acidentes climáticos (desmoronamentos, alterações de temperatura, pessoas morrendo de excesso de frio ou calor), continuamos fixados e cegos para uma experiência integradora de maior intensidade com as coisas vivas do universo. Disso resulta sofrimento e destruição. Continuamos a nos distanciar da vivência de alteridade. Que aspecto sombrio de nossa humanidade seria esse? Em que tipo de ética estamos amparados? Bem, mas esta discussão, com o respeito que merece, solicita outro fórum.

O homem dissociou-se da relação com o outro, com o local, o meio ambiente, suas memórias distanciaram-se das memórias dos antepassados. No início de 2010, vimos, em 3D, no cinema a película *Avatar* (trailer disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=sa8NpSgnAH0>). A Alma da tribo que protagoniza o filme foi associada a uma árvore (imagem apropriada, diga-se de passagem): a *árvore das almas*. Nela, os membros da tribo conseguiam se conectar com todos os antepassados, todos os que vieram antes daquelas gerações, e colher sabedoria, sempre que necessário. Para salvar uma pessoa adoecida, a conexão era estabelecida. A morte contém a possibilidade da redenção e o renascimento acontece a partir da consciência da cura. É na comunhão com o outro e com o outro dentro de nós, que fazemos um novo nascimento, reconhecendo todas as possibilidades em nossa psique, que, afinal, é a fonte das nossas verdades.

No final de 2009, Giuseppe Tornatore nos presenteou com *Baaría: A porta do vento* (trailer disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=uaP2Fy35M_Y e <http://www.youtube.com/watch?v=vXJ38KWcf4g>). Na ocasião do lançamento, o cineasta

afirmou que essa película é sua obra mais pessoal, a que mais o mobilizou. É uma verdadeira delícia entrar nesse espaço de extraordinária sensibilidade. Nessa película, somos tomados pelo encontro do personagem consigo mesmo no momento que nominamos presente e no que chamamos de futuro. Presente e futuro no mesmo instante. O que irá acontecer está potencialmente dentro dele. Há uma cena em que o personagem entra em uma casa que será sua no futuro e encontra um brinco da filha que irá ter. Numa discussão pesada, ele a agredirá, fazendo com que perca um brinco. O fato de encontrar o brinco da filha que ainda não nasceu nos faz pensar se conseguiríamos fugir do futuro, ou se ele já está ali, como sempre esteve, como possibilidade em nós.

Em 2010, em *Alma à venda* (trailer disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=iBqt4_OBpvk), Sofhie Barthes brinca com a ideia de podermos trocar de Alma, ou de nos tornarmos pessoas desprovidas de Alma. Nas imagens, vemos uma Alma rejeitada pela dificuldade de viver com a angústia manifesta, o que faz com que seu dono a abandone, confrontando-se, assim, com uma vida “des-almada”. Depois de experimentar outras almas, ele decide retomar a sua, mas ela já não o aceita, a não ser que ele olhe para dentro de si próprio, de sua Alma, para se conectar novamente a ela. Assim, o personagem encontra uma possibilidade de totalidade na integração, ao conhecer a si próprio.

No espaço analítico, o analisando chega com uma imagem estabelecida a seu respeito, como algo natural, num jogo de palavras padronizadas muitas vezes estabelece teias, armadilhas difíceis de serem reconhecidas e rompidas, podendo ser transformadas em aprisionamentos nas próprias fixações, fazendo com que o si mesmo permaneça camuflado e obscuro, restando fragmentos de memórias, fragmentos de almas.

Buscando o olhar profundo, rompendo com o estabelecido, é que a História Oral se apresenta como metodologia de campo para dialogar com a Psicologia Analítica, apontando para várias conexões entre texto, oralidade, linguística, ficção, temporalidade, reconectando memórias, fornecendo caminhos para a construção de narrativas, como interioridade, tramas, personagens, contradições, reconhecendo como desenhos/retratos de sua existência: vivência de mergulho em si mesmo.

O analista, apropriando-se da oralidade, conduz o analisando ao terreno da escrita, privilegiando-a, interagindo com seu texto. A oralidade, posteriormente texto, é o momento narrativo da pessoa; não é ela, não é enquadramento. Ao reescrever a própria história, o analisando rumo em busca da sua alma.

No texto *A prata e a terra branca*, parte II, de Hillman, encontramos um relato sobre os animais doutores, que são tidos como os guias da Alma, pois percebem e sentem o caminho entre as imagens. Temos necessidade de alimentá-los para que desempenhem suas funções em nossa psique, e lhes fornecemos inteligência, discursos e palavras, estabelecemos um diálogo com esses nossos bichos internos em que “A fala é sua comida de Alma” (HILLMAN, s/d, p. 13).

Na construção de um texto, são feitas escolhas narrativas (escolhas de vida), de conteúdo, ritmo, forma, deixando marcas nessa expressão de si, no diálogo com esses “bichos internos”. Portanto, somos o acúmulo de textos, de narrativas que podem ser alteradas. Compomos e recompomos os textos, assim como a própria vida. Na constante composição de nossos textos, somos tomados por um tipo de consciência que evoca o herói dentro de nós, para reescrever as possibilidades que temos de vir a ser o que já está contido em nós.

Novamente recorrendo as películas como alimento de Alma, encontramos em *Antes da chuva*, de Milcho Manchevski (trailer disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=4uJkStUpB0M>), a possibilidade de uma experiência na qual a sequência dos acontecimentos não tem importância. Quem necessita da segurança da sequência das coisas é o ego, o inconsciente não, a vida não. Ela é, e isso basta, assim como a psique.

O texto como imagem são os símbolos vivos, que, textualizados, escritos, reescritos, na possibilidade de recompor as próprias narrativas, elabora, reelabora, incorpora, integra a imagem, o símbolo que ela carrega para uma transformação possível. A palavra falada é o símbolo: a própria palavra, símbolo enquanto *imaginal*, e que se transforma em discurso também.

No texto *A prata e a terra branca*, Hillman cita Grinnell, que chama a atenção para o dom da fé psicológica nas imagens, permitindo a crença e a

convicção na possibilidade das profundezas, para a qual a psique é a primeira realidade e de que somos sempre Alma.

A Psicologia Analítica, com a Psicologia Analítica Textual como metodologia, abre a possibilidade de compreensão do sujeito como autor, criador de si e de seu mundo, com desejos, vontades, determinação e condições de tocar de forma consciente a vida, livrando-o de aprisionamentos, das fixações dos complexos.

Com essa metodologia, propomos que o analisando possa se reconhecer, sair do aprisionamento do discurso tantas vezes acomodado e surdo para a própria escuta, e nos distanciamos, permanecendo dentro para fazer a leitura do texto.

Desde que iniciei o primeiro trabalho na perspectiva de Psicologia Analítica Textual com Ana, outras pessoas passaram pelo mesmo processo.

Foram trabalhos utilizando somente sonhos como narrativas: uma portadora de transtorno bipolar relatando seus surtos psicóticos, uma pessoa com mutismo seletivo, além de outras pessoas em análise, como o caso de Ana. Nessas vivências, identifico uma aproximação e uma apropriação das próprias memórias, de fixações e complexos, reconhecendo o processo de transferência e contratransferência, tornando possível, através de uma experiência também lúdica, viabilizar, no recontar, readequar, a busca de alternativas, de desencadeamentos diferenciados, possíveis para os mesmos enredos.

Por fim, o que ora se apresenta é uma Psicologia que, se apropriando da narrativa, utiliza procedimentos da História Oral por meio da transcrição, alcançando um texto em que o analisando-personagem vivencia seus diferentes papéis e se reconhece neles, sem se aprisionar nas amarras e engodos de própria narrativa, repetidas dia após dia inconscientemente, e sorrateiramente determinando sua existência..

“Quando me for deste mundo partirão duas pessoas, sairei de mão dada com
essa criança que fui.”

Saramago



Morte de Sócrates

<http://picsicio.us/image/4738adda/>

em 24.10.2010

3. NARRANDO A CONSTRUÇÃO DE PONTES

A pesquisa de novas metodologias de campo, de novas ferramentas para o vaso analítico, pode nos levar a descobertas de novos meios de expressão simbólica, à ampliação do campo relacional com o inconsciente, ao *soul-making* (HILLMAN, 1991), partindo dos “lixos” fixados, incrustados e também das belezas de nossa memória. Se a experiência em Psicologia Analítica pode ser humanamente controlada, é importante que seja. Se não fosse, Jung nunca teria levado a cabo seu experimento com a associação de palavras.

Nossos antepassados buscaram nas grafias e nas pinturas rupestres expressar algo, sobre esse algo podemos levantar hipóteses, sempre a partir do nosso lugar e das nossas possibilidades de compreensão, da consciência do nosso tempo. Não sabemos se queriam fixar algo ou se o faziam como forma de interpretação, manifestação da sensação do cotidiano, elaboração, mas, com certeza, o faziam porque precisavam.

Seria uma forma de contar uma história? Sabemos que a fascinação por histórias está presente no homem desde que temos conhecimento de sua existência.

A atividade narrativa nos auxilia na presentificação da ausência, da forma de nos fazer presentes independente de uma temporalidade. É preciso narrar para existir, é assim nas culturas humanas, assim na relação mais intimista até a mais coletiva.

Ao narrar histórias, ritualizar nossas vivências, viver nossos mitos, reafirmamos nossa humanidade, lutando para que continue a fazer sentido.

O texto é a narrativa do mito pessoal, da possibilidade que o analisando tem de ser naquele período de vida o “eu” inconsciente que se realizou, fazendo a interface com si próprio. Apresenta-se como narrativa básica, arquetípica, que ajuda a pessoa a se organizar. Assim, o eu-texto é arquetípico e analítico.

No reconhecimento do mito, assim como na narrativa, a sina, o destino preestabelecido pode ser mudado. O analisando sente-se mais ativo, menos dependente do analista, trazendo para si, potencialmente, uma capacidade de transformação.

A textualização possibilita identificar os mitos pessoais, afinal, a análise tem como função investir na liberdade do analisando, na relação com seus próprios mitos, identificando os heróis, as sagas, para que não sejam simplesmente reproduzidas, repetidas como sina, seja em vidas *severinas*, seja de *sísifos*. A consciência do mito pode proporcionar mudanças no desenvolvimento da pessoa ou, ao menos, no estabelecimento de outra forma de relação, com o sofrimento que advém da vivência desse mito.

Essa é uma oportunidade de, justamente, estabelecer um novo presente a partir do passado, construindo um futuro.

Em *O mito da análise*, Hillman diz:

Abandonar a doença em troca da “vida real”, ou da “cura”, ou colocá-la nas mãos de terapeutas exclui uma porção muito grande da Alma. Se há uma lição fundamental que aprendemos durante setenta anos de análise, esta é a descoberta de um sentido de Alma nos sofrimentos da psicopatologia. Quando estou prostrado pela aflição das depressões, dos sintomas e das ansiedades profundas, deparo-me com a irrefutável evidência da independência das forças psíquicas. Algo vive em mim e não é obra minha. O demônio que fala nos sonhos, nas paixões e nos sofrimentos não me deixa prosseguir e sou forçado a reconhecer seu valor porque me aprofunda além da noção comum de mim mesmo enquanto ego, e por dar ao meu espírito uma noção de Alma e de morte. Portanto, acolher a enfermidade na vida significa levar a Alma consigo aonde quer que se vá e reagir à vida em termos desta Alma. Assim como a doença é contagiosa, minha preocupação com a Alma pode ser infecciosa, levando a Alma à casa dos outros, levando a psique para a vida. Então, a vida também – e não só a análise – torna-se um local adequado para fazer Alma. E levar a psique para a vida significa também tomar a vida como psique, a vida como uma aventura psicológica vivida por amor à Alma. (HILLMAN, 1984, p. 14)

O reconhecimento dos mitos pessoais e o libertar-se dos sofrimentos que eles nos provocam é um caminho do fazer Alma. No distanciamento do desejo e solicitação do ego, entramos na possibilidade do vir a ser. Nos sentimos mais livres, amplificando, num exercício de imaginação ativa, verticalmente, estabelecendo pontes com o inconsciente. Na textualização, o analisando se reconhece, re-identifica, re-conecta com sua própria Alma, num exercício de análise profunda que carregará para sua vida.

Mas, para ser textualizada, a narrativa utiliza como instrumento a História Oral enquanto metodologia de campo para a Psicologia Analítica Textual.

A História Oral tem como característica ouvir a narrativa, textualizá-la com o propósito de legitimá-la, sem transformá-la em documento, respeitando a voz de quem fala, na qual a autoridade do conteúdo da fala é do próprio narrador – que é o que fazemos na análise. Pelo fato de o analisando não buscar na narrativa a verdade ou um documento de si mesmo, permitimos que tenha a mesma atitude perante si, sua história e possibilidades.

Em todo trabalho que nos propomos realizar, é preciso que haja identidade entre analista e analisando, crença no método com que nos envolvemos e na viabilidade de um caminho seguro para o analisando. Com essa metodologia não é diferente.

Um analisando que viva com sentimentos persecutórios, provavelmente terá dificuldade com o uso do gravador e em conviver com o fato de sua textualização estar expressa no texto, que pode ser sentido como registro, ou ainda como concretização das fantasias.

Esse tipo de cuidado não é o único do método. É possível que um analisando nessas condições precise insistentemente saber se são feitas anotações a seu respeito, olhe para a porta para conferir se está fechada, sentindo-se assim protegido, ou questione com incômodo se está sendo filmado.

Tive experiências com analisandos em situações bastante distintas em relação à textualização. Uma dessas pessoas era portadora de transtorno bipolar. A possibilidade de se ver no texto representava não viver mais no esquecimento dela mesma, no sofrimento dos períodos de surto. Ao se reler, tomava consciência de que, muito embora tivesse saído daquela situação, ela poderia se repetir, caso não tomasse os cuidados necessários.

Para outra analisanda, o texto representou a surpresa do quanto falava dos outros para falar dela, como se repetia constantemente, e isso a incomodou profundamente. Na condição de analistas, conhecemos conceitos, nos preparamos com análise, supervisão e estudos, buscamos e temos instrumental para entender parte ou boa parte desses processos; mas quando o analisando se vê, não precisa de conceitos; precisa olhar e se reconhecer. É na consciência de aspectos sombrios, transferências, projeções, atuações que resgatamos a autonomia, facilitando posteriormente o estabelecimento de outra relação.

Portanto, é preciso olhar para cada um e buscar compreender o que aquela psique necessita naquele momento, e o que suporta, seja para utilizar a Psicologia Analítica Textual, seja outro procedimento qualquer.

Ganha-se a possibilidade de olhar a interioridade “de fora e de dentro concomitantemente” – na criação de um personagem –, escolher um destino como possibilidade e lhe dar forma, reconhecendo (o ego) o desejo e a possibilidade contidos na imagem do texto, fazendo a escuta do inconsciente que vem se mostrar.

Ao se apropriar da história de si mesmo acompanhado de um analista, integrando seu próprio processo, o analisando fica livre para exercitar, tornar e tomar o símbolo vivo no texto. É a psique viva, em sua forma plástica.

A presença do analista no processo busca oferecer a segurança, a contenção, sendo continente para o analisando. Cabe ainda ao analista ser catalisador, estimulador da narrativa do mito pessoal, da imagem, respeitando a autonomia do analisando. Seu papel é trazer à consciência a possibilidade do herói, os motivos pelos quais luta, suas sinas para que possa transcender e iniciar nova jornada.

O mito ali narrado e textualizado, um trecho da história de vida, vai sendo lido, relido pelo outro e no outro, em mim e no analista.

Do ponto de vista transferencial e contratransferencial, a textualização também é um espaço dessa expressão, na ansiedade, no incômodo, na dificuldade em transcrever e transcriar o texto. Houve uma situação em que a analisanda, Ana, falou que as interrupções do analista a incomodavam, pois vivia transferencialmente sua impotência em poder fazer mudanças em sua vida. A cada interferência que o analista fazia para mergulhar no texto, para ela, que acreditava no texto como possibilidade de desprendimento de sua vida anterior e abertura para novas possibilidades, “parar” era um problema e se irritar com o analista foi também uma forma de não reconhecer sua passividade perante sua história até aquele momento. Quando finalmente falou a respeito e interrompeu a leitura da textualização, sua vida já havia mudado.

[...] Todavia, o modelo para as emoções peculiares e intensamente pessoais presentes à análise não é clínico nem pessoal. Estas emoções nascem da encenação de um mito, o

que sugere que a análise é um procedimento mitopoético, ou um procedimento mítico. Fazer Alma e fazer mito estão numa relação recíproca. Se a análise é uma encenação, então torna-se necessária uma narrativa relativa a este ritual – um mito. E as emoções suscitadas por este ritual são consideradas no primeiro ensaio como necessárias; todas têm seu lugar. Autênticas em relação ao ritual e necessárias ao fazer Alma, elas pertencem a um padrão mítico e não precisam de outro tratamento, além de serem expostas (educação) e confirmadas. Não são revivescências ou substituições a serem conduzidas (reduzidas) a dinamismo pessoais primários. Nem são transferidas de outra época e lugar, ou de uma resposta pertencente a outras pessoas. Elas são apropriadas ao caminho real da experiência mítica de fazer Alma [...] (HILLMAN, 1984, p. 16)

A textualização estabelece o diálogo ego-inconsciente, no qual as rédeas (não controle) estão com o analisando. É metodologia de campo de apropriação, construindo pontes com a consciência. Como todo método, é preciso que haja ego suficiente para sua realização, administrando as angústias, receios, fantasias e medos.

Quando o processo analítico está muito ensimesmado, estagnado, com dificuldade de sair da vivência sísifa, embora, a exemplo de *Sísifo* esteja sempre envolvido na mesma tarefa, transitando pelo mesmo caminho, nunca o faz da mesma forma, pois é sempre uma caminhada diferente, porém sem sair do trajeto preestabelecido. A Psicologia Analítica Textual auxilia na facilitação da quebra e incorporação do complexo que, como define Jung, é “uma coleção de imaginações” (JUNG, 1997, § 1352), ali manifesta como um mantra, que ganha forma na textualização, levando à consciência. Vendo-nos no texto, saímos de nosso espaço para ampliar a visão, discriminamos a fantasia para então incorporá-la.

Na imagem produzida pela Psicologia Analítica Textual na textualização, está a possibilidade de re-significar, no texto, na vida.

Toda imagem é pessoal, mesmo tendo elementos do inconsciente coletivo, ou do Self coletivo, usamos imagens internalizadas, muitas vezes as mesmas, para outros desfechos. Com os mesmos ingredientes, diferentes pessoas fazem os mesmos pratos, ou a mesma pessoa pode fazer pratos muito distintos.

A textualização, quando retorna ao analisando em sessão, é lida e re-lida, mergulhamos na imagem, mas não há preocupação com associações.

À medida que fazemos a leitura do eu-texto, identificamos o que pode ser feito pelo analista ou pelo analisando em um aspecto do texto, paramos ali e entramos naquela imagem, como se fôssemos cavar um poço, circulando para aprofundar. Dentro desse buraco, colocamos a semente que ficará ali germinando, mas, ao sair, um pouco de terra sempre sai; junto vem o sentimento que traz um nível de consciência e reconhecimento do tipo, qualidade, identidade da terra, porque foi-se até o fundo e de lá ninguém retorna o mesmo. Ninguém volta do Hades sem transformação.

No trabalho com sonhos, podemos recorrer ao processo de “re-sonhar”, no qual o sonho de um pode tranquilamente ser o sonho do outro.

É isso que fazemos na Psicologia Analítica Textual, temos os mesmos ingredientes, mas fazemos pratos diferentes, com sabores novos, gerando possibilidades de/na vida.

O texto e o mito pessoal ali expresso são importantes na identificação da neurose, como caminho para torná-la criativa. Tendo uma base arquetípica como imagem o reescrever-se torna-se possível em sua vivência, que, como já dito, poderia também ser de outra pessoa que ali se reconhecesse. O arquetípico abre espaço para a identidade compartilhada no texto, evocando a função sacrificial para uma parte da persona, e, saindo do conforto egoico, vai para o sacrifício pelo alargamento da percepção de si mesmo, da Alma.

Expandindo essa ideia para o mito pessoal, este representa a narrativa básica inconsciente que ajuda a organizar a vida. Dimensão arquetípica, cultural, social e pessoal.

Em *Encarando os deuses*, Hillman diz:

Há muito que se dizer, e pouco tempo para fazê-lo, sobre as relações entre palavras e força. Tal relação encontra-se na própria raiz da análise que é, numa palavra, a disciplina dessa relação, uma vez que boa parte de seu trabalho é tentar converter as ações compulsivas em palavras. Inicialmente, Freud chamou a análise de cura pela fala, reconhecendo-a como obra de *peito*, uma arte de persuasão e/ou retórica. A análise reproduz os conflitos que, Na alma de Orestes, ocorrem entre razão e compulsão, repetindo a fala de Atena, que persuade à reconciliação, encontrando lugar e fornecendo imagens às

necessidade motrizes. Na boca de Atena, a fala se torna um *hymn* curador, palavra cujo sentido etimológico quer dizer palavras “fiadas” ou “urdidadas”.

[...] Então a retórica, a persuasão, assume maior importância. Através das palavras podemos alterar a realidade; podemos dar vida e tirar a vida; podemos moldar e mudar a própria estrutura e essência do que é real. A arte de falar converte-se no modo principal de colocar a realidade em movimento. (HILLMAN, 1990, p. 32)

Como o ato de tecer de Atena, assim é o texto.

Na Psicologia Analítica Textual, quando a dor, a compulsão pela repetição surge no texto, sua visualização possibilita consciência, ganhando forma ao ser lida e relida no mergulho imagético.

Protegido, o analisando, olha, toca a fantasia e os demônios com a “proteção” do texto, como num *Ábaton*, ao mesmo tempo que se expõe, está protegido para que olhe a si, conectando-se com o Self.

Seria a textualização um ritualizar do próprio mito que, textualizado, desenhado, tocado, transformar-se-ia, transformando o analisando? Acredito que sim.

Quando realizei esse trabalho com Tânia, outra analisanda, no primeiro contato com seu texto, iniciada a leitura, ela ficou surpresa, pois não conseguia reconhecer que gastava grande parte da sua energia fazendo projeções em uma pessoa muito próxima, a representação das suas neuroses. O susto gerado pelo contato com o texto fez com que folheasse páginas adiante, voltasse para trás, dizendo “isto sou eu” (sic).

A partir desse momento, para Tânia, a leitura do texto pôde ser feita retirando o nome da pessoa em quem fazia suas projeções, substituindo pelo seu próprio nome, de modo espontâneo para ela.

O exemplo dessa situação vivida por Tânia em seu texto, dentro da proposta da Psicologia Analítica Textual, é uma maneira de “ficar com a imagem”, mergulhar verticalmente nas imagens textualizadas.

Jung, como um incontrolável pensador da Alma, nos diz “Todo processo psíquico [...] é uma imagem e um imaginar” (JUNG, 1998, § 889).

Em *Psicologia e alquimia*, fala sobre a narrativa e o texto. Vejamos:

O método que adoto neste estudo parece francamente hostil à atitude que preconizo em relação ao sonho. Parece que os

sonhos são “interpretados” sem a menor consideração pelo contexto. Na realidade, não fiz de forma alguma o levantamento do contexto neste caso, pois a série de sonhos não transcorreu sob minha observação, tal como mencionei. Procedo de certo modo como se eu mesmo tivesse tido os sonhos, estando, portanto em condições de fornecer-lhes o contexto [...] Este procedimento, aplicado a sonhos *isolados* de uma pessoa praticamente desconhecida para mim, seria um erro profissional grosseiro. Mas não se trata aqui de sonhos isolados, mas de *séries* conectadas entre si, em cujo decorrer o sentido se explicita pouco a pouco por si mesmo. A série representa o contexto fornecido pelo próprio sonhador. **É como se dispuséssemos não de um único texto, mas de muitos, iluminando de todos os lados os termos desconhecidos, de modo que a leitura dos vários textos já basta para esclarecer as dificuldades de sentido de cada um deles.** Além disto, o terceiro capítulo desta pesquisa trata de um arquétipo bem definido, que já conhecemos há muito tempo a partir de outras fontes, o que facilita consideravelmente a interpretação. Certamente a interpretação de cada parte isolada é essencialmente uma conjectura, mas o desenrolar da série completa nos dá todas as chaves necessárias para corrigir erros eventuais cometidos em passagens anteriores. (JUNG, 1994, § 49;50 – grifo pessoal)

Na Psicologia Analítica Textual, o contexto torna-se o conjunto. Continuando, em *Psicologia e alquimia*:

Não é demais sublinhar aqui, com toda ênfase, que o sonhador não tem a menor consciência destas coisas. Seu inconsciente, porém está mergulhado nestas conexões que também se exprimem historicamente, fazendo-o comportar-se como se fosse um grande conhecedor desses estranhos fenômenos da história do espírito. Na realidade, inconscientemente, ele é um porta-voz da evolução anímica autônoma, tal como o alquimista medieval ou os neoplatônicos da antiguidade. **Seria, pois possível escrever a história a partir do inconsciente “cum grano salis”, da mesma forma que a partir dos textos objetivamente disponíveis.** (JUNG, 1994, § 113 – grifo pessoal)

A força não vem do mero relato, mas do significado que se apresenta ali. Mesmo assim, os mitos eram relato concreto da possibilidade de vivência criativa, identificada como a criação da própria narrativa.

Apesar de os mitos terem força, por serem preservados ao passar de geração a geração por meio de relatos, poderia esta força se assentar no sentimento de veracidade, no grau de importância que aquele conteúdo tinha

para aquela pessoa – que poderia escolher tantos mitos, mas escolheu dar vida e mantê-lo vivo com seu relato exatamente àquele. Isso não diz nada?

Se a análise se dá pela fala, sua elaboração, no texto, apresenta-se como método, amplificando as imagens ali expostas, facilitando a identificação do processo transferencial que já se deu desde a participação na gravação do texto. O analista já teve um primeiro contato com a história. Na transcrição, portanto, serão poucas as “surpresas” que o aguardam. Ali tem início o processo de análise do texto-personagem.

Trabalhar o texto é exercício de *super-visão*, mergulho nas imagens ali apresentadas, amplificação, fazendo o caso ganhar um pouco mais de clareza. A cada leitura um detalhe, um movimento, uma imagem é constelada e mais uma vez, como “buraco de Alice”, somos chamados ao mergulho cuidadoso, ritualizando e discriminando o espaço do sagrado na análise.

Para a Psicologia Analítica, o que importa é a psique. O externo só existe pela existência de nosso mundo interno. O inconsciente rege a consciência, sempre! Quando imaginamos algo, aquilo já é uma verdade, ainda que factualmente ela não o seja; mas pouco importa, porque o ato de imaginar, de criar e incorporar é terapêutico, tornando-se uma verdade psíquica.

O processo acontece no vaso terapêutico, espaço sagrado da análise, porque na relação analista-analisando, com segurança, a construção da narrativa é conjunta. Afinal, esse é um princípio da análise: que analista e analisando estejam envolvidos e sejam transformados. Isso vale mesmo para as situações de análise nas quais o ego acredita que nenhuma transformação ocorreu. Quando não há potencial de transformação, a análise torna-se insustentável, não havendo como dar continuidade do processo. Em tantas outras situações, não temos as transformações solicitadas pelo ego, mas sempre que a escuta do inconsciente se faz, o caminho será ético.

Essa proposta não pretende fazer um movimento biográfico, simplesmente porque biografia não é Psicologia Analítica Textual. A textualização é a representação de um momento de análise, por isso não é biográfico. Não estou preocupada com uma história que faça sentido ao ego, mas qualquer parte de história que faça sentido ético e faça Alma, que seja um espaço para manifestação da psique.

Atribuimos humor à psique. A persona “acha” que será a protagonista do texto, mas isso não ocorre, porque não há uma história para a qual ela precise se organizar para desempenhar um papel. Está lá, porque sempre está. Mas, à medida que é seduzida pela manifestação dos conteúdos internos, a persona empresta voz para que as fantasias ganhem formas, possibilitando um diálogo fluido, desmistificando, reconhecendo, integrando-as.

O contato com o texto não amarra, mas compromete o indivíduo a se vincular com uma imagem.

“A vida é breve, mas cabe nela muito mais do que somos capazes de viver.”

Saramago



http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jean-Baptiste_Simon_Chardin_006.jpg

em 24.10.2010

4. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

4.1 História Oral

O trabalho com História Oral, desenvolvido por José Carlos Sebe Bom Meihy (2002), e outros pesquisadores, abre a possibilidade de tratar as gravações como textos abertos (fruto das regravações e correções), onde cada pessoa ali se reconhece, refazendo, dirigindo, remontando, num jogo de modelagem da narrativa sobre si mesmo. O processo (período de gravações dos momentos narrativos, das várias leituras e alterações, e dos esclarecimentos e alterações necessárias) representa conteúdo terapêutico tanto quanto produto final.

A modernidade da História Oral nasce em 1948, em Nova York, como forma e postura inovadoras na relação com as entrevistas e entrevistados, tendo a função de registrar e divulgar experiências relevantes.

No Brasil, é na década de 1970 que os trabalhos mais expressivos com oralidade começam a ser publicados. José Carlos Sebe Bom Meihy (2002) ressalta que um dos aspectos mais importantes da História Oral é conseguir fazer a mudança da linguagem oral, que, apreendida e compreendida, ganha a forma de linguagem escrita. Esse é um processo importante para os historiadores, que o entendem como o estabelecimento de um documento, uma verdade histórica, expressão de forma legítima e irrefutável do presente.

No trabalho de História Oral, o pesquisador oralista, como é denominado, tem a preocupação de respeitar as diferenças, as identidades e os processos de construção das narrativas, porque busca acolhê-las da maneira como são ofertadas, seja para explicar, seja para contestar, expressando os mais diferentes sentimentos. Busca por princípio, um discurso independente, produzindo várias versões das histórias narradas, preservando o caráter pessoal da narrativa e sua intencionalidade, não transformando o entrevistado (nome dado ao narrador) em objeto.

Em relação à Memória:

Uma das expressões mais comuns de quem se refere às narrativas sobre o passado é “resgate da memória”. A rigor, não existe resgate da memória, até porque memória não é uma coisa ou objeto concreto e, por isso, resgatável. (BOM MEYER, 2002, p. 56)

[...] memórias são lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos [...] (BOM MEYER, 2002, p. 63)

[...] A História Oral busca excitar o lado esquecido como parte do todo explicativo dos fatos e emoções (BOM MEYER, 2002, p. 75)

A História Oral busca integrar o sentimento, a humanidade na textualização, preocupando-se em dar voz aos que são de alguma forma excluídos.

São consideradas etapas de um trabalho com História Oral: projeto, coleta das entrevistas, transcrição da gravação, análise do material – quando couber – e devolução da narrativa transcrita.

Para a História Oral, o tempo é dado, inventado (como diria Manoel de Barros, nosso poeta inventivo) pelo narrador – pela necessidade de sua psique –, que coloca os fatos e o tempo como lhe cabe, como representação e expressão de sua verdade naquele determinado momento pessoal e coletivo.

O “tempo da narrativa” é o que “presentifica” toda a história evocada. Quase sempre essa fase é o resultado da articulação lógica dos fatos encadeados no “tempo antigo” e no “tempo dos acontecimentos”. (BOM MEYER, 2002, p. 115)

Nesse processo, autor, narrador e entrevistador se misturam na narrativa, um relatando, o outro transcrevendo e trabalhando o texto. Ambos discutem o que deve ou não pertencer à textualização, quando esta retorna ao narrador, para ser aprovada por ele.

A História Oral de Vida é um gênero na História Oral, dentre outros. Nela, trabalhamos muito mais com a subjetividade da narrativa, podendo considerar a ideia de tradição oral, histórias transmitidas de geração a geração, com base nas quais uma comunidade organiza sua visão de mundo.

Existem alguns cuidados no trabalho de História Oral, como a solicitação de autorização do entrevistador para a gravação e o tipo de uso que se dará à

entrevista, seja em gravação ou textualizada. Também é importante o registro do trabalho realizado pelo oralista em um caderno de campo, deixando ali suas impressões, quer em relação ao entrevistador, quer em relação a si mesmo.

Entrevista iniciada, cabe ao oralista identificar o momento de interrompê-la. Para Bom Meihy (2002), esse momento é quando os argumentos iniciam um processo de repetição.

Caldas (1999) apresenta a ideia de cápsula narrativa, que foi desenvolvida em suas possibilidades e potencialidades no trabalho de História Oral por Santos (2002), no qual o oralista identifica um eixo narrativo na fala do entrevistado, tendo partido não de um tema, mas de uma origem narrativa voluntária, assim como seu esgotamento. Essa forma de conceber a entrevista/narrativa me parece mais coerente com a própria proposta da História Oral. Creio que se distancia o máximo possível de objetificar a pessoa que está fazendo sua narrativa na entrevista, construindo um trabalho menos naturalista.

Adiante é realizada a transcrição literal da narrativa, onde a maneira coloquial da fala é mantida, os cacoetes, as possíveis intervenções do entrevistador.

O passo seguinte é chamado de transcrição, etapa em que o texto não é somente a narrativa, mas quando pode se constituir no processo de re-criação de si mesmo. A transformação feita nesse momento transcende o estado da linguagem; a narrativa, textualizada e transcrita, sai do anonimato e adentra o processo dialógico da entrevista, trazendo a vivacidade do instante da narrativa na inclusão da voz do oralista, num diálogo em busca do outro, do outro em si mesmo, deixando para trás o anonimato de sua existência para sua própria escuta e reconhecimento. A textualização retorna ao entrevistador.

A passagem da transcrição para a textualização é feita juntamente com a transição da linguagem oral para a escrita, buscando um rigor estético e plástico para a textualização, porém sempre sem alteração de conteúdo.

4.2 Psicologia Analítica Textual

A História Oral é um recurso multidisciplinar. Embora a utilizemos como instrumento, na construção de uma Psicologia Analítica Textual, não temos a pretensão de criar documentos. Trabalhamos com uma ideia da possibilidade de constante transformação da psique, na desconstrução do tempo entendido de forma linear, na qual a memória vive uma única temporalidade num desdobramento entre o que chamamos de passado, presente e futuro (que será narrado e vivo no presente, elaborando o que chamamos de futuro), criando uma vivência intensa no momento da narrativa; um desmontar elaborado pela consciência na dimensão do presente; presente que contém a subjetividade, que por si só compreende todos os tempos, garantindo integridade e identidade ao analisando e ao analista.

A História Oral, como metodologia de campo para esta Psicologia Analítica Textual, aponta em direção à ação interdisciplinar (texto, oralidade, linguística, ficção, temporalidade, interioridade, discurso), fornecendo diversos caminhos para a construção do “texto interior”, ou “texto contado”, no qual o analisando se reconheça e reconheça sua interioridade, suas tramas e personagens.

Geramos narrativas que, textualizadas, transcritas e transcriadas, são relatos, sagas, mitos pessoais e coletivos, em que o analisando ali se reconhece, mantendo-se em condição de ser agente de sua própria história, não a repetindo, mas buscando sempre um novo caminho, mesmo naquele já conhecido, como nos mostra Sísifo em sua insistente, instigante e castigante trajetória (KAST, 1992).

O que de mais intenso pode uma pessoa viver, não está aprisionado nos fatos, apesar de, numa primeira impressão, atribuímos sentido a eles. Está em nossa memória, ao introjetá-la, incorporando vivências anteriores, num acúmulo de experiências que, na interioridade, ganha virtualidade (como uma memória adquirida na vivência do relato do outro, quando não importa a vivência do fato, mas a da Alma ao ouvir e reouvir o relato da narrativa, posteriormente textualizada e transcriada).

Na vivência do método, há cumplicidade para o contato com as ilusões necessárias e fundamentais da vida (um chamamento à experiência profunda com Eros). Desdobrando os sentidos no contato com a textualização, buscamos uma coerência interna do pensar do “ser” em sua inteireza, que necessita do reconhecimento de como nossa cultura convive com os sentidos – assim como a relação com a psique só pode ser à sua imagem e semelhança, porque somos parte do inconsciente coletivo. Só é possível ver aquilo que está no olhar da Alma. Ver é codificar, decodificar; ver é uma instância de interpretação, reinterpretção.

A interioridade, à medida que vai sendo narrada, ganha um formato possível de reconhecimento, numa rede de significados que foram e são vivenciados na proporção que narrados e textualizados. Como uma ficção de si mesmo, ou todas as ficções possíveis, na transcrição, há o cuidado com o uso da pontuação no texto e com a narrativa, no sentido de manter a vivacidade do momento, que obviamente ao ser lida e relida toma outra forma. Garantimos que o gestual e o sentimento estejam preservados de forma a serem reconhecidos pelo analisando como sua narrativa, uma das possibilidades dele próprio de ser.

Num processo intenso como o aqui proposto, reconhecemos na transcrição um momento rico para uma aproximação do processo transferencial e contratransferencial, à medida que há desejo de compor um texto com alterações, provocar desfechos, irritabilidade, dificuldade em trabalhar com o material, por exemplo.

4.2.1 Etapas do processo

a) A escolha do analisando

Mas, afinal, a quem se destina esse método? Em quais situações ele pode ser utilizado?

Nas experiências que tive, pude identificar situações em que a Psicologia Analítica Textual não é indicada, assim como outras em que trouxe um ganho importante no processo analítico. Nos analisandos que carregam vivência fronteira ou nos portadores de transtornos de humor, sentimentos

persecutórios, a Psicologia Analítica Textual não é indicada, bem como para aqueles analisando que precisam se submeter a outros instrumentos, como a imaginação ativa. Como as narrativas são gravadas e posteriormente transformadas em textos, podem ativar sentimentos persecutórios, fantasias sobre o caráter das gravações, literalização do texto, um tipo de estreitamento no vínculo analítico entre analista e analisando, podendo dificultar a discriminação entre o que chamamos de realidade e fantasia.

Ter construído um vínculo analítico e um vaso terapêutico, um *ábaton* seguro, é o critério mais importante para a utilização do método. É preciso, pois, que haja confiança e identidade, dando à narrativa liberdade em sua força de expressão.

b) A proposta é apresentada ao analisando que, sentindo-se confortável, decide se aceita participar do processo.

É explicado ao analisando que o método é experimental e a maneira como será realizado. Todas as etapas são cuidadosamente conversadas até que não haja dúvidas a respeito do procedimento. A maneira de propor o método ao analisando é tão importante quanto as explicações a seu respeito, pois, em cada caso, há razões para que tenha sido escolhido, e a maneira de explicitá-las deve ser cuidadosa, considerando o processo transferencial.

c) Iniciamos as gravações das sessões com gravador digital, ou diretamente no computador com os programas de voz disponíveis hoje no mercado.

Não há um número determinado de sessões, mas a sequência de gravações deve conter unidade, o que é sentido pelo analista com ressonância no analisando. Na linguagem da História Oral, trabalhamos com a ideia de cápsula narrativa.

Para o início da construção do texto, é importante que o analisando sintase à vontade para permitir a manifestação e o movimento do inconsciente. Habitualmente, peço ao analisando que fale sobre si. Cabe a ele escolher como

constrói seu relato. Essa não é somente uma escolha do ego, mas manifestação, realização de um inconsciente na relação com o inconsciente do analista; é duplamente rico.

Durante as gravações, o analista interfere o mínimo possível, deixando que a fala seja fluida. Qualquer intervenção que julgue importante deve aguardar até que o texto retorne para ser lido e trabalhado em sessão. Quando sentimos certo “esgotamento” da construção do texto, e identificamos uma unidade no relato, é hora de interromper a sequência de gravações.

d) As gravações são transcritas com o cuidado de manter e respeitar o ritmo e a intensidade da fala.

A transcrição preocupa-se em manter a vivacidade do texto, para que o analisando possa se reconhecer nele em toda a sua vitalidade.

Enquanto as transcrições são feitas – numa primeira versão de forma literal, depois passando por uma segunda escuta da gravação com a transcrição já feita, garantindo que o narrado tenha sido levado ao texto, o que pode demorar algumas semanas –, o analisando segue em seu atendimento.

Nas experiências que tive até hoje, não há fragmentação entre o narrado para a textualização e as sessões que se seguem. Identifico, sim, uma força interna significativamente intensa durante a narrativa gravada, um espaço de condensação e grande mobilização da psique num exercício por fazer Alma.

e) O próximo passo é a transcrição.

O texto inicialmente transcrito vai passando por várias etapas de trabalho, uma delas é um pouco mais “mecânica”, consistindo na parte técnica do trabalho com o texto. Buscamos deixar para trás as características, os vícios da linguagem oral, limpando da narrativa que está sendo textualizada repetições que dificultam a compreensão do dito, tornando-o agradável e compreensível, para que possa ser retomado e lido em análise pelo analisando.

Nessa etapa, a voz do analista com suas intervenções é incorporada na fala do analisando, com sua anuência. Produz-se assim um texto único.

A inclusão da voz do analista traz um diálogo ao texto incorporado. É um diálogo em busca do outro em si mesmo. Esse momento é de uma textualização radical, se assim quisermos chamá-la, um *soul-making* de ambas as partes, analisando e analista, que ao trabalharem o texto, preocupam-se em manter a essência da narrativa com a força que a gerou.

Desde a transcrição da narrativa, vamos trabalhando com a ideia de versões, que serão quantas forem necessárias para que o texto ganhe nitidez. Cada sequência de mudanças executadas durante a transcrição é salva em um arquivo diferente, gerando, portanto, diferentes versões, o que nos permite, a qualquer momento, retornar à versão anterior para observar e nos reconectar com o material primário, se necessário.

f) O texto - um mito pessoal - retorna ao analisando, que irá lê-lo em sessão.

Retornamos ao texto, lendo-o durante as sessões, quando tanto o analisando como o analista poderão interromper a qualquer momento, para esclarecer e trabalhar cada um dos conteúdos ali expressos.

Como em análise, essa parte do processo também não tem um tempo determinado para ocorrer.

g) Transcrição do material gravado a partir da leitura do texto da primeira narrativa.

A primeira narrativa é lida em análise e novamente gravada com as reflexões evocadas

O processo de transcrição é o mesmo que o anterior, agora com uma narrativa ampliada. Mantemos o cuidado de respeitar as falas e o ritmo.

h) Nova transcrição

Mantemos a mesma preocupação e o mesmo cuidado da transcrição com o primeiro relato gravado, novamente trabalhando com a ideia de arquivos

e versões. Mais uma vez, a voz do analista é incorporada à narrativa, em seu processo dialógico.

As inserções que foram feitas a partir do primeiro texto lido, são inseridas, incorporadas na narrativa original, podendo ser aceitas ou negadas, qualquer uma das possibilidades garante o aprofundamento das questões que suscitam as intervenções.

Tanto durante a transcrição como na criação do texto do analisando, mantêm-se a identificação e o reconhecimento do processo transferencial e contratransferencial.

i) Chegamos ao texto entregue ao analisando, que poderá ter sua leitura retomada ou não, dependendo do processo de cada pessoa

O texto é lido, havendo contato e busca de elaboração do material exposto. Tal análise requer pontes, símbolos e passagens, para a compreensão de um texto que é um sistema de virtualidades múltiplas, num re-encontro consigo mesmo e com o outro.

Pude constatar que, mesmo após um ou dois anos, os conteúdos das narrativas textualizadas e a forma como surgiram no texto reapareciam durante o trabalho de maneira mais elaborada e refletida.

A palavra oral não dá rascunho.

Manoel de Barros



Kairos

http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/02/Francesco_Salviati_005.jpg/160px-Francesco_Salviati_005.jpg&imgrefurl=http://pt.wikipedia.org/wiki/Kairos&usg=__D9g5xw4JafgbQS-TUISrLGWRSE8=&h=218&w=160&sz=12&hl=pt-br&start=0&zoom=0&tbnid=a8O_ZmxX5ddcJM:&tbnh=107&tbnw=79&prev=/images%3Fq%3Dkairos%2Bafrescos%26um%3D1%26hl%3Dpt-br%26sa%3DG%26biw%3D1280%26bih%3D709%26tbs%3Disch:1&um=1&itbs=1&iact=hc&vpx=957&vpy=278&dur=1026&hovh=107&hovw=79&tx=87&ty=46&ei=sznDTNHfPMOOswaO0sCmCA&oei=sznDTNHfPMOOswaO0sCmCA&esq=1&page=1&ndsp=28&ved=1t:429,r:12,s:0

em 23.10.2010

5. DISCUSSÃO DO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A proposta do uso desse método foi feita inicialmente a pessoas que já estavam em análise.

O método consiste em realizar uma série de gravações com o mesmo tempo da sessão de análise, durante semanas consecutivas, tantas quantas forem necessárias para que se identifique uma totalidade narrativa, um ciclo narrativo completo, sem interesse em abarcar ou esgotar todas as preocupações, queixas, situações de dores que haviam trazido o analisando para a condição de análise.

Cada analisando tem uma forma de iniciar sua narrativa, absolutamente própria e vinculada a seu olhar, como sente o mundo, se compreende nele e seus complexos.

Habitualmente explico ao analisando a metodologia e, em posse do gravador, peço que fale de si.

Algumas vezes sou inquirida sobre “*por onde começar?*”, mas isso não é muito frequente, pois, até este momento, todas as pessoas que participaram desse trabalho de Psicologia Analítica Textual já tinham vivência psicoterápica, facilitando assim o falar de si mesmas.

A textualização da narrativa é uma maneira de transcender um modelo temporal vertical de passado, presente e futuro, para um desdobramento horizontal, presentificando vivências com forte carga afetiva, tornando presente, consciente, justamente o que nos diferencia dos animais, a linguagem.

Qual a função dos contos de fadas, dos mitos? Qual a diferença entre ouvir ou ler um mito?

A leitura do mito possibilita uma conexão com a plasticidade da história, sendo a escrita uma imagem. O mito pessoal é narrativa básica que, trazendo conteúdos inconscientes, arquetípicos, ajuda o analisando a olhar para si, incorporar suas questões e organizar-se.

À medida que o analisando “brinca” e fica com as imagens do texto nas mãos, a fluidez traz o símbolo e permite essa conexão, como mergulho

profundo, devolvendo ou reafirmando que o analisando permanece no papel de portador de todas as suas histórias e da possibilidade de se reconhecer, identificar o complexo, a fixação e, portanto, transcender.

A proposta desse método é gravar, transcrever, transcriar e textualizar sessões, nas quais o ritmo da fala é mantido juntamente com a emoção ali contida. O texto segue desenhando uma imagem que, sem pontuação, ganhará mais fluidez. A psique solicita o belo para que possa se manter viva e saudável, fazendo Alma, chamando nossa atenção também para a estética do texto, do mito pessoal.

Num primeiro olhar, podemos não entender, experimentamos várias alternativas de desfechos, outras resoluções para as situações apresentadas. Todas as possibilidades já estão contidas no analisando e, portanto, no texto como imagem, como símbolo que provoca a elaboração, quando ganha vida na textualização, lendo, relendo, montando e recriando, não somente com a capacidade do ego, mas solicitando vínculo, afeto, Alma num processo de tomada de imagens do texto elaborado com desenhos de letras com as quais nos “besuntamos”.

Em *Encarando os deuses*, Hillman diz:

Pessoalmente experimentamos, isso significa que, ao buscarmos aquilo que determina de modo implacável nossas vidas, reduzindo-as à servidão, precisamos nos voltar para as imagens das nossas fantasias, onde jaz oculta a necessidade. E mais: isso implica que precisamos nos precaver de sermos demasiadamente “ativos” com nossas imagens, alterando-as para que redimam nossos problemas. Pois, neste caso, a imaginação ativa se tornaria uma tentativa para escapar da necessidade da imagem e da sua reivindicação sobre a alma. (HILLMAN, 1990, p. 21)

O encontro com essas imagens-texto e o encantamento em perceber que foi a própria pessoa que as produziu nos aproxima de um nível da consciência de uma existência e do vir a ser o que já se é, com todas as possibilidades já contidas na psique. Permanecer com a imagem-texto é fundamental na busca de chegar o mais próximo possível das sensações e sentimentos, daquilo que é e do que pode vir a ser, com a perspectiva de não diminuir a angústia em busca

de adequação, de alívio imediato, perdendo-se no acesso ao caminho da Alma, no fazer Alma.

A imagem-texto aberta nos permite trabalhar as palavras como num grande mosaico, um tangram, no qual juntamos e separamos, damos formas, entramos em contato com imagens formatadas no texto, deixando-as abertas até que seja esgotado o que já se é potencialmente. Fazemos um mergulho no coração do texto-personagem-mito pessoal.

O texto cria, permite a visualização de identidade da qual o analisando se apropria, num *circuambulatio* – como Jung propõe, que é trabalhado posteriormente por Hillman em seu “ficar com a imagem”, para não despotencializar as reivindicações da Alma, mantendo-se com a imagem quase até a exaustão, para que a transformação ocorra.

Das vivências que tive com a Psicologia Analítica Textual, escolhi o trabalho desenvolvido com três analisandas a quem nomeiei ficcionalmente por Ana, Tânia e Gabriela. A apresentação detalhada do método será feita a partir da textualização de Ana. Em determinados momentos, farei referência aos trabalhos com Tânia e Gabriela, que, creio, ajudarão a trazer um pouco mais de nitidez à apresentação desta proposta.

Utilizo como referência a primeira versão final da narrativa-texto, contendo mudanças, alterações e ampliações. Esse texto retornou à sessão para ser trabalhado e não se trata da transcrição direta das gravações ou das versões intermediárias, mas de uma nova transcrição. A versão que aqui apresento retornou à analisanda e foi tomada como última.



Gostaria de informar que, nas citações referentes ao texto de Ana, os períodos com grifos correspondem à primeira textualização dela e os períodos sem grifos à textualização final, que incorpora a primeira textualização. A numeração corresponde aos parágrafos da textualização. O texto integral, compõe o Capítulo 8.



Ana, por exemplo, começa seu relato (na primeira narrativa textualizada) desta maneira:

2. Lembro bastante da minha infância ... porque vivi bastante ... mais que minha mocidade ... que cortei rapidamente.
3. Gostava de estudar brincar de esconde-esconde ... com meus primos ... ou com os meninos da rua. Em Santa Catarina brincava com as meninas da vizinhança ... em Campo Grande com os primos.

Tânia inicia seu relato desta outra forma:

Esse sonho já tem uns quinze dias ... acordei com uma sensação esquisita ... parecia uma fábula ... eu quero ver ... é um casal de aves e estão no ninho bem grande em cima da árvore ... e tem um casal parece um galo e uma galinha ... mas não é ... são duas aves grandes ... o macho bota junto com a fêmea ... fica chocando junto ... essas duas aves chocando ... é tão estranho que eu quero ver ... só que tento subir na árvore e o Ivan também ... como ele é maior e ocupa mais espaço ... não consigo subir junto ... até que ele consegue ... e fica tentando fazer que eu suba ... só que não tem galho ... os dois ficam trepados em cima de uma árvore ... olhando os outros dois ali no ninho ... como se a gente também estivesse fazendo um ninho ... só que para observar o ovo ... até que eu acabo descendo e fico no chão ... porque estou quase caindo da árvore ... ele fica lá encima observando.

Já Gabriela inicia assim sua narrativa:

Aqui vai a Minha história. Esta não é nada bonita, nem gostosa de ler, mas é a que eu tenho para contar. Espero, que em breve, ela possa ser diferente: mais bonita, mais alegre e muito gostosa de ler.

Antes de iniciar os relatos das crises que já tive, acho importante destacar que me encontro extremamente ansiosa e nervosa em ter que relembrar estes momentos e escrevê-los. Tenho a sensação que terei uma nova crise. Espero sinceramente que seja só impressão. Vamos lá.

O trabalho realizado com Ana e Tânia teve o mesmo procedimento, isto é, as narrativas foram gravadas nas sessões, transcritas, transcriadas e retornaram para leitura e trabalho na sessão de análise.

É possível que o analisando transcreva sua própria narrativa?

Com Gabriela, a textualização foi gravada em sessão durante o atendimento. A própria Gabriela a transcreveu, por isso, em sua transcrição, há pontuação gramatical num primeiro momento.

As sensações e reações que Gabriela teve foram muito mobilizadoras. Tinha o diagnóstico de transtorno do pânico e o próprio processo para conseguir acessar sua narrativa e transcrevê-la trouxe à sua consciência a dor e as perdas que vivia na experiência do transtorno, gerando forças para enfrentar o adoecimento e buscar outra forma de vida, inclusive no resgate de sua relação familiar e profissional.

Gabriela tem 40 anos e ficou em psicoterapia comigo durante três anos. Antes disso, já havia passado por outros psicólogos, sendo acompanhada por um longo período.

Eu havia atendido sua filha anteriormente, mas um dia recebi um telefonema seu chorando, sofrendo muito em meio a uma das tantas crises de pânico e perguntando se poderia ajudá-la, se haveria alguma esperança de que ela pudesse ficar bem. Foi nesse contexto que comecei a atendê-la.

Sua história é marcada por algumas vivências trágicas desde os três anos, e aos sete tem sua primeira crise de pânico. Em função do pânico, não viaja de avião, suas relações sociais são empobrecidas, a relação familiar e o casamento sofrem por suas limitações, profissionalmente não consegue dar prosseguimento à sua carreira pela dificuldade em se deslocar, além dos sintomas que a acompanham, como a sensação de morte eminente.

Recebi uma “*mulher desacreditada em si mesma*” (*sic*) e que não aceitava acompanhamento medicamentoso.

Durante as sessões, surgiu a necessidade de preparar material para ser encaminhado ao psiquiatra, especialista de fora do estado. Aproveitei a oportunidade e lhe propus trabalhar em um texto seu, que, além de poder ser enviado ao médico, tem caráter terapêutico para ela. A proposta foi aceita e assim demos início ao processo.

A narrativa-texto de Gabriela apresenta-se já como uma variação do método a partir da necessidade do atendimento.

Da mesma forma que na própria sessão demonstrou desejo em transcrever sua narrativa e julguei importante – como de fato o foi –, fez parte de seu processo de tomada de consciência identificar o medo de fazer uma crise ao ouvir a gravação. A dificuldade de se sentar perante o computador para transcrever foi uma forma de se reconhecer e se contatar com seus sintomas de forma visceral. O psiquiatra a quem a textualização seria enviada nunca a recebeu, pois não foi necessário.

À medida em que trabalhávamos, a narrativa-textualizada retornada à sessão fez com que conseguíssemos que ela reconhecesse os sintomas do pânico e os integrasse. Durante a leitura da textualização, foram realizados acréscimos ao texto e trabalhados.

Atentemos que, mesmo no trabalho realizado com Gabriela, que tem origem diferente do trabalho realizado com Ana, o material transcrito vem das sessões, a partir de um primeiro texto escrito por ela.

Algum tempo depois, sua análise foi encerrada e Gabriela não mais foi tomada pelos sintomas.

5.1 Ana

Apresento Ana de forma sucinta. Ela foi atendida por mim durante quase quatro anos. O motivo da procura consistia nas fortes dores provocadas pela gastrite, diagnosticada pelo médico que a acompanhava havia alguns anos e com o qual havia realizado vários tratamentos na tentativa de eliminá-la. Quando chegou para análise estava fazendo dieta, mas não tinha a dor diminuída. A própria chegada anuncia o processo.

Quando fui procurada, Ana reconheceu seus limites econômicos para poder estar em análise. Essa tomada de consciência foi importante porque a levou a assumir um compromisso consigo mesma: conseguir outro trabalho com melhor remuneração e assim garantir esse espaço para ela. Quase um ano

depois, a recebi já em novo emprego, tendo condições econômicas e psíquicas de contatar consigo mesma, com energia suficiente para viver seu processo. Mais adiante, enquanto a atendia, foi possível compreender que a mudança de emprego era parte de seu processo de cura, fazia parte da sua história de abuso (sexual e cotidiano, de trabalho) a que era submetida desde jovem.

Com a vivência de Ana, constatamos mais uma vez que a análise não se dá na primeira sessão “oficialmente” assim caracterizada, mas na decisão da procura, na mobilização interna que é feita pelo analisando para conseguir ter predisposição interna e olhar dentro de si mesmo.

Jovem, Ana trazia consigo o sonho de seguir carreira diplomática, mas quando chegou o momento de sair de sua cidade natal para estudar, engravidou do namorado e ficou sozinha até o nascimento da filha, cuja paternidade foi questionada. Casaram-se em seguida, permanecendo juntos por aproximadamente dois anos.

A partir do nascimento da filha, a vida para Ana passou a ser um tempo à espera de algo, como a vivência de “Pedro Pedreiro”, música de Chico Buarque (disponível em: <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45160/>), ou, ainda, como os personagens de *Abril despedaçado*, película de Walter Sales, (trailer disponível em: visita: <http://www.youtube.com/watch?v=sJrv-WpP8bU>), uma relação entre dois irmãos permeada pela presença constante da morte. Ana e sua irmã (como podemos ver na narrativa textualizada de Ana) viviam também uma sina, que para ser rompida exigia a morte, porém de uma forma diferenciada em busca de alteridade (papel que cabe ao personagem de Rodrigo Santoro no filme *Abril despedaçado*).

Retornando à condição de filha, Ana construiu para si discurso vitimizado, permitindo que tudo ao longo do tempo se tornasse consequência da interrupção de seus planos, quando engravidou. Seus sonhos contemplavam: casar, passar num concurso público e seguir carreira diplomática.

Foi vítima de abuso sexual na infância pelo tio (situação que só surgiu durante o trabalho de Psicologia Analítica Textual, após um ano e sete meses de psicoterapia), sentindo-se desprotegida e abandonada principalmente pela mãe. Depois da adolescência, a irmã foi estudar fora; Ana queria ser igual a ela. Precisava da atenção dos pais, sentir-se importante para eles: aceita. Confiava

no namorado, que a engravidou, e passou a não questionar o que lhe era imposto, afinal seus pais a aceitaram mesmo grávida dentro de casa. Submeteu-se inclusive ao tio que abusou dela sexualmente, dando continuidade à condição de abuso sob outras formas, mantendo-se vinculada a ele durante parte de sua vida profissional.

Eram três os sonhos de sua vida: primeiro, o casamento, remetendo-a ao comportamento socialmente esperado de aceitação; segundo, a luta pela aprovação em concursos, pois buscava segurança e conseguir a aprovação em um “*bom concurso*” (*sic*), quando desejou fazer psicoterapia, conquistando o poder de escolher algo para si mesma, estabelecendo uma abertura à condição de abusada, de vítima, abrindo-se para novas possibilidades de vir a ser. Foi embora, estudou e retornou com novo emprego, estando preparada, podendo “banca” seu espaço para olhar a si mesma na análise; terceiro, seguir carreira diplomática, que lhe garantiria a manutenção do discurso criado, pois as condições de realização desse sonho sempre foram bastante improváveis (vítima).

Durante o processo de Ana, configuraram-se situações de profundo abuso que sugeriam vivências anteriores no mesmo padrão. A sensação de repetição, aprisionamento nas fixações, levou-me a propor a experimentação do método de Psicologia Analítica Textual. Ele é aceito, quando emerge de imediato o “segredo” do abuso, dando outro encaminhamento à análise.

Sua narrativa foi gravada, transcrita com muita atenção, ao ritmo da fala, utilizando-se reticências, excluindo a pontuação convencional. O cuidado com a manutenção do ritmo é fundamental no momento do retorno, quando a textualização, sendo lida, possibilita ao analisando reconhecer-se, identificar sua emoção vinculada aos conteúdos narrados.

Ao final das transcrições da primeira narrativa registrada em fitas K7, finalizamos 27 páginas de texto. Ao longo das transcrições, os momentos em que ficamos com dúvida na narração deixamos reticências entre os parênteses para que pudéssemos retornar e buscar nitidez. Ana narra:

A - eu não sei se é porque ele tem um jeito grosseiro ... aquele jeito meio ... muito masculino né (...) tanto que eu já ti falei que o Chico é um pouco diferente né ... talvez em função disso eu me

dou tão bem com um mais do que com os outros que era pra (...) porque eu achava que era um só. Então talvez ele fosse pareceu ou na hora de fazer sexo ... ele falasse da mesma forma que meu tio se expressava ... que eu comecei a me bloquear ..., talvez eu reportasse a isso ... eu não sei se era isso ... mas eu fiquei pensando que era isso ou não. Então ultimamente ... por isso que acho que ultimamente eu sempre vinha pensando nisso ... essa minha falta de vontade ... tinha alguma coisa a ver com esse fato que ocorreu comigo quando era criança ainda. As vezes eu acho que sim ... as vezes eu acho que não ... mas eu acho que tem a ver ... porque eu não suportava quando a voz do Augusto pedia pra fazer sexo oral com ele ... assim ... não era o sexo em si ... mas era a forma como ele me pedia ... eu realmente me lembrava disso ... de como o meu tio me pediu (...) e eu não gostava de fazer. Hoje eu não sei se em função de ... de ter já conversado muito com o Chico a respeito disto ... o talvez forma como o Chico coloca pra mim né ... eu consigo fazer isso ... não que seja uma coisa Bete que me dê prazer ... mas eu não tenho nojo de fazer ... consegue entender?

B - sim.

A - eu não tenho nojo de fazer ... e não me dá ... quer dizer eu não acho ruim se eu tiver que fazer ... porque sai assim como espontâneo ... não sei aquela coisa que você tem que fazer. Na relação comigo e com o Chico é assim bem natural né ... bem ... sexualmente com ele eu me dou muito bem ... pelo menos eu acho. Eu não tenho aquela barreira que eu tive com (Sebastião) ... mas eu não consigo identificar concretamente porque ... porque eu achava que eu gostava do Sebastião ... mas eu nunca gostei muito de transar com ele ... então eu não consigo definir minha ... meu envolvimento com ele ... que tipo de envolvimento eu tive com ele ... que tipo de elo a gente tinha.”

Depois da primeira transcrição fizemos uma revisão, para compreender o que não havia ficado claro. Após a correção da transcrição, tínhamos um texto com 26 páginas.

Como trabalhamos com a narrativa textualizada, sua coloquialidade torna por vezes difícil a compreensão ao ser relida, reouvida, por isso o trabalho do texto, transmutando-o em narrativa-textualizada, transcribando.

Durante a transcrição, alguma intervenção que o analista tenha feito deve estar discriminada. Porém, em versões posteriores, de preparo do texto, essas serão integradas, estabelecendo um diálogo. A incorporação da voz do analista se dá, seja pela aceitação seja pela recusa, à medida que o analisando reconheça como sua aquela fala, ou não, a ressonância provocada, fortalecendo o vínculo, a aliança e o vaso terapêutico, podendo reolhar, reler a si próprio no material simbólico.

Quanto menos o analista interferir durante a primeira narrativa, tanto verbal como gestualmente, mais fluida será a construção, espaço mais acolhedor à manifestação do inconsciente. O texto nessa versão contou com 27 páginas.

Numa versão seguinte, fazemos a revisão do ritmo, retomando a audição da gravação. O texto sem a pontuação gramatical ficará mais fluido, mantendo-se apenas o ritmo da fala, sendo possível reconhecer e sentir a intensidade e os sentimentos ali evocados.

Em seguida, o texto é trabalhado para retirar um pouco da coloquialidade, dos vícios da oralidade, das repetições de conjunções, dando-lhe caráter estético e de estilo para tornar a leitura compreensível, com possibilidades de corroborar a estruturação da psique, mas sem alteração de conteúdo.

O passo seguinte consiste num trabalho minucioso do analista, que, a cada versão, fará ajustes na narrativa para a passagem da oralidade à escrita, e ao enfrentamento das dificuldades linguísticas decorrentes.

Até aqui, o material transcrito está separado por dias gravados. Nessa versão, juntamos os conteúdos que têm o mesmo tema e identificamos o tom vital (temas predominantes no relato). Embora tenha identificado esse tom vital nos primeiros trabalhos – caso de Ana –, atualmente, não o faço, pois acredito que isso pode gerar um direcionamento no mergulho do texto. Transcrição em sua primeira versão: misturando as fitas, totalizamos 27 páginas no texto integral.

Chegada a textualização final de uma etapa, o analista consegue reconhecer uma inteireza, quando o momento narrativo se esgota, reconhecendo a necessidade de mergulhar nas múltiplas possibilidades do texto.

No caso de Ana, foram oito versões até esse momento, totalizando 16 páginas.

2. Lembro bastante da minha infância ... porque vivi bastante ... mais que minha mocidade ... que cortei rapidamente.
3. Gostava de estudar brincar de esconde-esconde ... com meus primos ... ou com os meninos da rua. Em Santa Catarina brincava com as meninas da vizinhança ... em Campo Grande com os primos.

4. Em Santa Catarina morei em três lugares ... um gostava bastante ... os outros dois mais ou menos. Gostava de uma casa ... na Liberdade ... foi também o local onde nasci ... era uma casa de dois andares ... adorava aquela casa e hoje morro de medo de ter casa de dois andares.
13. Morei na Liberdade ... na Travessa dos Estudantes nº 27 ... na Via Bandeirantes ... mas um lugar que lembro bem ... foi na Liberdade ... acho que é nessa bendita casa de dois andares ... morava meu tio Gervásio que sempre falo ... hoje está ajudando a arrumar minha casa ... brincava com a gente ... fazia tenda de índio ... casinha de lençóis que pegava do varal ... depois minha mãe brigava ... por que sujávamos os lenços ... era uma confusão ... foi uma época boa.
14. Nessa casa tinha banheira ... é uma delícia tomar banho na banheira ... quando estava frio ligávamos na água quente eu e minha irmã ficávamos lá ... minha mãe batia porque ficávamos o tempo inteiro dentro da banheira ... tinha uma escada ... foi uma época boa da minha vida ... foi dessa escada que descibanceira abaixo ... quando fiquei doente ... acho que tinha dois anos de idade ... minha mãe disse que tive um ataque de bichas ... lombriga em função disso tive desidratação ... quase morri ... o pessoal olhava para mim e dizia **ESSA NÃO SOBREVIVE COITADA ... MAS CÁ ESTOU EU.**

As reações são as mais variadas, quando há o encontro do analisando com seu próprio texto (eu-texto).

É função da análise, cuidadosamente, construir *links*, soul-making, como diz Hillman, a partir dos escombros, dos lixos muitas vezes sombrios da memória e do imemoriável, reconhecendo as manifestações arquetípicas que nos auxiliam no agrupamento de recursos, como um hipertexto, lido, relido, montado e desmontado.

Tânia (analisanda com quem também desenvolvi esse trabalho) disse: *“Assim que entrei, o vi em cima da mesa, vi esse papel e sabia que era meu.”*

Entregue a ela, ficou olhando, olhando, virava as páginas e seus olhos se enchiam de lágrimas, anunciando sua dificuldade em assimilar mudanças. Disse: *“Provavelmente vou ler e não mexer em nada, intocável.”*

Ana (analisanda com quem também desenvolvi este trabalho) disse: *“O meu relato ... minha história ... posso levar minha história ...”* (algo fora dela, falava de outra, isso lhe dava liberdade de olhar para seu mito pessoal, textualizado).

Gabriela (analisanda com quem também desenvolvi esse trabalho) diz: *“Antes de iniciar os relatos das crises que já tive ... acho importante destacar*

que me encontro extremamente ansiosa e nervosa em ter que lembrar estes momentos e escrevê-los. Tenho a sensação que terei uma nova crise. Espero sinceramente que seja só impressão. Vamos lá.”

Com a textualização em mãos, o analisando começa a fazer a leitura de sua narrativa-texto, do mito pessoal, por ele escolhido e relatado. Essas sessões são novamente gravadas.

Caso o analista faça alguma alteração na textualização durante a transcrição, que não mantenha o reconhecimento do analisando em seu próprio texto, este pode e deve ser reelaborado.

É comum o analisando se surpreender com a maneira como se expressou em determinados momentos, ora com ansiedade tão grande, que mal dava para respirar, ora com uma lentidão que não reconhecia. Refiro-me aqui à emoção, à fixação, ao quanto aquele determinado assunto, tema (complexo, ali exposto) mobiliza o analisando.

À medida que o texto vai sendo lido, o analisando apropria-se de sua própria história, de si mesmo. Realiza intervenções visualizando possibilidades de mudanças, reescrevendo, fazendo analogias com a sua história reconhecida, recontando-a quantas vezes forem necessárias (introduzindo novos assuntos, ou entramos num movimento de *circuambulatio*), para que esse processo ocorra, formando um novo tecido, mergulhando, esmigalhando, rompendo e incorporando as fixações.

Quando o texto é lido, dá-se uma nova interpretação, nova dimensão emocional ao inconsciente, dá-se ênfase, cadência, como num gingado, dá-se vida à história. Estabelece-se um diálogo com o símbolo, que é incorporado pelo analisando. É possível enfatizar, fazer pausas nas reticências, pausas para pensar o dito, mas podendo retornar a ele a qualquer momento, acrescentando um parágrafo novo (quantas vezes temos vontade de fazer isso em nossa vida, acrescentar parágrafos e outros desfechos), olhar de perto a própria história, um dos mitos pessoais ali apresentado, com os mitologemas e a possibilidade de reconhecimento com leveza, vivendo os próprios símbolos emanados do eu-texto.

A leitura desse texto leva a tempos diferentes, a intertextos, dependendo do analisando, do grau de mobilização, do momento de vida.

Esse texto inicial de 16 páginas, com todas as inclusões das leituras e comentários elaborados durante as 58 sessões que tive com Ana, para lê-lo e trabalhá-lo ao longo de 15 meses, passou a contar com 437 páginas.

Não temos o intuito de esgotar a textualização. A proposta é que cada versão seja lida até o final. Essas gravações novamente serão transcritas, inseridas, como no processo anterior. Novamente, seguem-se as versões que representam o trabalhar do analista no texto, como no primeiro momento, até que tenhamos uma nova unidade, partindo da primeira textualização, com as intervenções do analisando, em busca de entrar verticalmente no eu-texto, esse mito pessoal.

Cada analisando decide o que fazer com sua textualização, com o “seu texto”. Houve várias situações: Ana, por exemplo, optou por deixar a textualização comigo, assim como Gabriela. Tânia, que optou por levá-lo para casa, primeiro o guardou dentro de sua gaveta de roupas íntimas. Ficou lá por algum tempo. Depois, na medida em que íamos seguindo com a leitura, foi mudando de lugar. Deixava-o por vezes em cima de um móvel no quarto, à vista de seu marido que pedia para ler; mas ela não permitia, pois, nesse momento, ela se impunha, era algo só dela. O texto ficava ali, ele não mexia e ela não retirava. Depois, o texto foi para dentro do carro, no banco de trás, permanecendo ali por meses, sem que pudesse levar o carro para lavar. Enquanto isso, numa cidade empoeirada, com ruas de barro, o carro ia ficando muito sujo; mas como o texto estava ali, só ela podia lavar o carro. Tomar consciência e cuidar de si pode ser vivido de várias formas e cada pessoa encontrará a sua.

Novamente o procedimento de transcrição e transcriação.

O texto finalizado é entregue ao analisando e pode, ou não, ser retomado. No trabalho com Ana, foram cinco versões para chegarmos à textualização reapresentada em sessão, com 118 páginas.

1. Às vezes fico conversando com o Chico
2. ... ele me fala um monte de coisas ... concordo com ele ... sinto como se tomasse consciência das coisas ... sei tudo que está errado mas não consigo dar o passo ... falta algo que não sei o que é ... não consigo saber o que é. Mas acho que quero mudar ... se vim até aqui é porque quero mudar ... mas existe um

conflito ... uma parte quer mudar e outra não ... só se for minha parte inconsciente que quer que eu permaneça nessa ... até quando?

3. Lembro bastante da minha infância ... porque vivi bastante ... mais que minha mocidade que cortei rapidamente.
4. Gostava de estudar brincar de esconde-esconde ... com meus primos ... ou com os meninos da rua. Em Santa Catarina brincava com as meninas da vizinhança ... em Campo Grande com os primos.
5. Em Santa Catarina morei em três lugares ... um gostava bastante ... era uma casa na Liberdade ... foi também o local onde nasci ... era uma casa de dois andares ... adorava aquela casa e hoje morro de medo de ter casa de dois andares.
6. Não sei onde adquiri esse medo ... se foi em função dos filmes de terror que assisto ... mas passei a ter medo.
7. Filme de terror com casa de dois andares ... faço essa relação porque normalmente quando se mora numa casa de dois andares e se você está lá em cima ... de repente se escuta um barulho embaixo e não tem noção do que está acontecendo.
8. É como se eu gostasse da minha casa ... que tivesse condições de enxergar tudo ... de ter o controle da situação ... o tal controle da situação e numa casa de dois andares estou lá em cima e não sei o que está acontecendo aqui embaixo. Tenho medo de descer para beber água e me deparar com alguém dentro da minha casa. Gostava da minha casa de dois andares onde morava em Santa Catarina e hoje tenho medo.
9. Quer dizer ... a gente vai mudando ... adorava andar de moto quando era menina ... moça ... da idade do meu filho ... hoje morro de medo. Depois que tive meu filho morro de medo de andar de moto.
10. Fiquei com medo de acontecer alguma coisa comigo e de repente não ter quem dê assistência a ele. Quando sento em cima de uma moto morro de medo ... a impressão que tenho é que um carro vai bater em mim.
11. Não sei muito bem que tipo de assistência posso dar a meu filho que outra pessoa não pode ... talvez cuidar ... dar educação ... concordo que outras pessoas poderiam fazer isso por mim ... mas gostaria de acompanhá-lo até que não sinta mais tanta falta da mamãe.
12. Talvez não tenha segurança na educação que dei a ele ... se tivesse muita confiança talvez garantisse que conseguiria sobreviver sem mim ... mas acho ele muito dependente. Eu o fiz assim ... então acho que depende muito de mim ... é muito pregado comigo ... e se de repente eu faltasse não sei como reagiria. Eduquei errado ... deveria ter educado mais independente ... eduquei como fui: dependente. Agora estou menos dependente da minha mãe ... fiz isso com ele também ... criei muito pregado comigo.
13. Quando era pequena ... se todo mundo sáísse para passear eu não saía ... se minha mãe não fosse eu não ia ... sempre fui muito pregada com minha mãe.
14. Morei no Liberdade ... na Travessa dos Estudantes nº 27 ... na Via Bandeirantes. Mas um lugar que lembro bem foi na Liberdade

... acho que é nessa bendita casa de dois andares ... morava meu Tio Gervásio que sempre falo ... hoje está ajudando a arrumar minha casa ... brincava com a gente ... fazia tenda de índio ... casinha de lençóis que pegava do varal ... depois minha mãe brigava ... por que sujávamos os lençóis ... era uma confusão ... foi uma época boa.

15. Nessa casa tinha banheira ... é uma delícia tomar banho na banheira ... quando estava frio ligávamos na água quente ... eu e minha irmã ficávamos lá ... minha mãe batia porque ficávamos o tempo inteiro dentro da banheira ... tinha uma escada ... foi uma época boa da minha vida ... foi dessa escada que desci ribanceira abaixo quando fiquei doente ... acho que tinha dois anos de idade ... minha mãe disse que tive um ataque de bichas ... em função disso tive desidratação e quase morri ... o pessoal olhava para mim e dizia ESSA NÃO SOBREVIVE COITADA ... MAS CÁ ESTOU EU.

Novamente citando Ana, ao final da leitura de seu texto, ela acreditava ser muito importante terminá-lo, pois à medida que lia, construía a possibilidade de reescrevê-lo; acreditava que sua vida mudaria ao terminá-lo e a cada interrupção ficava incomodada, pois demoraria ainda mais a chegada do momento da mudança. No entanto, quando faltavam duas páginas para finalizar, percebeu que não mais precisava dele e propôs encerrá-lo. As mudanças em sua vida já estavam acontecendo, não era o texto que as traria. O texto para Ana havia sido superado.

Assim, fazemos um mergulho na interioridade, pelas mãos, voz, do analisando, que fica surpreso com o que lê de si próprio, pelo ouvir-se, e pelas múltiplas possibilidades de que não tinha consciência, mas estavam, estão, nele. O analisando tem a chance de se compreender como num sonho, enquanto manifestação do inconsciente, como um mito possível, permitindo que se sinta seguro para se conectar com o que de mais profundo o compõe.

Quando o mito pessoal (uma possibilidade dele) é visto textualizado, forma uma imagem narrativa com letras, ritmo, permitindo ouvir a própria Alma, reintegrando-a num fazer-se constante, constituindo o processo de vir a ser o que se é (individuação), deixando para trás as ilusões que a paixão “cega”, tomada pela força e sedução do ego, tantas vezes solicita.

A textualização não é o sujeito, mas um de seus mitos possíveis, que, para ser construído, textualmente passou por opções narrativas, narrativas múltiplas, múltiplos personagens, sendo um o escolhido naquela circunstância e

isso faz diferença na constituição dos tecidos de significados que o compõem. Os mitos pessoais representam uma narrativa básica, inconsciente, a organizar a psique.

Esse trabalho não gera documento, mas fragmentos de imagem: imagem interpretada, imagem convincente, imagem desfocada, imagem consequente. Dessa maneira, no diálogo entre a Psicologia Analítica e a História Oral, surge a possibilidade desse método, no qual o texto leva para além da imagem, do dito, do engodo do discurso tão alertado por Freud e Jung.

Jung em sua Psicologia, abre completamente as possibilidades múltiplas de leituras e interpretações. Atribui ao inconsciente a projeção das ocorrências internas que se desdobram no íntimo, sobre os fenômenos do mundo exterior, traduzindo-as em imagens.

O sonho textualizado também é trabalhado. Cada imagem dele emanada compõe uma totalidade, que pode ser sentida, vivida, olhada, tocada e tomada como provocação para que novas imagens sejam produzidas a partir dela. Imagens gerando imagens, texto gerando textos.

Essas imagens estão carregadas de simbolismo, de formas da psique. Imagens mitológicas, arquetípicas que apontam para sua natureza, resultando em tendência do inconsciente para projetar as ocorrências internas que se desdobram, ora claramente, ora invisivelmente no mundo. A exemplo da ideia de *anima mundi*, resgatada e trabalhada por Hillman, não creio na possibilidade de individuação apenas como um processo pessoal, mas fazemos parte de uma totalidade, vivida inclusive na relação analítica, quando para que ela assim o seja, é necessário que ambos, analista e analisando se transformem, transformando, contaminando o meio e as relações das quais fazem parte.

Assim somos aprendizes de formas de relação na psique.

O texto precisa ser escutado como o analisando é escutado (WILLEMART, 1995); o analista se valida pela busca de sentido para o todo, para cada fragmento, para o texto e a palavra, como um holograma, cujas partes contêm e são o todo.

Na Psicologia Analítica Textual, texto em mãos, leitura sendo feita, dando voz à sua narrativa, o analisando cria novos textos, num exercício de transposição de si mesmo, e compreensão simbólico-cultural. Um texto que é de

Ana, mas poderia ser também de João, Paulo, Neuza; que, no refazer de trechos de sua história na narrativa, reordena o discurso, o mito, reordenando o inconsciente.

Ecléa Bosi (1987) diz que somos de nossas recordações apenas testemunhas. Freud diria que somos movidos pela libido sexual; Jung, que somos a soma de todos que vieram antes de nós, somos não apenas sujeitos do vivido, mas da lembrança, das memórias vividas e adquiridas, temos a capacidade de fazer recortes nessas lembranças reordenando-as e incorporando-as, ou não.

O incômodo de certas situações não está no vivido, mas na leitura simbólica que fazemos de sua memória, criando muitas vezes uma narrativa tão bem tecida e tão ampla, que funciona como aprisionamento na profunda identificação com o personagem e a situação ali apresentada, estabelecendo uma verdade.

Cada texto é único e de determinado momento da existência. Não se repete; constelam-se personagens em ação no mito pessoal, que nos remetem à provocação da filosofia: “conhece-te a ti mesmo”. Ainda assim, e talvez por sorte, conhecer-se a si mesmo continua a ser tarefa das mais difíceis e saborosas, mesmo depois de Sócrates e Jung.

Em *Filosofia do tédio*, Svendsen (2006), ao comentar sobre Batman, chama a atenção para a dificuldade do homem em significar sua vida. Em uma vivência individualista, perde-se a capacidade de contatar com um significado cultural que seja comum, vive-se a ausência do reconhecimento de uma história pessoal e, ainda mais, de uma história que a transcenda.

O tempo – como uma unidade do passado, presente e futuro – cria uma unidade no eu, e tempo e eu estão ligados por meio de uma narrativa. Ter uma identidade pessoal é ter a representação de um fio narrativo na vida, em que passado e futuro podem dotar o presente de significado. Não acredito que significado e identidade possam ser propriamente compreendidos independentemente do tempo e da narrativa. Para se ter uma identidade, ser um eu, é preciso ser capaz de contar uma história sobre si mesmo, sobre quem se foi, quem se quer vir a ser e que se é agora, entre passado e futuro. Narrar é uma prática ética. No papel de um narrador desse tipo, somos um *parrhesiast*, um contador de verdades. Estamos fundamentalmente contando a nós mesmos a verdade sobre nós. No entanto, para sermos

capazes de contar tal história, temos de ser capazes de nos relacionar com os outros. (SVENDSEN, 2006, p. 83-84)

A capacidade narrativa é auxiliadora na manutenção do ego estruturado, em uma história coerente com a psique, que solicita uma atitude ética – afinal, esse é o comprometimento maior, já que todo relato é pessoal e se dá com o outro para uma tripla redenção, dentro e fora do analisando e com o qual se relaciona.

5.2 Análise das Narrativas Textualizadas

Mas afinal, o que representam essas duas narrativas textualizadas?

O que evoca em Ana a leitura de seu próprio texto? Ouvir a si mesma mobiliza o quê?

Proponho aqui um navegar pela textualização, cujo texto, na íntegra, ofereço no Capítulo 8, intitulado “*Narrativa de Ana*”.

Optei por manter as duas narrativas textualizadas num único texto. Os parágrafos que estão grifados correspondem à narrativa inicial, gravada no primeiro encontro, e os demais aparecem com grafia normal, sendo acrescentados de trechos a cada novo encontro.

Os parágrafos estão numerados e serão minha referência para fazer as citações e menções necessárias.

Embora disponibilize a textualização integralmente, creio que sua leitura seja opcional ao leitor, pois sua exclusão não compromete a compreensão do trabalho aqui apresentado.

Foram 18 sessões trabalhando na leitura dessa narrativa textualizada.

Ao ligar o gravador para começar a leitura, Ana não inicia com o texto, mas com o prenúncio da maneira como se sente em relação a seu processo.

Ana permanecia mobilizada – § 1

Primeira sessão – inicia a leitura no § 2

No preâmbulo, Ana externa o conflito entre enfrentar mudanças – o que a remeteria a situações novas –, ou permanecer nas condições em que está, sendo menos ameaçada, porém sentindo-se fragmentada. Essa vivência dos opostos, impulsionada pela dor da fragmentação, do segredo mantido que alimenta a culpa e a torna cúmplice do abuso vivido nas mãos do tio, confrontada com a energia que a impulsiona a tentar reescrever sua história, introduz a leitura de seu texto.

Ana anuncia o medo de não conseguir sair da paralisia que sente pautar sua vida, das fixações, da importância que esse processo de análise tem, pelo qual tanto se mobiliza e mobilizou, exigindo uma determinação e força de vontade bastante grandes, precisando conseguir um novo trabalho que garantisse a sustentabilidade econômica da análise.

A partir das lembranças seguras e prazerosas da infância, entra em contato e explora seus medos, referindo-se à casa de dois andares. Avisa da presença de coisas desconhecidas na parte de seu mundo da qual não tem controle, no nível de baixo, onde ouve ruídos: sabe que há algo lá, desconhecido ainda, como suas fixações, seus complexos, podendo mudar de condição, como um prognóstico de seu processo.

Alerta para a leitura que faz de sua vida: um filme de terror.

Suas tentativas de controle são ali explicitadas: não se relaciona com os sentimentos, não interage, tenta mantê-los bem guardados, como se os precisasse em segurança.

Na leitura de sua textualização, permite a si mesma ampliar seus medos, correr alguns riscos. Reconhece-se diferente em relação a tempos anteriores: já foi menos medrosa. Esse movimento entre o que reconhece como tendo sido e o que é, colabora para Ana introjetá-los, incorporando seus sentimentos para que tenham caráter transformador, deixando para trás o destino (que já foi dela), como nos filmes de terror.

Sugere vinculação entre a perda de autonomia, da sua capacidade de cura, com a culpa por ter engravidado, tanto que a gravidez divide sua vida entre antes e depois.

Na vivência do curador-ferido, Ana reconhece em si mesma a capacidade para fazer seus próprios curativos. Tem em si a possibilidade de se curar, embora, de imediato, atribua à analista essa função. Recobra, a partir da leitura da textualização, sua autonomia.

Na leitura do texto, Ana oscila entre reconhecer-se com distanciamento, ao mesmo tempo que está dentro de sua narrativa. (§ 93)

Os temas da solidão, frustração, traição (amor eterno), confiança no outro, ausência de confiança em si mesma, em suas percepções e intuições, culpa, reconhecimento de seus sentimentos e capacidade de transformação, de ser querida, ganham um formato na textualização.

Os temas arquetípicos, à medida que Ana narra, lê e relê em si, tecem um alinhavo na fragmentação que vive, saem de uma condição de inconsciência para serem integrados.

Ana se reconhece como continuidade das atitudes e forma de vida de sua mãe, reproduzindo a mesma relação com o filho, filha do tempo, sem autonomia e sem domínio de sua vida. Agora, a vida está sendo tomada nas próprias mãos com esperança. Diz Ana: “*Essa não sobrevive coitada ... mas cá estou eu.*” (§ 14)

No § 92, Ana verbaliza que foi somente lendo o texto que percebeu a forma como se estrutura e estabelece sua comunicação, confusa, ansiosa e pouco clara. Identifica aspectos seus ao ler-se.

Segunda sessão – inicia a leitura no § 101

Ana parte da relação entre ela e a irmã, da inquietação profissional do pai, que se manifesta em uma inconstância, para abrir temas que a acompanham, como a ausência de afeto manifesta no modelo de casamento que vive, na contenção dos sentimentos e dificuldade em expressá-los, no estabelecimento de uma autocrítica bastante intensa, na identificação com sua mãe, na continuidade da reprodução de um papel materno que começa a incomodá-la pela maneira como está desempenhado, “*toda mãe é igual*” (*sic*), prisioneira da vivência arquetípica materna, associada à ausência de afeto, e funcionando num modelo de superproteção.

A agressão é sentida na relação com a mãe, apanha, mas não chora, engole o choro para não demonstrar sua fraqueza. O contato com seus sentimentos surge, na narrativa de Ana, como derrota.

Foi uma vivência escamoteadora, onde tanto sentimentos quanto habilidades ficavam escondidos, não se permitia mostrar, precisava estar numa condição inferior à da irmã, sua referência e cúmplice silenciosa na dor do abuso.

Na relação com o filho, o mesmo distanciamento é vivido por ela na condição de filha: a dificuldade no diálogo, a tentativa de controlá-lo como forma de cuidar e o sentimento de impotência para ser mãe, já que ainda se vê no papel de filha, dependendo dos pais não só para ela, mas para cuidar de seu próprio filho, enquanto luta para ter uma casa, um espaço externo-interno que consiga conter seus sentimentos.

Terceira sessão – inicia a leitura no § 142

Ana descreve as tentativas do estabelecimento das relações de irmandade, o início da cumplicidade estabelecida, onde, ela sendo mais jovem, tenta copiar e ser igual à irmã, reconhecida como seu referencial e modelo. Ao mesmo tempo que testa os limites com os pais, há o desejo de transgressão, que não sendo reconhecido e elaborado, encontra a maneira possível de se exercer.

A leitura desse trecho evoca em Ana a identificação quando começa a ficar “*emburrada*” (*sic*), o desejo de que gostassem dela, e a construção de seu anular-se ao longo dos anos tentando ser igual à irmã, como se isso pudesse gerar aceitação dela pelas outras pessoas.

Explicita sua inveja pela forma como a irmã era, e ela, menina cheia de opiniões próprias, inquietude, que a levava ao enfrentamento da mãe, passa a evitar situações de confronto em que tenha que se posicionar, expor-se.

A necessidade da aceitação por parte do outro aflora associada ao desejo de ser querida, como julgava que a irmã era; suas energias estão voltadas para fora, buscando aprovação e amor.

Na perda da identidade, nasce a tentativa de reprodução das vivências da irmã, seguida de agressões e violência a que se submete, seja nessa relação ou com outras pessoas em torno dela, através de desrespeitos.

Identifica-se forjada no outro, inconsciente de si, necessitada em ocultar a vivência de abuso vivida com o tio; isso a impulsiona a se vincular ao namorado e engravidar, precisando de uma atitude patriarcal vinda do ginecologista para que contasse a seus pais de seu estado, do qual ela já tinha conhecimento antes mesmo da consulta.

Reconhece a inveja e raiva na leitura desses parágrafos, conseguindo isentar-se da culpa por identificar esses sentimentos.

Alguns aspectos sombrios de Ana emanam no relato da gravidez e seus desdobramentos. Podemos compreender, neste caso, a gravidez como uma patologia no sentido proposto por Hillman, como possibilidade de tomada de consciência do próprio corpo, da maneira como está estabelecida a relação com o cultivo da Alma.

Quarta sessão – inicia a leitura no § 191

A inveja da irmã e o desejo de ser uma pessoa querida fazem dela uma fofoqueira, ficando desacreditada pelas pessoas do convívio e arriscando ampliar os conflitos com a irmã. A partir desse relato, Ana apresenta sua forma de lidar com as atribuições do cotidiano, sempre correndo e tentando agradar as pessoas que estão em torno, cheia de regras estabelecidas por ela mesma, se reconhecendo como pessoa programada, rígida, com dificuldades em aceitar mudanças.

Aproxima-se de sua impotência, desde resolver os problemas da casa, até da relação com o filho, com o casamento. Contata o sentimento de opressão, tolhida na relação familiar em sua adolescência, na casa dos pais já na condição de mãe com filho, na relação profissional e no atual casamento.

Onde está sua culpa? Qual o esforço que um relacionamento exige? Ela tem para dar?

Não consegue partir para a ação, incomoda-se profundamente com sua falta de vinculação, mas não consegue fazer nada em relação a isso. Toma consciência de sua maneira de funcionar, relacionar-se.

Emocionalmente qual é seu lugar?

Olha para si mesma e arrisca uns rabiscos de que precisa encontrar seu próprio caminho. Aparece uma dissociação da qual toma consciência entre o que fala, o que deseja e como age. Percebe-se sentindo-se uma pessoa diferente do marido, com necessidades, mas enxergando poucas possibilidades nela própria. Reconhece a dificuldade em expressar suas ideias quando são diferentes das do marido, mantendo seu padrão de tentar ser o que ela acha que os outros esperam dela – similar à relação vivida com a irmã e já relatada por ela. Ouvindo sua narrativa, Ana vai estabelecendo relações entre presente, passado e perspectivas de futuro. O tema da dificuldade em confiar emerge com mais força.

Quinta sessão – inicia a leitura no § 260

Falar da relação com o filho, que não a satisfaz, e de sua passividade abre espaço para Ana, após a leitura desses parágrafos da primeira textualização, enfrentar o que ela havia se tornado: a cópia de sua irmã, uma pessoa sem identidade, sem assinatura, e em uma mãe superprotetora, identificada com sua própria mãe, dissociando sua possível condição de mãe de si mesma. (§ 263)

Ao ler-se, quando discorre a respeito do cerceamento que sente na relação com o marido – as regras e controles que ele lhe propõe, desprovidos de proteção –, Ana se aproxima da consciência de que não é seu marido que a cerceia, mas ela própria.

Sua sombra projetada na irmã, a dificuldade em colocar limites nas relações respeitando a si mesma, saindo da condição de uma pessoa “abusada” (*sic*), a segurança depositada no que julga que o outro pode lhe proporcionar, a associação desses sentimentos faz com que seus medos novamente emirjam: da intimidade, de perder o controle inclusive em suas formas de relacionamento (é pessoa de um amigo só), da inveja e do ciúmes.

Provoca a si mesma, convidando-se a olhar para sua identidade, buscar saber, compreender, inclusive porque precisa tocar as pessoas.

Sexta sessão – inicia a leitura no § 307

Nesse dia, Ana entra em contato com sua narrativa do abuso sofrido nas mãos do tio, situação a que ela e a irmã foram expostas. Retrata uma profusão de sentimentos confusos, angústia pelo que viveu; identifica que a cumplicidade nunca tida antes com a irmã vem nessa hora de sofrimento. Esse pode ser um aspecto que as aproxime.

Em um relato tomado de dor, confusa, tenta sair da culpa que carrega, por não ter dito à família, nem conversado com a irmã: busca argumento para explicar por que o tio cometeu o abuso, como resposta a um suposto interesse dela por um primo, fato que cerceou sua relação com a sexualidade pela culpa.

Nesse relato, Ana sai da posição e condição de quem poderia ter sido cúmplice do tio, para uma moça que foi coagida por não ter uma relação tranquila e de autopermissão com a sexualidade, de quem não resistiu, por culpa ou prazer (!?), detentora de um segredo que somente veio para a análise quando iniciado o processo de Psicologia Analítica Textual: estar acuada.

Faz, a partir da narrativa evocada, a libertação da culpa pelo possível desejo pelo primo. Exibe, por outro lado, o desejo de conhecer coisas, mundos novos, bem como sua dor por, mesmo depois de adulta, continuar sendo abusada pelo tio, abuso e violência que ainda reproduzia no trabalho.

Na narrativa, Ana enfrenta o tio, rompe com ele, permite-se – em nome das relações familiares, dos outros – não precisar relacionar-se com ele, apesar de ainda reconhecer seu medo de ser julgada se alguém souber o que houve ou o que sente por ele. Ainda está refém, presa e vinculada ao tio.

349 - O senhor pode bater sua mão que não tenho medo dessa sua mão ... nem da sua voz baixa ... pode falar baixo ou gritando que não me mete mais medo.

350 - Assim foi um dia em que tive coragem de enfrentar ... mas foi naquele dia porque hoje não tenho coragem ... não consigo falar e queria ter a coragem de mostrar para ele ... porque ele sabe que tenho medo dele ... acho que sente porque não o encaro direito e atualmente mal falo ... percebe e deve ficar pensando o que aconteceu para eu estar desse jeito com ele ... como se agora sentisse que estou saindo de seu controle ... mas não me sinto livre porque quando estou na sua frente é como se ainda me controlasse ... não sei que tipo de controle ... mas sinto aquela coisa ruim ... não me sinto bem junto.

Temos aqui um vínculo importante dessa situação de abuso com a gastrite que acompanha Ana – motivo que a levou à análise: ele a procurava no horário do almoço. Seu estômago não poderia mesmo suportar tamanha agressão. Essa é uma vivência clara do adoecimento como provocação para enxergarmos a dor e, nela mesma, a cura.

Narrar essa vinculação traz à consciência de Ana a possibilidade de tratar e diminuir sua resistência para levar adiante a orientação médica em relação à gastrite.

Os grandes temas abertos a partir das leituras desse texto de Ana: abuso e segredo.

Sétima sessão – inicia a leitura no § 354

Ana narra a relação com o tio já na vida adulta, sua oscilação entre permanecer perto dele, tentar entender como pôde ter abusado dela e agir como se nada tivesse acontecido. Fica paralisada, configurando uma manutenção da vinculação a ele.

Ao se ler, Ana sente-se em condições de narrar, identificando nela a possibilidade de construir vida diferente, mais elaborada e organizada. Retoma a culpa por não ter falado sobre o abuso, seja com os pais ou com a irmã, como num processo de exorcização. Encara o desejo possível de reconstruir a relação com a irmã, vítima tanto quanto ela da mesma situação. Identifica como assunto comum entre as duas a “limpeza da casa”: em uma manifesta no excesso, enquanto na outra, na falta.

A necessidade de proteção (posta em dúvida por Ana na relação com os pais, ao questionar se eles seriam capazes de ter com ela uma relação de apego seguro) e medo da solidão são evocados à medida que caminha para se livrar da condição de abusada, tentando reconstituir vínculos seguros, como na relação com a irmã e com o filho. Identifica o papel de boa filha que a acompanhou durante a adolescência para se sentir aceita e protegida. Ao mesmo tempo, contata sua incapacidade de gerar coisas boas: lembremos da relação de irmandade sem alteridade, com inveja, copiando a identidade da irmã, e vivenciando a experiência de morte e impotência de descobrir como é,

bem como a relação com o filho, mantendo-se dissociada da condição de mãe humanizada para viver a mãe arquetípica.

Oitava e nona sessões – inicia a leitura no § 393

Na leitura iniciada nesse dia, Ana fica durante duas sessões.

Ao contatar o que chamou de “*falta de coragem*” para contar, partilhar com alguém o que havia vivido na situação de abuso e tomar consciência da origem de sua gastrite, que a faz sofrer até hoje, busca dar a si própria a oportunidade para mudar e anuncia ingrediente importante nesse processo bastante difícil: precisa se sentir protegida; mas é proteção que vai lentamente construindo, deixando de buscá-la fora, para conseguir se sentir protegida por si mesma. Ao mesmo tempo, evoca coragem para se perguntar por que precisou guardar esse segredo, por que continua guardando seus sentimentos, afetos, raiva, o que é, e o que pensa.

Em sua textualização, Ana escreve nova parte de sua história: consegue falar sobre o abuso, dizer ao tio que ele não abusará mais dela, posicionar-se em relação aos pais, visualizar a possibilidade e oportunidade de se libertar do aprisionamento da culpa e da vivência da violência.

O sentimento que prevalece em relação a si mesma é de vida perdida: continua se sentindo abusada em diversas situações, ora pelo marido, ora pelo filho, ora pelas prisões nas quais está fixada. Na relação com o marido, sente-se pressionada para ser de determinada maneira, suas falas, forma de se manifestar, são registradas para serem usadas contra ela mesma posteriormente. Posiciona-se em relação a esse abuso. Esse momento de consciência é importante. Sente-se segura para enfrentar o marido sem agredi-lo, tendo liberdade para questionar sua postura na relação com ela.

Assume um desejo seu: ter uma família na qual não se anule. Mas é difícil mudar. Apesar de tentar sair de sua sina, anuncia que “*toda mãe age igual*” (*sic*) (tomada pela mãe arquetípica, manifesta tentativas de integrá-la). (§ 486)

Décima sessão – inicia a leitura no § 487

Ana se percebe fragmentada, vive pela metade, quer falar de si, anuncia, mas recua, não consegue expor o que a angustia. Partindo dessa narrativa

inicial, traz novamente a necessidade de proteção por parte da mãe, de ser defendida, e o medo de que isso não acontecesse, porque esse é o sentimento que carrega em função das vivências anteriores.

O que seria transformador?, questiona Ana. Contar traria que tipos de sentimentos? Há uma consciência de que a mudança não vem com a mera denúncia, da culpa alimentada por ela mesma; correria o risco de cair em descrença, ou de ser vitimizada – o suposto prazer e a suposta cumplicidade. Elenca possibilidades de novo comportamento, que a princípio é buscado nos sonhos que ficaram para trás, o que também a leva a reconhecer do que gosta, como gosta, o nível de insatisfação com sua vida e suas coisas.

O sentimento constante de rejeição ganha espaço nessa nova narrativa de Ana, uma rejeição que, apoiando-se em sua impotência, incapacidade de amar e ser amada, de ser mãe, dona de casa, procura formas mágicas de resolução de seus conflitos.

O olhar para o marido ganha a consciência da inveja por ele ser bom e gostar do que faz, e Ana entende que não precisa ser igual. Tenta construir uma narrativa que se diferencie, que permita a ela fazer parte, estar junto de quem gosta, mas ser quem ela é, não mais se anular, nem tentar atender a demanda dos que estão junto dela.

Ana, que carregava a vivência de “Pedro Pedreiro”, ganha um pouco de movimento, superando a costumeira espera. Sua fala fica mais reflexiva e tem pressa. Há um tempo que se esgota para que ela possa expressar o que sente por seu marido. O casamento não vai bem, mas ela faz, nessa nova narrativa, a tentativa de enamoramento consigo mesma. Quer encontrar motivos pelos quais deveria orgulhar-se, para conseguir olhar para o marido e enxergá-lo além de suas projeções. “*Não há mais tempo para esperar, nem para errar*”, diz Ana.

Busca orientação profissional, quer encontrar algo em que se sinta bem. Superar o medo de correr o risco de se reconhecer nessa nova possibilidade e parar de mentir para si mesma.

11º sessão – inicia a leitura no § 574

Ana retoma, na primeira textualização: o conflito entre contar ou não contar para seu marido sobre o abuso.

Reforça a segurança que sente no vínculo terapêutico, um *ábaton* seguro para que ela pudesse então ali depositar seu segredo, em seguida, questiona a relação que tem com o marido, que não a faz se sentir segura ou acolhida para expor algo tão íntimo e importante.

Retoma a relação que manteve com o tio abusador durante tantos anos. Submete-se à sua chefia. Surpreende-se ao constatar que, quando precisa de ajuda, pede a esse mesmo tio. Na relação profissional, buscava mostrar quão competente era. Tinha medo de ser julgada.

Esse tipo de vínculo, Ana reconhece também na relação com o marido: compete com ele, busca aprovação, tenta se enquadrar em suas expectativas e sente-se indiferenciada.

O tema do casamento ganha espaço e com ele sua dificuldade em não se fixar em situações já vividas, em ouvir o outro sem agredir, conviver com o diferente, a passividade, a diferença entre brigar e conversar.

12º sessão – inicia a leitura no § 623

Ana sente-se confusa, desprovida da capacidade de ter uma vida diferente, sem laços familiares onde se sinta segura.

Lendo sua textualização, quase não conseguiu falar. A fixação que vive nesse seu complexo a deixou imobilizada, presa ao texto, como está presa a essas questões. Leu, releu, leu novamente, várias vezes, durante toda a sessão.

Como a criança que assiste inúmeras vezes ao mesmo filme, reproduzindo as falas já decoradas, assim foi Ana nesse momento de seu processo. Será essa sua forma de introjetar sua vivência de abuso e sentimento de inoperância, impotência para si mesma? De elaborar? De expurgar a dor? Olhar para um aspecto de si mesma, como se fosse uma personagem dessa história? Reconhecer o que ela se tornou? E sentir-se livre para abrir outras possibilidades? Creio que sim.

13º sessão – inicia a leitura no § 626

A vida sexual melhora à medida que expurga os fantasmas, diz Ana, que identifica seu marido como uma pessoa oposta à forma de ser do tio: menos agressivo, menos machista, mais delicado.

Lê em si mesma a dificuldade de identificar seus sentimentos, inclusive em relação ao tio abusador. Não sabe o que sente. Há certa anestesia, ou aparente anestesia, que perdura em sua sessão: mais uma vez lê, relê, lê novamente, e uma vez mais. Luta para reescrever sua história, sua narrativa, enquanto reconhece e tenta fugir das manipulações do filho, das quais também estava prisioneira.

14º sessão – inicia a leitura no § 634

A relação com o tio abusador é lida novamente por outros aspectos, colocando-a na posição de alguém que não reage às ações dele, porque não consegue referendar os próprios sentimentos.

A busca do que fazer com o que o tio leva Ana a pedir ajuda e olhar para o vínculo terapêutico na relação transferencial. Solicita segurança para encontrar seus parâmetros, suas referências, do que é saudável para ela.

Na compreensão de relativizar o abuso sofrido, surge sua culpa e o sofrimento advindo com ela, por não ter contado aos pais. Atribui a culpa a eles pela primeira vez, por não terem lhe dado a segurança necessária para que pudesse confiar. Deixa o desejo de resolução mágica para trás, e evoca nela mesma os recursos para resolver seus conflitos. Não aceita permanecer como está, entra em contato com suas angústias, olha para si, toma consciência da ansiedade, tensão, do desejo que as pessoas fossem iguais a ela para não precisar conviver com as diferenças.

Distancia-se um pouco da sua textualização, são sete meses de contato direto com ela, com essa forma de ser, seu personagem-narrativa-texto sendo relido, visto e revisto. Evoca o medo da solidão para sua narrativa, o que a leva a anular-se no casamento e a mimar o filho. Reconhece a forma de funcionamento, de ser no mundo, própria do marido que tem, não sendo responsabilidade dela todas as situações de conflito e dificuldades do

casamento e se pergunta para que serve o casamento quando continua se sentindo sozinha.

Busca ampliar as possibilidades para sua vida, como teria sido se não tivesse vivido isso com o tio. O estabelecimento de hipóteses oferece a Ana um olhar mais fluido, com possibilidades mais criativas.

15° sessão – inicia a leitura no § 712

Ao se reler, Ana parte da fantasia que tem, da fantasia de si como dona de casa. Olha para essa interioridade invocando o curador-ferido. Sim, é possível cuidar de si sem responsabilizar o outro, e Ana percebe isso.

Narra a necessidade e a constatação de um movimento de introversão, identifica algumas projeções, a dificuldade que sente em se expressar de forma que seu interlocutor compreenda o que queira dizer, reconhecendo-se por vezes como uma pessoa passiva e espectadora de si mesma, aumenta seu nível de exigência em relação à própria vida.

A dificuldade na relação com seus afetos está presente. Não encontra satisfação nas relações que consegue estabelecer, as discussões carregam aspectos que não são introjetados, nem elaborados, aumentando os conflitos; identifica sua ansiedade, mas não consegue trabalhá-la.

O sentimento de inadequação e dificuldade de diálogo na relação com o marido evidencia-se: falta confiança, exacerbando aspectos de inferioridade. Manifesta o complexo da jovem que foi abusada e permaneceu fixada em suas impossibilidades, impotente, invejosa. Pouco demonstra sentimentos eróticos, mas, sim, ciúmes, rejeição e o estabelecimento de uma série de regras para conter e dar sentido à sua vida. Evidencia-se o descompasso sexual entre o casal.

Na narrativa textualizada de um sonho, Ana enfrenta o tio abusador e abre a possibilidade de ter tido algum prazer na situação de abuso. Arrisca depois do sonho escrever uma nova vida/história. Mas, desprovida de energia para investir nessa casa e cansada, o tio abusador retorna em sua narrativa com abusos verbais.

Esse movimento, que inicialmente manifestava-se de forma urobórica, agora ganha movimento, como numa dança, delicada, cuidadosa e com

encantamento de seus dançarinos, de tentar sair e reentrar. A culpa, o medo e a insegurança por sair do complexo estão bem visíveis nesse momento. É um esforço constante e intenso para atender a essa nova demanda interna.

O medo de o casamento estar escorrendo entre seus dedos faz na narrativa de Ana uma defesa. Traz agressividade, insegurança, ciúmes, brigas, quebra de confiança na relação, impossibilidade de cuidar de sua casa concreta. Ela afasta o afeto com medo de sofrer com sua possível perda. Inicia então uma sequência de narrativas de como se sente: uma criança com pouca habilidade para o desenho, mas com uma imagem internalizada que gostaria de externar. Arrisca uma garatuja de si mesma, debruçando sobre ela para tentar descobrir do que gosta e se surpreende que o marido não a abandona por isso. Re-conhece a transformação a que estava se submetendo, transformando-se no que compunha o imaginário do marido.

Nem todos os problemas são dela ou provocados por ela.

Nos parágrafos 807 a 810, Ana narra a vinculação entre o texto e sua vida, onde os problemas afinal estão localizados. Há ganho significativo de consciência.

- 807 - Fico pensando que preciso acabar logo a leitura desse meu texto porque quem sabe daí não vou perceber que todos os meus problemas acabaram.
- 808 - Estou com preguiça ... falta de ânimo ... falta vontade de viver e por isso vou tocando levando a vida ... não sei porque isso mas tem umas três ou quatro semanas e é de antes mesmo do Chico ameaçar separar-se de mim ... não estamos brigados nem nada.
- 809 - Não sei se estou feliz ... não sei como estou ... mas sempre acho que falta alguma coisa o que me leva a pensar que isso é normal. Já estou acostumada com o fato de sentir que falta alguma coisa que já não estranho quando estou meio pra baixo ... sou um poço sem fundo.
- 810 - Nunca consigo alguma coisa que me satisfaça e sempre estou buscando outra coisa ... sempre está sempre faltando alguma coisa mas quando eu conseguir abrir minha boca e dizer assim "me encontrei" acho que tudo isso some ... não é uma insatisfação em relação ao casamento ... é como se eu estivesse procurando me sentir feliz com alguma coisa ... me entusiasmar por alguma coisa ... tem horas que não dá para explicar ... não consigo saber o que está faltando ... a motivação ... sentia vontade de mudar para minha casa ... mudei mas não era isso que faltava na minha vida e de certa forma sabia disso ... achava que mudando para minha casa uma parte das coisas se resolveriam mas sinto que falta alguma outra coisa ... não sei o que mas percebi que quero tudo prontinho ... como se quisesse

uma fórmula mágica que dissesse para mim: “olha Ana é isso aqui que está faltando na tua vida” ... estou procurando.

Ana continua sua narrativa se perguntando como é possível ser feliz, sendo como ela é, respeitando a si própria. Como viver essa possibilidade?

16º sessão – inicia a leitura no § 827

Ana está lendo um livro: *Só o amor é real*. A partir da leitura, comenta que as pessoas melhoram depois que falam de seus traumas. Apoia-se na leitura e reforça a crença em si mesma de que à medida que fala sobre o que a aflige, ela também conseguirá mudar. Tem feito isso no espaço analítico, com a irmã, e se questiona de forma intensa se deveria relatar o abuso aos pais, mas tem receio de se sentir sozinha com sua dor, perdendo a relação que hoje consegue ter com a família.

Identifica que na desarmonia de sua casa não há espaço para mudanças. Tenta diminuir as ameaças do término de seu casamento, estabelecendo outras narrativas para si, na relação com o filho e na reconstituição da relação com a irmã.

Nos parágrafos 847 e 848, narra o desejado encontro com a irmã para conversarem sobre o abuso sofrido, evidenciando-se a vergonha, o desconhecimento e a dificuldade em ambas se acreditarem. Aliás, o tema da credibilidade é antigo em suas narrativas: não podia contar com a mãe para isso; talvez com o pai, mas não com certeza. Reconhece-se como desprovida de mãe e pai. Falta-lhe uma vivência amorosa e segura.

O contato com a irmã abre a consciência de que não pode mudar o que passou, não pode voltar atrás, mas pode mudar o que vem pela frente. Não há volta no tempo, mas a construção de um novo capítulo (§ 853).

Ainda nos parágrafos 854 e 855, Ana narra a busca, o caminho, para chegar a si mesma.

Apesar de alimentar um sentimento de culpa por se sentir mais feliz que a irmã, sinaliza a tentativa de deixar a vida seguir seu fluxo, tentando não mais controlar o futuro, mas interagir com suas possibilidades atuais.

Na permissão da possibilidade de vivenciar a raiva sentida pelo tio abusador, Ana busca encontrar uma forma na narrativa textualizada de deixar

para trás a vivência vitimizadora que perpassa sua vida, tentando sair da proibição do “contar” para o “ter que contar”. Ambos são obrigações, nas duas situações não está livre, continua aprisionada.

Da relação parental, retira o modelo de marido para si, do desejo de ser valorizada como mulher, mas está distante de uma relação horizontal de alteridade.

Reconhece o desejo de vingança em relação ao tio, mas não consegue agir movida por esses instintos.

17º sessão – inicia a leitura no § 901

Neste dia, Ana inicia a leitura fazendo referência à vida que tem hoje, à necessidade de mudança que, cada vez mais, surge como algo absolutamente iminente, à oportunidade de aprender junto com seu filho na vivência da maternidade.

A leitura da sua narrativa evoca em Ana a consciência de que fala do filho para falar dela; identifica-se com o papel de filha, com as dificuldades em deixar a casa da mãe mesmo não morando mais lá.

No § 919, podemos observar Ana escrevendo uma nova possibilidade para ela, nova história, retomando a forma como o abuso se deu, representando para ela a busca de resgate de sua dignidade, creditando a si mesma.

Um pouco mais adiante, no § 921, Ana narra com isenção de culpa; tenta escrever uma nova posição para ela no abuso sofrido. Luta consigo mesma para isso, enfrentando suas dificuldades, o que quer, não mentindo para si mesma. Busca um caminho para enfrentar o medo da rejeição. Arrisca um sonho próprio.

No § 929, através de sua narrativa, toma as rédeas da vida nas mãos, sem o pensamento mágico constante. Arrisca ser como é, como deseja. Em seguida, no § 930, narra sua insegurança, sua humanidade, mas... segue em frente.

Ana amplia suas possibilidades na narrativa textualizada e traz o filme *O sexto sentido*, para falar da relação terapêutica, e, emocionalmente mais segura, percebe que o que viveu não deixará de fazer parte dela, e que poderia também não impedi-la de seguir adiante. O medo está lá, mas já não é maior que ela ou das possibilidades que sua narrativa consegue reconhecer. Os

fantasmas sempre estarão em torno, mas cabe a ela determinar onde eles devem permanecer. Não é o psicólogo que resolverá seus problemas, mas ela e sua narrativa devem buscar isso: localizar em si mesma a potencialidade para tal.

Atribui ao analista o papel de quem faz ressonância à sua narrativa textualizada, reconhecendo que fala ao analista para que ela própria possa se ouvir.

No § 939, Ana fala do vínculo terapêutico, da vivência do curador ferido. Essa narrativa evoca esperança em si, na relação com a irmã e no casamento. Emerge uma moça mais leve, uma menina-mulher, meiga e doce como ela mesma narra.

Ainda nos parágrafos de 948 a 952, Ana anuncia a superação de seu eutexto de sua narrativa textualizada. A leitura deixa de ser necessária, importante; ela já escreve outra textualização.

Podemos observar um movimento bastante rico de Ana, pois à medida que fala sobre o método utilizado aqui, tentando entender o que aconteceu, surge o medo de uma possível gravidez, o medo de ser novamente abandonada, apontando para a dificuldade de romper com a própria sina e o receio do término de análise.

O risco de sua história se repetir está aí para lembrá-la – e a nós – de que a vida sempre segue em frente, com os fantasmas presentes, mesmo que em seus lugares; uma vida cheia de armadilhas onde a consciência e a possibilidade de mudanças numa nova narrativa textualizada estão em nossas mãos e são efetivamente a única coisa que temos.

A seguir, no § 977, Ana narra a consciência da sina e sua capacidade de reescrevê-la. Ela sabe que sua história não será a mesma.

18º sessão – finalizando no § 984

Neste dia, Ana chega para à sessão, olha para a textualização, mexe, vira as páginas do texto, como num ritual de desligamento, e diz que não precisa mais continuar sua leitura. Estava tranquila e segura e diz que aquela narrativa para ela havia sido superada.

“Somos a memória que temos e responsabilidade que assumimos. Sem memória não existimos, sem responsabilidade talvez não mereçamos existir.”

Saramago



<http://a6.idata.over-blog.com/490x600/1/14/42/38/Peintures/Vermeer-La-dentelliere.jpg>

10.05.2010

6. ANOTAÇÕES DAS IMPRESSÕES DA VIVÊNCIA DE UM MÉTODO

Neste capítulo, narro minhas impressões, meus registros, ao longo do desenvolvimento deste trabalho de Psicologia Analítica Textual com Ana, Tânia e Gabriela.

Creio ser importante registrar que eu, na condição de analista, sinto as ressonâncias dos trabalhos que realizo com meus analisandos e, nesse processo de mútua e constante transformação, silenciosamente, faço minhas narrativas textualizadas.

Trabalhar com a psique é uma forma de me manter em contato comigo mesma. Visitar, transitar por interioridades, intimidades, com profundidades partilhadas e confiança construída a partir do vínculo terapêutico num *ábaton* seguro é privilégio.

Sou grata à confiança que cada analisando depositou no vaso terapêutico, na relação transferencial comigo, permitindo-me partilhar desses processos de análise ao longo dos anos, aos quais busquei retribuir com respeito, ética, competência, inquietude e acolhimento.

Sofro de certo encantamento quando tenho uma pessoa na condição de análise comigo, confiando, permitindo que eu possa também me transformar. Sou feliz por esse ser meu trabalho e grande parte de minha vida.

Em meio à avalanche de histórias, descobertas, inquietações, necessidades, sistematizo o método de forma experimental, que é Analítico e Textual. Desde que fiz os primeiros comentários a respeito desse trabalho com colegas e pessoas da área, ou mesmo com amigos, as perguntas primeiras e mais frequentes são: Mas é viável? Quanto tempo leva? E o custo?

A insistência com esses questionamentos me chamou a atenção pela preocupação em relação à aplicabilidade de algo que, ao menos, se sabia a que veio. Houve momentos em que enxergar o método como mercadoria, como custo-benefício, aparentava ser mais importante que o caminho que ele poderia representar. Uma das minhas percepções sobre a vivência do velho sábio é que ele não está preocupado com a utilidade das coisas, mas em saboreá-las à medida que se fazem presentes em sua vida.

Um dos aspectos da proposta da Psicologia Analítica Textual está na insistência em reconhecer e preservar a ética interna na relação consigo próprio e com o outro, à medida que as possibilidades do vir a ser o que se é, é tomada nas mãos pelo analisando.

Tempo: vivemos o tempo da network: tudo instantâneo. Envio um e-mail e em minutos fico à espera de retorno. Posso utilizar comandos para saber se a pessoa a quem enviei a mensagem a recebeu, se tomou ciência; é assim esse novo tempo. Pois bem, a análise não entende esse tempo, ou melhor não pode funcionar dentro dele, ela até vem se apropriando da tecnologia, colocando as máquinas a favor da individuação, do processo de análise, porém no tempo de *kairós* – o tempo do significado.

Como acredito que não seja possível fazer análise com o tempo da network e com a ideia de mercado, arrisquei dar vazão à minha inquietude para buscar respostas compreensíveis e satisfatórias a essa Psicologia Analítica Textual, e poder compreender sua capacidade de corroborar os processos de análise.

Fiquei atenta a quem iria propor este trabalho. Tinha plena consciência da dedicação que precisaria disponibilizar para que fosse viabilizado, ainda mais sendo realizado pela primeira vez.

Embora não tenha computado, creio que durante os dois primeiros anos deste trabalho, quase todo meu tempo de estudo, fora de atendimento, foi depositado em sua construção. Precisei criar intimidade com o gravador e, posteriormente, com programas de voz, gravador digital, transcrição, trabalho braçal mesmo, exigindo cuidado. Mas a decisão estava tomada e não pude negar a mim e aos meus analisandos essa possibilidade.

Dois gravadores em punho para prevenir algum imprevisto. Como no início deste trabalho não havia gravador digital, foi necessário um estoque de fitas k7 para gravação, seguido do desafio de como preservar essas fitas do mofo que a umidade amazônica favorece.

A escolha de Ana para a primeira vivência de Psicologia Analítica Textual foi feita pelo vínculo seguro que tínhamos – um vaso terapêutico forte – e por sentir que havia um segredo que não conseguíamos acessar. Sentia seu processo amarrado, circulávamos em torno, mas não tocávamos.

Desde o primeiro momento em que ela me procurou, estabelecemos, com facilidade, empatia, espaço para o processo transferencial também necessário a esta proposta metodológica. Ela chega, retorna, se prepara, e um ano depois vem para iniciar as sessões semanais, porque seu processo de fato foi iniciado quando me procurou.

Aos três casos relatados aqui, foi comum a propriedade com que o gravador foi tomado literalmente nas mãos por Ana, Tânia e Gabriela. Passou por uma investigação, sendo ligado e desligado. Perguntaram se poderiam começar. Colocam-no no braço da poltrona, bem perto delas, e começam a falar. No caso de Ana, relatando o abuso sexual sofrido na infância. Esse foi um momento enriquecedor de minha vivência analítica, cuja imagem é forte e permanece viva.

Ao terminar a gravação, Ana disse que nunca havia conseguido dizer aquilo antes, que agora, justo com o gravador, ela havia conseguido, como se o gravador a tivesse ajudado a se sentir mais segura, causando-lhe surpresa.

Na vivência de Tânia, também ocorre processo semelhante. Iniciou relatando a lenda que retratava o que ela estava vivendo e não reconhecia como seu. Era bastante difícil compreender a forma como seu casamento estava estruturado, o espaço que ocupava nessa relação e que a afligia, impedindo-a de se desenvolver. Estava acuada, com medo. Vivia um processo de anulação e sentia dificuldade em identificar seus sentimentos, seja de amor, seja de ódio, e conectar-se com eles. Iniciar seu relato pela fábula foi a maneira criativa que a psique encontrou para aproximá-la de si mesma, ganhando consciência.

Tânia continua sua textualização sempre falando a partir das projeções. Foi delicado e rico o momento em que, lendo a si mesma no eu-texto, fez essa tomada de consciência.

Contar histórias nunca esteve presente na análise de Tânia, não era forma comum de se expressar. Não nutria a crença de que seria capaz de gerar coisas novas e boas. Havia passado a maior parte da vida precisando lutar pela sobrevivência física, onde o lúdico não tinha muito espaço.

Suas impotência e impossibilidade de mudança são anunciadas no contato com a textualização: não iria tocar em nada, deixaria tudo como estava. Não tinha fé em si mesma.

Nas duas vivências, há uma escolha pelo inconsciente de algo que está para ser dito, latente na possibilidade da narrativa a ser textualizada e do analisando poder manuseá-la, recontar a própria história, como um ato de coragem ficando em contato consigo mesmo.

A maneira como cada analisando lidou com a textualização, com o texto de forma concreta, também é material de análise: emocionando-se, tendo dificuldades para fazer a leitura, surpreendendo-se, demonstrando crença de que a finalização do trabalho com a textualização traria mudanças para sua vida. Apenas registramos essas manifestações como conteúdo importante, trabalhando-as nos processos individuais. O texto passa a ter vida própria e a contribuir para a vida do analisando.

Ao longo do processo, os analisandos ficaram muito à vontade com a proposta do método, e com os novos instrumentos, como gravador e texto.

Na condição de analista, trabalhar com a transcrição, a textualização e a transcrição, deixava-me bastante mobilizada, identificando contratransferencialmente meu desejo de reescrever a textualização, a “torcida” para que a pontuação no texto pudesse estar de outra forma, a multiplicidade de olhares que poderia fazer ali com a textualização, ou, ainda, a dificuldade provocada por uma atitude defensiva de trabalhar em alguns momentos determinados trechos. Nesse trabalho que exige leitura e releitura, fui abrindo as possibilidades de leitura simbólica, tornando muito mais ricos e múltiplos meus olhares.

O contato com o texto nas sessões reafirmava para mim a riqueza que cada uma dessas pessoas vivenciou: tomar a si mesma nas mãos, com autonomia e propriedade, reinventando sua história de vida.

Hoje não tenho mais contato analítico com nenhuma dessas analisandas, mas nas ocasiões que voltei a me debruçar sobre o trabalho realizado com elas, buscando compreender os desdobramentos teóricos, principalmente o de Ana, que optei por descrever com mais detalhes, sincronicamente a encontrava em algum lugar na cidade. Encontros sempre permeados de afeto, numa relação de igualdade, de alguém que transcendeu seu próprio eu-texto, como disse ela ao término da leitura da textualização. Autonomia de si mesma, relação horizontal

na relação analista-analisanda, característica importante emergida nesse processo.

Quando Ana sentiu que precisava terminar a leitura de sua textualização para mudar sua vida e, posteriormente, entendeu que o texto estava dentro dela, percebeu que, era autônoma, constituindo, assim, um texto repleto de lembranças (o que vem de baixo, do mundo dos inferos de cada interioridade) que compõem uma história de um personagem de si mesma. À medida que ouvia sua narrativa e a alterava com suas possibilidades, novos personagens surgiam.

Já nas primeiras narrativas de Ana, sua postura física, autonomia, segurança sobre o que e comoalaria foi compondo um personagem diferente do apresentado até aquele momento na análise. De vítima das circunstâncias da vida, Ana compôs uma guerreira, evocou a heroína para enfrentar a confissão que estava prestes a fazer.

A identificação de um possível prazer na relação mantida com o tio, o desejo proibido pelo primo, a culpa pela relação de irmandade que não foi vivida, sua rigidez como forma de se sentir segura, o aprisionamento na relação parental, conforme essas reflexões iam se dando, Ana surgia com mudanças físicas: o cabelo mais leve rompendo o compromisso do relacionamento anterior, a mudança de óculos, antes pesados, imensos escondendo seu rosto delicado, a forma de se vestir, ficando mais adequada com a idade atual e não tão envelhecida.

Nesse processo, surge uma Ana com sensualidade fluida e segura, menos tomada pelo medo e pela necessidade de limpeza excessiva.

Toda a dinâmica da sessão é alterada. O calor da nova forma de trabalho é potencializado pelo ar-condicionado desligado, para que pudéssemos garantir um som melhor, mais nítido.

Em uma sessão de leitura de seu eu-texto, Ana entra, cumprimenta, falante, senta na cadeira à minha frente e pergunta: “*Cadê eu?*”, referindo-se à sua textualização que não havia visto ao meu lado, já que havia optado por deixá-la guardado comigo ao longo do processo. Nesse mesmo dia, Ana interrompe a leitura e diz que não imaginava que fosse da maneira como se lê na textualização, com tanta dificuldade em falar de si, precisando agradar os outros, não conseguindo expressar o que sente e como sente. Presenciamos a identificação de Ana com seu próprio texto, o reconhecimento da persona.

Durante as sessões de gravação, Ana cuida do horário. Estabelece o compromisso com ela mesma de tentar selecionar o que trabalhar nessas gravações. Iniciada a leitura do texto, Ana, à medida que vai tomando consciência de seus padrões de funcionamento, tenta avançar para criar nova forma de viver, alimentando a expectativa do que ocorreria ao final.

Enquanto a leitura segue, Ana interessa-se pelas outras pessoas que podem ter passado pelas mesmas experiências que ela, diminuindo a sensação de solidão e culpa. Revisão de valores, desejo de mudança permeada por medo, construção de sonhos para o casal, tudo isso trouxe humor à forma de expressão de Ana.

A intimidade com o eu-texto foi lhe possibilitando fazer alterações em sua fala textualizada, principalmente à medida que seguia na leitura do texto, se reconhecia nele, mas não havia mais a mesma empatia do período em que fez o relato. Ana dizia que antes sentia aquilo mesmo, mas agora lendo-se, era diferente, o fato de ter se falado, se lido, trazia uma necessidade de ressignificar o já dito e conhecido.

Ana sentia-se com liberdade para mexer no texto: “isto não é aqui, não existe mais” (*sic*) ou “sinto de outra maneira” (*sic*). Foi experimentando possibilidades narrativas, de vir a ser no texto e na vida.

Por fim, Ana decide o momento de encerrar a leitura de seu texto; ele cumprira sua função e ela não precisava mais dele, já estava escrevendo na vida outra história, nascida não de uma história interpretada, mas manuseada, tomada nas mãos, onde Ana é aprendiz de si mesma.



A autorização de Gabriela

Foi numa manhã de fevereiro, depois de “mexer” na textualização de Gabriela, estava protelando para ligar e pedir sua autorização para o uso de seu material.

Afinal, fazia quase seis anos desde o encerramento da análise. O número de telefone ainda seria o mesmo? Falar de um assunto delicado, como esse, exige cuidados, por onde começar? Confiei na relação que havíamos estabelecido, a ponto de já estar trabalhando em sua textualização.

O telefone toca, uma mulher atende e a reconheço. Ao me identificar, sou imediatamente reconhecida e o tom da voz tem a mesma delicadeza da pessoa que há anos não via.

Ela estava pontualmente à minha espera no mesmo dia à tarde. Na sala de espera, uma mulher bonita, cheia de vida. Nosso cumprimento é afetuoso e alegre. Tenho a impressão de que ela sabia o que a trazia ali naquele momento. A sensação é que havíamos nos encontrado ali mesmo na semana anterior, tal a proximidade e intimidade.

Vou direto ao assunto. Conto do meu interesse em apresentar o método de Psicologia Analítica Textual e pergunto se ela lembra da textualização que fez. O sorriso de Gabriela se abre: *“Ah sim, claro, como posso esquecer?!”* (sic). Falamos com ânimo do trabalho, das dificuldades que ficaram para trás, e do que ela se despediu há tantos anos. Suas falas, seu jeito, sorriso e dores estão vivos em minha memória, uma memória presente na pessoa que tinha à minha frente.

Hoje, Gabriela está realizando um trabalho de muita importância para ela, com desdobramento social, um projeto antigo seu, que o pânico impedia. Ao encerrar nosso encontro, já em pé, com os olhos cheios de narrativas, diz que sempre quis poder transformar sua doença e seu sofrimento em algo para outras pessoas, mas nunca soube como e, naquele momento, percebia que se sua história pudesse, de alguma maneira, fazer algo para outra pessoa, ela se sentiria lisonjeada pela escolha. Sem dúvida, eu poderia contar com ela.

Combinamos que iria lhe entregar uma nova cópia de sua textualização já que gostaria de revê-la. Ainda saindo, Gabriela fala que existem muitas feridas que não se curam, que as pessoas precisam delas para viver... A dela não era visível e tinha se dissipado, deixando-a livre.

“Tentei não dizer nada na vida que envergonhasse a criança que fui.”

Saramago



Moça com brinco de pérola

http://api.ning.com/files/CZWTRkJcGY1xK9nCYbgHPURJSYUBzpZwrB99iDghRD2F-U*FAn672bO71RXy3GwPZq2EJFMUEuCOIV0RZF0zvifJcYLtgWym/moacombrincodeprola.jpg

em 10.05.2010

7. NARRATIVA TEXTUAL FINAL

Para finalizar... lembro do início, tão distante e tão próximo ao mesmo tempo.

Quando iniciei minha formação de analista junguiana na SBPA, dizia a meus amigos que estava em estado de graça. Tempo muito bom de vivências intensas, profundas e, como cabe ao que nos transforma, de alegria, prazer e dor. Meu marido e companheiro “fez formação comigo”, desde a preparação para a seleção até o último momento, de forma muito íntima e profunda. Também estiveram comigo ao longo destes anos o GPA – Grupo de Psicologia Analítica de Porto Velho, o taxista sr. Passos, meus bons amigos – aos quais sou grata por tê-los, com eles brindo a Alegria de Existir, meus analisandos, cada um à sua maneira.

Mesmo nesta última atividade da formação, posso continuar dizendo que fui acompanhada pela Graça. Tomara venham uma e mais uma, e muitas turmas de “não residentes”. Em um show há alguns anos atrás, Sivuca e Hermeto diziam que eles só não incomodavam ainda mais porque eram poucos. Meu desejo realmente é de que possamos ser muitos.

Partilho o relato do trabalhar, fruto da minha tentativa de vivência de alteridade, como postula Carlos Byington (2008), em meu texto, meus intertextos, minha narrativa.

Por razões que fui apresentando e discutindo ao longo desta minha textualização, pela experiência pessoal de quem construiu textos analíticos, estou convencida de que essa é uma forma importante e profícua para a análise, dentre outros caminhos que já utilizamos.

Há anos, tenho experienciado diferentes trabalhos pela internet, alguns deles por e-mail, meio em que privilegiamos a escrita. Através dela é possível perceber a dificuldade de tratar um determinado tema, ou a maneira como o processo transferencial se estabelece e o desafio de compreender esse modo de expressão da psique.

Este texto-narrativa-imagem é anárquico, à medida que nos reaproxima com o sentimento, o complexo, a sombra dentro da experiência da

textualização. A capacidade de simbolizar emana do texto, seja nos conteúdos, seja na forma de apresentá-los neste *ábaton* seguro que é o espaço da análise, transformando a difícil e, por vezes, árdua tarefa de ouvir a si próprio e gerando uma solicitação ética consigo mesmo, quando não é mais possível ignorar o sabido.

Ler um texto é voltar-se para sua interioridade. Interajo, e eu e o texto somos um só: desnudamos as fragilidades, dúvidas, alegrias, projetamos nas escolhas feitas para a sua construção, simbolizamos, unimos fragmentos do que nos constitui. O texto sou eu e faz a interface comigo mesma. Entro no texto, amplio, diminuo, me insiro em suas linhas, faço parte de todos os textos possíveis para a psique.

Na narrativa-texto e no processo, é possível reconhecer nossas projeções. O processo transferencial está ali exposto claramente. Empatizamos ou não, empatia com nosso interlocutor, identificamos o estado de humor pela escolha das palavras, a forma de escrita, a cor escolhida para o texto, o tempo de resposta entre os e-mails (lembramos do tempo das correspondências entre Freud e Jung), os aspectos sombrios, quando surge a imensa dificuldade de falar sobre algo, a vergonha da narrativa-texto, as resistências (quando, por exemplo, um e-mail pronto para ser enviado fica por dias, na caixa de saída e a pessoa tem certeza que o enviou), a raiva, o acolhimento... Cada pessoa tem uma forma de estabelecer sua própria narrativa-texto, como temos nossa impressão digital que é única, não conseguimos imitar ou simular.

Como analistas, somos músicos e escritores da alma, nosso desafio não está em fazer amanhecer um novo dia, mas, como disse Hillman. “O que amanhece não é um ‘novo dia’, mas o dia de um novo jeito” (HILLMAN, s/d, p. 10).

Quem sabe esta minha monografia é minha textualização, ou a continuidade de meu memorial; parte de mim.



Concluir algo como a formação, embora absolutamente necessário, não torna a tarefa mais fácil, mas... vamos para a última cena do último ato.

Muitas questões provavelmente surjam, algumas estão aqui elencadas, e as apresento:

Para que serve este método?

Este método tem sido experimentado em situações em que se faz necessário um olhar com certo distanciamento, de tomar nas mãos a própria história. Em processos que sentimos certa estagnação, havendo algo que desejamos trazer à consciência, mas não conseguimos, uma fixação no complexo. Este método pode auxiliar nas situações em que o analisando demonstra desorganização, dificuldade em se discriminar, mergulhando em processos que se estendem. Buscamos extrair um texto da Alma, uma produção da criatividade, permitindo à Alma que fale seu texto.

É possível perceber que situações narradas, muitas vezes, passam despercebidas, enquanto sua textualização ajuda à pessoa a “se dar conta”.

Na narrativa textualizada, é possível perceber que se disse algo que não havia sido percebido, muitas vezes, nem mesmo numa primeira fala. Depois de escrito, é possível se dar conta. Por excelência, os conteúdos saem do inconsciente e vão para a consciência, para o texto, que é espaço e forma da consciência. Esse movimento de extrair a narrativa textualizada do inconsciente e levá-la à consciência é o fator analítico desse método.

Como fala do analisando-ator, no eu-texto, contatamos o que a pessoa pensa que é, na perspectiva da sombra. Reconhecer a persona na textualização é importante. Afinal, o que seria de nós em nossa vida cotidiana sem a persona?

Para que fiz este trabalho?

Fui em busca de ampliar os recursos provenientes da Psicologia Analítica, para sair de engodos vividos por alguns dos meus analisandos, por reconhecer na História Oral a possibilidade de o analisando olhar para si mesmo como um texto e, ao mesmo tempo, estando fora dele. Criando dessa maneira um distanciamento, embora estando dentro dele.

E o processo transferencial? O que fazer?

Como em toda relação analítica, ele está presente e deve ser reconhecido como ocorre habitualmente na análise, durante o processo de transcrição, quando o analista está inserindo as intervenções que fez na narrativa do analisando, ou, ainda, quando é identificado o desejo de que o desenlace de uma determinada situação fosse diferente. É possível reconhecer o desejo de escrever uma outra história, também por parte do analista. Isso reforça a necessidade de que o analista esteja em constante cuidado consigo próprio, para não atuar durante o processo.

O texto pode ser compreendido como um objeto transicional?

Creio que não, pois o texto não é um objeto de intermediação entre o mundo interno e externo, mas a narrativa textualizada traz possibilidades do analisando ser, realizar-se, naquele período de sua vida, com elementos internos e externos, fazendo junções entre eles. Criando um espaço de diálogo consigo mesmo.

O texto é uma criação conjunta entre analisando e analista?

A narrativa textualizada é criação conjunta à medida que toda relação analítica o é. A priori, todo analisando é escolhido por seu analista e a relação exige empatia e vínculo seguro. Nesta proposta metodológica, ao criar um texto, trabalhamos com a apresentação e o desenvolvimento de um dos personagens possíveis na história de vida daquela pessoa, que vão ganhando formas, construindo um exercício de pensar em si, como num processo de imaginação ativa, onde tentamos nos olhar para buscar compreensão de onde estão as fixações e os complexos. Buscamos acesso, nessa relação conjunta, ao *imaginal*, onde o complexo é constituído.

O que é Psicologia Analítica Textual? Escrever e-mail para o analista seria parte desse processo?

Como já disse anteriormente, esta é uma proposta em desenvolvimento de um método para mobilizar e ajudar o analisando a se apropriar na relação com sua própria história, das possibilidades dela.

Tendo a oportunidade de narrar a si próprio, sua história, enquanto no ego permanece um conjunto de imaginações, verdades e ilusões, buscamos consolidar o que o inconsciente revela, que, através da narrativa, traz a consciência.

Esta proposta abarca: metalinguagem, literatura, Alma, uma narrativa que textualizada ganha consciência. Baseia-se na elaboração da narrativa textualizada pelo analisando, de modo que narre, escreva, leia, narre novamente a partir do já narrado, transcreva, leia novamente. Como num processo de filtragens, uma após a outra, até chegar (o que é determinado pelo analisando) a um produto que satisfaça, em que de alguma forma sintá-se a Alma contemplada em seu conteúdo.

Depois de coar diversas vezes, “purificando” a narrativa textualizada, buscamos a manifestação da Alma na textualização.

Apropriando-me das imagens alquímicas, ao narrar, o que é narrado carrega significados, a seguir, é transcrito, transcriado e textualizado. Retorna ao analisando, personagem da sua história, é lido, podendo sofrer alterações dependendo do significado e de como é ouvido. Novamente é lido e re-contado, alterando desfechos, no fogo alquímico do cozimento da análise, com os próprios ingredientes (da sua narrativa). Propondo uma analogia, é como preparar um prato que está prestes a ser comido, devorado pelo próprio narrador, que devora e se alimenta da própria narrativa textualizada, num movimento antropofágico, alimento de si mesmo. Alimenta-se do que é, do que consegue e pode produzir em sua textualização e mergulha na imagem ali expressa.

Purificamos a narrativa de todas as coisas que o inconsciente envia, aquilo que, efetivamente, pode ser importante, com a leitura e trabalho na narrativa.

O e-mail escrito para o analista pode ter várias outras funções, mas não é Psicologia Analítica Textual, por si só. Se esse material não passar pelas etapas relatadas acima, pode ser de grande valia, em determinadas situações, as quais creio não serem adequadas a este fórum de discussão, mas não se configura como Psicologia Analítica Textual.

Quanto tempo é preciso dispor para cada analisando na realização desse processo?

Os tempos de evaporação das substâncias são diferentes, para que cheguemos ao que de mais precioso cada analisando possui – si mesmo – sendo necessário trabalhar com tempos diferentes e com resultados também variáveis.

Serão necessárias algumas sessões, até que tenhamos uma narrativa com um ciclo completo, isto é, uma inteireza no narrado. No método convencional de gravação, para cada hora de gravação digital, em média, temos oito horas de transcrição. Essa etapa é seguida de transcrição, que dependerá do tamanho da narrativa textualizada e, por fim, retorna para leitura em sessão, refazendo o processo, que pode ser finalizado na retomada do texto novamente narrado. É possível, ainda, chegar à transcrição, que será lida, ou não, em sessão. O próprio processo analítico dirá quando a narrativa textualizada se esgotou.



Assim, percebo que esta minha narrativa textualizada, chamada monografia, encontrou o momento de ser entregue e dada como finalizada, cumprindo seu papel neste momento.

“Nem a juventude sabe tudo, nem a velhice sabe o que pode.”

Saramago



Sagrada família

http://www.sagradafamilia.tv/rec/images/content/base/odilon_redon_silncio.jpg

em 10.05.2010

8. NARRATIVA DE ANA

Apresento a última textualização de Ana. Os parágrafos que estão grifados, correspondem à primeira narrativa textualizada feita por ela, a partir da qual, quando lida, nasce esta totalidade.

1. Às vezes fico conversando com o Chico ... ele me fala um monte de coisas ... concordo com ele ... sinto como se tomasse consciência das coisas ... sei tudo que está errado mas não consigo dar o passo ... falta algo que não sei o que é ... não consigo saber o que é. Mas acho que quero mudar ... se vim até aqui é porque quero mudar ... mas existe um conflito ... uma parte quer mudar e outra não ... só se for minha parte inconsciente que quer que eu permaneça nessa ... até quando?

2. Lembro bastante da minha infância ... porque vivi bastante ... mais que minha mocidade que cortei rapidamente.

3. Gostava de estudar brincar de esconde-esconde ... com meus primos ... ou com os meninos da rua. Em Santa Catarina brincava com as meninas da vizinhança ... em Campo Grande com os primos.

4. Em Santa Catarina morei em três lugares ... um gostava bastante ... era uma casa na Liberdade ... foi também o local onde nasci ... era uma casa de dois andares ... adorava aquela casa e hoje morro de medo de ter casa de dois andares.

5. Não sei onde adquiri esse medo ... se foi em função dos filmes de terror que assisto ... mas passei a ter medo.

6. Filme de terror com casa de dois andares ... faço essa relação porque normalmente quando se mora numa casa de dois andares e se você está lá em cima ... de repente se escuta um barulho embaixo e não tem noção do que está acontecendo.

7. É como se eu gostasse da minha casa ... que tivesse condições de enxergar tudo ... de ter o controle da situação ... o tal controle da situação e numa casa de dois andares estou lá em cima e não sei o que está acontecendo aqui embaixo. Tenho medo de descer para beber água e me deparar com alguém dentro da minha casa. Gostava da minha casa de dois andares onde morava em Santa Catarina e hoje tenho medo.

8. Quer dizer ... a gente vai mudando ... adorava andar de moto quando era menina ... moça ... da idade do meu filho ... hoje morro de medo. Depois que tive meu filho morro de medo de andar de moto.
9. Fiquei com medo de acontecer alguma coisa comigo e de repente não ter quem dê assistência a ele. Quando sento em cima de uma moto morro de medo ... a impressão que tenho é que um carro vai bater em mim.
10. Não sei muito bem que tipo de assistência posso dar a meu filho que outra pessoa não pode ... talvez cuidar ... dar educação ... concordo que outras pessoas poderiam fazer isso por mim ... mas gostaria de acompanhá-lo até que não sinta mais tanta falta da mamãe.
11. Talvez não tenha segurança na educação que dei a ele ... se tivesse muita confiança talvez garantisse que conseguiria sobreviver sem mim ... mas acho ele muito dependente. Eu o fiz assim ... então acho que depende muito de mim ... é muito pregado comigo ... e se de repente eu faltasse não sei como reagiria. Eduquei errado ... deveria ter educado mais independente ... eduquei como fui: dependente. Agora estou menos dependente da minha mãe ... fiz isso com ele também ... criei muito pregado comigo.
12. Quando era pequena ... se todo mundo saísse para passear eu não saía ... se minha mãe não fosse eu não ia ... sempre fui muito pregada com minha mãe.
13. Morei na Liberdade ... na Travessa dos Estudantes nº 27 ... na Via Bandeirantes. Mas um lugar que lembro bem foi na Liberdade ... acho que é nessa bendita casa de dois andares ... morava meu Tio Gervásio que sempre falo ... hoje está ajudando a arrumar minha casa ... brincava com a gente ... fazia tenda de índio ... casinha de lençóis que pegava do varal ... depois minha mãe brigava ... por que sujávamos os lençóis ... era uma confusão ... foi uma época boa.
14. Nessa casa tinha banheira ... é uma delícia tomar banho na banheira ... quando estava frio ligávamos na água quente ... eu e minha irmã ficávamos lá ... minha mãe batia porque ficávamos o tempo inteiro dentro da banheira ... tinha uma escada ... foi uma época boa da minha vida ... foi dessa escada que descii ribanceira abaixo quando fiquei doente ... acho que tinha dois anos de idade ... minha mãe disse que tive um ataque de bichas ... em função disso tive desidratação e quase morri ... o pessoal olhava para mim e dizia ESSA NÃO SOBREVIVE COITADA ... MAS CÁ ESTOU EU.
15. Lembro de uma vez que joguei uma bola de bilhar branca ... na testa do meu pai coitadinho ... aí meu Deus do céu! Não sei porque fiz mas depois corri ... tinha uma eletrola bem antiga ... me escondi atrás dela com medo dele me bater ... meu pai nunca bateu em mim ... mas a gente fica com medo ... fiz um galão na cabeça dele.

16. Não lembro do dia em que joguei a bola ... sei que vinha correndo e de repente joguei a bola ... não era para acertá-lo ... mas bateu nele. Em função disso fiquei com medo e assustada ... não tinha intenção de acertá-lo ... a gente se assusta porque sabe que dói ... aí me escondi ... sei que ele me procurava ... acho que não ia me bater ... o pai não bate ... não gosta de bater.

17. Quem cuidou mais tempo de mim foi esse meu tio ... saíamos para deixar minha irmã na escola ... na volta ele passava no supermercado e comprava os benditos dos sucrilhos que eu sempre gosto ... íamos comer sucrilhos ... pipoca ... assistir televisão. Mudamos e fomos para a Liberdade ... devia ter coisas de três ou quatro anos:

18. - Como é que a gente lembra de coisas quando se é tão novinha?

19. Na Liberdade eu não tinha quarto ... tinha raiva disso ... minha casa ficava em cima de uma padaria ... porque meu pai sempre teve padaria ... restaurante ... a casa só tinha dois quartos e sempre morou com a gente nossos três tios ... quer dizer eu e minha irmã dormíamos na sala ... devia ser o contrário sempre achei isso algo que me incomodou ... essa época também foi sossegada ... eu não fazia nada ... não estudava ... só sabia brincar e assistir televisão ... minha mãe ajudava meu pai embaixo na padaria ... estávamos sempre ali com eles. Na outra casa ele tinha um restaurante ... era bem mais longe.

20. Meu pai uma vez cortou a mão lavando um copo ... minha mãe começou a ajudá-lo todo dia na padaria ... desde então nunca mais soube trabalhar sozinho ... minha mãe tinha que estar com ele ... foi na casa da Liberdade que cortei meus três dedos da mão ... minha mãe estava no quarto e eu pedi:

21. - Mãe corta laranja para mim?

22. - Vai buscar a faca.

23. Aí correu eu e a minha irmã ... só que minha irmã era maior ... ela correu pegou o cabo da faca ... eu peguei o limo ... ela puxou ... e cortou os três dedos ... acabei não comendo a laranja porque minha mãe enfaixou minha mão e foi correndo para o hospital consertar os dedos ... eu mesma fazia meus curativos ... minha mão ficava toda enfaixada MAS EU FAZIA. Ficou tão feio ... um dedo tem um papinho ... ficou horrível.

24. Não sei porque foi importante que eu mesma fizesse os curativos ... eu era mais autônoma ... não era muito dependente ... gostava de fazer minhas coisas ... sempre gostei muito de ser independente ... acho que depois do meu problema é que virei um pouco mais dependente.

25. Não sei muito bem porque mas acho que é a tal da culpa ... me sentia muito culpada e fui deixando a minha vida ser levada ... é como se não me achasse mais no

direito de exigir coisa alguma ... na época achava que em função do erro que tinha cometido ... não tinha como exigir coisa alguma ... tinha que aceitar o que vinha de cabecinha baixa e agradecer pelo que recebia. Porque as pessoas diziam:

26. - Ah ... você deve agradecer que seu pai não colocou não colocou você para fora de casa.

27. Foi na época que fiquei grávida sozinha ... o comum aqui em Campo Grande era os pais ficarem bravos ... porque as meninas engravidavam sem casar ... ficavam dentro de casa ... os pais colocavam as meninas para fora de casa ... elas iriam ter que tomar conta da vida sozinhas ... numa situação um pouco difícil.

28. Quando falo dos meus problemas falo da gravidez. Divido minha vida em dois períodos: antes e depois dela.

29. É como se eu fosse duas pessoas ... uma até aquela data ... super independente super decidia ... a única indecisão era quanto a minha roupa sempre que ia sair ... nunca sabia com que roupa ir. Quando ia comprar uma roupa se não gostasse não levava ... era um enjoou para levar. Eu só cortava meu cabelo depois daquela fase que decidi que nunca mais ia deixar minha mãe mexer no meu cabelo ... então escolhia meu corte de cabelo ... minhas roupas ... o colégio onde ia estudar ... eu mesma me matriculava comprava meus livros e ia pra aula sozinha.

30. Não tinha essa dependência que hoje meu filho tem ... se é para matricular sou eu que vou comprar a farda ... faço tudo para ele ... e naquela época eu fazia as minhas coisas ... era importante ... era como se eu tomasse conta da minha vida.

31. Depois de uma certa fase achei que não tinha direito de exigir coisa alguma ... as pessoas chegavam e diziam:

32. - Você devia agradecer seu pai por ter aceitado bem ... não te colocou pra fora ... está dando todo apoio.

33. Naquela época não era uma situação normal ficar grávida sozinha ... em função de toda uma confiança que meu pai tinha em mim.

34. O pai do Nando só veio depois ... quer dizer ele tinha pai ... sozinha não fiz ... mas não estava comigo ... enfrentei a situação todinha sozinha ... bem depois é que resolveu assumir o filho.

35. Meu filho nasceu em dezembro ... casei depois em fevereiro. Quando estava com cinco meses ele resolveu largar a outra namorada e ficar comigo de novo ... mas ... eu na minha casa e ele na dele ... não foi aquela coisa de livre e espontânea ... pressão. Não sei o que deu nele ... nunca conversei a respeito.

36. Na época ele tinha vinte e seis anos e eu vinte e dois anos.

37. Hoje consigo compreender que é muito difícil para uma pessoa aos vinte e seis anos descobrir que vai ser pai ... não está preparado nem tinha a intenção de casar ... éramos dois despreparados ... hoje consigo compreendê-lo ... mas na época não ... fiquei aborrecida magoada durante muito tempo ... acho que em função disso também meu casamento não deu certo ... por mais que achasse que gostava dele ... a magoa foi maior e foi matando o que sentia por ele. Sempre me lembrava ... a gente tenta esquecer ... diz que esquece mas não ... pelo menos não eu ... não conseguia esquecer o que ele tinha feito ... sempre pensava em tudo que me disse ... foram coisas horríveis.

38. Que não era o pai do meu filho ... que não estava grávida ... que minha gravidez era psicológica e muitas outras coisas ... sabia que só podia ser ele porque só tinha tido ele ... mas fiquei escutando e quando se é jovem e escuta um negócio desse ... a gente não tem a cabeça muito formada e acho que prejudica um pouco ... dizia a ele:

39. - Como estou grávida psicológica? Bote a mão na minha barriga.

40. Minha barriga estava bem grande. Digo:

41. - Você acha que isso aqui é gravidez psicológica?

42. Ele nunca acreditou ... nunca acreditou em mim ... quando falo com ele digo que a gravidez psicológica já é adolescente.

43. Disse isso por muito tempo depois ... até que o Fernando nasceu e sempre falava que se tivesse dúvidas se o filho era realmente dele:

44. - É só olhar para seu filho que você percebe.

45. Ele pode ter a minha cor ... meu tipo de cabelo mas o físico é todo dele ... tem os traços todos do pai até o comportamento.

46. O pai do Fernando tem um físico muito bonito ... umas pernas bem torneadas um físico bem dividido ... faz musculação ... o físico dele é todo trabalhado ... igual o do Fernando embora não seja trabalhado ... é igualzinho ver um e outro ... o corpo é o mesmo ... só que meu filho é bem mais alta e já ultrapassou o pai ... é um pouco morena ... mais bronzeada chega a ser preta de bronzeada ... o pai dela é índio filho de índio ... mas a mãe é branca tanto quanto eu ... ali o mais claro ficou realmente o Fernando ... meus cunhados são todos black mesmo ... tem o cabelinho tipo o Michel Jackson quando era negro ... que agora é branco ... os tios são todos assim.

47. Hoje falo mais com ele quando meu filho vai pro Rio ... aí ligo ... mas ele não vai todo ano ... o ano passado não foi porque quis viajar comigo ... deixei ... esse ano acho que vai ... porque já está todo animado dizendo que vai ... não forço se quer ir vai ... não quer fica.

48. O pai economicamente ajudou uma única vez de todas que ele foi ... esse ano já falei que só vai se o pai ajudar com a metade ... se não ajudar ele não vai.

49. Ele nunca ajudou ... quando foi embora eu disse que não precisava do dinheiro dele ... mas como um bom pai deveria mandar dinheiro pro filho ... nem por isso falei nada para o Fernando para criar problemas com o pai ... acho que já tem problemas demais por ser filho de pais separados ... ainda ficar falando na orelha dele “teu pai não presta ... teu pai é isso ... teu pai é aquilo” ... não ... deixa ele crescer e descobrir quem é o pai ... ele mesmo tirará suas conclusões não sou eu que vou ficar machucando ... quando falo posso estar ressentida e quando isso acontece nem sempre medimos as palavras ou falamos realmente a verdade.

50. Às vezes quando estamos magoados falamos um bocadinho de coisas e acabamos conturbando a cabeça dele ... quando crescer mais um pouco vai perceber. Hoje se chegasse para mim e perguntasse eu diria ... porque já é adolescente ... esse foi um assunto que nunca gostei de falar ... aliás não gosto dessas coisas particulares e prefiro esquecer ... não quero falar sobre isso e pronto ... tanto que quando voltei do Rio separada minha mãe perguntou:

51. - E aí ... pá ... pá.

52. Eu digo:

53. - Ah não quero falar sobre isso não.

54. E nunca falei ... ficou por isso ... não deu certo ... não deu. Assim como hoje se tenho um problema nunca levo para minha mãe ... para ela está tudo uma maravilha.

55. Nunca falo se estou chateada ... não gosto que fiquem preocupados conosco ... e se ficar levando esses problemas é pior ... deixo pensarem que está bem e pronto. Quando morava com meu ex-marido lá em casa cansei de colocá-lo para fora de casa ... de jogar tudo:

56. - Toma vai se embora.

57. Brigávamos ... brigávamos ... brigávamos ... resolvíamos e eu arrumava tudo no guarda roupa de novo ... era só o trabalho de tirar e pôr. Somos capazes de fazer cada coisa ... mas nunca falei disso para minha mãe.

58. Brigava muito com ele em função das drogas ... nunca gostei que usasse drogas ... não suportava ... quando invoco com uma coisa não tem jeito ... todas as vezes que saía ainda que não fosse fazer aquilo eu achava que ia ... era uma neura ... ele não podia sair de casa que eu já achava que iria fumar ... o pior é que todas as vezes quando voltava tinha mesmo fumado maconha ... e era terrível ... se transformava ... não tinha conversa ... ficava calado e quando íamos falar com ele era estúpido ... terminávamos brigando ... sempre pela mesma coisa ... era um terror.

59. Quando se tem perspectiva de mudança briga e tudo bem ... mas brigávamos sempre pela mesma coisa ... queria que largasse o vício e ele não largava ... minha vida era um inferno ... dizia que desse jeito era melhor ir embora. Tirava a roupa dele todinha ... dizia que não queria mais saber ... era uma brighada ... depois arrumava tudo de novo ... ele prometia que não ia mais ... mentira como sempre ... acabava que eu amolecia e ele ficava.

60. Mas era sempre assim ... ele passava dois três dias uma semana bem ... depois começava tudo de novo. Nossa vida era um inferno ... não tinha jeito ... se fosse hoje jamais entraria numa dessa ... antes de casar não sabia que ele fumava maconha vim saber depois ... se soubesse não teria entrado ... não gostava de pessoas desse tipo e jamais teria me envolvido se soubesse ... sempre me afastei de pessoas que fumavam drogas.

61. De certa forma me sentia enganada ... ele me enganou em várias coisas ... uma que me prometeu amor eterno ... me prometeu ... disse que me adorava ... mas uma pessoa que adora a outra não faz o que ele fez comigo ... pediu para ficar comigo ... quando eu terminava pedia para voltar ... nunca tinha nem transado com ele ... senti que não combinávamos ... e no entanto me deixei ... é como se eu tivesse tido a impressão de tudo ... não é impressão é a sensação de que tudo que aconteceu eu sabia que iria acontecer e não barrei ... fiquei com mais raiva de mim ... senti e não fiz nada para que não acontecesse ... deixei acontecer.

62. Eu previ ... falei para ele que aquilo iria acontecer ... já sabia tudo aquilo ... não sei que jeito ele deu que me enrolou legal ... e eu me deixei ir. Sinto que sou assim ... não tenho firmeza não confio na minha intuição ... como se achasse que tivesse intuído errado ... sendo pessimista ... quem sabe não vai acontecer nada disso ... que estou fantasiando pensando o pior quando pode ser uma coisa boa para mim e estou evitando de acontecer.

63. Me deixei levar ... mas sabendo que iria acontecer da forma como aconteceu ... não sei o que é mas de vez em quando tenho essas coisas ... sinto e elas acontecem exatamente como senti ou como vejo ... não sei se vejo ou se sinto ... mas é como se acontecesse num sonho e depois só vou vendo se concretizarem ... só fiquei vendo e não fiz nada ... não dei um passo para reverter ... talvez tenha ficado mais chateada comigo mesma em função disso ... nem tanto com ele ... mas por ter sido muito burra ... me julgava tão esperta e cai numa situação dessa.

64. Acho que dali para cá é que passei a não gostar mais de mim ... porque fui uma burra ... acreditar nas besteiradas dele ... acreditei que ele era estéril ... como é que uma pessoa como eu fui naquela ... não consigo me perdoar ... cair numa idiotice

daquela. Tem coisas que faço e depois não acredito que fiz ... essa foi uma ... como é que vou acreditar que uma pessoa é estéril sendo que não nem é uma pessoa séria para dizer isso ... mas acreditei ... inocência ... burrice ... mas acreditei.

65. Aí estou no que estou hoje ... perdida ... sem rumo ... sem vontade própria ... sem decisão ... sou tão indecisa ... que não consigo nem decidir o que quero comer amanhã ... é terrível ... vamos comprar carne e fico na dúvida se é melhor isso ou aquilo ... são coisas bestas mas não consigo decidir ... sou assim.

66. No meu tempo ... no tempo em que me considerava uma pessoa decidida ... chegava e dizia quero isso assim assim assim e pronto ... desse no que desse ... se desse bom ou ruim eu arriscava mais ... hoje não arrisco mais porque tenho medo de errar ... passei a ter medo de errar ... antes não tinha talvez porque nunca tenha errado ... considero o que fiz um erro ... coloquei na minha cabeça que aquilo foi um erro e passei a não mais confiar nas minhas decisões porque errei. Tenho medo de errar ... constantemente ... errar para mim é um Deus nos acuda ... por isso fico sempre em cima do muro ... não pulo nem para um lado nem para o outro ... fico ali ... só que não posso passar minha vida inteira em cima do muro ... tenho que ir para algum lugar ... sei disso mas não faço nada. Outro dia o Francisco disse:

67. - A Bete jamais vai curar você.

68. Eu disse:

69. - É verdade.

70. Ele disse:

71. - É ... não que ela não tenha capacidade de lhe curar ... é porque você não quer se curar. Se você não estiver aberta para fazer o que tem que ser feito ... a Bete vai ficar mil anos com você e você vai permanecer na mesma. É você que tem que dar o passo para frente ... que tem que fazer as coisas ... não adianta tomar consciência das coisas mas não dar nenhum passo ... assim você vai morrer lá com ela ... ela não vai dar jeito em você ... é você que tem que dar jeito.

72. Às vezes fico conversando com ele que me fala um monte de coisas ... concordo ... as vezes sinto como se tomasse consciência das coisas ... sei tudo que está errado mas não consigo dar o passo ... falta algo que não sei o que é ... acho que quero mudar ... se vim até aqui é porque quero mudar ... mas existe um conflito ... uma parte quer mudar e outra não ... só se for minha parte inconsciente que não quer mudar ... quer que eu permaneça nessa ... até quando?

73. Quando tenho que fazer algo que não estou disposta ... xingo esperneio digo que não ... depois que xinguei tudo e me acalmei por dentro ... aí vou fazer ... mas

quando digo não ... fico com um peso tão grande ... não sei o que acontece ... se fosse só com relação a minha família até conseguiria compreender ... mas não é.

74. Um dia desses quase que dei um muro nas fusas da minha sogra ... fiquei nervosa ... deu vontade de dar uma respostona ... mas ao mesmo tempo não dei ... fico esperando o Chico se posicionar e ele não se posiciona.

75. A conversa era com nós quatro ... porque estávamos sentados ... o Chico falou:

76. - Vamos Ana que ainda tenho que catar o coco do cachorro.

77. A filha dele olhou e disse:

78. - É você que cata?

79. Ele respondeu:

80. - Sou.

81. Na maior normalidade ... mas a mãe dele já ...

82. - É você que cata? Porque não revessa ... um dia ele um dia você um dia o Fernando?

83. Aquilo me subiu um ódio tão medonho ... fui brigar ... e disse:

84. - Não Dona Clarice ... ele é exagerado eu também cato ... até a semana passada só quem catava era eu.

85. Queria que ele falasse mas não falou ... evitaria minha raiva ... queria que ele dissesse:

86. - Enquanto eu faço isso a Ana faz outra coisa.

87. Aquela mulher acha que o Chico é um capacho lá em casa. Depois morro de raiva.

88. Sei que acabei agindo contra o Chico ... sei que não é preciso dizer tudo mas como não me irritar com isso?

89. Não entendo porque ela precisa falar essas coisas ... não pode ficar calada ... nunca aprendeu a dividir serviço dentro de casa?

90. Será que tenho que escutar e ficar caladinha? Não sei fazer isso ... não adianta. Não sei ignorar ... ou devo fazer de conta que não ouço este tipo de comentário? Sei que o problema é meu e dele ... o grande espertalhão na verdade é ele ... penso que vou levar muitos anos para conseguir entender isso ... porque uma mãe velha chata daquele jeito pelo amor de Deus.

91. Foi nessa época que descobri que Papai Noel não existia ... mamãe dizia que o Papai Noel ia deixar o presente de madrugada ... como era muito sem vergonha ... fiquei a noite inteirinha acordada ... a gente dormia na sala e o Papai Noel ia lá deixar

o presente ... quando vi mamãe colocando o presente ... descobri que Papai Noel não existia ... devia ter uns cinco anos ... perdeu o encanto.

92. Nossa ... que pessoa confusa sou ... minha Nossa Senhora! Não tenho seqüência ordem no que falo e não falo claramente ... começo a falar uma coisa e daqui a pouco estou em outra completamente diferente do assunto que estou tratando. Lendo o texto prestei atenção nisso.

93. Falei da existência desse meu texto para o Chico ... ele perguntou se poderia ler ... mas falei:

94. - Não ... qualquer hora dessa dou para você ler ... agora não posso ... mas se der para ele ler vai me achar a pessoa mais confusa ... se bem que já acha ... ele disse:

95. - Será que você consegue terminar um assunto que começou e que nunca termina?

96. Toda vez que falo alguma coisa ... ele diz:

97. - Se você conseguir expor seu problema ... seu ponto de vista estou aqui para ouvir.

98. Mas nunca termino ... assisti a entrevista do Gabriel o Pensador com a Marília Gabriela ... achei-o um tanto quanto parecido comigo para colocar as coisas ... sempre quando ela perguntava a respeito do que ele sente ... do como enxerga algo ... ele enrolava enrolava enrolava e não dizia quase nada ... era muito difícil para se colocar.

99. É a mesma dificuldade que tenho ... toda vez que vou falar de meus sentimentos de como sou ... nunca consigo me posicionar ... nem para um lado nem para outro. Falo muito enrolado ... esse meu texto está um caos medonho ... Deus me livre de eu pegar uma pessoa ... e o engraçado é que só consegui enxergar isso agora ... lendo isso aqui ... na textualização ... nunca me achei tão complicada para falar ... mas vejo que sou ... como é que posso ser professora nesse jeito ... se para explicar uma coisa dou voltas e voltas ... os alunos iriam me matar.

100. Perceber o quanto sou enrolada não sei se é uma grande coisa ... tudo meu é assim ... essa falta de término ... não dou fim a uma coisa não vou até o final ... simplesmente largo no esquecimento e deixo que o tempo resolva por mim ... acho que sou e me vejo assim como na maioria das coisas que faço e nas minhas relações ... não faço nada para melhorar ... deixo que o tempo resolva e de fato com o tempo se resolve ... se não dou uma solução o tempo dá só que a maneira dele ... talvez não da maneira que eu gostaria ... mas não sei como mudar.

101. Era muito interessante ... tinha um tio que é padrinho da minha irmã ... não morava com a gente ... era casado ... ficava ensinando minha irmã a assobiar ...

sempre quando alguém ensinava alguma coisa para ela ... eu aprendia junto ou primeiro ... mandávamos fechar os olhos para ela assobiar e quem assobiava era eu ... passando pela minha irmã.

102. Mudamos dessa casa ... papai vendeu a padaria ... algumas vezes quando a gente estava se estabelecendo ... papai vendia tudo e ia embora para outro canto.

103. Não sei porque mas isso aconteceu muitas vezes ... depois que chegamos aqui ele se aquietou ... também porque aqui trabalhávamos na loja do meu outro tio ... ele não chegou a ter comércio aqui e depois foi trabalhar junto com minha mãe ... passou a ser vendedor.

104. Quando chegamos aqui mamãe ficava em casa e ele trabalhava na loja ... depois em 78 ou 79 se não me engano ... não recordo bem o ano ... ela ficou no lugar dele na loja e ele foi trabalhar na estrada daqui para Corumbá ... daqui para Três Lagoas como vendedor ... fazia essa praça vendendo de caminhão.

105. Vendia biscoito bala chocolate gêneros alimentícios ... era a linha que meus tios trabalhavam ... depois foi diversificando. Nessa época começaram a construir a casa onde moro ... morei até pouco tempo. Minha mãe foi trabalhar para ajudar mesmo.

106. Esse comércio era do meu outro tio ... depois minha mãe e mais três irmãos montaram o comércio deles que é ali no Farmácia Cura-me que hoje é o Farmácia Cura-me ... meu pai foi trabalhar de vendedor também ... até que parou de trabalhar na estrada e ficou sendo vendedor mas só aqui na cidade até eles se aposentarem.

107. Agora se aposentaram e estão curtindo a vida ... só os dois em casa ... como o papai gosta ... ninguém perturba ... só ele e mamãe.

108. O papai gosta muito de sossego ... e pelas colocações dele sempre achei que sua vontade era que ficasse ele e minha mãe. Não que não goste da gente ... mas diz que gosta de neto quando vai buscar ... porque é quando está afim de curtir ... não que os tragam na hora que as filhas querem ... gosta de curtir e não de criar os netos ... não tem paciência ... diz que quando tem vontade ... vai lá olha ... dá beijinho ... tchau tchau e tô indo embora ... é assim que papai gosta. Meu filho e meus sobrinhos sempre vão lá ... ele nunca fica sozinho.

109. Papai quer ficar sozinho porque não quer que perturbemos e exploremos a mamãe ... acha que deixamos os meninos para ela cuidar ... aliás tem certeza disso.

110. Diz que mamãe já trabalhou muito e está cansada ... os dois dentro do normal se dão bem ... tem o arranca rabo deles ... as briguinhas mas é aquela coisa normal ... também já são uns trinta e cinco anos de casados.

111. Demonstrações de afetos entre eles nunca percebi ... meus pais não são de trocar carrinhos entre si na frente dos outros ... talvez na intimidade do quarto deles

porque na nossa frente nunca presenciei ... não se tratam mal ... mas não é aquela coisa melosa como os casais de hoje são ... negócio de abraçar beijar.

112. Sou assim também ... por isso não percebo isso neles ... nunca presenciei nada ... entre eles acredito que exista ... acho que os espanhóis tem um modo diferente ... são muito secos ... todos os meus tios são assim.

113. Sim ... mas meu pai comprou um restaurante na Via Bandeirantes ... ali a casa era distante ... passávamos mais tempo sozinhas ... mamãe passou a trabalhar com papai ... era ruim pra caramba ... quando tinha empregada a gente ficava com ela e quando não tinha ... ficávamos sozinhas ... essa casa tinha duas portas ... uma na cozinha e outra no quarto da minha mãe ... um corredor no meio ... os quartos ficavam ao lado da cozinha e a sala para o outro lado do corredor ... ficávamos no corredor brincando. Uma vez minha mãe se irritou pegou eu e minha irmã deu uma surra ... quebrou um cabo de vassoura na cabeça da minha irmã ... batia em mim com uma régua ... eu sempre apanhava mas nunca chorava ... ia para debaixo da mesa e ria ... minha mãe ficava brava ... isso é normal ... porque hoje quando bato no meu filho ... enquanto ele não chora eu não sossego ... se ele disser bate aí eu bato ... dei umas duas surras no meu filho ... mas apanhei muito e como eu ria minha mãe batia mais na minha irmã ... depois íamos dormir ... quer dizer ... sempre fui muito sem vergonha ... fazia que estava dormindo quando a mamãe ia lá ... chorava e me alisava porque tinha batido e se arrependido ... mas eu estava acordada ... escutando ... sempre fui muito traquina em fazer chantagem ... ela batia a gente chorava e ia para a cama dormir ... era um barato.

114. Não digo que é normal uma mãe bater até que o filho chore mas quando estamos batendo ... se a criança chorar sabemos que doeu ... pronto ficamos sossegada.

115. Não sei explicar como é esse ficar sossegada ... se bato e ele fica quieto sou capaz de parar ... mas se bato e ele fica rindo vou me irritando ... sobe uma raiva ... bato para que doa e por isso ele deve chorar ... portanto enquanto não chorar é porque não está doendo e não está surtindo efeito ... esse é o pensamento mais lesado que já vi na minha vida.

116. Esse pensamento é lesado e é meu ... e esse pensamento é igual ao da minha mãe ... mas não me identifico só nesse aspecto com minha mãe. Esta semana o Chico fez uns questionamentos e percebi que faço exatamente o que minha mãe faz ... parei e pensei que quando ele diz que não ensino as coisas a ele ... mas que simplesmente espero que aconteçam para depois dizer como deveria ser ... faço isso em tudo ... deixo o barco correr.

117. O Chico perguntou para mim quando é que iria ensinar alguma coisa para meu filho que está crescendo e logo irá para a faculdade fora daqui ... terá que morar com outra pessoa e está muito mal acostumado ... faço tudo para ele ... e como será sua vida quando não estiver mais comigo? É muito dependente.

118. Não ensino não dou responsabilidade a ele ... percebi que de certa forma fico um pouco tranqüila porque minha mãe fez o mesmo comigo ... sempre penso que minha mãe fez o mesmo comigo ... e no entanto não segui por caminhos ruins que seriam o lado da droga assalto padaria ... essas coisas.

119. Foi nesse momento que percebi que uso o mesmo estilo de educação da minha mãe ... que também nunca chegou sentou comigo para dizer que tal coisa não deveria ser feita ... quando surgia um assunto ela falava ... mas nunca chegou para conversar a respeito de droga sexo a respeito de nada. As coisas iam acontecendo e conforme aconteciam ia falando ... aprendi mais com os outros do que propriamente com minha mãe ... tão pouco meu pai.

120. Isso não foi bom ... mas faço igual com meu filho porque vejo pelo lado de cá ... vejo pelo resultado ... sei que no meu caso o resultado não foi bom ... que quando eu era nova não tinha muita liberdade de conversar com minha mãe.

121. Não lutei para ser diplomata ... demorei todos esses anos para realizar algo que tinha vontade ... que era ter minha casa minha vida ser independente ... mas não culpo minha mãe por isso ... sei que isso é resultado também da educação que tive ... uma educação protetora ... minha mãe foi protetora ... sempre fazia tudo ... mas não é culpada por eu engravidar cedo ... mesmo que tivesse conversado algumas coisas comigo acho que não impediria.

122. Na época quando isso aconteceu eu sabia como me prevenir mas acreditei no burro do meu marido ... meu ex-marido ... acreditei nas palavras dele fui inocente ... ele disse que não podia ter filho e acreditei ... por isso não posso culpar ninguém a não ser eu mesma por minha burrice por minha tolice por minha inocência.

123. Sinto-me culpada ... sempre nos sentimos culpada por uma burrice que fazemos ... mas não culpo minha mãe por isso ... eu sabia como me defender.

124. É engraçado como me deixei levar ... e nem era algo que eu queria ... sabe aquela coisa que você não quer ... não queria mas fui ... queria conhecer queria saber ... não foi uma coisa que decidi "hoje vou deixar de ser virgem vou lá" ... aconteceu e eu podia ter evitado ... era só ter dito não quero e pronto ... mas não disse me calei me omiti ... e aconteceu ... tanto que não lembro como foi ... não senti o menor prazer o menor gosto não lembro até hoje ... dizem que a gente nunca esquece a primeira vez

... mas não lembro quando como ... às vezes fico pensando como foi ... e não lembro ... lembro que foi ... mas não lembro.

125. Não engravidei na primeira relação ... passou uns dois ou três meses e terminei o namoro ... quando voltei foi que engravidei e foi porque acreditei. É engraçado as atitudes dele porque me levavam a crer ... por isso acho que não confio mais no julgamento que faço das pessoas ... ele falava e eu tinha convicção de que aquilo era uma realidade ... o modo como falava de crianças ... as vezes ficava triste quando falava em filho e quando faltou minha menstruação não acreditei que estava grávida ... não podia estar grávida pois ele não podia ter filho ... e eu não tive nada com outra pessoa ... não acreditei que estivesse grávida ... só fiz o exame dois meses depois.

126. Sabia como prevenir uma gravidez ... mesmo sem minha mãe conversar comigo. Posso dizer que em relação a conversar não foi uma das melhores mães ... mas ainda que tivesse conversado não teria evitado ... com meu filho acabo fazendo a mesma coisa ... só tento manter uma relação mais amigável coisa que não tinha com minha mãe.

127. Nunca fui de conversar ... hoje já converso mais com minha mãe ... não meus problemas ... aliás não converso quase com mais ninguém ... com meu filho tento manter uma relação de amizade ... gostaria que fosse meu amigo podendo chegar e contar suas coisas ... temos uma diferença de idade não muito grande ... somos quase da mesma geração.

128. Queria que fosse mais amigo ... não sei se não é meu amigo porque não consigo me fazer ou se isso é relacionamento normal de mãe e filho ... tem muito filho que não tem muita liberdade de conversar com pai e mãe ... prefere as vezes escolher um amigo uma amiga para conversar ... não queria que fosse assim comigo queria que fosse diferente ... mas não consigo tornar isso uma realidade ... as vezes fico tentando conversar com ele para que enxergue que tudo que quero é que seja meu amigo e que eu seja amiga dele ... que possa confiar em mim ... mas ai chego e não consigo falar o que quero ... já chego com postura de cobrança ... não sou muito habilidosa com as palavras ... quando vejo já estou brigando ... é melhor largar.

129. Nunca consigo ... como vou conseguir se ajo errado ... só que agora não sei se consigo resgatar isso ... se bem que desde pequeno ele nunca gostou que o acarinhasse muito ... que beijasse muito ... não gosta dessas frescuras pelo menos dizia que não gosta ... e tem menino que não ... é um grude só com a mãe ... ele é um grude mas diferente ... mais na base da dependência ... diz que colo muito nele.

130. Grudo no pé dele ... tudo quero saber ... ele diz isso. Um dia desses ele estava conversando no carro com um amigo ... e eu com o Chico ... mas escuto as palavras soltas e fui perguntar para ele:

131. - Meu filho você caiu na escola? Ouvi você falando que levantou ... e não sei o que?

132. - Mas tudo tu quer saber? É muito feio ficar escutando a conversa dos outros.

133. - Não ... se eu tivesse escutado sua conversa com seu amigo não estaria perguntando para você.

134. Neste caso peguei palavras soltas ouvidas quando eu e o Chico calávamos ... fiquei realmente preocupada ... eles tem uma brincadeira na escola que quando um cai todo mundo se joga em cima ... um dia desses um amigo dele passou mal ... falei que deveriam parar com essa brincadeira que qualquer hora poderia acontecer uma coisa pior ... dessa vez o menino só passou mal.

135. Na escola colocaram umas tachinhas na cadeira deles ... eu disse:

136. - Meu filho ... isso não é brincadeira que se faça ... não pode.

137. Mas ai fui entender ... fui ligando o que havia escutado com o que ele me contou em casa ... mas fico sempre ... e digo:

138. - Fernando mas você está me dizendo a verdade?

139. - Tô mãe ... tô mãe ... lá vem tu de novo ...

140. É assim que sou ... não confio no que está me falando ... depois vou raciocinar e vejo se tem coerência o que ele disse ... comecei a ligar e era realmente coerente ... ele tinha sentado encima das taxinhas ... não tinha sentido ... depois foi ao banheiro para ver no que havia sentado porque o pessoal estava brincando.

141. Hoje sei que o super protejo ... tenho consciência disso e sei que não é bom para ele. Estou colocando-o numa redoma de vidro como se não quisesse que ele errasse ... para evitar que erre ... sei que daqui mais um tempo não vai mais estar comigo ... não vou estar ao lado dele para evitar que erre e vai ser pior ... não vai ter minha proteção ... aqui se errar ainda posso explicar que está errado ... e lá? Aqui evito que experimente mas quando estiver só os tombos serão maiores ... tenho consciência disso.

142. Tinha uma vizinha piolhenta ... e umas meninas enjoadas ... uma chamava Paula ... se a gente falava com uma a outra não falava conosco ... as duas vizinhas eram intrigadas a outra é Sônia ... não gostava dali ... depois inventaram que tínhamos que vir para Campo Grande.

143. Estou ficando igual ao meu marido "chata" ... para ele não posso falar errado de jeito nenhum.

144. Viemos ... cidade pequena ... com meus primos e umas meninas das redondezas brincávamos mais na rua ... de esconde-esconde de pira sabe o que é brincar da pira? Uma correr atrás da outra ... e dizer é tua a pira ... ou então de bola ... já não ficava tanto em casa ... não fazíamos tanta bagunça ... mas minha mãe sempre nos trancava no banheiro quando fazíamos arte. Minha irmã tem raiva disso até hoje ... ficou com trauma ... ela briga ... bate nos filhos grita mas não prende no banheiro ... eu não ficava com raiva ... ela nos prendia no banheiro eu enchia a banheira de água e ia tomar ... enquanto minha irmã ficava pe da cara ... eu nem esquentava ... o mal humor ... minhas coisas começaram todas aqui.

145. Depois que cheguei aqui em função daqueles problemas que tive ... comecei a ser uma garota EMBURRADA ... lembro de uma fotografia tinha uns oito ou nove anos ... sempre detestei tirar fotografia ... não ficava bem ... não queria tirar fotografia e minha mãe obrigando ... ficou horrorosa ... quando mudei a fotografia ficou na minha antiga casa.

146. Às vezes saíamos para longe ... não falávamos para a mamãe ... quando chegávamos em casa o couro estava esperando ... apanhávamos ... ficávamos trancadas dentro do quarto ... mamãe levava a janta ... as vezes comia ... as vezes não comia quando ficava com muita raiva porque eu sempre apanhava por causa da minha irmã ... eu dizia:

147. - Mana não vamos ... porque a mãe não quer.

148. A mana dizia:

149. - Ah ... vamos lá ... tu sempre é ...

150. Eu era a frouxona ... mas não queria desobedecer a mamãe ... acabava indo ... chegava em casa ... apanhava eu e ela ... também fui muito danada ... mas não fui aquela criança de fazer maldade ... sempre minhas traquinagens eram saudáveis ... era só brincadeira e mais nada.

151. Aos seis anos em Santa Catarina fui para a aula ... era frio eu ia de bota ... mini saia ... era toda metida ... meu Deus do céu ... Deus me livre ... mas foi uma infância sossegada tranqüila ... fora a parte que minha mãe teve que ficar trabalhando com o meu pai.

152. Minha irmã não era uma grande amiga ... não tínhamos cumplicidade ... eu queria considerá-la amiga ... mas no fundo não considero amiga porque não consigo conversar com minha irmã com liberdade ... converso coisas banais ... fica aquela conversa superficial ... gosto muito dela mas não tenho envolvimento ... sempre achei-a muito diferente de mim ... ela gosta de festa eu nunca gostei ... ela é muito diferente de mim.

153. Inveja da minha irmã eu não diria ... dessa que seca pimenteira não ... quando se tem inveja dos outros aquele olho mau ... que você olha para a planta e seca a pimenteira ... da minha irmã sempre todo mundo gostou ... é uma pessoa agradável ... eu já não ... era considerada a chata desde pequenininha.

154. Sou chata até hoje ... já melhorei um bocado ... todo mundo gostava da minha irmã ... como todo mundo gosta dela até hoje.

155. Ela não era a mais bonita ... nunca foi ... não tinha um corpo bonito porque sempre foi mais gordinha eu tinha um corpinho mais ajeitadinho ... e ela um rosto mais bonito ... apesar de que não era essa coisa ... mas eu não via muito pelo lado da beleza ... via mais pelo afeto que todos tinham com ela.

156. Nesse ponto queria ser igual a ela ... que todo mundo gostasse ... admirasse ... me dissesse como você é legal ... mas não é só isso ... tentei imitá-la em várias coisas uma delas foi minha caligrafia ... minha caligrafia é espelhada na da minha irmã ... é toda a da minha irmã ... se colocar minha letra junto com a dela ... a dela é só um pouco mais graúda do que a minha que é menorzinha ... mas é igualzinha.

157. Tentei copiar algumas coisas da minha irmã ... mas nunca cheguei lá ... porque enquanto ela era super legal ... realmente acho ela muito legal para os outros ... não consigo ser igual ... outra coisa que sentia vontade de ser também igual a ela era que não esquentava muito ... quando queria sair meu pai podia dizer:

158. - Não chega tarde.

159. Ela não estava nem ai ... chegava tarde ... o papai brigava ... entrava por aqui e saia por ali ... no outro dia fazia de novo ... nunca esquentou ou se preocupou muito com essa coisa do pessoal estar falando ... eu já era muito preocupada ... tinha que chegar no horário ... quando saia com ela nos dias que chegávamos atrasadas ... tínhamos horário para voltar ... nunca me divertia porque ficava o tempo inteiro preocupada com a hora de voltar ... ela nem esquentava também tinha eu para ficar:

160. - Vão bora ... vão bora que tá na hora ... a mamãe vai brigar com a gente ... era o tempo inteiro assim ... no final nunca me divertia porque estava sempre preocupada com alguma coisa ... quando saia era com a hora de voltar.

161. Quando ia para as festas que ela gostava e dos amigos dela ... não me encaixava naquele grupo ... sentia muito deslocada ... por isso não gostava de ir ... raramente me divertia nessas festas em que ia com minha irmã ... comecei a gostar de festinha quando comecei a ir com minhas amigas ... ai ela já podia ir para as festas dela e eu só ia quando queria ir ... mas na maioria das vezes depois que começou a poder sair sozinha eu dificilmente acompanhava ... ia para minhas festas e ela para as dela.

162. Quando combinávamos de sair juntas ... a mamãe não queria que eu fosse para um lado e ela para outro ... mas eu ia para onde queria e ela também para o lugar que queria ... marcávamos um horário para nos encontrar e voltávamos para casa juntas. Ela tinha os amigos dela e eu não tinha nada a ver ... mesmo não tendo uma ligação forte ... mas gostamos daquela coisa de família ... eu e minha irmã não tínhamos aquela amizade.

163. Penso isso porque mesmo quando morávamos em casa ... no final de semana ela ia para a casa das amigas dela ... raramente ficava conversando comigo ... também acho que não dei muita abertura.

164. A diferença de idade entre nós é pouca ... de dois anos e meio.

165. Ela casou em 89 ... e eu pela primeira vez em 85 ... não 83. Quando casei e no começo quando fiquei grávida não lembro ... não consigo lembrar da reação da minha irmã ... não lembro se falou alguma coisa ... ela não falou nada ... só lembro que logo quando fiquei grávida ... quando descobriram ... quase um mês depois foi quando fui ao médico com minha mãe porque minha menstruação estava faltando ... já sabia que estava grávida ... já tinha feito o exame só não tinha mostrado ... mesmo assim refiz aos dois meses e fui ao médico com minha mãe como se não estivesse grávida.

166. O médico deixou minha mãe do lado de fora e começou a me examinar e disse que estava grávida ... eu disse:

167. - Eu sei.

168. - Vou te dar três dias para você contar a sua mãe ... se não falar vou ligar e contar.

169. Ai tá ... cheguei em casa e no dia seguinte contei para minha mãe ... morrendo de medo mas contei ... minha mãe ... nossa minha mãe só faltou me engolir ... porque não contei .. porque deixei ela passar vergonha no médico ... ela fala dessa história até hoje quando tem oportunidade joga na minha cara até hoje.

170. Ela diz que tinha tanta confiança em mim e desapontei-a ... de vez em quando ela fala isso ... tinha mais confiança em mim do que na minha irmã ... porque como minha irmã era muito dada com os outros ... esse ponto talvez eu tivesse um pouco de ciúmes ... queria ser igual a ela ... talvez isso tenha me afastado da minha irmã ... queria que todo mundo gostasse de mim como gostavam dela ... mas não era possível eu era de um jeito e ela de outro ... eu não compreendia isso.

171. Nessa tentativa acabei ... como não conseguia ser igual a ela fui ser diferente e agradar minha mãe ... sempre fui mais comportada ... mais ligada com minha mãe ... se ela dissesse que era para eu ir ... eu ia ... se fosse demorar ligava para avisar ... minha irmã nem esquentava ... sumia ... minha mãe de vez em quando tinha que sair

para procurá-la porque ela dizia que ia para um canto e quando você procurava minha irmã não estava ali ... tinha ido para outro lugar bem diferente ... quando chegava em casa apanhava apanhava apanhava ... e não deixava de fazer tudo de novo.

172. Minha irmã sempre foi mais assim ... por isso minha mãe sempre confiou mais em mim ... contava para ela onde ia ou estava ... sempre fui muito controlada pelos outros ... nunca tive controle da minha vida ... minha mãe sempre me controlou ... achava que tinha o controle completo da minha vida ... hoje percebo que sempre fui muito comandada ... acho que é por isso que até hoje só sei ser comandada ... não sei comandar nada.

173. Acho que ainda não rompi o cordão com minha mãe ... tenho uma preocupação enorme quando não vou na casa dela não porque queira ir ... mas tenho medo que fique chateada por eu não ir ... procuro ir sempre ... mudei de casa mas ainda sinto o controle ... e o pior é que agora são dois controles ... um de lá e um de cá ... se vou para a casa da minha mãe e fico um pouquinho mais ... o outro:

174. - É para ir mas não é para morar na casa da tua mãe ... tua casa é aqui.

175. Se quero ficar meia hora uma hora ... ele já fica enchendo minha paciência ... tua casa é aqui ... não é mais lá ... não sei se fala isso brincando.

176. Minha mãe já foi me visitar ... essa semana mesmo ... ela minha irmã minha sobrinha as três ... receber a visita da minha mãe foi bom ... já tinha ido outras vezes mas quando chega ...

177. - Posso fazer isso?

178. - Não ... a senhora tá de visita ... sente aqui.

179. Ela quer arrumar uma coisa ... mas digo para ficar sentadinha bonitinha que eu vou fazer ... vou pegar água ... mesmo assim ela insiste. Dessa vez ficamos conversando ... elas chegaram tarde e estava quase na hora de eu ir buscar o Chico ... ficaram pouco e disseram que voltariam depois ... mas minha mãe não é de estar visitando ninguém ... não visita nem minha irmã.

180. Minha irmã casou e mudou de casa ... ao contrário de mim que quando casei pela primeira vez fiquei dentro de casa ... tenho dificuldade em dar seqüência no assunto que falo ... mas quando casei ... como morava na casa da minha mãe ... minha irmã me enchia tanto a paciência ... morávamos todos juntos e quando brigávamos ela xingava ... falava muitas coisas para mim ... por exemplo que meu marido era um vagabundo ... que era minha mãe que sustentava meu marido assim como eu ... que não tinha casa e que não tinha nada ... que morava de favor.

181. Quando me separei minha mãe teve que fazer outro quarto na minha casa porque dormia eu ela e meu filho que chorava ... enchia o saco ... por isso minha mãe

foi obrigada a fazer outro quarto para que ela pudesse ter sossego ... eu também não gosto muito de incomodar. Por isso quando o Fernando acordava não queria de jeito nenhum que chorasse perto da porta que minha irmã dormia para encher o saco dela ... respeitava seu sono ... o Fernando foi crescendo ... depois ela casou teve seus filhos e minha situação se inverteu ... ai os filhos dela eram chatos e chorões embora não morasse na casa da minha mãe ... mas de manhã quando ela chegava não respeitava meu sono ... abria a porta do meu quarto com os filhos chorando ... bem de manhã cedo quando eu ainda nem tinha acabado de acordar ... abria a porta ligava a luz e nem queria saber se eu ou o Fernando estávamos dormindo.

182. Entrava no meu quarto somente para me acordar ... porque eu estava dormindo e ela não ... até hoje não respeita o sono alheio ... cansei de falar ... se for reclamar ela diz que sou a perfeita que não tenho defeitos ... porque gosto de umas coisas e ela de outras ... o que para mim não é correto para ela pode ser.

183. Cada um tem um modo de ver a vida ... não gosto de ser acordada dessa maneira ... cansei de falar e ela não para ... agora acabou ... hoje para chegar até meu quarto teria que atravessar meu portão que está sempre fechado no cadeado ... jamais iria fazer isso ... mas na casa da minha mãe já adentrava ia abrindo as portas e ligando a luz ... tinha raiva mas agora acabou ... e foi assim ... depois casou ... hoje mora numa casa que é do meu pai também ... em momento algum joguei na cara dela que mora na casa que é do meu pai.

184. Nunca joguei mas também não esqueço de outras coisas que escutei ... a gente guarda mas não esquece ... e quando menos se espera lembramos daquilo.

185. Minha irmã sempre me magoou muito mesmo que seja involuntariamente ... hoje não a invejo nem tenho ciúmes porque nossos mundos são diferentes ... hoje existem pessoas que gostam de mim e não gostam dela ... quando estudava a maioria das minhas amigas não gostavam dela mas gostavam de mim ... elas diziam:

186. - Não gosto dessa sua irmã ... ela tem um jeito assim ...

187. Eu procurava me relacionar com pessoas mais parecidas com meu jeito e se tinham meu jeito não gostavam tanto do jeito da minha irmã ... a partir daí comecei a perceber que não precisava ser igual a ela ... e não corria o risco dos meus amigos gostarem mais dela passando a ser amigos dela e deixando de ser meus amigos.

188. Tinha medo de entrar para um plano secundário na vida desses amigos ... pode ser que sempre procurei pessoas que se parecessem mais comigo. Comecei a perceber que não precisava ser igualzinha a ela ... apesar de achá-la muito melhor do que eu ... como pessoa ... como amiga ... algumas pessoas continuam gostando muito mais dela ... outras mais do meu jeito ... ela é uma pessoa muito querida.

189. Quando ela faz aniversário todo mundo comemora dá presente ... todo mundo faz festa ... coisas que para mim até hoje fizeram uma vez ... até me surpreendi ... fiquei muito supressa no dia que fizeram alguma coisa para mim porque não estava acostumada ... mesmo porque nunca fui muito adorada ... meus amigos sempre foram muito reduzidos ... sempre quis ser igual a ela mas nunca tentei ... ela era muito cheia de amigos e eu ao contrário ... jamais poderia ser igual a ela.

190. Eu com toda minha perfeição ... com toda minha dedicação a meus pais nunca conquistei o que ela conseguiu com toda sua maluquice ... ganhou carro do meu pai ... eu nunca ganhei ... emprestei o dinheiro para comprar meu carro ... ela teve casa ... se quis minha casa tive que comprar ... eu com minha postura nunca conquistei nada ... quer dizer ... até conquistei é verdade.

191. Lembro de uma brincadeira que tive com minha irmã ... eu fazia cócegas e ela bateu a boca na mesa ... quebrou o dente ... até hoje tem o dente quebrado ... uma recordação minha ... engraçado que lá a gente se dava melhor do que aqui ... não sei se em função de todos aqueles acontecimentos que modificaram minha vida ... até a relação com minha irmã afetou ... porque ... depois lembro que comecei a ficar fofqueira ... se acontecia alguma coisa que minha mãe não gostava eu contava ... não queria apanhar por conta dela ... não gosto de ser dedo duro ... mas naquela época eu contava ... depois fui crescendo e passei a não contar ... também não queria mais ir com ela ... era uma guerra ... ela queria que eu fosse nos bailes nas festinhas e eu não queria ... às vezes ia pois minha mãe só deixava ela ir se eu fosse ... mas sempre perguntava:

192. - Quem vai?

193. Igualzinho meu filho hoje.

194. - Quem vai estar lá? Que horas vão? Que horas vamos voltar?

195. Meu filho é desse jeito ... eu digo:

196. - Espera aí que vou fazer um relatório de tudo que vai acontecer ... eu era desse jeito ... e ainda reclamo do meu filho.

197. Hoje ele disse que ia sair ... perguntei:

198. - Para onde você vai?

199. - Vou comer pizza ali com os meninos no Restaurante.

200. - Hum! A primeira saída do adolescente já querendo botar as manguinhas prá fora.

201. - Fica de brincadeira besta ... tu me trata como se eu fosse uma criança.

202. - O que você quer que eu faça que te trate como?

203. - Tudo você me trata como se fosse tudo um montão de coisa.

204. - Que montão de coisa?

205. - Um montão de coisa ... me trata como se eu fosse criança.

206. Estou agitada porque estava correndo ... fui buscar meu cachorrinho no veterinário ... estava meio doentinho ... na minha casa tenho dois cachorros e o pequeno passou para o lado do cachorrão que andou dando umas patadas nele. Em casa os dois são separados pelos portões ... o pequeno fica na parte da frente e o grande na parte de trás da casa.

207. Depois de ter apanhado ficou dolorido e não estava querendo comer ... estava todo tristonho ... não queria brincar ... pensei logo que estava com raiva ... está dando surto de raiva e eu ainda não o vacinei ... deixei no veterinário justamente para ser observado ... mas não era nada ... foi só a surra que tinha levado do outro ... aliás eles não brigam só querem brincar ... só que o tamanho de um para o tamanho do outro ... um é pequenininho e o outro grandão ... as brincadeiras do outro é só de rá rá rá ... deve ter enfiado as patonas em cima do pobrezinho que se machucou.

208. Para não perder a hora hoje aqui fui buscá-lo correndo ... o veterinário falou para buscar as cinco horas ... fui quatro e meia mas o veterinário não estava ... fiquei esperando ... como vim correndo estou um pouco agoniada ... deve ser isso ... será que é outra coisa?

209. Engraçado ... sou assim.

210. Bem ... as vezes vou fazer alguma pergunta mas não gosto do que pergunto ... porque já sei qual será a resposta ... não estou preparada para escutá-la ou sei que não vou gostar ... neste caso não deveria nem perguntar ... mas não é isso que faço.

211. Entre eu e o Chico tem aparecido umas tantas diferenças ... mas estamos sempre conversando ... ontem me fez umas perguntas ... mandou que eu pensasse para conversarmos ... temos que mudar nosso relacionamento ... senão ele disse que vou acabar desgastando-o e deixar de gostar dele. Antigamente ... logo quando começamos a namorar ... fosse qualquer besteira tudo contava a ele e agora não ... parei de falar ... diz que perdi a confiança nele e não sabe por que ... perguntou se ainda gosto dele e em que nível ... isso não sei dizer.

212. Já conversamos sobre isso ... mas quando começo a conversar esses assuntos me dá um desânimo e vontade chorar ... só choro ... não faço nada ... nem falo.

213. Não sei porque dá vontade de chorar ... é assim ... começo a falar e o que estou pensando não consigo expressar em palavra ... por isso falo bastante ... mas o que falo não reflete o que penso ... ai ele entende logicamente do jeito que falo mas não tenho a intenção de falar aquilo ... é como se as vezes minha boca não estivesse ligada a

meu cérebro ... penso uma coisa e quando vou falar sai de uma forma totalmente diferente ... como se não fosse eu que tivesse falado. Ai digo:

214. - Não era isso que eu queria dizer.

215. Mas as vezes ele fala para mim e entendo tudo ao contrário ... depois que a gente briga ... briga ... briga ... ele diz exatamente o que queria e eu não me ofendo tanto ... mas tem hora que ele diz que estou predisposta a encrencar ... a enguiçar ... então já olho pelo outro lado ... nunca enxergo pelo lado certo ... estou entendendo pelo lado inverso ... começamos a brigar ... brigar ... brigar ... a discutir ... discutir para lá discuti para cá ... depois me acalmo e começo a enxergar o correto ... a forma como ele queria dizer.

216. Mas é sempre assim ... falo e ele não entende ... aquilo me dá uma agonia porque quero me expressar as vezes e não consigo ... quanto mais tento pior ... ele entende tudo ao contrário e diz :

217. - Eu não disse isso.

218. Realmente ele não disse aquilo ... é que a forma como eu coloco é como se ele tivesse dito e ele detesta que eu atribua a ele alguma coisa que não falou ... ai começa a briga ... começa a briga não ... a discussão.

219. Ontem mesmo enquanto ele falava comigo só dava vontade de chorar ... me sinto muito oprimida apesar dele não fazer isso ... sei que é o jeito dele ... esse é um problema meu ... eu é que sinto. Como ele falou tenho que resolver esses problemas em mim porque não falo mais as coisas ... fico guardando e quanto mais eu guardo mas vou juntando ... juntando ... juntando ... não resolvo ... aquilo vai desgastando dentro de mim e vou acabar deixando de gostar dele.

220. Vai chegar uma época em que não vou mais me incomodar se ele estiver ou não comigo ... ele está preocupado com isso.

221. Gosto dele ... mas não consigo me apegar ou não quero me apegar a ninguém ... é como se gostasse mas sempre colocasse junto com o gostar o não gostar ... não sei se sou meia tantanzinha ... como se sempre tentasse dizer para mim que não me importo ... se quiser ir embora não posso me importar ... trabalho essas duas coisas em mim.

222. Ele diz que não me incomoda com nada ... para mim tanto faz se ele está ou não ... não posso discordar porque sou assim mesmo. Gosto e quero que ele fique comigo ... mas quando me pergunta a que nível ... não sei até que ponto ... não entendo o que ele quer saber ... não compreendo a finalidade da pergunta ... gosto de saber porque está me perguntando ... o que tem em mente ... para que quer saber isso. Ele diz:

223. - Se preocupe em responder.

224. Fico logo querendo saber para que ... mas ele fica preocupado ... disse que quer que nossa relação dê certo ... temos tudo para dar certo ... mas se não me ajustar trabalhando esse aspecto meu ... vou acabar deixando de gostar dele. Ele diz que se está bem comigo o dia está excelente para ele ... se está mal comigo ai nada fica bom para ele ... quer estar sempre bem comigo ... mas diz que ultimamente ando assim ... acordo bem ... daqui a pouco estou mal ... nunca sabe como vou estar e não consegue ficar bem ... sei que precisa de paz para estudar e só consegue quando está bem comigo ... caso contrário fica agoniado.

225. Choro porque me dá agonia ... dá uma tristeza ... só de começar a falar dá vontade de chorar ... estou muito sensível ... não sei porque.

226. Penso que tenho que mudar minha vida ... percebo que quero as coisas mas não me esforço para acontecerem ... hoje estava lembrando da revistinha da Mônica que um dia desses li ... ela queria ter um animal de estimação mas não queria ter trabalho com ele ... tudo que escolhia ... um cachorro ... diziam todos os problemas que teria com o cachorro ... que cuidar dele e ela não queria ... um gato e tinha um monte de coisas ... também não queria ... findou que ficou com o coelho de pano porque não dá trabalho.

227. Acho que o relacionamento dá trabalho e estou disposta a fazer dar certo ... é a mesma coisa ... hoje fiquei pensando porque fiquei preocupada com meu cachorro ... porque foi um erro meu ... o cachorro tem que ser vacinado ... não está ali simplesmente ... não pode viver sem ser vacinado ... sem comida bebida ... tenho que proporcionar isso a ele. Fiquei preocupada porque não dei a vacina e foi uma falha minha ... se pega raiva e morre? Culpa minha ... porque fui negligente ... não cuidei dele como deveria ... todo dia lembro do raio da vacina ... não sai da minha cabeça mas não faço.

228. Quero que as coisas aconteçam comigo mas é como se não quisesse ter trabalho ... estão ali ... percebo isso ... tenho que começar a mudar ... tenho que achar que cuidar de uma casa não é uma obrigação ... mas algo prazeroso ... estou fazendo tudo por obrigação está pesando demais em mim.

229. Cuidar de filhos nunca cuidei ... agora que estou começando a fazer isso sinto que as coisas não crescem por acaso nem o tempo cuida delas ... é igual a minha planta ... percebo ... é minha planta ... passo por ela todo santo dia ... olho para ela e digo:

230. - Precisa de água.

231. Tu vai lá buscar um pouco de água para colocar nela? Nem eu ... mas sei que todo dia passo e digo:

232. - Tenho que molhar esta planta.

233. É tão simples ir lá pegar um balde d'água e jogar na planta ... não sei o que me impede ... sei que tenho que fazer e não faço ... não tenho vontade de fazer nada ... sei tudo que tenho que fazer mas não me dá vontade ... faço ou não faço? Essas coisas tem me prejudicado muito ... enquanto não tomar uma posição meu relacionamento não vai pra frente.

234. Não posso ficar jogando pro ar meu casamento ... é uma vida ... aquilo tem que ter significado importância ... trato as coisas como se não tivessem importância nenhuma e como se nada tivesse importância para mim. Me desapego com a mesma facilidade com a qual me apego ... isso me preocupa incomoda ... sempre incomodou como consigo me libertar das coisas ... todo mundo diz:

235. - Nossa ... como você conseguiu se libertar disso ou daquilo.

236. Tenho facilidade para me livrar de umas coisas e de outras não ... o Chico percebe que sou assim e isso talvez o preocupe porque como ele vai se apegar a uma pessoa que não tem apego por ninguém ... que de uma hora para outra pode jogar tudo para o alto e ir ... fico preocupada também. O que fazer?

237. Ontem o Chico perguntou o que está acontecendo ... depois mandou eu ficar pensando ... fiquei ... normalmente nunca paro para pensar ... quando o problema está ali na minha frente vou resolver ... passou dali não me preocupo mais ... mas ontem fiquei pensando ... pensando ... e muito do que ele fala eu concordo ... às vezes discuto com ele na hora para não perder o costume mas no fundo sei que tem muita razão.

238. O ruim disso tudo é que não faço nada para alterar ... de nada adianta simplesmente tomar consciência ... mas não sei realmente o que devo fazer e nem por onde começar ... nem sei que caminho vou tomar.

239. As vezes ele chega e vem conversar comigo ... está tão empolgado no que está falando ... mas é como se eu tivesse totalmente desligada alheia ... coitado ... ele fica tão frustrado ... vem com uma empolgação tão grande para me contar as coisas que acontecem:

240. - Olha ... trouxe isso pra ti.

241. Tira matérias da internet ... faz fórmula para mim ... mas diz:

242. - Fico tão triste porque você dá pouca importância ao que eu trago ... nem liga ... sequer lê ... joga pro lado e nem olha.

243. Quero que essa minha fase passe porque tenho medo que essa maneira dele ser passe ... e depois quando melhorar vou querer que ele faça e não poderá mais fazer ... porque se você faz uma coisa para uma pessoa e ela não está interessada a tendência é deixar de fazer ... tenho medo que ele pare só porque não consigo sentir interesse ... fico totalmente desligada ... às vezes está conversando comigo eu respondo ... mas não estou ligada ... as vezes não ... na grande maioria não estou ligada.

244. Ultimamente não estou interessada em nada.

245. Às vezes vou falar coisas para o Chico e já sei que vai falar que não ... ontem falei que existem coisas que falo e deslancha todas as críticas que sempre tem feito ... para não ouvir certas coisas já não falo. Evito falar certas coisas para não ouvir outras ... além de acabar não dando importância ao que fala ... isso me preocupa porque gostaria de ter interesse ... essa postura não é proposital ... não vejo como. Ele diz:

246. - Você fala essas coisas mas queria saber se isso é realmente o que tu pensa ou é o que tu fala da boca pra fora.

247. Realmente às vezes falo umas coisa como se quisesse me proteger ... demonstro que não estou nem ai ... mas não esse comportamento ... quando vejo já estou fazendo. Não quero agir assim ... mas ajo ... e agora vou ter que fazer o que? Ficar me policiando vinte e quatro horas por dia até juntar fala com cabeça porque o que penso não é o que falo e como vou ajeitar isso? Não sei.

248. Não sei porque tenho dificuldade de me expressar ou porque preciso contradizer aquilo que o Chico fala ou mesmo divergir ... não precisaríamos divergir tanto se eu concordasse mais com ele ... se deixasse de discordar de tudo ... porque não posso ficar sem discordar dele? Percebo que não é só com ele mas com outras pessoas também.

249. O problema de disputar com minha sogra por exemplo ... um dia desses me peguei discutindo com uma amiga ... discutindo não ... ela colocava seu ponto de vista e estava forçando para que eu entendesse e eu contradizendo tudo que ela dizia tentando impor o meu ... uma competição. Depois pensei ... prá que aquilo?

250. Não estava discutindo para tentar colocar ou impor meu ponto de vista ... só falei para discordar mesmo ... ela estava dizendo que uma pessoa era bom ator ... eu disse:

251. - Não ... fulano não é bom ator ... acho esse outro.

252. Ela diz:

253. - Mas esse outro não presta.

254. Ficou aquela guerra por besteira ... pensei ... meu Deus vou ficar discutindo isso?
255. Estou assim ... já percebo o que antes nem percebia.
256. Acho que se não estou cuidando é porque não gosto ... quando penso na relação entre meus dois casamentos ... imagino que seja porque naquela época confiei e me decepcionei então passei a não mais confiar ... me entreguei e acabou não dando certo.
257. Hoje posso estar com um pouco de medo também apesar de ser uma relação diferente. O casamento em si é diferente de uma situação de namoro ... mesmo na relação com o Chico que foi intensa no período de namoro.
258. Vejo que o Chico mudou.
259. Meu filho também está mudando. Esses dias precisei dizer a ele:
260. - E por acaso você acha que ser adolescente já é ser adulto e pode fazer o que quiser?
261. Querida que ele falasse ... que dissesse o que pensa mas sempre achamos que os filhos não crescem ... que são eternas crianças ... e realmente está começando a ficar mocinho ... vai toda aquela galerazinha da escola comer pizza lá no rodízio ... é engraçado ... mas eu:
262. - Estou brincando com você aqui ninguém está escutando e estou falando para ninguém ouvir.
263. Estou achando engraçado como meu filho está saindo daquela fase de criança ... já vai começar a me preocupar ... é uma nova fase da vida dele ... quando tinha a idade dele me sentia tão segura ... achava ruim minha mãe cobrar ... me achava muito responsável ... hoje cobro dele ... MÃE VAI SER MÃE ... aqui na China e em qualquer lugar é sempre daquele jeito ... NÃO TEM JEITO.
264. Minha infância foi sossegada tranqüila ... nunca quebrei um braço perna nem cabeça ... sou sossegada ah é só o dente da minha irmã ... não foi nem o meu ... porque a minha irmã por exemplo era uma "Deus o livre" ... ela caiu de bicicleta ... enfiou o guidão na perna ... era terrível só vivia com o joelho todo ralado ... aquelas perebonas ... eu era aquela ... como o povo chama MAIS SONSA ... MAIS SOSSEGADA.
265. Engraçado ... ontem conversava com um amigo meu que perguntou se eu não tinha assinatura ... disse que não tinha ... que assinava meu nome e que a única assinatura que tinha era uma que havia copiado da minha irmã ... falei para ele:
266. - Assim como minha letra é igual a da minha irmã.

267. Depois parei e fiquei pensando como tudo meu sempre seguiu o exemplo da minha irmã ... se hoje tenho letra bonita devo a ela porque copiei dela ... minha assinatura não é minha ... é dela ... ela criou a minha assinatura e passei a mão porque nunca tive criatividade para essas coisas ... ela fazia e eu acabava me apoderando das coisas dela. Percebo que a única coisa ... que não copiei foi meu modo de ser ... tentei ser igual a ela mas vi que não conseguia porque tinha outro jeito ... não sei se realmente queria ser igual a ela senão tinha que ter feito tudo igual ... algumas coisas não copiei ... filtrei ... só peguei aquilo que achava interessante para mim.

268. Acho que copiei muito minha irmã ... ela foi como um exemplo para mim em determinadas coisas ... não sei se bom ou ruim ... mas sempre quis ser igual a ela. Começo a perceber essas coisas agora ... que sempre tentei ser igual a ela ... muitas vezes que critiquei ... na realidade estava sentindo ciúmes por não ter coragem de fazer o que ela fazia ... ai a gente critica ... não sei se é bem assim ... mas muitas vezes queria fazer o que ela fazia e não tinha coragem.

269. Não sei porque minha irmã se tornou um modelo ... talvez pelo fato dela se dar com todo mundo e todos gostarem dela ... acho que se eu fizesse tudo igualzinho a ela as pessoas gostariam de mim ... mas não consegui ser igual a ela.

270. Não sei se as pessoas gostavam de mim ... não consigo sentir isso ... talvez até gostem mas não consigo perceber ... não consigo confiar nisso ... e é interessante como sinto falta disso ... sinto falta ... no meu trabalho por exemplo normalmente gosto de trabalhar com pessoas em quem confio e que gostem de mim ... assim me sinto mais segura. Agora trabalho com pessoas que sei que no fundo não gostam de mim ... toleram ... não é aquela pessoa que você pode contar como amiga ... e eu onde trabalho gosto de ter uma pessoa amiga ... isso me faz falta.

271. Quando trabalhava com o Chico ele era a pessoa mais chegada a mim ... onde eu ia ele ia comigo ... para trabalhar discutir ... para ter idéias ... estava sempre junto ... não só lá na repartição mas em qualquer trabalho sempre dava um jeitinho de me apegar a alguém ... um relacionamento diferente ... mais de amizade ... não só de coleguismo.

272. Desde que o Chico saiu não consigo me entrosar com ninguém ... sempre fui muito mais ligada a amigos homens do que a mulheres o que para mim hoje é um pouco complicado porque já sou casada e o Chico não gosta muito que eu tenha amizades ... apesar de que deixou isso um pouquinho pra lá ... também não posso deixar ele intervir muito.

273. Gosto de me relacionar mais com homens ... o que fica um pouco mais complicado ... porque sou casada ... e os amigos que tinha também ficam com receio de se relacionar comigo ... pode surgir comentários por nos verem conversando muito e achar que temos alguma coisa. Ontem mesmo estava conversando com um amigo sobre isso ... ele falava que não podia conversar muito com uma mulher que o pessoal começava a dizer que estava havendo outras coisas ... sinto isso ... por exemplo estamos fazendo um curso e tem um colega que estava sentado do outro lado e resolveu vim sentar do meu lado ... uma colega que trabalha comigo acho que ficou com ciúmes dele sentar ao meu lado e não ao dela ... no final desse dia de aula fiz uma brincadeira qualquer e ela perguntou a meu amigo se não havia percebido que eu estava com uma aliança no dedo esquerdo ... um comentário bem indelicado ... de cobra venenosa mesmo.

274. Ele ficou sem graça e eu também porque não tinha nada a ver ... ela estava conversando com a turma dela e eu estava sozinha ... ele resolveu se sentar do meu lado para fazer os exercícios comigo ... esse tipo de comentário surge não consigo me entrosar porque como é que vou ter afinidade com uma pessoa como ela? Não dá para ter um bom relacionamento ... se ela já é desse jeito também não consigo me afeiçoar mais a ela ... seria a pessoa mais indicada para ser minha amiga porque está trabalhando comigo mas não consigo me ligar a ela para ter aquele relacionamento extra trabalho. Gosto de ter uma pessoa próxima no trabalho ... me sinto segura não sei porque ... mas gosto sempre de ter uma pessoa ao meu lado ... não gosto de andar sozinha.

275. Não sei porque preciso dessas amizades para me sentir segura ... se tenho um problema preciso de alguém com quem discutir ... surgem problemas no ambiente de trabalho e não dá para discutir com o Chico com os amigos de fora que não tem muito tempo para conviver comigo ... sempre quando preciso estou procurando mas percebo que as pessoas estão sempre tão ocupadas e não tem tempo para dedicar a mim.

276. Não é para mim ... sei que não é exatamente para mim ... mas é que estão sempre ocupados ... tem muitas coisas a fazer ... hoje também está muito difícil se ter tempo.

277. Penso em procurar pessoas no trabalho porque estou sem relacionamentos ... não me restando muitas opções de relacionamento ... minha rotina ou é o meu trabalho ou é a minha casa ... não faço nada além disso.

278. Se bem que das minhas intimidades não falo com ninguém.

279. Outro problema ... é o hábito que tenho de tocar o outro enquanto converso ... hoje já não me sinto a vontade como antigamente ... e me incomoda porque sinto a

consciência pesada quando toco alguém ... embora não tenha nenhuma segunda intenção ... mas sinto.

280. Talvez não faça porque não gostaria que o Chico fizesse ... e se vise ele fazendo ficaria incomodada.

281. Quando você ... por exemplo ... conhece uma pessoa e vê como é o jeito dela ... sabe que ela é daquele jeito com todo mundo ... mesmo que você case que sintasse tendo propriedade sob a pessoa ... sabe que esse é o jeito dele.

282. Machuca ... lembro bem de quando era o Augusto ... tinha essa mania conhecia mas não consegui me acostumar com o jeito dele ... quero que as pessoas se acostumem porque sou assim mas não consigo me acostumar com os outros ... sei porque fiquei pensando nisso hoje porque ontem fomos ao mercado ... eu tinha que buscar um carrinho e o rapaz estava empurrando o carrinho ... corri rápido para que não deixasse o carrinho lá longe ... coloquei as mãos nas costas dele e disse:

283. - Me dê um carrinho?

284. Ele só olhava ... eu puxei ... ai o Chico olhou e falou:

285. - Você tem que perder essa mania de ficar se esfregando ...

286. Que ele usa esses termos ... você anda se esfregando nos outros ... eu digo:

287. - Mas onde eu me esfreguei nele?

288. - Você pegou no rapaz.

289. Eu digo:

290. - Não peguei no rapaz ... só botei a mão no ombro dele para que não fosse mais adiante com os carrinhos.

291. Eu digo:

292. - Mas você tem que acostumar que esse é meu jeito.

293. Gosto de falar com as pessoas ... não estou me jogando para a pessoa ... mas só sei fazer assim.

294. Não quero seguir esse tipo de pensamento dentro do casamento ... não posso simplesmente me isolar desse tipo de pensamento? Não posso assumir as conseqüências ... porque senão vou passar a vida inteira me preocupando com que os outros vão falar enquanto não estou fazendo absolutamente nada.

295. Quero saber porque sou assim ... dessa maneira poderei modificar a partir do momento em que eu saiba porque faço isso.

296. Acho que é uma forma de me aproximar ... sei que tenho esse mal porque dou liberdade ... não que eu queira dar liberdade ... mas sei que as pessoas interpretam errado e depois me dou mal ... isso o Chico já falou para mim. Arrumo problemas para mim.

297. No caso mesmo da ex- esposa do Chico ... ela nos levou para conhecermos a casa nova que ela comprou ... chegando lá ela mostrou o quarto dela que não tem janela é fechado ... ao invés da janela tem a porta do banheiro. Fomos embora para a casa da mãe do Chico ... quando ela chegou eu disse:

298. - Sabe o que tu podia fazer naquela tua parede já que você queria tanto uma janela ... onde tem o ar condicionado ... você põe o ar condicionado embaixo porque não vai atrapalhar a passagem e faz uma janela comprida ... da qual corre um pouco de vento.

299. Ai ela me disse:

300. - Sabe que é uma boa idéia.

301. Tem horas que ajo como se não tivesse maldade nenhuma ... mas depois a pessoa já pensa que porque dei essa liberdade ... sente no direito de ir em casa e é essa vinda que não gosto.

302. Sei que tem horas por exemplo ... se chego em algum lugar e tiver um amigo meu gosto de chegar e tocá-lo ... mas não gosto do inverso ... nunca gostei. Só aqueles amigos mais íntimos ... mas sei que se ponho a mão estou dando o direito dele vir de lá para cá ... só que não quero que venha de lá para cá ... só eu quero ... só eu posso. Por que gosto daqui para lá ... mas não gosto de lá para cá?

303. Talvez não goste porque assim de lá para cá não teria controle nenhum sobre a situação ... ou pelo menos a sensação de controle.

304. Às vezes me sinto mesmo a minha mãe falando ... é a reprodução de uma coisa já pronta.

305. Busco certa segurança ou uma certeza ... a necessidade de apego a minha irmã ... talvez seja inveja ... ciúmes ... também tem a esposa do Chico ... por que preciso tocar as pessoas? Por que preciso ganhar proximidade ... intimidade?

306. Preciso saber disso porque se não souber não consigo resolver ... são coisas que já tenho que começar saber ... sozinha não consigo saber ... penso ... penso ... penso ... mas não consigo chegar a uma conclusão.

307. Não sei se foi durante muito tempo ...

308. Devia ter de oito a dez anos ... terminamos de almoçar ... meus tios sempre almoçavam em casa ... meus primos Paulo ... Marcos e Caio. Deitamos no tapete ... eu e meu primo ... meu tio foi deitar no quarto dele ... todo mundo se recolheu ... nós acabamos ficando na sala.

309. Esse dia ele me chamou sozinha no quarto ... teve situações em que chamou eu e minha irmã juntas ... lembro que éramos nós duas ... que passávamos pela mesma situação. No quarto ele perguntou se eu gostava ... de mexer ... não lembro da

expressão que ele usou ... mas se eu gostava de mexer no ... órgão sexual que iria me dar um para eu mexer ... pediu que o masturbasse ... chupasse ... aquilo me dava nos nervos ... me deixava muito apreensiva ... não eram todos os almoços ... mas sempre nos almoços.

310. Eu detestava quando chegava a hora do almoço ... sempre dava um jeitinho de ter alguém comigo ... tinha uma amiga que vinha para minha casa para irmos juntas à escola ... de certa forma induzi a isso ... porque era o meio para que ele não me chamasse ... não tinha ninguém para recorrer ... não falava com minha mãe nem com a minha irmã nunca falamos sobre isso ... permaneceu durante muito tempo. Lembro uma vez que cheguei na minha casa ... era no meio de uma manhã ... fui para o meu quarto quando abri a porta ... a luz estava desligada ... meu tio estava fazendo alguma coisa com a minha irmã ... não sei o que ... no que abri e vi eu corri de casa ... nunca falei com ela sobre isso ... e também ele nunca me falou alguma coisa ... provavelmente ele não deve ter me dito porque como já era mesmo situações parecidas ... ele não deve ter falado nada ... isso não demorou tanto tempo ... foi em 73 ... ele se casou em 78 ... e não foi logo quando eu cheguei aqui ... foi logo depois em 75 ... 76 ... eu tinha de 8 a 14 anos.

311. Acho que foi em 75 ... não ... creio que foi antes disso ... foi em 75 ... 73 ... 74 ... 75 ... deve ter sido em 73 ... de 74 a 75 ... porque em 76 foi quando conheci essa minha amiga e começamos a ir juntas para o colégio ... foi mais ou menos nessa fase ... também não consigo me lembrar ... mas foi mais ou menos nesse ano.

312. No quarto ele perguntou se eu gostava de mexer ... se gostasse ele iria me dar ... fiquei raciocinando sobre essas coisas ... fiquei me perguntando se o não induzi a isso ... porque poderia ter evitado e não evitei.

313. Talvez tenha permitido pela curiosidade.

314. Pensei na possibilidade de ter gostado do que meu tio oferecia ... mas pensei na possibilidade de eu ter induzido ... realmente não ... como não cortei ... quer dizer que quem cala consente ... mas não induzi ... deixei acontecer ... não resisti.

315. Não sei se era bom ... não lembro disso ... mas não lembro de querer aquilo ... lembro que nesse dia estava deitada com meu primo ... ele estava deitado no chão de frente para cá e eu estava deitada com as pernas para cima dele estava encostada não lembro bem ... mas quando deitávamos era perto das coxas ... acho que estava deitada assim e acho que meu tio achou que eu estava fazendo alguma coisa ... por isso digo que ele pensou que eu queria aquilo ... porque estava deitada fazendo ... ele achou que eu estava fazendo alguma coisa com meu primo ... então se eu queria com o meu primo é porque queria alguma coisa e ele iria me dar o que eu queria ... acho que na

época foi isso que aconteceu ... sabe quando você é pega com a boca na botija e fica com medo de que ele conte alguma coisa? Só que não estava fazendo nada ... mas ele disse que iria falar para minha mãe o que eu estava fazendo ... acho que foi mais ou menos isso.

316. Meu primo estava deitado de frente para mim ... eu deitada com a cabeça encostada no sofá ... passando as pernas por cima das pernas dele ... acho que da bunda ou das pernas das coxas dele ... e fiquei ... estávamos conversando.

317. Depois ele dormiu e eu fiquei acordada porque não durmo depois do almoço ... e meu tio não sei porque carga d'água achou que eu estava fazendo alguma coisa com meu primo ... mas não estava fazendo nada com meu primo. Ele falou:

318. - O que você estava fazendo com seu primo?

319. Não estava fazendo nada ... estava na sala ... é porque são espaços ... não consigo me lembrar bem da conversa ... mas ele perguntou o que eu estava fazendo com meu primo ... ele falou:

320. - Se é isso que você quer ... vou dar para você.

321. Me senti tão acuada ... porque não estava fazendo isso ... aconteceu uma vez só ... mas depois é como se ele tivesse uma arma contra mim ... se não fizesse do jeito que queria iria dizer para minha mãe que estava fazendo alguma coisa que eu não estava fazendo com meu primo ... mas se ele contasse para minha mãe talvez ela acreditasse nele e não em mim ... fiquei com medo na época dele contar alguma coisa para minha mãe.

322. Me deixei ser usada ... é assim que me sinto todas as vezes que lembro disso ... lembro que me deixei ser usada e assim que percebi ... foi a mesma coisa quando perdi a virgindade ... me deixei ser usada mas na realidade não queria aquilo mas aconteceu ... e foi da mesma maneira com ele ... acho que me sentia acuada com medo e terminei me deixando levar ... pensei sobre isso esses dias ... fiquei lembrando que talvez ... pensei na possibilidade de eu querer provar ... mas não consigo ver isso na minha cabeça.

323. Não creio que não penso sobre a possibilidade de ter gostado só porque machuca porque lembro que não gostava daquilo ... quando ele dizia meu nome ... me chamar ... era a mesma coisa que eu ir para o inferno ... não sei porque ia ... são essas reações em mim que não consigo entender.

324. Com nenhum primo nunca aconteceu nada ... não nesse dia ... por esse primo ... não sei se era tração mas lembro que ele era bem atraente ... por outro primo já tive atração mas nunca aconteceu nada com nenhum deles ... nem de abraçar ... de beijar ... tive vontade curiosidade. Não sei se tive e meu tio percebeu ... não naquele dia mas

em outros. Realmente sentia uma certa atração ... mas era pelo outro primo pelo Caio. Meu tio deve ter percebido alguma coisa.

325. Essa situação me deixou muito constrangida a ponto de no momento não conseguir encarar meu tio ... embora tenha trabalhado com ele por muito tempo ... meu tio exerce uma influência ... não gosto do domínio que tem sobre mim ... nunca gostei disso mesmo quando trabalhava com ele.

326. Ele nunca mexeu em mim ... era eu que o tocava mexia nele ... na minha irmã não sei ... no dia em que abri a porta do quarto e vi minha irmã com meu tio não tive ciúmes dela.

327. Esse dia consigo ver a cena mas não consigo saber o que senti ... é como se estivesse vendo ...

328. Nessa época minha mãe trabalhava na loja que era colada na minha casa eu vinha andando fui e entrei ... estava andando pelo corredor da minha casa ... não entrávamos pela sala era pela cozinha ... estou entrando pela porta da cozinha passei pela copa ... a porta da cozinha é de vidro com ferro ... não sei se fiz alguma coisa na cozinha ... mas sei que fui para a sala e direto para o quarto ... abri a porta ... só conheci porque a janela da sala que dava no corredor dava direto na porta desse meu quarto ... abro a porta e vejo minha irmã deitada na cama ... minha cama ficava de um lado e a dela do outro ... nosso quarto é bem estreito ... ela estava deitada com a perna para fora da cama por isso acho que estava fazendo alguma coisa que não sei o que é ... quando abri a porta só vi meu tio ... não vi minha irmã ... sabia que era minha irmã ... pela claridade e por suas pernas.

329. Quando abri a porta ela se sentou na cama e ele estava encima dela mas não sei o que ele estava fazendo com ela ... não vi ... porque quando ele virou para mim fechei a porta e saí correndo ... depois não sei o que foi que fiz.

330. Não lembro ... já pensei tanto nesse final de semana que as vezes o Chico olha para mim e diz:

331. Você ta lesa é?

332. Fico pensando ... é como se agora nesse período ... tanto que larguei de estudar ... por que estou envolvida ... decidi assim ... que não vou mais pensar em estudo enquanto não resolver todas essas minhas coisas ... coloquei para mim mesma que quando estiver livre de tudo isso vou ter cabeça suficiente e espaço nela para outra coisa ... no momento minha cabeça só pensa nisso ... o tempo inteiro ... também em outras coisas que às vezes temos vergonha de falar ... tenho vergonha de admitir que é aquilo ... mas decidi assim ... olhar sem preconceitos ... estou olhando a fundo ... por isso analisei essa situação que talvez meu tio percebeu alguma coisa e me pegou

... ficou com um trunfo na mão com respeito a isso e eu não queria que ele contasse para ninguém e ele me usava da forma que queria para não ter que contar essa coisa para alguém.

333. Ficou um segredo entre eu e ele ... mas eu fazia o que ele queria senão contaria ... na realidade nunca fiz nada com nenhum deles. Pensei nisso mas não consigo lembrar mais detalhes ... lembro nitidamente que abri a porta vi aquilo e fechei ... agora o que fiz depois não lembro mais. Lembro bem dessas histórias da hora do almoço quando ele me chamava e dessa cena mas o resto não lembro mais ... quando parou como ficou se ele conversou a respeito disso comigo não lembro ... se pediu para eu não falar nada não lembro.

334. Quando vi a cena no quarto saí correndo para a loja da minha mãe ... não dava cem metros da minha casa ... o armazém era colado na minha casa ... tinha a minha casa o nosso quintal e o armazém ... era tudo coladinho.

335. Sempre ficava no armazém ... gostava de conversar com o Saraiva ... de ver descarregar caminhão ... digo para o Chico que eu era meia lesadinha porque gostava de caminhoneiro ... sempre gostei de caminhoneiro.

336. Acho que tinha vontade de viver igual aos caminhoneiros ... pelo mundo ... ser livre ... poder viajar a hora que quisesse ... achava tão interessante a vida deles de ir e vir ... ainda tinha uns caminhoneiros bonitinhos ... ficava lá me interessava e ficava conversando com eles ... passava o tempo ... parecia mais um moleque do que uma menina ... passava muito tempo no armazém. Eu carregava caixa ... ficava conversando ... meu tio não gostava que ficasse lá ... ele dizia que ficávamos só comendo bombom e chocolate ... e entretendo os meninos ... os funcionários ... com muita conversa.

337. Meu tio homossexual é que era sócio da minha mãe ... digo que devo ter ido para lá porque vivia lá. Dali para frente não lembro quando vi minha irmã novamente.

338. Quando minha irmã foi operada ... ficamos em casa com minha tia ... passamos a noite pulando brincando ... não recordo as datas mas lembro de umas fotografias que tiramos na sala com uma namorada desse meu tio ... são lembranças ... flash de coisas que lembro quando éramos bem mais unidas ... pode ser que naquela época tenha conversado com minha irmã ... o principal lembro o resto não. E não é que não queira ... quero lembrar de coisas daquela época.

339. Fui trabalhar com meu tio porque minha mãe queria ... por diversas vezes quis sair ... cheguei inclusive a passar em concurso e fui chamada ... mas ela não deixou que eu saísse porque tinha que tomar conta das coisas dela e eu fui ficando. Mas não

gostava porque me sentia mal ... ele exercia um domínio sobre mim que não gosto ... não consigo encará-lo direito.

340. É como se ele falasse comigo e eu não conseguisse reagir mesmo que estivesse certa ... como se ele falasse alto e sabe aqueles cachorrinhos que quando se fala alto ele murcha a orelha? É assim que me sentia ... um cachorrinho que no primeiro grito que ele desse murchava ... tanto que quando entrou no Estado disse que iria me chamar para trabalhar com ele ... eu digo:

341. - Eu! Mas de forma nenhuma.

342. Cá comigo digo que de forma nenhuma ... bastaram os onze anos que passei ... não quero sentir a mesma pressão nem me sentir da mesma maneira.

343. Não lembro ... mas foi mais de uma ou duas vezes e se depois de um certo tempo parou ou se comecei a evitar ... sempre dava um jeito de escapulir ... fazer alguma coisa para não ter que me deparar com aquela situação porque não sabia como enfrentar ... reajo assim até hoje e quando não consigo encarar a situação dou um jeito de escapulir ... sempre faço isso ... preciso arranjar um jeito de consertar isso ... chega de escapulir ... mas quando não tinha jeito e dava a hora do almoço eu só ouvia aquela voz "Ana vem cá" ... aquilo já me dava agonia ... acho que aí comecei a remoer ... esse problema do meu estômago é antigo ... muito antigo. É dessa época.

344. Lembro que na época sempre tive medo desse meu tio ... criei um medo. Eu era muito preguiçosa e magrinha ... não sei se era manhã mas minha mãe tinha que me dar comida na boca porque não comia ... não precisava fazer aviãozinho porque já tinha onze anos ... mas eu dizia:

345. - Mãe dá comida logo antes que meus tios venham ... eles vão brigar.

346. Ele brigava com minha mãe por me dar comida na boca ... diziam que já era grande e que não era para fazer isso ... sempre tive medo desse meu tio ... quando trabalhava com ele também ... queria sair do trabalho mas minha mãe não deixava ... então ficava ... o sentimento foi crescendo até que um dia briguei e foi o único dia em que consegui levantar minha voz para ele.

347. Começou a falar mal do meu pai ... lembro perfeitamente ... foi o dia que saí da empresa ... disse que não conseguia mais separar ele como patrão e eles como minha família porque até então ali dentro para mim patrão era patrão e eu era funcionária e fora de lá era família ... mas desde esse dia numa reunião que tivemos ... começou a nível comercial e terminou no familiar ... começou a dizer que minha mãe sustentava meu pai quando na realidade não era.

348. Minha mãe sempre foi muito mais gastona e meu pai economizava para comprar casa ... tanto que tem casas alugadas compradas com o dinheiro do meu pai ... minha

mãe fazia uma parte e meu pai que sempre soube mexer com dinheiro a outra. Minha mãe é mão aberta ... se alguém chegar e pedir ela dá até as calças ... sei que nesse dia ele começou a falar essas coisas e meu pai é muito nervoso ... fiquei com medo de dar um trem nele ... foi o dia em que levantei minha mão minha voz ... porque começou a dizer coisas que não eram verdades e outras que depois de falar dizia que não tinha dito ... neste dia ele bateu a mão e eu digo:

349. - O senhor pode bater sua mão que não tenho medo dessa sua mão ... nem da sua voz baixa ... pode falar baixo ou gritando que não me mete mais medo.

350. Assim foi um dia em que tive coragem de enfrentar ... mas foi naquele dia porque hoje não tenho coragem ... não consigo falar e queria ter a coragem de mostrar para ele ... porque ele sabe que tenho medo dele ... acho que sente porque não o encaro direito e atualmente mal falo ... percebe e deve ficar pensando o que aconteceu para eu estar desse jeito com ele ... como se agora sentisse que estou saindo de seu controle ... mas não me sinto livre porque quando estou na sua frente é como se ainda me controlasse ... não sei que tipo de controle ... mas sinto aquela coisa ruim ... não me sinto bem junto.

351. Ao menos o cumprimento senão ele vai saber que tem alguma coisa e vai perguntar para minha mãe que vai me perguntar e não vou poder explicar ... falo para evitar mesmo não tendo vontade ... só queria dizer o que sinto a respeito dele ... tudo que me fez passar jogando para ele o que é sua responsabilidade ... por tudo que sou hoje.

352. Quando ele fala mal do meu outro tio ... minha vontade é falar que ele é ruim mais que o irmão dele.

353. Também não sei se é isso ou outras coisas que gostaria de dizer.

354. Não importa quantas vezes ocorreu ... mas me constrangeu bastante ... não gostava da forma como me tocava ... até hoje não consigo encará-lo normalmente. Devo ter mudado ... ele perguntou para a minha mãe porque eu andava muito séria não conversando mais como antigamente ... passei a evitá-lo quando comecei a querer falar ... vinha a tona na minha cabeça ... também depois que comecei a sair com o Chico ele percebeu que mudei e reclamou com minha mãe ... ela disse que eu estava envolvida com estudo na minha casa e meu pai outro dia falou que ele sempre pergunta e que gosta muito de mim. Fiquei pensando ... como a pessoa que gosta pode fazer um negócio desse ... mal passa pela cabeça do meu pai uma história como essa ... penso que fiz certo em não contar ... pelo menos poupei meu pai que já tem dificuldades de relacionamento com a família da minha mãe ... se conto isso ... coitado ... meu pai morreria ou mataria meu tio ... meu pai é muito ligado a mim.

355. Minha mãe não sei qual seria a reação ... endeusa meu tio ... o que muitas vezes me constrangeu ... é deus lá no céu e Aristides Santana na terra ... eu dizia ... mal sabe ela o que ele fez ... não conhece realmente a pessoa que ele é ... nunca comentei nada para não manchar a bela imagem que tem dele.

356. Sobre meu tio não gostava da forma como me tocava ou me tratava ... pedia que o masturbasse ... como falei nunca tocou em mim ... queria que eu fizesse nele. Fico me perguntando ... por que todas as criaturas que sofrem esse tipo de abuso ... porque isso é um abuso ... por que não falam com os pais? Por vergonha ... medo ou o que? Porque todas as pessoas que conheço nunca contaram ... normalmente os pais descobrem ou são flagradas mas nunca chegam e contam ... por que? Eu ... por que não contei? Se tivesse contado hoje isso seria uma coisa resolvida para mim ... teria resolvido naquela época ... parte do que passei ou dos meus problemas.

357. Sei que não posso partir desse princípio ... mas fico me questionando por que não falei ... talvez seja pela maneira que aconteceu envolvendo meu primo e tenha ficado com medo ... embora não estivesse fazendo nada. Deveria ter contado... não consigo imaginar por que não contei ... fico pensando se foi pela minha mãe mesmo? Será que acreditaria em mim?

358. Se não for por isso não sei porque ... no meu caso não houve violência mas um outro tipo de pressão: vou contar para tua mãe o que tu tá fazendo. Tinha certeza de que não estava fazendo nada e por que calar? Poderia ter contado para minha mãe ... vergonha? Não sei ... gostaria imensamente de ter contado.

359. Gostaria muito de falar com minha irmã sobre tudo isso ... tenho vontade mas não consigo entrar no assunto ... ficou aquele segredo entre nós. Ela também nunca falou comigo ... as vezes sinto que ela também tem receio com relação a ele ... mas nunca tocamos no assunto ... sempre gostamos do nosso outro tio o Gervásio ... toda vez que alguém mexe com ele tanto eu quanto ela engrossamos ... nos comentários que faz também demonstra ter algo contra ele. Como pode cobrar comportamento do meu tio se ele teve um comportamento pior ... pelo menos ele está destruindo a vida dele ... no sentido de que usa a própria vida e o meu outro tio não ... nos usou eu e minha irmã ... destruindo uma juventude ... mas ficamos naquele silêncio ... sabemos que algo nos impede e não temos coragem de chegar e conversar sobre o que aconteceu.

360. Ela outro dia fez o processo Hofman ... deve ter se libertado um pouco porque de certa forma retornou um pouco mais calma ... é muito nervosa ... embora com os filhos continua a mesma gritaria e as mesmas coisas ... só parou de fumar e conversava melhor conosco... também não mudou muita coisa ... aparentemente até

porque não convivo muito com ela. Esse processo durou uns quinze dias no máximo ... depois voltou ao que era.

361. Com filhos eu também não sou muito paciente ... mas minha irmã ameaça quebrar os dentes dos meninos ... acho isso um absurdo ... não falo essas coisas para meu filho por mais que eu brigue ou grite ... ela diz que vai sumir de casa ... desaparecer e deixar os filhos com o pai ... acho que os meninos ficam traumatizados ... principalmente a menina que é sensível.

362. Como consequência dessas posturas da minha irmã os filhos se ligam e gostam muito mais no pai do que na mãe.

363. Hoje quase não nos relacionamos ... ela não é de ir há minha casa ... só quando precisa de alguma coisa mas simplesmente chegar lá e dizer:

364. - Estou aqui.

365. Não. Também não faço isso na casa dela.

366. Não sou muito de ir na casa dos outros ... minha melhor amiga morou onde minha irmã mora hoje e acho que se fui visitá-la duas vezes foi muito e ela era minha melhor amiga ... gosto de estar na minha casa ... quando era na casa da mamãe estava na casa da mamãe ... agora estou na minha ... passo o final de semana saindo só para comprar pão ou então ir lá na casa da mamãe buscar o Fernando que vai jogar bola na frente de casa. Não sou muito de estar na casa dela ... quando ela precisa de alguma coisa vai lá em casa ... quando preciso de alguma coisa vou na casa dela ... mas não temos aquela afinidade ... então quando estamos juntas não temos muito o que conversar. Me sinto incomodada ... ela não gosta que eu vá em sua casa porque sou muito crítica em relação as coisas dela ... é muito desorganizada bagunçada ... não gosta de arrumar a casa ... vou lá e fico:

367. - Ciça ... você tem que falar pra tua mãe arrumar teu guarda-roupa porque está uma bagunça.

368. Fico ensinando para os meninos arrumarem o guarda-roupa ... a mãe enche de tralha e fico incomodada. Quer dizer ... não tenho nada a ver com isso ... mas acabo indo lá e acho que ela se incomoda com minha presença por isso achar que vou para reparar as coisas e não é isso ... mas sei que reparo.

369. Estou descobrindo uma coisa que gosto de fazer ... arquitetura decoração ... onde chego se vejo uma parede descascando fico imaginando cores para pintar ... vou na casa dela e fico imaginando como eu arrumaria ... por isso ela acha que eu reparo ... mas gostaria de melhorar o aspecto da casa dela.

370. Agora não falo mais tanto quanto falava mas ela sente e se falar também logo em seguida me arrependo ... as vezes não falo por mal ... é hábito de falar e quando vejo já falei ... ontem fui lá na casa dela e falei:

371. - Puta merda mana ... tu acabou de pintar essa tua casa e já está toda descascando.

372. Mas falei por que tenho esse hábito ... é igual lá em casa ... eu falo:

373. - Puta merda ... acabei de pintar essa parede e já está toda suja.

374. Falo na minha casa e na dela mas não para ficar reclamando dela ... talvez porque não tenho assunto com ela ... por exemplo vou na casa da minha amiga e a casa dela é pior que a da minha irmã ... mas não fico reparando.

375. Minha irmã não gosta de limpar ... quando casou tinha tudo tão bonitinho ... tão arrumadinho ... fico impressionada ... se fosse por velhice até não diria nada porque as coisas envelhecem e acabam ... não foram feitas para durar a vida inteira ... mas falta um pouco de zelo ... se você olhar um armário e vê que está cheio de gordura é falta de zelo ... essas coisas que reparo gosto na minha casa ... aprendi lá na casa da minha mãe ... o lado da arrumação ... minha irmã aprendeu o lado da cozinha ao contrário de mim ... cada uma pegou um pouquinho. Quando vou na casa dela talvez fale sobre isso porque não tenho o que conversar ... ficamos procurando assunto e caímos no pior assunto possível para ela.

376. Ela também não conversa quase nada comigo. Na primeira vez que foi em casa ela estava limpinha ... ela olhou para mim e disse:

377. - Mas você não vai ter aquelas asneiras igual a da mamãe de mania de limpeza não?

378. - Não ... não vou ter ... já tenho ... não vou ter ... ah! minha irmã ... é difícil não ter.

379. Sei que é horrível ... mas se vejo um negocinho ... se bem que estou mais lighth agora já consigo olhar e depois arrumo.

380. Hoje já espero a visita sujar tudo e ir embora ... estou menos neura ... tem a mulher que faz ... penso: quer saber de uma coisa não vou me cansar hoje não ... amanhã ela limpa e arruma ... nossas conversas são bem superficiais.

381. Quando engravidei no começo ela não falou nada ... ficou até contente porque iria ganhar um sobrinho ... se bem que no primeiro momento quando todo mundo soube ... arrumaram até para eu ir tirar o bebe ... minha irmã sempre foi muito metida nessas coisas ... sabia como tomar chá para abortar ou quem tira menino ... ela tinha umas colegas que eram muito das maluquinhas.

382. O Chico morre de raiva por conta das minhas paradas ... diz que começo a falar e me arrependo ... ai digo que esqueci.

383. Minha irmã era danada ... tinha relações perigosas ... gosta de beber ... turma de farra bem diferente da minha ... eu era uma boa filha até engravidar ... aí mudaram-se os padrões ... mas ela não é má filha ... só é diferente de mim e encarar o diferente para mim é difícil. Sempre quis ter um irmão companheiro e não tinha isso na minha irmã ... não sei porque isso me faz falta o tal do companheiro na minha vida ... comentava isso hoje ... um amigo disse que tinha onze irmãos ... eu disse:

384. - Poxa você tem onze irmãos ... eu só tive uma irmã ... é bom termos vários irmãos porque assim nos apegamos a um ou pelo menos nos identificamos com algum.

385. Minha mãe tem doze irmãos e sempre fala que tinha uma irmã com quem se dava melhor ... todo mundo que conheço e tem vários irmãos tem uma relação onde um quebra o galho do outro ... mais companheirismo ... eu nunca tive isso.

386. Meu amigo disse:

387. - Eu tinha vontade de ter um irmão ... e se você quer ter um monte de irmãos vá para a igreja que você arruma um monte de irmão.

388. Sempre tive vontade de ter um irmão ... não minha irmã. Analisando depois de tudo que a gente lembra ... relembra ... talvez pela proteção mesmo ... fico pensando que se tivesse um irmão ele teria me protegido melhor do que minha irmã me protegeu ... o irmão sempre gruda mais no pé da irmã ... não pode ver a irmã fazer nada que vai lá e enche o cara de porrada ... manda a irmã para casa ... mas eu não queria um irmão assim não ... queria um irmão mais companheiro.

389. Nem porrada para mim nem para quem estivesse comigo ... queria aquele irmão que saísse e me levasse ... sinto falta ... e acho que é por isso que não gosto ... não ligo na minha irmã porque nunca foi para mim um irmão. A idéia que tenho de irmão nem sempre existe ... vemos famílias que tem irmãos que se dão bem e tem aqueles que são como eu e minha irmã ... são irmãs por nascimento mas não temos características iguais. Não adianta ... só se houver uma transformação muito grande.

390. Mesmo irmão sendo uma coisa importante nunca pensei em dar um irmão para o Fernando porque a questão dele já é diferente ... não me sinto estruturada para ter um filho.

391. Não eduquei meu filho que presta ... é cheio de manias ... como o Chico diz não consigo ensinar nada de bom para ele ... então como é que vou ter outro e nunca tive porque não consigo confiar nas minhas relações ... tenho medo que não dêem certo e eu tenha que ficar com outro filho sozinha ... essa é minha maior ... como diria? Essa é a minha maior razão.

392. Se tivesse engravidado de novo seria pior ... estaria com dois ao invés de um ... prefiro não ter ... ainda agora estava pensando que quando vejo um nenezinho na televisão me dá vontade de ter outro nenê ... se fosse mais jovem ... se tivesse casado mais ... além de hoje também meu filho estar grande ... se vira sozinho ... já perdi um pouco da minha mocidade para cuidar de criança e de certa forma a gente perde ... tem gente que sabe conciliar as duas coisas ... eu não soube fazer as duas coisas e me privei de muita coisa ... só agora me sinto mais livre para fazer outras coisas porque agora não depende tanto de mim ... agora que estou conseguindo ter tempo para fazer algumas das coisas acabo não fazendo nada.

393. Hoje não tenho coragem ... deveria ter contato naquela época ... muitas coisas poderiam ter sido evitadas ... muitos traumas dores interiores ... tanto física como psicológica ... doença que somatizei por ficar reprimindo isso ... ansiedade ... é um sofrimento ... uma violentação e mesmo assim a gente não consegue contar ... nem para a mãe nem para o pai ... se soubessem ... sei que teriam evitado a continuação do ato ... mas não conseguia evitar ... não conseguia fazê-lo parar.

394. Necessito ser protegida ... algumas coisas não consigo entender ... até um dia desses perguntei para um colega meu mas estávamos no curso ... eu disse:

395. - Depois vou te perguntar uma coisa.

396. Ai ele disse:

397. - Tá bom ... depois você me pergunta.

398. Passou e não perguntei ... queria saber dele ... e perguntei isso para o Chico também ... por que as pessoas pequenas quando sofrem violência sexual não contam? Queria tentar achar uma resposta para mim ... a resposta pronta.

399. Não queria falar de mim ... não entrei na hora com o assunto porque ia perguntar pra mim por que eu queria saber e não teria como responder porque não queria que entrasse no meu íntimo ... se de repente saio com uma conversa dessas no meio de uma coisa que não tem nada a ver como no curso de administração ... é como se eu estivesse me entregando ... e não é isso ... por isso não falei.

400. Fiquei pensando raciocinando ... iria começar o assunto dizendo que tinha assistido um programa na TV sobre violência sexual ... abuso sexual infantil ... faria o comentário e depois a pergunta ... mas ainda assim achei que iria ser flagrada.

401. Ultimamente não assisto nada ... pego meu livro e vou ler ... engraçado estou com vontade de estudar ... quando estou assim pego e estudo não faço igual ao Dorival Cayme que espera a vontade passar.

402. Fico imaginando e me perguntando se pudesse voltar e refazer tudo não teria feito nada disso ... queria voltar com a cabeça que tenho hoje ... fui passiva naquela

época ... ele não me catou a força de dizer “não você vai” ... mas é um outro tipo ... existe a força física e a outra eu fui pega por essa outra força que não gosto ... acho que até hoje não gosto de ninguém me reprimindo ... é uma forma de me deixar presa ... não gosto de me sentir assim ... e era como me sinto ... quero me libertar e não sei como ... me pegou ali não por uma coisa que eu sentisse prazer ... isso tenho certeza que não era porque eu tinha repulsa ódio ... quando escutava ele me chamar ... em nenhum momento lembro de ter sentido prazer ... quando via que estava chegando perto da hora do almoço já ficava ansiosa ... nervosa ... quando ia escutando ele chamar Ana vem cá ... sentia como se fosse para o matadouro. Mesmo assim não conseguia frear e deveria tê-lo enfrentado ... ter dito:

403. - Não ... isso o senhor não vai fazer comigo ... vou dizer para minha mãe e meu pai e quero ver o que o senhor vai fazer.

404. Fico brava comigo por não ter feito isso ... assim como em diversas situações da minha vida tenho raiva de mim por não conseguir me impor ... como resultado me retraio e guardo tudo ... com aquela pessoa não falo nada além de não saber como falar que estou ruim e todos acham que estou bem ... hoje comentávamos eu e uma colega do trabalho que as pessoas querem mostrar para os outros que estão sempre bem ... por isso sofrem muito.

405. Sou duas pessoas ... passo a impressão que está tudo bem se briguei com meu marido em casa não chego no meu trabalho e fico calada não saio discutindo ... chego converso normal como se tivesse bem ... a menos que eu tenha dormido ruim.

406. Mostrar que estou chateada não ... represento para os outros e não gosto disso ... estava mal e tinha que demonstrar o contrário ... tinha que ter falado para minha mãe que não estava bem ... demonstrar que não estava satisfeita ... engulo coisas como se fossem bolos mas não são. Se tivesse falado para minha mãe hoje não seria uma pessoa problemática ... aprendi a guardar guardar guardar ... e isso me fez mal a vida inteira ... desde que me lembro foi nessa época que começou porque eu guardava e aquilo me dava uma agonia ... mas eu aceitava ... e por que aceitar? Se era algo que não queria por que não falei?

407. Podia tê-lo enfrentado ... ter dito que não queria que não aceitava e se quisesse cumprir a ameaça que fez de contar a minha mãe que estava fazendo alguma coisa que não devia com meu primo ... não estava fazendo nada ... poderia até estar pensando ou querendo fazer alguma coisa mas não fiz ... portanto não podia me entregar porque não fiz nada ... mas ele jogou e cáí feito uma besta.

408. Meu tio jogou verde ... quando você é inocente e eu nunca fui muito esperta para mentir ou para me esconder ... me deixei ser pega.

409. Por que não enfrentei? Se tivesse enfrentado naquela época hoje seria uma pessoa diferente ... aprenderia a enfrentar mas não ... me pegaram ... ele pegou na minha fraqueza e me derrubou ... como resultado agora sinto que em qualquer fraqueza alguém me pega e já estou caindo. Isso é ruim para mim ... e está presente em tudo que faço ... reflete na minha vida inteira ... se pudesse voltar e enfrentá-lo ali e transformar minha vida numa outra vida ... faria.

410. É como se minha vida já tivesse perdida.

411. Muitas coisas na minha vida foram desencadeadas daí ... comecei a deixar e percebo que minhas atitudes são sempre as mesmas ... ele abusava de mim e eu não fazia nada ... me vejo em determinadas situações do mesmo jeito ... as pessoas abusam de mim mas não faço nada ... não reajo ... não me defendo ou não sei me defender ... a partir daí comecei a não saber como me defender ... é horrível ... já culpei minha mãe embora saiba que não posso porque nunca disse a ela.

412. As mães devem ficar mais atentas ... embora nunca se imagina que um irmão da gente ... na época era comum ... hoje é mais ainda ... não se sabe em quem confiar e ela tinha confiança nos irmãos.

413. Tinha outro tio não nos chamava a gente para masturbá-lo mas gostava de sentarmos em seu colo ... por diversas vezes senti que estava excitado. Existem muitos meios de sentar uma criança no colo ... os normais sentam a gente na coxa dele e não nos órgãos sexuais ... eu era criança mas percebia ... SEMPRE FUGIA ... devia ter encarado a situação ... me CULPO por isso ... não tentei resolver ali minha situação ... hoje eu sou o que ... aprendi a me esconder ... a mostrar que está tudo bem como mostrava naquela época e não estava ... as vezes hoje o pessoal me pergunta:

414. - Tudo bem?

415. - Tudo bem.

416. Na minha vida fujo de tudo aquilo que não gosto ... não sei enumerar ... mas fujo de muitas coisas ... não encaro meu tio e se posso fugir não fico ... posso não saber do que fujo ... mas sempre fujo ... se sei que algo vai me perturbar eu fujo ... sei que fiz isso no meu casamento ... sei que não daria certo peguei e vim embora saí de fininho ... não resolvo saio despercebidamente ... deslizando ... não discuto.

417. É estranho porque se não posso com a criatura ao invés de enfrentar acabo me recolhendo e percebo que estou fazendo isso ... por exemplo se vou discutir com o Chico sei que sempre vai acabar tendo razão por isso não falo mais nada. Ontem mesmo fiquei aborrecida ... preciso trabalhar isso pois não quero mais passar por essa situação ... estou ficando irritada por pouca coisa ... não sei explicar porque o Chico

me incomoda ... não gosto que a pessoa esteja eternamente me dizendo o que faço ou mostrando meus erros e defeitos ... não fico o tempo inteiro no pé dele mas sinto-me como se estivesse o tempo inteiro sendo vigiada ... não posso dar um passo e está falando que sou caprichosa ... ontem eu queria beber água ... disse:

418. - Fernando põe água para mim? Mas põe gelo que essa água está quente.

419. Ai ele disse:

420. - Mãe essa água está gelada.

421. - Pode estar para você mas eu quero gelo ... bota gelo nessa água.

422. Ai ele foi botou da outra garrafa mas não queria me dar o gelo ... digo:

423. - Pegue o gelo para mim ... se não quiser pegar deixa essa porcaria ... deixa essa porra aí que eu pego.

424. Ai o outro se mete e diz :

425. - As pessoas normais ...

426. Não sou uma pessoa normal ... sou caprichosa ... porque isso é uma questão de capricho ... se a água está gelada para que quero mais gelo? O Chico implica com coisas que não tem nada a ver ... ai pronto ... já derramei a água joguei o gelo e me irritado ... fico emburrada e não quero mais discutir pois já percebi que quando não falo o dia inteiro com ele não fico aborrecida ... faço as coisas do jeito que quero e ele não reclama de nada ... como não está falando comigo não pode dizer:

427. - Ana isso está mal feito.

428. Estou partindo para isso ... não quero chegar ao ponto de achar que o melhor para minha vida é ficar sem falar com meu marido ... que é a única forma que encontrei de ter sossego ... não quero isso mas quero que ele pare ... ele quer que eu seja perfeita e não sou ... quanto mais quer que eu seja perfeita menos sou ... quero fazer as coisas que tenho vontade ... não faço nada de tão errado por isso não entendo ... ele tem uma noção do errado que não é igual a minha ... e como fazer ele entender? Não consigo enfiar isso na cabeça dele ... porque brigamos brigamos brigamos ... conversamos conversamos conversamos ... e chegamos a conclusão de que não vamos mais invocar com isso ... mas daqui a pouco ele começa tudo de novo. A pessoa agüenta um certo tempo essa pressão mas vai ter uma hora que não vou mais agüentar.

429. Queria ter sossego ... poder ser eu mesma ... ele reclama que quando eu como mordo o garfo e como senta ao meu lado escuta mas fiz isso minha vida inteira ... não consigo compreender como é que uma pessoa se prende a esses detalhes ... como viver com uma pessoa assim? Ele disse que não vai falar mais nada e eu que não vou mais comer perto dele. Vamos almoçar em horários diferentes.

430. Estou começando a me irritar e não quero que tudo desande ... não estou insatisfeita de levantar cedo porque tem de fazer café ... não estou insatisfeita com a vida doméstica porque quando fui já sabia de tudo isso ... sabia que iria ter que levantar cedo fazer café levar o Nando na escola voltar buscar o Chico levá-lo ... não me incomodaria desde que me deixasse ser quem eu sou ... mas não posso ser quem eu sou ... ele quer que eu seja o que ele quer ... vivo esta contradição ... não sei se o que ele quer que eu faça está certo ou se o modo como quero viver é o melhor.

431. Sou esse trem desligado ... quando não estou afim de comprar não quero comprar ... se não estou afim de ir ao mercado ... não vou ontem falei para ele:

432. - Não vou ao mercado.

433. Ele acha que como trabalha o dia inteiro e eu meio período tenho que fazer tudo ... tudo bem que tenho mais tempo que ele ... mas tem uma hora que não estou afim de fazer aquilo e não faço. Não é porque tenho tempo que vou ... não quero fazer e não vou fazer ... acho que faço muito ... trabalho o dia inteiro cuido de pagar as contas cuido da casa ... é muita coisa para quem não fazia nada.

434. Não sei se estou tentando mostrar minha valorização o quanto mudei. Quando casei com o Chico toda aquela história de que o trabalho seria dividido ... não existe ... tudo bem ele faz uma hora ou outra ... mas me incomoda ... se chegássemos eu fizesse uma coisa e ele outra ... terminaríamos e iríamos fazer outras coisas ... mas não ... ele chega vai para a televisão e não foi isso que combinamos quando casamos. Sinto-me sobrecarregada ... tudo bem que não possa sair e pagar uma conta isso faço com maior prazer ... sem problemas ... o que ele não pode fazer porque está trabalhando faço porque sou mais folgada. Agora ... daí chegar em casa passar o dia inteiro deitado assistindo televisão ... enquanto lavo limpo a casa ... chega uma hora que não dá.

435. Ele não sabe cozinhar ... não me incomoda ... mas faça outras coisas que ... ele diz que digo que ele nunca faz nada ... ele ajuda mas não o quanto deveria.

436. Por exemplo quando terminou o dia do funcionário público ... ele também é funcionário público ... disse para ele que no ano que vem quero ter um dia do funcionário público igual ao que ele teve hoje.

437. Ele disse:

438. - Mas porque?

439. Eu disse:

440. - Você não levantou uma palha do chão ... sentou na tua cadeira ... assistiu televisão ... levantou tomou café que eu fiz ... tirei a mesa fiz o almoço ... você sentou almoçou se levantou e foi para a televisão ... fui lavar louça ... mexer com isso ou

aquilo ... fiz a janta ... você sentou jantou e levantou. No ano que vem quero um dia assim onde não faça nada ... que fique só de perna para cima ... assistindo o que gosto na televisão. Pensa que não gostaria de assistir o que você está assistindo? Também gostaria ... mas alguém tem que cozinhar ... fazer as coisas ... se ficarmos aqui os dois olhando para a televisão ninguém fará nada.

441. Querida que entendesse isso ... ele diz que reclamo de tudo porque nunca estou satisfeita com nada. Talvez minhas expectativas ... se bem que não deveria ter muitas ... espero muito e quando não vem o muito me decepção ... é sempre assim. Mas não deveria ter criado expectativa porque na casa dele vivia exatamente dessa forma ... se a criatura não faz nada em casa como é que vai fazer depois? Não tinha jeito ... estava esperando demais ... embora tenha sido ele a dizer que se dividíssemos o trabalho não iria calhar nada a ninguém ... concordei ... é ótimo realmente se cada um fizer um pouco ficaremos mais folgados. Pensa que não cansa ficar em pé o tempo inteiro ... não fazemos tanta coisa em casa porque tem a empregada mas não faço o almoço em meia hora ... levo muito mais tempo ... sou meia desorganizada ... tenho que limpar tudo e organizar ... ele acha que é simples ... mas essas coisas domésticas cansam.

442. Se eu deixar as coisas para o Chico fazer junto comigo vai dizer que não sabe fazer nada ... sei que já acostumei mal que chamo as responsabilidades para mim ... não permito que as coisas aconteçam que possam fluir.

443. Sinto que não há tempo ... anteontem fui buscar meu filho na casa da minha mãe e custei um pouco ... quando cheguei ele disse:

444. - Poxa ... pensei que você ia me deixar morrendo de fome ... tu não vai fazer um sanduíche para mim não?

445. Ao meio dia ele fica lá assistindo os jornais dele ... um dia desses veio com a conversa de que eu brigo com ele e depois me arrependo ... mas veio com a conversa que queria fazer faculdade de Direito e perguntou minha opinião ... eu não queria dizer ... mas ele insistiu tanto que disse que não queria que fizesse. Primeiro porque põe uns planos para nossa vida ... decidimos umas coisas juntos só que daqui a pouco ele não quer mais ... muda ... resolvemos que já que ele tem duas faculdades Educação Física e Administração de Empresas e eu uma e não pretendo fazer outra ... ele disse que não tinha intenção de fazer outra mas queria fazer mestrado ou doutorado ... já fez pós graduação ... não me incomoda com isso tudo acho ótimo ... mas quando dei minha opinião ...

446. - Olha Chico quando resolvemos morar juntos tínhamos traçado que iríamos estudar para passarmos num concurso melhor e iríamos sossegar mais um pouco para curtirmos um pouco a vida ... ter um pouco mais de dinheiro para que pudéssemos tirar

férias ... viajar ... essas coisas ... agora vem você com negócio de faculdade ... o que vai acontecer? Vai estudar todas as noites ... sair e eu não vou com você para a faculdade todas as noite de forma nenhuma porque não vou fazer nada lá ... vou ficar em casa estudando ou provavelmente dormindo ... quando chegar vou estar dormindo.

447. Acordo cedo ... por isso não vai dar para esperá-lo todo dia até meia noite ... primeiro porque não vou agüentar ... segundo levantamos cedo porque saio correndo para ir ao trabalho ... o almoço já é corrido ... depois saio para deixá-lo. Todo dia aquela mesma coisa ... quando chegar no final de semana ele vai querer o que? Estudar para as provas da faculdade ou estudar para os concurso ... porque vai ser o único tempo que terá. Que tempo sobrar para curtir a família?

448. Falei ... fui bem sincera.

449. Não sei se houve mais algum problema porque ele não falou mais nada ... depois que falei fomos discutindo daqui até a casa da mãe dele ... lá chegando não falei mais nada ... morreu o assunto e não voltamos a falar ... ainda vou falar para ele que quando me casei ... quando o escolhi ele já estava formado ... disse para mim que não tinha pretensão ... e eu disse que se tivesse pretensão que fosse logo fazer a faculdade dele que eu ficava na casa dos meus pais mesmo ... que se fosse para mim ficar sozinha ... se for para ter marido só para dizer que tenho ... não era essa minha expectativa ... no começo nossas expectativas eram as mesmas ... tenho uma expectativa de casamento ... independente de estar casada queria mudar para minha casa ... mas isso não falei para o Chico.

450. Teria ido para minha casa mas sozinha ... não teria me casado porque saberia que estava sozinha ... não dependo ... não teria ninguém para compartilhar minha vida ... porque já vivi treze anos sozinha ... estou afim de dividir ... de curtir um pouco.

451. Começo a não me arrepender das coisas que falo para o Chico ... engraçado que antes me arrendia ... mas dessa vez falei realmente o que estava sentindo ... não o que queria tipo por pirraça ... falei como me sentia ... me senti bem e não me arrendi ... não fiquei com peso na consciência ... só passei um dia e meio sem falar com ele porque depois chegamos na casa da mãe dele não tinha ninguém e continuei querendo falar com ele ... ele pegou os papéis que tinham chegado do correio e começou a abrir eu disse:

452. - Você vai abrir sua correspondência?

453. - Não ... só estou vendo ... estou prestando atenção no que você está falando.

454. - Você vai continuar abrindo sua correspondência ou vai ouvir o que estou falando?

455. - Não ... mas estou ouvindo.

456. - Então tá bom ... não vou falar mais nada.
457. Ai passei um dia e meio sem falar.
458. O pior é que ele grava exatamente tudo que falo ... e o bicho é tão sem vergonha ... eu percebia isso ... sabe o que ele fez? Pegou um bloquinho de papel e anotou exatamente tudo que eu disse e sabe em que? Em inglês ... só para eu não poder ler ... mas o bicho é tão abestado ... que eu peguei o papel e disse:
459. - Que tu tá escrevendo?
460. - Nada.
461. - Me dê aqui.
462. Ai eu li ... virei o bloquinho ... tinha umas coisas escritas em inglês ... falei:
463. - Não sou tão analfabeta em inglês como você pensa. Você escreveu em inglês porque sabe que se eu pegasse não iria entender nada ... mas você se ferrou porque existem palavras aqui que entendo ... e sei que escreveu exatamente o que eu disse ontem.
464. Ai ele disse:
465. - Não ... é porque eu quero gravar.
466. Ele disse que agora tudo que eu falo vai escrever que é para depois quando eu disser que não ... vai me mostrar.
467. Já disse ao Chico que não quero passar anos da minha vida vivendo com ele sem conhecê-lo realmente ... quero conviver com ele e para isso precisamos também estar juntos.
468. As mudanças que o Chico está querendo fazer na vida dele não posso me encaixar ... não vou querer entrar na mesma mudança que ele ... existem diferenças entre nós.
469. O Chico me chama de inconstante mas acho que ele enjoa muito mais rápido das coisas ... está pensando em algo e logo depois não quer mais.
470. Estou com dor no estômago. Meu ponto frágil é o estômago ... e como não ser tensa?
471. Não gosto de comer nada do que preciso e sei que ou faço a dieta direito ou vai doer ... não cuido de mim ... sei que não adianta ir a médico se não fizer o que ele manda ... sei que nem sempre o que o médico vai me dizer como sendo o ideal irei fazer ... mas também sei que posso tentar aprender como fazer ... posso buscar partindo do ideal que propõem para encontrar meu equilíbrio.
472. Ah! Mas a médica vai tirar tudo ... começando pelo café da manhã ... tomo leite com Nescau. É impossível ... não posso deixar de fazer isso ... todo dia tomo leite com Nescau. Pelo meu médico eu tomaria chá. Não tem cristão que me faça tomar chá de

manhã ... não como nada de fruta pela manhã. Não gosto de fruta de manhã ... de manhã cedo não consigo comer outra coisa.

473. Comi isso durante trinta e sete anos da minha vida ... agora é que não posso comer outra coisa ... afinal de contas fui educada dessa maneira ... é difícil acostumar a mudanças.

474. Meu pai comia mamão todo dia ... e todo dia insistia para que eu comesse ... as vezes tentei comer mas não vai ... não desce.

475. Quando penso na dor que sinto no estômago sempre acho que vou ter que me acostumar a comer mamão ... porque meu estômago ultimamente está horrível ... vivo com gastrite ... com dor ... não é dor é uma azia constante ... embrulha o estômago e dá dor de cabeça porque reflete.

476. Não sei porque preciso dificultar tanto para mim mesma ... se fizesse o que sei que deveria fazer ... não comeria mais farinha e pimenta ... agora ... não sei se faria.

477. Sei o que estou fazendo comigo própria ... mas vou fazer igual meu pai ... perdôo o mal que me faz pelo bem que me propícia. Sei também que posso fazer opção mas não posso reclamar depois da opção feita ... sei que estou escolhendo.

478. Perturbação é doença? E se não for nunca vou ficar boa.

479. Sabe que provavelmente não vou gostar da namorada do meu filho ... ele já discute comigo todo dia ... disse que é impossível viver de bom humor perto de mim ... digo que ainda vai sentir falta do meu mau humor quando não estiver mais por perto. Digo não só essas coisas como outras ao meu filho.

480. Toda mãe diz a mesma coisa ... mãe só muda o número do CPF. As vezes quando me perturba digo que vai ter um filho pior do que ele ... tomara que te azucrine ... azucrine ... azucrine e meu filho diz que vai enchê-lo de porrada. Eu digo:

481. - Ah é ... quer dizer que posso te encher de porrada?

482. Fico igual papagaio repetindo as coisas que escuto ... toda mãe repete isso ... quando se é filho achamos ruim ... quando se é mãe é normal falar isso tudo ... sei lá.

483. Para os psicólogos todo mundo está certo ... depende do ponto de vista. Não é verdade?

484. Mas ... não sei porque repito as coisas todos os dias ... não só em relação a filho mas a todas as coisas. Não entender porque faço e quando faço me sinto mal.

485. Acho que ajo dessa maneira porque fico tão aborrecida com o raio da criatura ... falo a primeira coisa que me vem que é justamente ameaçar ... desejando que tenha um filho igual ... para ver se ele enxerga e melhora. A vontade é que o filho perceba como está agindo. Mas sei que existem outras maneiras de fazer isso diferentes da que tenho usado.

486. Toda mãe que conheço age da mesma maneira.
487. As vezes estou morrendo ... mas não sei dizer que não está bem ... aprendi a mascarar ... criei duas pessoas ... ou várias ... essa é uma forma de mentir também ... e no fundo eu mentia para mim também mostrando que estava bem. Queria ter contado tentei por diversas vezes contar para um amigo ... mas não adiantaria ... no máximo ficaria com raiva do meu tio pelo acontecido ... ia considerá-lo um monstro porque uma pessoa que faz esse tipo de coisa ... normalmente as pessoas encaram assim e não resolveria meu problema ... mas sempre prometi a meu amigo:
488. - Um dia vou contar um segredo que guardo comigo por muitos anos.
489. - Tudo bem quando você estiver preparada para contar.
490. Não sei porque é importante contar para alguém sobre o que aconteceu comigo ... nem sei se um dia vou estar preparada para contar ou mesmo que não queira mais contar a ninguém.
491. A vontade de contar é como uma coceirinha na língua ... mas acabo não contando ... quais mudanças esse contar traria para minha vida ... não tenho claro.
492. Minha mãe coloca meu tio nas alturas e ele não é nada daquilo ... então porque ficar alimentando esse conceito que a família tem dele ... só que também não vai adiantar nada eu falar. A situação permanecerá assim porque jamais falarei isso para minha mãe ... não sei porque quero que ele perca a imagem de boa pessoa que tem ... queria deixar tudo claro ... quem sabe assim me sentiria melhor ou quem sabe posso até me sentir pior ... penso que se contar de repente tiro esse peso de mim ... porque apesar de ter contado para minha psicóloga e trabalhar isso ... ainda fico com aquele segredo ... parece que só vou me livrar o dia que contar e ainda não posso contar ... então vou ficar para o resto da vida com isso.
493. É um segredo que se tornou um peso para mim.
494. Se contasse a reação de uma mãe em saber que aconteceu um negócio desses com a filha e que ela não soube ... quebrará a imagem que ela tinha do próprio irmão ... como pode ter feito um negócio desses ... imagino que até possa passar mal ... ela tem problema de pressão ... como não quero isso prefiro não contar ... não sei se ela vai querer falar com ele ... seria um bafafá ... um reboiço ... ainda mais se eu contasse para meu pai ... que já é meio invocado com meus tios. Se conto uma história dessas ... não sei não ... acho melhor ficar para mim.
495. Não sei qual seria a reação da mulher do meu tio ... não posso imaginar. Tenho pra mim que ele acha que não lembro mais disso ... que não representou nada ... penso que ele sequer imagina que isso passa pela minha cabeça e o que isso provocou em mim ... porque a forma como o trato é como se isso nunca tivesse

acontecido ... talvez se ele desconfiasse que isso permaneceu em mim pode imaginar que eu teria raiva dele.

496. Se não conversasse com ele ... talvez tivesse vindo me perguntar e eu tivesse dito ele entenderia que eu estaria com raiva por causa daquilo ... mas não o trato com raiva ... não o maltrato. Tenho uma prima que não gosta e não fala com ele ... mas em função da briga que ele tem com o pai dela ... se eu tivesse dado esse tratamento a ele talvez entendesse ... soubesse que me afetou. Mas a forma como ajo ... permite a ele imaginar que eu era criança e que devo ter superado isso ... pelo contrário não superei ... pareço mas não sou. É igual a Denorex. Não consegui superar isso sozinha.

497. Superar para mim significa que eu queria esquecer ... conseguir me livrar e mudar minhas atitudes e comportamentos ... em função do que aconteceu mudei meu comportamento ... só vou conseguir superar isso quando tiver um novo comportamento. Aí passei de fase ... deixei esse estágio e fui para outro ... mas enquanto mantiver meu comportamento é como se ainda estivesse com aquilo ... não consegui superar.

498. Penso que minha mania de dizer que está tudo bem ... mostro duas pessoas ... sou indecisa ... não sei se isso tudo foi fruto do que aconteceu ... e no dia que conseguir reverter esse quadro superei o problema.

499. Tenho que mudar ... ser outra mudando meus comportamentos que foram gerados por causa disso ... mas como ainda não consegui mudar ... percebo que ainda não superei. Isso vem muito à mente ... por isso acho que não esqueci.

500. Se falasse com o Chico sobre isso acho que não mudaria muito ... hoje consegui me liberar mais de algumas coisas ... com relação a sexo não sei se ajudaria ... acho que não está só ligado a minha melhora ... preciso saber o que quero.

501. O Chico é muito preocupado com meu bem estar ... por não saber o que quero vive perguntando se gosto disso se quero aquilo ... está tentando me ajudar a descobrir do que gosto e do que não gosto ... ele vê que não consigo descobrir sozinha e fica tentando me ajudar ... não tem segurança em mim ... percebo que de vez em quando diz que se não fizer isso vou acabar dando o pé na bunda dele ... porque faço isso com a maior facilidade.

502. Não tenho firmeza mas qualquer coisa me dava vontade de dizer:

503. - Olha se não tá satisfeito pega tuas coisas e vai-te embora.

504. Não penso mais que ele deva pegar as tralhas dele e ir embora. Quero ficar ali com ele só que quero ficar bem. Quero aprender a lidar com ele e não deixar que faça comigo muitas coisas que faz ... me dê com que ele fala.

505. Quero me proteger disso saber trabalhar ... não quero deixá-lo de forma nenhuma ... mas do jeito que às vezes estamos vivendo não dá ... não é saindo da relação que vai adiantar ... tenho que resolver o problema ... já entrei com ele e quero ficar ... mas quero me resolver ... acho que o problema não é ele.

506. Quando incomodo-me com certas coisas é porque sou muito insegura. Não tenho segurança em mim ... em minha capacidade ... não me valorizo ... tenho uma estima baixa ... como se de repente qualquer coisa viesse a influenciar no meu relacionamento. Acredito que quando resolver isso vamos poder viver sossegado. Ele é bem parecido comigo e consigo conviver com ele ... brigamos por coisas que não tem importância ... mas tirando essas pequenas coisas nos damos bem.

507. Volta e meia ele fala que é bom não ganharmos na loteria:

508. - Deus não vai fazer você ganhar na loteria ... vai dar só um pouquinho de dinheiro pra ti ... se tu ganhar muito já vai achar que não sirvo mais para você.

509. Agora ele está trabalhando para passar no concurso ... porque pensa que para eu ficar sossegada preciso poder fazer carreira diplomática ... disse que é isso que quero ... e estando num emprego melhor vou poder fazer. A preocupação dele é passar no concurso para eu ficar bem ... porque assim fico bem com ele ... que acha que enquanto fico nessa minha bagunça ... não consigo ficar bem com ele. Está doido para me resolver ... ver se fico feliz. Ele quer viver feliz para vivermos felizes. Eu também espero me resolver para ficar bem. Preciso saber o que quero ... enquanto não souber o que quero não vou ter conserto nunca.

510. Já pensei ... mas não consigo mais me imaginar fazendo um curso de carreira diplomática. Não sei se deixei tão para trás porque achei que é impossível ... não consigo mais me imaginar nele ... acho que é por isso que não fui mais atrás de fazer biologia. Estava tão fissurada em fazer biologia que era de área afim.

511. Quando quis fazer carreira diplomática queria movimentar-se ... isso me fascina.

512. Se fosse diplomata ... iria fazer tanta coisa ... gostaria muito ... queria ser uma coisa mais dinâmica ... exatamente porque é prático e nem um pouco monótono ... embora um diplomata não necessariamente fica sentado atrás da mesa olhando para a cara da pessoa esperando que ela fale ... ele sai a procura do que pode ser feito.

513. Sempre botei na minha cabeça que gosto de atendimentos. Quando assisto a atendimentos eu gosto e já assisti a várias. O primo do meu ex-noivo era profissional só que fazia atendimentos.

514. Vivia em atendendo só atendendo ... raramente fazia outras coisas ... marcava atendimentos quase todos os dias atendia aqui mas foi embora. Se formou lá fora ... veio para cá e foi para outro estado de novo.

515. É uma coisa tão distante. Como se nesses anos todos tivesse ficado muito preguiçosa e vida de diplomata não é fácil ... fui desenvolvendo minha vida não mais para ser diplomata ... sua vida é muito corrida ... não sei se tenho mais pique para isso.
516. Não sei o que me fascina em ser diplomata ... nunca sei colocar o que sinto como vejo ou porque quero alguma coisa. Acho que ficou para trás meu sonho ... não consigo mais encaixá-lo no meu presente. Esse sonho ficou para trás.
517. É ... não consigo largar meu passado e viver meu presente.
518. Sempre me pergunto porque quero fazer as coisas e não tenho respostas ... enquanto não descobrir porque quero fazer tal coisa ... não vou adiante.
519. Estava pensando sobre meu trabalho hoje ... primeiro não gosto dele ... vinha ali pensando ... como é detestável esse serviço que faço. Neste exato momento não tenho vergonha nenhuma de dizer que trabalho somente pelo salário que preciso ... não sinto vergonha em dizer que meu trabalho não me realiza. Não me importaria estar ganhando o que ganho ... que não é muito ... desde que aquilo que fizesse me desse prazer ... mas não me dá nenhum ... é como o Chico diz ... só sabemos fazendo ... estou tentando várias coisas ... ele falou vamos fazer Direito ... mas disse que já estava cansada de fazer faculdade que não gosto. Ele disse:
520. - Como sabe que não gosta se não tentou. Se entrar e não gostar você para ... porque chegou a conclusão de que não gostou. Mas se você não tenta ...
521. Já tentei saber alguém que faz Orientação Vocacional porque gostaria mesmo de descobrir para que sirvo. Atualmente acho que não sirvo para nada. Mas é engraçado ... não gosto desse meu serviço ... não é porque só não gosto de fazer mas não me sinto capaz para fazer o que faço ... deve ser porque não gosto ... gostaria de estar em outra coisa.
522. Gosto de trabalhar com o povo ... essa idéia de começar a fazer coisas e se não gostar deixar é para quem tem tempo ... não tenho mais tempo ... meu tempo está se esgotando.
523. Quero que a orientação vocacional me diga em que área me encaixo. Preciso me definir ... não tenho uma profissão ... a que escolhi e que fiz faculdade não gosto ... por isso não me dedico a ela e me faz falta. Quero ter uma profissão ... me especializar numa área ... ser boa em alguma coisa mas em algo que goste ... acho que se vou fazer uma coisa que goste farei o melhor possível ... vou me especializar e gostar de fazer aquilo. Mas não existe nada que possa dizer que goste e que quero fazer.
524. Como vou gostar de alguém se não gosto de mim?

525. Sinto falta do meu filho quando ele viaja. Quando o Chico está fora sinto falta dele. Quando meus pais estão fora sinto falta deles. Mas consigo me acostumar sem eles ... quase morrendo mas consigo.

526. Temos um consorcio e esses dias tentei tirar meu carro ... não fui sorteada e uma pessoa deu lance maior ... dois por cento ... resultado ... não tirei o carro ... vou fazer outra coisa ... dar meu carro e o Chico vai dar a parte que iria dar no lance e o restante vamos pagar. Assim ficamos com um carro novo ... pelo menos não costuma dar problemas.

527. Tenho dificuldade em mudar ... quando acostumo com uma coisa acomodo até que apareça outra coisa que goste ou que esteja disposta ... em relação ao carro por exemplo não vou comprar de outra marca só para ter que mudar ... não vou mudar por mudar ... só para dizer que não faço sempre a mesma coisa ou que não gosto sempre da mesma coisa ... não sou de estar mudando ... foi assim minha vida inteira ... até mesmo com meus namorados ... passo anos com eles ... só deixo depois que enjoou ou quando não agüento mais.

528. Tenho que ter alguma coisa que me estimule a mudar ... preciso encontrar alguma coisa que goste mais do que a que estou vivendo. Por exemplo ... em relação a namorado ... enquanto não descobrir uma outra pessoa que chame minha atenção fico ali ... sem me sentir estimulada a mudar.

529. Quando terminei com meu noivo já tinha o Chico em vista ... que foi um estímulo para sair da relação anterior ... porque conheci uma coisa que julgava melhor.

530. O fato de ter o Chico em vista não significa que tinha segurança de que as coisas iriam dar certo ... não tenho clareza do que me fez deixar o noivado para me arriscar a ficar sozinha ... mas algo me fez mudar ... a vontade que tinha de ficar com o Chico era maior do que permanecer naquele marasmo ... se o Chico não tivesse aparecido acho que iria ficar.

531. Sei que dizer que sou assim é muito fácil ... mas não sei porque ajo assim mas só saio de onde estou quando enxergo que algo é melhor do que para onde vou. Não mudo se não tiver convicção de que aquilo é melhor ... posso chegar lá e quebrar a cara além de não ser nada daquilo mas dentro de mim tenho que ter consciência de que aquilo ali é melhor ... não basta alguém falar preciso ter consciência de que aquilo era melhor.

532. Falando dos carros e da minha dificuldade em escolher um outro tipo de carro ... o zeze é um carro importado que se quebra alguma peça ... minha colega tem zuzu e não gosto ficamos lá embaixo e não gosto de carro assim ... tira um pouco a visibilidade ... no zeze fico mais alta ... já sou meio ceguinha ... quando paro na

esquina olho umas quinhentas vezes para um lado e para outro ... antes de ter certeza e ir embora. O zizi me sufoca ... tem um painel muito exagerado ... quando entro nele não me sinto bem ... não sei se já me predispus a não gostar dele ... e se não gosto como vou comprar um carro no qual não me sinto bem?

533. Além do que temos dinheiro suficiente só para comprar um zeze ... também me acostumo com tudo desde que o carro me leve onde preciso ir está bom. Quando sair o consórcio ... damos o meu carro e tiramos um melhor com ar condicionado ... e o Zezé não se encaixaria no mais confortável porque não é o mais confortável.

534. Não corro risco ... não arrisco ... costume ficar onde estou ... calada.

535. Por exemplo ... estou trabalhando com uma menina que não gosto porque impõe demais ... tudo tem que ser do jeito dela e não sei porque mas aceito ... podia explodir e dizer que não vai ser nem do jeito dela nem do meu ... mas calo ... quando não suportar mais ela não servirá para ser nem minha colega ... que dirá minha companheira de trabalho ... nem para cumprimentar ... porque vou levando ... vou levando ... vou levando ... igual faço a meus relacionamentos ... saio quando já não tem mais jeito ... vou agüentando ... como se ficasse ali me conscientizando de que não é bom para mim ... fico até me convencer ... quando me convenço ... saio.

536. Não gosto do jeito dela ... como trata e fala dos outros ... como confiar numa pessoa dessas se quando você vira as costas ela vai falar de você ... para ela ninguém presta. Às vezes dá uma vontade de dizer que ela não devia falar assim porque essas pessoas são amigas dela ... fala mal até da própria mãe ... esse é o tipo de pessoa que não faz parte da minha vida ... como trabalha comigo tenho que conviver ... poderia responder as coisas que fala para mim mas me calo. Quando chego em casa e vou discutir com o Chico ... ele diz:

537. - Mas tu é lesa. Tu não fala nada. Tu não responde.

538. Na hora não consigo responder ... fico com aquilo dentro de mim ... mas não falo.

539. As coisas me incomodam e não falo ... guardo ... quando não dá mais desconto no Chico ... que é a pessoa mais próxima ou então fico ruim com minha gastrite ... agora deu de atacar a enxaqueca também ... não queria ser assim ... eu era e continuo sendo taxada de chata ... tanto em casa como nos meus pais ainda falo ... se não quero fazer uma coisa não faço ... sempre invento uma desculpa. O Chico diz que ficamos inventando desculpas para deixar de fazer coisas que não queremos ... por exemplo ... tem uns amigos que querem nos levar a um sítio ... tinha vergonha de dizer que não queria ir ... por isso inventava uma desculpa ... mas porque preciso inventar desculpa para deixar de fazer algo que não quero fazer.

540. Se dissesse que não queria ir imagino que a pessoa poderia ficar magoada ... como já fica ... inventar uma desculpa pode fazer com que ela ache que não quero estar na companhia dela ... seria muito mais simples se conseguisse abrir minha boca e falar o que realmente tenho vontade de falar ... mas como muitas vezes ajo de supetão ... de ímpeto ... fico receosa em pensar se depois não vou me arrepender de ter falado aquilo. Muitas vezes falo e depois me arrependo ... prefiro calar do que depois me arrepender.

541. Sou meio embananada ... ontem a ex mulher do Chico ligou em casa perguntando se as meninas podiam dormir lá em casa porque que ela ia sair ... o Chico só tem uma filha e não duas ... ela joga para ele uma responsabilidade que não é dele e não concordo com isso. Ele não tem obrigação com a filha que não é dele ... porque na hora de fazer ela não pediu autorização para saber se ele assumiria a filha ... o pai da outra menina é um irresponsável ela quer colocar o Chico como tutor da criança.

542. Não quero ser ruim ... mas só tive um filho porque só queria um filho ... a filha do Chico veio em conseqüência. Ótimo! Mas sabia que ele tinha uma filha ... não sabia que junto com a filha dele teria que agüentar a outra também. Sou uma pessoa que não tenho muita paciência com criança ... não é que sou ruim ... é coisa minha.

543. Ser ou sentir-se uma pessoa ruim dentro das minhas idéias significa que o Chico pode achar que sou ruim e com isso posso perdê-lo ... ele sempre foi muito claro em relação as meninas de que não posso separar as duas porque são irmãs ... mas como lidar com isso? Se a pequena fosse uma criança mais sossegada não me incomodaria ... não gosto de criança danada.

544. A que não é filha do Chico tem seis anos ... é hiperativa ... não consegue sentar num sofá e assistir um desenho animado que preste ... sentada ... sossegada ... tem criança que senta e esquecemos ... minha sobrinha senta na frente da televisão se estiver sozinha ... já o irmão dela é outro capeta ... gosto de criança calma ... sossegada.

545. Sempre gostei muito de criança ... mesmo antes de ter o meu tomava conta dos meus sobrinhos ... fazia mingau ... até hoje me chamam de tia. Depois que tive meu filho ... ele era muito chorão ... vivia agarrado comigo então precisei despender muito do meu tempo com ele. Agora que meu filho cresceu não estou disposta a fazer outras coisas ... quero ter sossego ... o que não tinha ... sou muito sossegada ... não gosto muito de barulho ... não vou para lugar que tem muita gente ... não sei se é ser chata. A menina fala o tempo inteiro e aquilo me azucrina a cabeça ... fica perguntando umas coisas que não tem nada a ver.

546. O pior é que ela gosta de mim ... no telefone não fala nem com o pai ... quer falar com a Ana ... essa situação me deixa um pouco culpada porque ela gosta de mim mas não consigo gostar dela ... só queria que ela ficasse calada.
547. A ex esposa do Chico pensa que tenho aceitação completa ... porque essas coisas eu guardo ... não falo nem para o Chico ... as vezes é que solto. Ontem falei com ele que não gostava do modo que ela jogava as crianças ... a mãe disse para a criança que o Chico é pai de coração. Ela está tendo contato com o outro pai ... mas sempre chamou o Chico de pai e isso tornou-se como verdade.
548. Depois que a Beatriz teve contato com o pai dela mesmo até melhorou ... acho que ela queria ter um pai dela ... no fundo sabe que o Chico não é seu pai. Compreendo essas coisas todas.
549. A esposa do pai da Beatriz não a aceita ... embora não possa ter filhos não quer que o pai se aproxime da filha que tem.
550. Quando era criança as vezes beliscava só para ouvir o grito.
551. Quando o Chico destrambelha a falar não para mais e parece que quando levanta com o falador aberto ... aí sai debaixo. Digo a ele quando isso acontece que pelo amor de Deus ... de novo não ... de novo não.
552. Não tenho receio em ser rejeitada ... mas quero manter a política da boa vizinhança em função das meninas ... não tem coisa pior que você precisar falar com teu ex-marido a respeito dos filhos e ter um empecilho ... seu marido não pode falar com a outra porque a mulher vai ficar aborrecida ... não é isso que quero.
553. Não me incomoda que a filha do Chico vá em casa ... ela precisa visitar o pai e em relação a filha menor ... porque por enquanto o Chico é o único pai que ela tem ... mas não quero que fique lá para o resto da vida ... tenho minhas coisas ... gosto de ter minha casinha ... meu sosseguinho.
554. Meu filho já está acostumado com meu ritmo ... sabe que sou desse jeito e não se incomoda ... também não preciso ficar fazendo sala para ele ... diferente da menina mais nova.
555. Trocamos de carro. O que me faz falta é um carro ... estou satisfeita por ser um carro novo ... mas não significa muito ... porque tem gente que compra um carro novo para mostrar para os outros ... ostentação ... nesse sentido sou diferente. Compro na medida do que posso e fico contente e feliz pelo que tenho.
556. Não sei o que tem grande importância na minha vida. Se descobrisse o que faz meus olhos brilharem ficaria satisfeítíssima ... busco isso até hoje ... porque vivo ... vivia tendo aqueles sonhos como o de comprar um carro... quando tive meu carro

logicamente fiquei satisfeítíssima ... mas não é o que me prende ... depois passar num concurso ... chegar lá não é nada daquilo que imaginava.

557. Não imaginava coisas externas mas dentro de mim ... queria que algo me preenchesse ... busco sempre em alguma coisa algo que me preencha ... por exemplo ... hoje tive uma notícia que achei super interessante ... o Francisco foi convidado embora não saiba se vai poder aceitar porque vai estar de férias ... estão tentando revogar as férias dele ... para participar de uma comissão que homologa os programas que são feitos para o Governo Federal.

558. São feitos programas e para que venham a funcionar fazem um grupo de trabalho para o qual só vão os melhores da área de sistema dentro das unidades do Governo de todo país. Para homologar vão analisar os sistemas e dizer se presta ... se têm falhas ... se não têm ... depois devolvem para as pessoa que fizeram e depois numa outra oportunidade ... umas duas semanas depois ... homologam.

559. O Chico está conseguindo ter o reconhecimento do seu trabalho porque realmente é bom naquilo que faz. Nessa hora me perguntou e dei a maior força ... mesmo que tenhamos que suspender as férias ... não tem problema.

560. Sinto inveja no sentido que gostaria de ter a mesma realização que ele ... ele se realiza no que faz ... é como se nunca fosse ter essa mesma realização ... sei que no trabalho que realizo nunca vou ter isso ... porque não é o que quero para mim.

561. Fico buscando sentido nessas coisas ... não consigo gostar ... e nesse sentido tenho inveja de quem tem ideal. Sabe ... quando ouço as pessoas falarem de seus projetos ... acho bonito ... lindo ... maravilhoso ... vem uma coisa de dentro ... que se gosta de fazer ... gostaria de ter alguma coisa que eu falasse tanto e que me dedicasse com essa mesma vida que vocês tem quando falam sobre o trabalho de vocês ... mas nunca achei nada assim ... posso estar no caminho errado mas não consigo achar o caminho para onde posso encontrar essa realização. Não é aquela inveja ruim ... é a vontade de ser também.

562. Enquanto não consigo descobrir o que gosto ... fico esperando que um acaso traga algo para mim que eu possa dizer:

563. - Poxa ... foi por isso que esperei a vida inteira e de repente apareceu como do nada.

564. Então ... enquanto não sei o que faço estou naquilo que consigo fazer.

565. Às vezes acho que o acaso vai me trazer alguma coisa. As coisas acontecem muito de uma hora para a outra ... acredito nisso. Por exemplo ... nesse caso do Chico ... faz um mês pelo menos que ele diz que vai aprender. Comprou um monte de livros e está lá estudando feito louco ... diz que vai voltar a programar ... não usava para

programar mas esse programa para o qual o chamaram para trabalhar é em ... se não tivesse estudado não poderia ir. É assim ... as pecinhas vão se juntando. Chamo isso de acaso.

566. O Chico já tentou me ensinar informática mas desistiu porque não me interessei ... agora pedi para ensinar francês ... comecei a estudar e gosto ... mas não o suficiente para me dedicar.

567. Sempre tive vontade de aprender francês ... mas estudo um dia aqui e daqui a um mês estudo de novo ... não consigo me dedicar ... é como se aquilo não me chamasse a atenção.

568. Não tenho disciplina.

569. Não estou encontrando nada. Talvez esteja no caminho errado ... devo ... com certeza estar no caminho errado porque permaneço no mesmo. Por exemplo ... agora vai ter um curso da repartição que só envolve direito e lá estou eu para fazer ... são quatro meses ... continuo no mesmo caminho ... mas se dessa vez não me interessar decididamente vou sair e ir para outro que ainda não sei qual será.

570. Já pensei em ir até a universidade e resgatar um sonho que é da minha vida ... já liguei ... ia fazer isso no final do ano mas como agora é começo de março vou pedir vaga no meu curso de Direito. Iria fazer o curso de direito com o maior prazer só que é integral o que é um problema ... pensei em ir alguns dias na universidade para pegar matéria e ver se me interessa ... imagino que me interessa mas preciso ter contato para ver se gosto mesmo ou se foi um sonho que trouxe durante minha vida inteira e era só um sonho.

571. Preciso ver a data correta para não perder. Se tivesse feito isso há dois ou três anos atrás ... porque essa era minha idéia ... hoje poderia estar muito bem ... ou mesmo no curso de Biologia ... mas não fiz a matrícula ... me perdi.

572. Outro dia estava pensando que as vezes fico fazendo coisas porque quero agradar aos outros mas não estou agradando a mim ... por exemplo ... o Chico gosta muito que eu estude ... eu também gosto de estudar porque sempre gostei de estudar ... mas não consigo me interessar por esse tipo de estudo que ele acha que tenho que gostar ... fico pensando que mesmo não trabalhando na mesma área que ele ... isso não quer dizer que vamos ter que ficar separados ... eu tinha uma idéia boba na minha cabeça ... quando ele foi para o Governo imaginava que se trabalhássemos separados não conseguiríamos mais viver juntos.

573. Fico pensando que estamos trabalhando em órgãos diferentes e continuamos juntos ... mais até do que antes o que significa que se não trabalhar na mesma área

que ele não significa que vamos ter que nos separar ... podemos até nos unir mais e vou estar feliz no que estiver fazendo e ele também porque vai me ver feliz.

574. Não contei nem mesmo para o Francisco que já acha meus tios meio estranhos ... imagina se contar um negócio desse ele não vai mais querer conversar com meu tio e meu tio não iria entender ... se alguém me contasse um negócio desse provavelmente ficaria com raiva e não conseguiria esconder o que acho ... o Chico sabe que na minha adolescência sofri algum tipo de violência sexual ... mas nunca contei como nem quem.

575. Um dia ele comentou que tem sorte para pegar mulheres que sentiram violência ... teve outras duas namoradas ... uma tinha sofrido estupro e a outra o irmão bolinava nela.

576. Gostaria de contar quando me sentisse mais a vontade e com maior firmeza com essa história ... um dia desses ou qualquer hora dessas eu conto ... não sei se tenho muito medo da relação em si ... hoje ele é meu marido amanhã não sei ... fica uma pessoa a mais sabendo e segredo é segredo ... a partir do momento que conto para alguém deixa de ser segredo ... aqui confio porque existe o SEGREDO da profissão me sinto a vontade para falar ... além de ter que me ajudar ... se não contar você não pode me ajudar ... tenho que abrir as portas para você me ajudar ... se fosse para guardar era melhor ter ficado em casa.

577. Não guardo muitos segredos ... o único que tenho é esse ou os que as pessoas chegam para mim contam e pedem para que não comente com mais ninguém.

578. Não sei porque guardei esse segredo ... já me perguntei isso ... e nem porque passei tanto tempo trabalhando com esse meu tio. Não chego a nenhuma conclusão ... gostar de trabalhar com ele eu não gostava ... mesmo porque ele não é bom para dialogar ... quando conversamos ele parece leso ... tinha uma raiva tão grande de conversar com ele ... sempre gostei mais de lidar com meu outro tio que para mim ou você fala esporeia logo de uma vez e pronto ... mas não fica olhando com cara de quem está pensando sem dizer nada. Não gostava quando ele me chamava para ir conversar em sua sala ... eu ainda me enfiei de chefe ... podia ter deixado ele contratar outra pessoa para ficar no meu lugar ... mas não ... eu ainda quis ser chefe.

579. Meu tio contratava umas pessoas para serem chefes que sabiam menos do que nós ... achávamos que tínhamos mais capacidade para ser chefe ... para coordenar e gerenciar o departamento ... colocava outras pessoas para ganharem melhor do que nós ... por isso quando mandou a última chefe embora conversamos e decidimos eu e meu outro colega que dividiríamos o setor. Depois me arrependi ... deveria ter ficado só sendo mandada.

580. Quando entrei na repartição e ele no GOVERNO ... disse que talvez me chamasse

para trabalhar com ele ... eu disse:

581. - Não ... prefiro ficar no meu cantinho. Pelo amor de Deus não me chame ... já me bastou todos esses anos embaixo do seu chinelo ... agora não quero mais ser capacho.

582. Não gostava que ele mandasse em mim ... é como se lembrasse da época em que me mandava fazer aquilo que não queria fazer e no entanto fazia.

583. Talvez tenha pego um pretexto ... acabei achando o momento ideal e saindo.

584. Desta maneira não criei um clima ruim em volta de mim ... como se não tivesse brigado com ele por mim mas por meu pai. Porque quando briguei foi por causa do meu pai ... uma confusão ... meu tio se irritou com meu pai ... tomei suas dores embora não precisasse porque meu pai é grande o suficiente para saber se defender. Na ocasião me senti ofendida ... mas alguma outra coisa me levou ... já queria me libertar e foi a chance que achei sem ter que me expor demais. E foi assim que consegui sair e não pretendia mais voltar para essa situação.

585. Minha mãe e meu pai têm imóvel alugado ... disseram que íamos trabalhar juntos ... já disse para não contarem comigo ... não quero me meter ... posso conversar com meus pais a respeito ... dizer o que têm que fazer ... mas quando chegam os quatro para cada um dar seus palpites ... não falo e não quero mais me envolver em questões familiares ... a sociedade é deles e que se virem. Mas por incrível que pareça no dia da minha batida tive que chamar pelo meu tio ... foi o único que me veio à cabeça e que sabia quem era o indivíduo que trabalhava no DETRAN e poderia ir na hora fazer a perícia do carro. Na hora pensei ... ligo não ligo ligo não ligo. Mas acabei ligando.

586. O Chico é competente naquilo que faz porque gosta do que faz ... eu jamais vou ser competente no que faço porque não gosto ... jamais poderei competir com ele e não quero competir porque não gosto de competir. Queria ser tão competente como ele é ... gostaria de gostar daquilo que faço como ele gosta ... queria ser boa no que faço mas não gosto do meu trabalho por isso nunca vou conseguir ser boa.

587. Não me interesso pelo que faço ... como posso querer ser igual ao Chico no sentido da competência se quando olho para ele vejo uma pessoa competente? Claro que todo mundo quer ser competente ... só que ele é ... porque gosta e se dedica ... não sou porque não me dedico e não me dedico porque não gosto. Por isso tenho que procurar uma área que goste ... não só para que me torne competente ... mas para que sinta prazer no que faço ... quero me levantar e sentir vontade de ir trabalhar ... o contrário do que sinto agora ... quando fico rezando para chegar o final de semana. Tenho que sair dessa linha de trabalho ... esses quatros meses em que farei o curso serão os últimos que tentarei.

588. O Chico disse que não vou poder fazer o curso de biologia porque não deixei que ele fizesse o de direito a noite ... já disse a ele que o curso é durante o dia e que por isso não vou deixar de ficar com ele porque nessa hora está trabalhando. Tudo isso porque enchi o saco dele na época em que queria fazer outro curso universitário e era a noite. Ele disse que posso me envolver com outras pessoas.

589. Ele diz que está satisfeito com o casamento e eu não ... por isso estou mais propensa a traí-lo do que ele a mim ... acho que no momento em que ele sentir que estou no meu rumo vou ficar feliz e terá mais segurança nos meus sentimentos em relação a ele ... embora eu saiba que não tenho vontade de sair do casamento.

590. O Chico acha que nossa relação ... que meu vínculo de casamento é muito frágil e que por qualquer coisa vou mandá-lo fazer as malas e ir embora.

591. Na minha juventude se alguém dissesse que isso está errado eu faria ... nunca me incomodei ... até que comecei a ouvir o que os outros falam e comecei a viver para eles.

592. Quero aprender a lidar com a filha menor do Chico ... conversei com ele a respeito mas tem coisas que não aceito ... sou muito radical. Ele nunca conviveu dentro de casa com a menina ... quando ela nasceu morava em São Luis. Minha dificuldade com ela é porque não gosta de assistir televisão ... não gosta de desenhar ... não gosta de brincar ... não é uma criança que senta e fica sossegada.

593. Já disse para a menina que ela precisa aprender a brincar ... porque como tem muita necessidade de afeição tem necessidade que os outros gostem dela mas do jeito que vai indo ... vai é afastar ... não brinca ... não se diverte e isso me irrita profundamente.

594. Esses dias fiquei chateada com o Chico ... ele foi para sala e eu para o computador ... liguei o som com a música do Carlos Miguel bem alto até que ele abriu a porta e perguntou se estava ficando doida ... lá no quarto conversou comigo e disse que gosta muito de mim ... que apesar do meu lado chato consegue compreender meu lado ruim e aceitá-lo porque aceito o lado ruim dele também.

595. Quando estou com raiva brigo e depois passa ... não faço nada e pronto. Acho que sou muito impulsiva ... faço as coisas por impulso e depois que faço me dá raiva ... mas quando passa a raiva também acabou ... descarreguei tudo que tinha que descarregar ... acabo achando que não devia ter falado era nada.

596. Quero realmente saber o que isso significa ... quero respostas para poder me consertar ... saber que atitudes devo tomar ou como devo agir ... preciso e quero mudar.

597. Não tenho mais credibilidade ... sinto-me como alguém sem caráter ... abestada ... por isso que ninguém leva fé naquilo que digo ... todos sabem que como brigo muito sempre passa e nem levam mais em consideração o que falo.

598. Para a pessoa ser levada a sério precisa manter o que fala ... por exemplo eu brigo e digo que estou cansada de fazer tudo sozinha ... mando o Fernando fazer tal coisa e o Francisco outra mas dura um ou dois dias ... daqui a pouco estou enchendo o litro de água pelo Fernando e fazendo sua cama.

599. Em casa tem dois cachorros ... um deles fica dentro de casa mas precisei deixá-lo preso porque estava muito danado. Nosso sofá tem uma capa que era cheia de pano ... toda franzida. Cachorro adora pano ... se der um pano para ele rói por inteiro ... roeu uma camisa minha novinha ... e faz os buracos bem redondinho ... não sei como faz mas morde que os buracos ficam redondinhos ... é incrível aquele cachorro ... então dou um toalha um pedaço de pano ou um lençol que ele enche de buraquinho redondo. Meu intuito de prender o cachorro não era porque fazia ruído mas para evitar que roesse de novo ... como o pano ficava solto acho que entendia que era para brincar e roer ... ele não tem discernimento para dizer: não ... esse aqui é a capa do sofá da minha mãe e por isso não posso roer. Eu o chamo de meu filho.

600. Não posso retirar a capa do sofá porque o Chico é alérgico e a capa é possível lavar sempre. Enquanto estamos em casa o cachorro não sobe no sofá ... mas é só darmos as costas ... é incrível! À vezes fecho a porta ... abro a porta ... e ele já está encima do sofá ... no que fecho e abro ... já está pulando para baixo de novo porque já subiu e sabe que não gosto .. fico fazendo macacada com o cachorro.

601. Não sou rancorosa. Às vezes lembro que já fui mais baú do que sou hoje ... hoje o Chico é mais baú ... aquele que guarda as coisas e na hora da discussão tira tudo ... eu era muito assim mas agora diminuí e descobri que o Chico é pior. Hoje em dia não tiro nada do baú para discutir porque comecei a não deixar acumular muita coisa com a qual pudesse brigar ... brigo sempre que julgo necessário ... mas não fico mais ... porque em 1932 você falou ... é muito ruim ficar remoendo as mesmas coisas ... não tenho rancor mas tenho que ter um pouco mais de firmeza.

602. Sou assim ... tenho mania de achar que tudo meu não presta ... que sou errada por inteira ... tudo quero mudar. Quando criança era mais segura ... meu tio tentava ensinar minha irmã a assobiar e nós o enrolávamos eu aprendia no lugar dela ... não sei como passei a ser tão insegura.

603. Já pensei muito nisso. Eu era muito mais segura ... acreditava muito mais em mim do que acredito hoje ... as pessoas acreditam mais em mim do que eu mesma ... muitas coisas que aceito que as pessoas façam comigo é simplesmente porque me

acho incapaz de caminhar sozinha ... no fundo fico pensando se sou mesmo incapaz de caminhar sozinha ... me pergunto porque aceito o que me é colocado. Não sou uma pessoa incapaz e no entanto quando vejo que estou fazendo a mesma coisa ... por exemplo ... com relação a menina que trabalha comigo ... as vezes fala coisas para mim que outra pessoa qualquer já a teria mandado passear ... não mais trabalharia junto mas considero que ela é uma boa profissional ... também não sou burra ... porque então não posso caminhar sem ela? Penso que se de repente brigássemos e ela resolvesse não mais trabalhar comigo ... significa que eu iria ficar sozinha ... sentindo que não seria capaz de desenvolver meu trabalho sem ela ... no entanto trabalhei muito tempo sem ela e desenvolvi meu trabalho.

604. Não sei porque agora ajo como se não fosse capaz de trabalhar sem ela quando sou capaz. Então porque aceito? Só que de uns tempos para cá ... estou me sentindo até menos besta ... outro dia ela quis engrossar e eu disse que não precisa gritar que não sou surda ... que podia falar baixo que escuto do mesmo jeito.

605. No meu trabalho como tem muita coisa sobre lei ... discutimos e brigamos porque cada um tem seu ponto de vista ... um modo de interpretar a lei ... ficamos naquele pega e a impressão que tenho é que ela leva ao pé da letra ... para o lado pessoal como se estivéssemos brigando mas estamos apenas divergindo no pensamento ... não somos todos obrigado a ter o mesmo pensamento ... ambas achamos que estamos certas mas eu quando acho que estou errada digo. Ela acha que não admito quando estou errada mesmo quando o acabo de fazer ... pergunto se não está escutando porque as vezes a pessoa está tão preocupada em agredir que não ouve o que falamos.

606. Nesses aspectos acho que estou ficando até um pouco mais esperta ... não estou aceitando tanto ... apesar de não ter mais vontade de trabalhar com a pessoa ... não gosto de trabalhar com quem me trata mal porque não trato mau ninguém e até hoje a única pessoa com quem discuti no trabalho foi essa menina de resto são discussões normais ... meu gênio não combina com o dela ... mas como sou uma pessoa que não me dou com o que não é igual a mim ... tenho procurado entender ... tenho mania de se não gosto não vou mais ou não quero mais trabalhar ali ... sumo ... saio ... não procurava ficar ali e tentar entender.

607. Por outro lado penso porque eu é que tenho que entender ... reclamo dessa menina todo dia ... é incrível ... ela tem umas coisas absurdas que não concordo ... todo dia chego para o Chico e ele sugere que eu seja paciente ... no entanto ela já chegou a me pressionar e tive que abrir mão e fazer do jeito que ela quis para todo

mundo poder assinar. Somos em três no trabalho ... a terceira pessoa sempre toma o lado dela quando é necessária alguma decisão ... eu sempre fico perdendo.

608. Poucas vezes o outro colega vem para meu lado e ela perde mas fica danada quando perde ... porque jura que ele vai sempre estar do lado dela e como ultimamente ela anda fazendo umas cacacas ... umas coisinhas bestas ... eu e ele percebemos ficamos juntos e ela sozinha o que significa que estou conseguindo me posicionar um pouco mais.

609. Acho que sou flexível minha vida inteira. Esses dias o Chico me chamou de um nome que pensei que estivesse me xingando e fui olhar no dicionário. Disse que se estivesse me xingando de cavalo iria ver só. Ele disse que eu era uma pária ... quer dizer não influía em nada ... para mim tudo está bom. Aí eu disse:

610. - Olha ... não sei o que é pária ... mas vou olhar ... se tu tiver me xingando tu vai ver. Mas me xingou do mesmo jeito ... disse para ele. Você disse que eu e nada é a mesma coisa ... quer dizer que aceito tudo.

611. Quero mudar isso ... não quero mais aceitar ... só tenho medo de ficar igual a ela por trabalhar junto adquirir essa característica que não gosto ... muito agressiva ... normalmente sou um pouco agressiva mas não quero ser agressiva e sou ... ao contrário dela que depois peço desculpas ... explico que não estava querendo ser grossa que as vezes falo assim ... como a tal da falação dela que já comecei a me sentir incomodada ... antes eu falava por demais agora falo menos e me sinto menos nervosa.

612. Falo menos porque não tenho mais tanta necessidade e vontade de falar ... se bem que o Chico diz que falo e quando não falo ele estranha ... me sinto mais sossegada ... também não sei porque.

613. Antes tinha vontade de conversar e agora por exemplo se vou para um canto e sei que só vou chegar e falar ... as vezes fico em casa ... fico sentada lá na casa da minha mãe ... sossegada ... não vou mais atrás de jogar conversa fora ... estou mais na minha ... só preciso voltar a me interessar a estudar porque no momento não tenho vontade nem de ler ... se bem que essa semana voltei a ler um romance que eu tinha largado há um século.

614. Estou lendo "O mundo de Sofia". Tinha lido umas cento e poucas páginas aí larguei já faz mais de ano ... ganhei no aniversário de noventa e sete ... vai fazer dois anos e ainda não terminei de ler ... mas agora termino.

615. Estou indo na universidade para tentar uma vaga e voltar a estudar mas só se for biologia ... enfermagem são dois períodos e além de não querer não tenho condições de fazer embora já tenha desejado fazer logo que comecei economia ...

mas trabalhar o tempo todo obedecendo alguém ... eu não seria a mandante ... mas não é por aí não ... me considero melhor executando do que mandando.

616. Acho que para mandar é preciso saber fazer ... não sei e não sirvo para ser chefe ... não tenho aquela coisa de guiar ninguém ... gosto muito mais que alguém mande eu fazer ... faço melhor do que se estiver mandando.

617. Sei que se fizer alguma coisa que alguém está mandando não tenho responsabilidades ... não erro assim como não acerto ... nunca fico em evidência ... percebo que a maioria dos chefes não sabem de nada ... estão no papel que estão não pelo que sabem.

618. Mas eu e o Chico ... na época da eleição ele estava tentando me convencer ao assistir o programa eleitoral ele falava do Lula ... como eu tinha outro pensamento me chamou de ignorante política ... de vez em quando digo que como sou ignorante politicamente não dou pitaco em algumas coisas ... ele então diz que já venho eu de novo.

619. Não gosto de brigar com ninguém ... percebo que discutir não é brigar ... mas não gosto de criar atrito ... também não sei porque. Discuto com a moça que trabalha comigo mas quando vi que estava levando para o pessoal ... imediatamente a discussão desapareceu ... procurei conversar sobre uma outra coisa na tentativa de mostrar que a discussão era só a nível de bate boca ... tenho claro que não era para mostrar para mim que não era pessoal ... mas para ela.

620. Queria mostrar para ela que havia ali uma separação de discussão ... quando ela discute passa dois três dias ou mesmo uma semana sem falar comigo. Isso acontece porque leva para o pessoal e ali é uma discussão profissional onde temos que saber das coisas e para isso é preciso conversar. Sempre tive isso muito claro ... tanto que consegui trabalhar com meus tios porque da porta para dentro eu era funcionária ... brigávamos como patrão e empregado e lá fora tinha meu lado particular. Não devemos misturar as coisas.

621. Trabalhei com meu tio porque minha mãe queria que eu trabalhasse ... mas é incrível ... porque no dia que bati meu carro liguei para meu tio. Percebi que não tinha para quem ligar ... para alguém que tivesse conhecimento sobre esse tipo de assunto e assim pudesse me ajudar.

622. Não sei que tipo de participação esse tio tem ou teve ao longo desses anos todos na minha vida ... assim como não sei porque na hora do sufoco procuro a ele.

623. Quero resolver esse emaranhado que fica em minha cabeça e tudo que surgiu em função ... não sei o alcance e no que influenciou diretamente ... sei que esses problemas de estômago ... ansiedade ... são provenientes de ter guardado ... de ficar

remoendo até que chega o momento em que não se consegue mais ... porque é um acúmulo muito grande de sentimentos guardados ... minha personalidade ... se isso não tivesse acontecido ... seria uma pessoa diferente ... sexualmente também percebo que influenciou ... em minhas relações dependendo da forma como a pessoa me pedisse para fazer sexo oral ... dava aquele estalo.

624. No restante não consigo dizer onde deve ter prejudicado ... o relacionamento afetivo com minha irmã com meus pais ... com meu marido ele queria fazer sexo bem na hora do almoço ... sempre me reportava embora na época não lembrasse disso ... mas não gostava ... me dava agonia.

625. Quando comecei a querer analisar minha relação com o Augusto ... porque eu não tinha vontade ou porque ... quando me pediu para fazer sexo oral me dava agonia ... fui buscando ... e encontrei o fato do meu tio ... percebi que era por isso que não gostava de fazer SEXO com meu marido na hora do almoço quando pedia ... não suportava ... era como estivesse escutando a voz do meu tio ... me dava nojo ... a mesma coisa de jogar um balde de água fria ... não era o sexo em si mas a forma como pedia.

626. Agora não me sinto dessa maneira ... porque já consigo separar ... não é meu tio nem a mesma situação ... tanto que minha relação sexual com o Chico é diferente ... consigo aproveitar sentir prazer me sinto mais a vontade ... não é cem por cento como gostaria ou imaginava ... não me sinto completamente livre. Com o Chico é bem melhor que com o Augusto ... me sinto melhor e tenho vontade mas ainda preciso resolver algumas questões que não é em relação ao sexual porque depois que conversei esse assunto ficou no esquecimento na memória ... mas em relação a esse emaranhado que as vezes fica na minha cabeça.

627. Durante muito tempo essa lembrança ficou guardada ... hoje sinto-me muito mais leve ... é bom quando falamos dos fantasmas ... eu gosto.

628. Meu tio tem um jeito grosseiro masculino ... tanto que o Chico é um pouco diferente ... talvez em função disso me dou tão bem com ele ... ao contrário dos outros que eram tão machões.

629. Hoje por ter conversado muito com o Chico ... talvez a forma como coloca para mim eu consiga fazer ... não que me dê prazer ... mas não tenho nojo de fazer.

630. Na relação com o Chico é natural espontâneo ... não é obrigação e já não tenho a barreira que tive com o Augusto ... não consigo identificar porque ... achava que gostava do Augusto embora nunca tenha gostado muito de transar com ele ... não consigo definir que tipo de envolvimento tive ... assim como não sei dizer o que me

une tanto ao Chico. Tenho dificuldade de perceber as coisas ... as vezes me é perguntado:

631. - O que você acha disso? ... Como sente isso?

632. Não consigo dizer como me sinto ... mesmo em relação ao meu tio ... até hoje não me sinto a vontade perto dele e não consigo ter a mesma relação que tenho com meu outro tio que é homossexual ... a mesma liberdade ... sempre fico sem jeito sem conseguir olhar nos olhos dele e conversar gostoso.

633. Talvez meu tio homossexual não represente nenhum perigo para mim ... sempre muito ligado comigo e com minha irmã ... foi aquele irmãozão que não tive ... sempre morou com a gente ... brincava o tempo inteiro montando cabana de índio ... um paizão ... dando carinho e até hoje quando pode cuida de mim ... sempre tive liberdade com ele ... trabalhei onze anos com ele ... mas nunca consegui me sentir a vontade segura.

634. Com ele só falo o necessário ... se começa a conversar comigo eu converso ... ele beija eu beijo ... se pudesse não falaria mas se não falar vai começar a surgir a pergunta porque não falo ... teria que contar e não pretendo fazer isso ... é uma pessoa que eu podia esquecer ... para mim não faria nenhuma falta ... raramente o vejo e mora perto de casa.

635. Deus me livre ... o psiquiatra do Dom Ruan ... nem pensar ... a Bete é a única psicóloga que não tem cara doida né ... como psicólogo normalmente tem. Nunca consegui assistir esse filme por inteiro.

636. Já vi alguns psicólogos ... tem um colega do Francisco que é psiquiatra ou psicólogo não sei ... tem uma cara de doido que digo para o Chico:

637. - Doido é quem? Doido é quem consulta ... ele vai deixar o cara mais doido ainda.

638. A cara que ele olha ... o olho arregalado ... aquele jeito todo espavorido ... o cabelo dele parece que todo tempo viu fantasma ... sabe aqueles caras que você olha e diz:

639. - Esse cara é completamente louco.

640. O jeito de falar é todo rápido ... é totalmente louco ... e digo:

641. - Acho que o cara que for se consultar com esse daí vai sair de lá pior do que entrou ... ele é muito despirocado ... você não ... você já é mais ... como é que se diria? Sei lá ... mais normal ... entende?

642. É porque todo psicólogo ... para vocês tudo é normal então não consigo saber mais o que é normal ... desde que entrei aqui não digo mais nada que não é normal ... já acho tudo normal.

643. Ninguém é normal ... depende do jeito que cada um olha para as situações. Depende de como se enxerga que deveria ser.

644. Quando converso com o Francisco ele diz que sou filha única porque meus pais só se preocupam comigo.

645. Creio que não tenha gostado do que vivi com meu tio ... e penso que nunca falei a respeito com ninguém porque a maioria das pessoas que sofrem de abuso sexual não falam ... é incrível como em todos os casos que leio ... reportagem e alguns filmes de fatos reais ... ninguém conta.

646. Todo mundo tem medo ... medo de ser julgado ... medo ... vergonha ... medo dos pais não acreditarem no que você diz e depois o que o teu tio ou a outra pessoa vai fazer contigo por ter revelado uma coisa assim ... que transtornos poderiam ocorrer se falasse um negócio desse.

647. Em relação à minha casa sempre me pergunto isso ... o que teria acontecido se tivesse falado alguma coisa a respeito ... as conseqüências de uma revelação como essa. Só que hoje eu preferia ter jogado tudo para o alto mesmo que viesse tudo a baixo ... mas eu deveria ter falado ... mas ninguém fala ... somente vamos ter essa consciência bem depois do que deveria ter sido feito.

648. Gosto muito de filmes ... livros ... principalmente os baseados em casos reais ... teve um filme que assisti onde depois de velha a filha resolveu processar o pai porque a vida dela tinha sido um desastre em função justamente do abuso sexual que havia sofrido pelo pai. Mesmo com o pai já velho ela resolveu abrir o bico ... chamou as irmãs porque todas sofriam do mesmo problema ... mas só depois de velha ... depois que colocou a público ... para fora ... é que começou a melhorar.

649. É por isso que assisto essas coisas e as vezes leio reportagens como na Veja sobre abuso sexual de crianças ... porque é sempre assim ... quando se tem um problema sempre se identifica com situações parecidas com a sua para ver como é que resolveram a situação deles ... ver se estamos fazendo a mesma coisa e se conseguimos resolver a situação.

650. Sempre buscamos modelos ... acredito que seja por isso que os busco.

651. Sei também que os modelos não servem de nada para mim porque até hoje estou na mesma ... não consegui achar nada parecido para resolver os meus e para isso procurei fazer terapia ... porque sempre fiquei procurando alguma coisa ... aliás procurei a vida inteira e não acho nada ... nada com a varinha de condão mágica dizendo como devo fazer para me dar bem.

652. O papel da boa filha na relação com meu pai e minha mãe ... a relação com minha irmã que nunca foi aprofundada ... desde pequena sempre tive um

comportamento diferente da minha irmã ... não somos muito parecidas ... ela tinha a vida dela e eu a minha ... não sei explicar ... as vezes numa família grande com um monte de irmão sempre há identificação de um com outro ... cada um com sua vida. Na minha casa eu e minha irmã sempre fomos assim ... nunca gostei de sair para onde ela saia ... nunca gostei das amizades dela ... criei meu mundo e ela o dela.

653. O Francisco diz sempre que estamos conversando que para falar de alguma coisa que me diz respeito faço referência a vida de outras pessoas ... de outra família como se precisasse ir buscar exemplo sempre ... mas sei que não preciso fazer isso ... que eu deveria bastar.

654. Já ia dizer que as pessoas tem dificuldades para assumir ... mas refazendo a frase ... porque eu é que tenho dificuldades para assumir ... nossa quando eu erro e tenho consciência de que errei é um trauma para mim.

655. Essa situação de ter que acompanhar e cuidar da irmã mais velha nunca deu resultado ... porque elas nos botam para escanteio e fazem o que querem e a gente só vai ganhando a fama de chata ... eu tinha ódio e quanto mais ela chegava para mim e dizia que não deveria falar nada para a mamãe ... ai eu ficava doente e as vezes eu falava ... porque ficava com pena da minha mãe.

656. Queria saber ... porque tenho reparado em mim e quero saber porque ando agitada ... sei que ando agitada porque não ando sossegada ... não estou fazendo nada e mesmo assim não consigo ficar sossegada ... antigamente não prestava muita atenção nisso e hoje presto ... sábado mesmo estava com a Margarida fazendo pão de queijo e conversávamos sobre isso ... tenho problema de gastrite e estava me sentindo muito agitada ... mas não é que estou me sentindo ... sempre fui ... só que agora comecei a dar conta porque não consigo ficar sossegada.

657. Sou bastante impaciente ... ora estou balançando a perna e me sinto nervosa mas quando percebo paro ... porém quando não estou balançando a perna estou coçando a cabeça ou espremendo espinha ... fui assistir uma palestra sexta e sábado ... machuquei meu dedo inteiro porque enquanto assistia a palestra ficava cutucando-o até tirar um pedaço e inflamou ... não consigo ficar quieta e sei que tenho que relaxar ... mas só consigo depois de muito tempo.

658. Fico tensa ... me sinto tensa ... preciso descobrir porque fico tão ansiosa e isso está me atrapalhando ... atrapalha meu estudo porque começo a ler me dá uma irritação que tenho vontade de subir pela na parede ... mas sei que não é por causa do livro mas sim por mim mesma.

659. Um dia desses fui assistir umas palestras que achei magníficas ... foi uma situação em que pensei que gostaria de ser igual ao palestrante ... sai de lá com

vontade de estudar ... estudar pelo conteúdo ... foram palestras muito boas ... e o pior é que ele falava de um jeito que conseguia compreender perfeitamente apesar de não ser da área de direito ... eram palestras dirigidas para pessoas formadas em direito ... mas o cara era tão bom que era como se eu tivesse entendendo.

660. Esse tipo de coisa me fascina ... queria ser daquele jeito ... que as pessoas me olhassem e quisessem ser como eu ... não creio que queria ser advogada ... não sei se queria ser inteligente.

661. Me conheço ... desde moça sei que sou assim ... não tenho receio que a irritação que a angústia por não ter conseguido o que queria possa desaparecer ... sei que permanecerá me incomodando como há muito vem fazendo.

662. Olhando para esse meu texto ... eu não digo ... ainda fiquei na página onze ou doze ... Ave Maria ... não tem nem uma datinha aqui para eu saber quando começamos com esse texto ... quando começamos a ler? Ah ... foi no dia de Nossa Senhora Aparecida e já vai fazer quase um ano ... são sete meses.

663. Minha ansiedade está me incomodando ... acho que é isso que está fazendo meu estômago rebolar de um tanto ... não como adequadamente mas não sinto vontade de comer. Como porque o estômago pede e não porque sinto vontade ... engraçado sempre fui assim.

664. O pior é que estou engordando ... disse para o Francisco que acho que estou igual aquela mulher do Jô Soares ... engordei três quilos depois que casei.

665. Sinto-me imensa. Minhas roupas ficam apertadinhas ... detesto usar roupa apertada ... mas não vou comprar maior porque vou ter que perder esses três quilos.

666. Eu até tenho feito minha dieta alimentar para gastrite ... não como nada ... é por isso que acho que estou igual aquela mulher da reportagem que explicou que as vezes comemos pouco e engordamos porque o organismo passa a tirar de outras coisas ... você começa a sentir o corpo debilitado porque não se alimenta que presta. Não me alimento que presto ... então meu organismo tem que trabalhar ... está retirando do meu cérebro e colocando em outras funções das quais preciso. Sinto o cérebro ... minha cabeça pesada ... dor no corpo.

667. O organismo está jóia ... é só a cabeça que não funciona que presta.

668. Ainda que o Chico não fosse morar comigo ... sei que conseguiria ... não o levou comigo simplesmente porque tinha medo de viver SOZINHA ... ele pode entrar de outra forma na minha vida como companheiro ... uma pessoa que quero porque preciso de uma companhia e gosto ... estou deitando sem sentir medo ... não pude sonhar porque a primeira noite não dormi ... estranhei ... depois tenho deitado e dormido sossegada ... é uma maravilha ... tenho horror de não dormir.

669. Fiquei mais sossegada ... aquela sede de mudar já aconteceu ... minha mãe está aceitando ... a mãe do Chico também ... foi bom ele ter viajado ... pelo menos ela encarou não como uma saída do filho da casa dela para a minha casa ... é como se ele tivesse viajado e quando voltar já está na minha casa ... apesar que já dormiu em casa uma noite antes de viajar ... assim fica mais fácil para ela acostumar com a idéia ... ele não estaria com ela de qualquer maneira ... ela não chora tanto ... aquela coisa de ficar “ah eu não vou conseguir ficar sozinha” aquilo era um horror para mim ... agora está mais tranqüila ... estava muito incomodada sentindo-me como uma vilã roubando o filho da mulher como se ele fosse abandoná-la ... ele tem que seguir o rumo de sua vida ... mas ela diz “os filhos nos abandonam” ... eu me sentia muito mal.

670. À vezes falo com o Nando fazendo chantagem emocional ... também eu não tenho marido ... não tinha ... porque agora tenho e ele é meu único filho.

671. Continuo criando meu filho do mesmo jeito que fui criada ... não mudo muita coisa. Sou resistente a mudanças. Não sei ficar no pé dos outros para que façam as coisas ... penso que as pessoas tem que perceber quando o outro está precisando de ajuda ... não sou de ficar esperando. Não gosto de ficar mandando o tempo inteiro ... agora mesmo já discuti com o Chico por coisas pequenas mas não sei como fazer para mudar porque o Nando já está habituado porque foi acostumado pela avó dele a encontrar o café com leite dentro do copo toda manhã ... depois que nos mudamos para casa eu continuo fazendo do mesmo jeito até passo manteiga no pão esquento no fogo e boto para ele.

672. O Chico diz que acha isso que faço um horror ... sei que não deveria fazer ... que as coisas essenciais deveria deixar ele fazer porque pode fazer ... mas no fundo são coisas que gosto de fazer. Sei que preciso mudar por isso hoje só coloco o leite no copo e ele faz o resto ... é para ver se vai perdendo aos poucos essa ligação e sem sentir que está perdendo.

673. Não acho que eu seja dependente dele ou que queira que ele seja dependente de mim ... ele é preguiçoso mesmo ... se tiver alguém que faça em seu lugar não faz nada ... mas é assim porque fui eu quem fiz isso e não posso nem abrir a boca para reclamar ... acostumamos os filhos errados desde pequeno ... cansei de dizer para minha mãe deixar que o Nando colocasse seu café porque ele não é aleijado ... tem as duas mãos boas.

674. Não dizia isso por ciúmes ... mas porque minha mãe estava habituando meu filho mal. Quando fomos morar sozinhos continuei fazendo porque ele já estava desse jeito e se não colocar fica sem comer. O Chico diz que deveria então deixá-lo sem comer mas fico com pena porque vai para a aula sem comer ... sei que isso é proteção

da minha parte e que para ele sobreviver precisa romper comigo ... de certa forma precisa me abandonar principalmente se não permitir que ele saía ... precisa seguir sua vida.

675. Apesar de saber disso tudo tento mudar mas falta segurança certeza de que quero mudar ... não basta querer fazer diferente ... as vezes não sei se quero fazer diferente já me acostumei com isso ... não vejo nada demais porque se eu fizesse todo dia isso para o Francisco não ia achar ruim mas acha ruim porque faço para meu filho. Estou sim justificando minha postura mas no domingo estava fazendo pão quente para o Nando e perguntei se ele queria que fizesse para ele também ... como não suporta que eu faça isso para o Nando disse:

676. - Não ... pode deixar que eu faço.

677. Sempre faço para ele também mas porque naquele dia havia feito primeiro para o Nando e como não é sempre que come resolvi perguntar ... tenho mania de generalizar ... às vezes faço e se estou fazendo para um faço para todos. Eu disse:

678. - Você quer comer ... quer com queijo?

679. Ele disse:

680. - Não. Pode deixar que eu faço.

681. Ai larguei pra lá e disse:

682. - Faça.

683. Não custava nada ele dizer que eu podia fazer ... acho isso normal porque vi isso minha vida inteira com minha mãe ... levanta faz café se fosse preciso colocava para mim só não o fazia porque sou enjoada e nunca gostei que ninguém me servisse ... eu mesma gosto de me servir ... só quando era pequena ela tinha que me servir e teve que me dar até comida na boca porque eu não comia. Se dependesse da vontade dela botava até comida na boca para mim ... me acostumei e não acho que isso seja um sacrifício.

684. Não sei se devo ou não fazer e se não fizer ... sei que essa não é a única forma de manifestação de carinho que posso demonstrar ao meu filho ... mas fazendo isso também é estragar ... assim ele não assumi pequenas coisas e futuramente nem mesmo a ele próprio. Eu mesma tenho mania de não de assumir as coisas e fico brava com causa disso.

685. Hoje sei que é muito mais difícil mudar todo o comportamento dele de uma vez só ... está há muito tempo tendo esse tipo de comportamento e agora o pessoal quer que em um ano eu tire todas as manias dele ... não dá.

686. Meu filho é muito mas muito preguiçoso ... meu Deus do céu ... estou criando assim ... não faz nada não sabe nada ... isso me dá agonia mas não sei mandar ele

fazer nada. Às vezes tenho vontade de devolver meu filho para minha mãe que o começou a criar assim ... o Chico diz que se estou pensando que é assim devolver o filho só porque tem algumas coisas que não gosto ... tenho que aprender a conviver ... mas o pior é que mesmo que pudesse devolver não tenho a quem devolver ... a responsabilidade é minha ... tenho que arranjar um jeito de melhorar essa situação ... quando meu filho vai para a casa do pai dele arruma a cama ... faz sua comida se quiser comer ... lava e passa a roupa se quiser estar com ela limpa diz que é cada um por si ... mas quando volta para casa não faz nada. Fico pensando porque não mantém os hábitos de lá? Ele é bastante esperto ... deve ser por isso.

687. Meu filho deveria ter sido criado só comigo ... sei que foi necessário contar com a ajuda de meus pais ... ainda bem que teve quem pudesse ajudar ... sei que não é para reclamar ... mas a gente reclama.

688. Sei que por ele próprio não vai querer mudar ... ter mais trabalho embora deveria. Em casa quando vê tudo mundo capinando não tem coragem de levantar e ir também. Sei que foi criado dentro de casa ... mas vou ficar chamando toda hora? Preciso pensar mais sobre o assunto ... tenho que dar um jeito ... meu filho é muito preguiçoso ... digo que desse jeito quando chegar a hora de sair de casa e ir para a faculdade e se virar sozinho não terá a mãe dele para fazer as coisas.

689. Eu tinha medo de viver sozinha ... sem ninguém ... já dizia isso há um ano atrás ... a exatamente um ano ... tinha medo de viver sozinha mas quando digo sozinha antes me referia a sem ninguém ... não queria viver assim ... sou muito medrosa para viver sozinha ... não gostaria de estar numa casa com alguém só porque preciso de companhia. Mas descobri que não preciso do Chico simplesmente porque tinha medo de viver sozinha ... falo hoje de outro tipo de solidão ... a de estar em casa sozinha ... tenho medo que apareça alguém ... vejo fantasmas em tudo quanto é lado. Esse tipo de estar sozinha que eu tinha medo ... quando mudei para minha casa vi que não tenho medo de ficar lá sozinha sem ninguém ... consigo dormir normalmente.

690. A questão hoje é outra ... quando as pessoas me perguntam se gosto de viver ... gosto de ser casada de ter alguém ... porque posso dividir meus problemas ... discutir ... gosto de companhia ... de falar muito ... as vezes até me aborreço com o Chico porque tem dias que está calado e eu também não converso ... ele fica pensando nas tralhas dele e eu não tenho com quem discutir. Antes tinha medo de ficar sozinha nesse sentido também ... hoje não mais. Se fosse para eu morar sozinha ... iria embora não gostaria ... não pelo medo mas porque é bom ter alguém com quem dividir as coisas. Dá para entender a louquice?

691. Digo louquice porque para meu marido tudo deve ser lógico e se não o for não está certo ... acho isso horrível porque não sou nada lógica ajo completamente sem lógica ... nada para mim segue um ritmo normal. O Chico fala para mim:
692. - Você falou isso mas não tem lógica ... não tem sentido.
693. Não tem para ele ... já me mandou diversas vezes falar para a empregada não limpar muitas vezes a geladeira porque toda vez que vai lá em casa limpa a geladeira e isso a estraga ... já cansei de falar com ela para limpar a cada quinze dias ... até quebrou o vidro da geladeira e ele ficou possesso:
694. - Não digo que isso não dá certo?
695. Mas eu falo ... não tenho mais o que fazer. O Chico sabe pela garrafa de água que fica suada ... ele presta atenção nesses detalhes e fica arrumando coisa. Da última vez que falou a respeito foi assim:
696. - Você já falou para sua empregada do negócio da água?
697. Já sabia o que era ... disse:
698. - Não sei do que você está falando.
699. Para ver se ele desconversa mas não ... ele disse:
700. - Não sabe do que estou falando?
701. - Do que é?
702. - Da geladeira.
703. Já sabia que ele havia visto a garrafa de água. Ele falou:
704. - Você vai falar com ela?
705. Nem lembro o que disse. Mas ele:
706. - Porque se você não falar vou falar e você sabe que não sou muito delicado para essas coisas.
707. Sinto como se ele tivesse me pressionando a fazer uma coisa ... não gosto disso ... depois disse a ele:
708. - Não é assim que se faz ... não gosto desse jeito de falar ... me botando medo me forçando e não gosto disso ... pode falar e você vai perceber que pode falar sem ser grosso. Diga: "Dona Marta ... a Ana já falou com a senhora que não é para limpar a geladeira todas as vezes ... agora eu estou falando ... por favor não limpe".
709. Não precisa ser grosso mas já fala que vai ser grosso para eu me sentir não sei como ... não quero que seja grosso com ela por isso vou e falo. Não gosto que me encoste na parede ... nunca gostei e ele tem esse tipo de comportamento ... é uma bobeira e não gosto ... comigo não funciona assim.

710. A pessoa que trabalha em casa é o tipo de pessoa que a gente morre falando e ela não se ajeita ... se alguém disser para mim não chegar tarde ou não fazer isso porque não gosta eu respeito e não faço porque entendi ... mas com ela não é assim.

711. As vezes me sinto tão enrolada ... estou em um assunto já mudo para outro e não termino nenhum ... sei que sou única mas as vezes tenho a impressão de ser igual a outras pessoas que são bastante enroladas.

712. Resta somente entrar no ritmo de dona de casa ... acostumada a chegar em casa almoçar deitar ... tudo feito não tendo que fazer nada ... agora chego em casa olho tem louça na cozinha o chão para limpar ... a preguiça tem que entrar de férias.

713. Já tenho conseguido acordar cedo ... fazer café ... não sair atrasada de casa ... já é belíssimo ... vou entrando aos poucos no ritmo ... estou me sentindo mais sossegada ... sempre falei que sentia muita vontade de FALAR ... ultimamente estou sentido com menos vontade de falar ... e o pior é que estou trabalhando com uma menina que adora falar ... começou a me dar agonia porque as vezes quero trabalhar e ela CONVERSAR ... tenho que parar para ESCUTAR e conversar ... às vezes estou querendo trabalhar para terminar logo e ir para minha casa ... tenho que fazer outras coisas então não posso dispersar meu tempo ... mas meu trabalho nunca sai ... todo dia tenho que ir lá para terminar esse bandido trabalho que nunca sai. Hoje tive que fazer um relatório passamos uma manhã inteira e fizemos metade de algo que é a coisa mais simples de fazer ... ela quer conversar mais que velho ... e tenho que conversar ... não sei o porque de muitas coisas mas sinto que acontecem.

714. Hoje minha necessidade de falar mudou ... penso e muitas vezes não falo ... vem algo na cabeça e não falo ... ontem mesmo estávamos conversando porque o Chico também diz que não falo mais como falava ... não puxo conversa ... perguntou o que está acontecendo. Não sei o que está acontecendo mas não deu vontade de falar além do que não tinha o que falar o que contestar ... ele estava com razão ... não estou puxando conversa é algo dentro mim ... estou muito mais voltada para dentro do que para fora ... falar só por falar para brigar não quero ... ele falou ... falou ... falou ... olhava para mim e dizia:

715. - Você não vai falar nada?

716. Esse silêncio matava e eu fiquei naquele silêncio ... não conseguia dizer uma palavra embora as vezes tivesse até vontade de falar mas ao conseguir dizer uma palavra não conseguia ordenar as idéias para falar de uma forma que não conturbasse mais ... sou muito confusa para falar e as vezes falo e ele me entende mal ... não porque ele entendeu errado mas talvez o modo como eu coloque faz com que ele pense daquela maneira ... como estamos discutindo eu não queria colocar meu

pensamento naquele momento ... decidi então que vou mudar meu posicionamento em relação ao que ele falou mas não dizendo ... vou fazer ... porque falar já estou cansada de falar ... vou procurar observar se realmente estou assim como falou e se perceber que estou muito relaxada como diz ... que sou uma irresponsável porque passei oito anos destruindo minha relação com o Augusto ... não fiz nada para que ela fosse pra frente ... como se eu só tivesse deixando as coisas acontecerem.

717. No tempo que passei com o Augusto não fiz nada para as coisas mudarem e tenho que concordar com ele que sou passiva. Um dia desses falei que não estava gostando da minha empregada ... que estava cansada de falar o que deveria fazer e que estava agora arrumando um modo de mandá-la embora. Sei que dou a arma para o bandido me matar porque depois ele vira as coisas contra mim e diz que sou assim ... fico na relação não digo que não estou gostando e quando saio digo que estou saindo ... dessa forma quem sai não sofre nada porque quer sair dela mas quem não está preparado ... quem se atirou de cabeça na relação achando que estava tudo bem e de repente a outra pessoa sai com uma bomba como foi com o Augusto ... ele diz que estou fazendo a mesma coisa com ele.

718. As vezes me sinto como uma telespectadora da minha vida e não sua artista principal ... tenho que começar a fazer algumas coisas não só falar brigar ou discordar ... sempre ouvi que um casamento para dar certo precisa ser cuidado diariamente e isso dá trabalho ... nunca gostei muito de coisas que me dão trabalho como cuidar de criança ... cuidar de cachorro ... de casa ... não estava muito disposta a investir na relação ... justamente por isso tenho que ficar me policiando.

719. Normalmente espero que o tempo se encarregue mas sei que não é bem assim também tenho que fazer algumas coisas para que essa relação dê certo não posso só ficar esperando que caia do céu ... sou muito passiva ... espero que a coisa aconteça e quando nada acontece vou e resolvo mas não faço acontecer. Apesar de sempre ter sido assim ... chega um momento que percebemos que não dá mais ... é isso que está acontecendo comigo na relação com o Chico ... não é que não está dando certo mas se está ruim pode ficar melhor e não estou fazendo nada para que fique melhor.

720. Quero que o Chico seja carinhoso comigo mas também não sou carinhosa ... se ele for comigo sou com ele ... mas se não for comigo também não sou com ele. Ontem quando conversávamos ele falou um monte de coisas que eu não tinha o que responder e se respondesse seria apenas por birra ... se fosse argumentar contra seria apenas por argumentar ... ele então diria que eu já estava bancando a vítima ... que a errada sou eu ... por isso resolvi não falar nada quero tentar mudar nas atitudes ... não ser tão passiva.

721. Estou pensando um pouquinho mais antes de falar. Ontem assisti um programa onde uma menina foi até uma pessoa que falava o tempo inteiro ... era extrovertida e o psiquiatra falou que muitas vezes as pessoas falam muito para esconder a si mesmo ... para não se deixar conhecer. Lembrei que uma vez você falou isso para mim ... que as vezes eu falava demais porque não queria me mostrar ... sou muito introvertida embora tenha ar de extrovertida ... se juntar uma multidão me perco ... não sou ninguém ... não consigo falar em público sou tímida ... falo para esconder essa minha timidez ... o nervosismo ... aí eu falo.

722. Hoje falo menos e se não é para me esconder imagino que seja porque tenho um pouco de medo ... não é medo de falar é de falar besteira. Antigamente falava de tudo besteira ou não ... hoje não quero mais falar besteira ... não quero falar por falar e como não tenho muito o que falar é melhor ficar calada.

723. Não tenho o que falar porque as pessoas amadureceram ... observo isso nas pessoas que já conviveram comigo quando sentam para conversar e tem um nível de conhecimento ... mesmo tendo estudado não me considero uma pessoa culta ... não sei muito sobre nada ... sei poucas coisas e não tenho muito o que conversar.

724. Tive um professor que foi também meu amigo e dizia que eu não confiava no meu potencial ... realmente não confio ... as vezes sou capaz de fazer mas não faço ... acho que não sou capaz é como se os outros fossem sempre melhores que eu ... não sei porque ... é engraçado porque é difícil assumirmos esses defeitos mas sem dúvida é muito melhor quando assumimos porque nos possibilita resolver. Sinto-me inferior aos outros ... não sei de onde surgiu isso mas acho que é meu grande problema.

725. Gostaria muito de ter alguma coisa que me empolgasse ... como algumas pessoas tem ... o fato de não me sentir capaz não tem nada a ver com o fato de não conseguir me empolgar com nada.

726. Se me empolgasse por alguma coisa fatalmente conseguiria fazê-la. Iria aprender sobre aquilo ... teria algo interessante a dizer. Sinto-me como se não tivesse nada interessante a dizer ... invejo nos outros essa vontade que determinadas pessoas tem por algumas coisas ... sempre que vejo alguém empolgado por uma coisa sinto aquela inveja de seca pimenteira mas é aquela vontade de ser igual.

727. Você só pode querer alguma coisa se estiver convencida de que deve querer algo. Existe uma condição mínima para querer atingir ou realizar aquilo que se deseja ... se a pessoa não se sentir capaz ... se não perceber o valor ... a importância que aquilo tem para tua vida ... que cada um tem ... só é possível lutar por alguma coisa a partir do momento que você desconfia que pode conseguir.

728. Não sei como descobrir o valor que tenho ... como me valorizar ... criar alta estima ... tenho pouco estima.

729. Ontem contei para o Chico a história do meu abuso sexual ... só não disse o nome do meu tio mas disse.

730. Estávamos conversando sobre minhas reclamações de falta de atenção do Chico para comigo ... conversa até difícil para mim ... até sexo está ruim está faltando. Sei que vive um momento muito próprio o que significa que para ele não faz diferença mas para mim ... se não explicar o que está acontecendo não tenho como compreender ... posso pensar que não gosta mais de mim que está interessado em outra pessoa um monte de coisas ... se diz o que está acontecendo fico mais sossegada.

731. Sossega a insegurança porque aí sei o motivo e não posso ficar imaginando que não está querendo mais nada comigo porque não gosta mais de mim ou que está com algum tipo de problema que não quer expor ... não sabe se é psicológico ou mesmo físico ... estava pensando em procurar um médico para ver o que está acontecendo ... o fato de não estar sentindo no momento falta de relações sexuais ... agora eu sei ... mas mesmo assim não sei se me resolve muito. Sinto que está muito estressado ... entendo mas não sei como lidar.

732. Perguntei ao Chico se sempre foi assim ... ele disse que é meio cíclico que quando começamos a namorar nos dois primeiros anos era o tempo inteiro ... depende muito do que ele está fazendo ... perguntei se era assim também com a Cléo que é meu ponto de referência quanto a namorada ele disse que era pior porque ela tinha o problema de não se relacionar bem sexualmente em virtude de ter sido abusada sexualmente quando era pequena pelo irmão ... foi nesse momento que contei e disse que cada pessoa reage de uma forma ... contei que eu também havia sofrido uma violência sexual quando pequena pelo meu tio e que em vista disso toda minha vida estava enrolada.

733. Quando vim fazer terapia como disse a ele vim também para resolver o problema de eu não gostar de sexo porque não época também não gostava e me relacionava sexualmente com meu marido ... com o Augusto sem ter aquela vontade. Com o Chico é diferente ... sinto vontade ... consigo compreendê-lo porque também tive mas não sei como lidar.

734. Às vezes ele me procura e eu também naquele momento não quero ... ele diz que sou pirracenta ... mas as vezes como ele não quis e briguei ... quando vem me procurar mais tarde penso que é só porque briguei ... assim também não quero ... parece que é obrigado e não que desejou.

735. O Chico diz que sente remorso pela situação porque sabe que eu quero e ele não pode me dá ... no momento não está aberto para isso.

736. Enquanto contava sobre a violência sexual que sofri ele só me olhava ... ficou só ouvindo não perguntou nada ... já estava tão perturbado pelo que havia dito que talvez em outra ocasião retornemos essa conversa.

737. Depois que falei com ele me senti bem ... estou começando conseguir conversar sobre isso o que para mim já é uma grande coisa. Não sei se foi sábado ou domingo quando dormi de tarde ... sonhei que estava numa piscina em casa e esse meu tio chegava ... era um sonho bem longo mas vou contar o final ... estava tomando banho de piscina com uma menina uma criança que dizia para mim:

738. - O tio mexe na minha ...

739. Eu disse:

740. - Como? Que tio?

741. - O Tio Aristides.

742. Eu entrava no quarto com ele trancava a porta e dizia:

743. - Quer dizer que o senhor já está aliciando outra ...

744. Ele dizia:

745. - Quem?

746. - A moça ... não bastou o senhor estragar a minha vida e está querendo estragar a vida de outra pessoa também?

747. Ele respondia:

748. - Eu tinha o maior prazer ... quando tinha relação gozava muitas vezes.

749. - Como é?

750. - Pois saiba que agora estou tendo uma relação melhor com outra pessoa.

751. Estava sendo agressiva com ele ... como se o estivesse enfrentando pela primeira vez pelo menos no sonho ... falando sobre isso com ele coisa que nunca fiz. No sonho falava e enfrentava dizia que ele tinha estragado minha vida e que agora estava estragando a vida de outra pessoa que isso não é justo. Achei muito estranho meu sonho ... porque nunca sonhei com isso.

752. Não lembro de ter tido qualquer tipo de relação com ele mas você falando a história para mim contando a história todinha que já te contei sobre tudo ... quando engravidei aí me veio uma fala que ele disse para a minha mãe ... não sei se isso tem haver ou se simplesmente tentou aliviar minha mãe ... mas lembro que ele falou que era para minha mãe não procurar meu ex-marido na época meu namorado ... porque ele ainda podia dizer na cara da minha mãe que ele não tinha sido o primeiro. Não sei

se ele achou que tinha feito alguma coisa e ficou com medo ou se de fato aconteceu e eu não lembro.

753. Quando uma pessoa é desvirginada ela sangra ... isso lembro da minha relação sexual com meu marido. Sei que isso acontece não só na primeira relação.

754. O sonho que tive com meu tio foi antes da conversa com o Chico.

755. Preciso me arrumar porque caso contrário meu casamento vai acabar indo igualzinho aos meus outros relacionamentos. Embora até saiba que em meu primeiro casamento com o pai do Fernando foi algo bem adolescente não é possível estabelecer nenhuma comparação a partir dela ... foi o casamento de dois adolescentes e dificilmente nessa idade as pessoas conseguem se sustentar porque as mudanças nessa fase são muito rápidas.

756. As relações posteriores também fizeram parte de um período em que não havia diálogo claro franco e com profundidade ... preocupação que hoje tenho com o Chico. O problema é que ainda não sei chegar ... brigo e não tenho coragem de chegar e dizer o que está acontecendo ... o Chico tem a mesma dificuldade ou até muito mais. Sou muito agressiva ... sei que podemos aprender a ser diferente ... mas deveria ter aprendido pois já levei tanto na cara ...

757. O Chico tem dito que sempre fui vaquinha de presépio e ele está me ensinando a ser agressiva ... como resultado agora estou brigando com ele ... estou me soltando com ele ao invés de ser com os outros.

758. Quando o Fernando começou a comer eu dava a papinha ... tratava todo dia ... nunca gostei de menino sujo ... mesmo quando começou a comer o ensinei a comer direitinho ... quase não se sujava ... não parecia uma galinha comendo quando a mesa fica uma imundice ... mesmo quando havia macarrão o rostinho dele ficava sujo mas de levezinho porque sempre fui ... é a tal da limpeza ... nunca gostei de melar ... até comigo mesma não gosto de comer fruta que mela ... manga por exemplo só como tudo cortadinha na faca.

759. Tenho medo de perder o Chico ... que se canse de tanto encher sua paciência e vá embora ... ele fala que eu é que vou abandoná-lo e quando diz isso me dá tanta raiva ... e é tudo na defensiva porque nem penso isso ... mas ele diz que se continuarmos assim nosso casamento não vai durar mais seis meses ... imediatamente retruco dizendo que não agüento mais nenhum mês. O resultado é que ele fica mais chateado porque transpareço que para mim tanto faz ... mas não tenho intenção de não viver com ele.

760. É interessante que até a minha letra está mudando ... estranho isso ... na sexta feira disse para o Francisco Carlos:

761. - Chico dá uma olhada na minha letra ... até ela mudou ... prestou atenção?
762. - É ... ela está mais em pé.
763. Minha letra era redonda e deitada ... agora está mais em pé.
764. Ainda em relação as mudanças ... é interessante porque o que posso comer não gosto muito ... sei que preciso retirar um monte de coisas ... condimentos enlatados ... sei que existem muitos produtos no supermercado ... mas minha empregada saiu de casa ... está com principio de câncer no útero e vai fazer um tratamento ... está sentindo muita dor ... por isso não fazia comida que prestasse mas a casa era um brinco e isso era o que me importava ... agora vou fazer o contrário ... vou procurar alguém que não limpe tão maravilhosamente minha casa mas que pelo menos saiba cozinhar porque o Chico já deve estar sentindo-se incomodado por estarmos almoçando na minha mãe há quase um mês ... lá em casa não tem água ... é outra coisa que preciso resolver urgentemente.
765. Preciso fazer um poço em casa ... estava tentando fazer com a minha vizinha mas parece que ela está sem dinheiro ... vou acabar fazendo um poço comum ao invés de um poço artesiano.
766. Estava pensando em ver se minha mãe não ensinava minha empregada a fazer comida para mim ... ela cozinha muito bem ... para ensinar do jeito que eu gosto ... estava pensando em resolver essas coisas.
767. Primeiro preciso resolver a questão da alimentação ... não só os problemas emocionais alimentam a gastrite ... depois continuar a fazer o que venho fazendo ... falar com o Chico sobre o que me incomoda ... conversar com minha irmã sobre o que vivemos juntas em relação a meu tio.
768. Sei que não preciso falar necessariamente com cada pessoa ... mas preciso resolver na minha cabeça ... preciso resolver porque gosto de ir para a casa da minha mãe mas eles vão sempre para o sítio ... onde gostava de ir quando era pequena ... agora não gosto mais.
769. Sinto-me uma estranha no ninho.
770. Com o Chico as coisas também não vão bem ... conversamos e ele disse que se continuássemos assim havia uma grande possibilidade de separarmos ... não gostei da colocação dele ... considerei uma pressão psicológica ... sou um bocado ciumenta ... tem uma moça que é casada tem filhos e senta perto de mim ... tem mania de ficar olhando ... não gosto e fico invocada ... estava indo para a aula e não conseguia me concentrar porque fico o tempo inteiro perturbada ... acho isso o cúmulo da minha parte ... não que isso seja a postura correta ... sei que na cabeça dele todos tem capacidade de trair e só o faz se quiser ... enquanto eu não o trair e ele não souber vai confiar em

mim mas a partir do momento que souber o que fiz vai tomar providência não vai ficar sofrendo de véspera ... resolvi tomar a mesma postura não sei se em função de ter me acostumado com a possibilidade da separação porque quando ele fala em separação para mim é um choque ... não quero e fico desesperada ... fiquei uns dois ou três dias desaventada ... depois me acostumei com a idéia o susto passou e decidi usar outra estratégia ... se quero o casamento tenho que modificar alguns hábitos em mim ... vou partir daí ... porque quando fico nervosa meu estômago só falta ruir ... chega a esquentar a arder.

771. As vezes falo com o Chico e ele não escuta então vou falar a vida inteira e não vai resolver porque talvez o problema esteja na minha cabeça ... não sei se é na minha cabeça ou se existe mesmo ... não sei ... só sei que pensei e digo que não posso continuar assim porque estou fazendo mal a mim ... tudo bem que esteja fazendo mal a ele porque brigar brigar brigar sempre pela mesma coisa transforma a vida da pessoa num inferno mas antes da vida dele estou transformando a minha ... quem gosta de mim sou eu.

772. Quando tomei consciência na sala decidi não olhar mais ... não vou me preocupar com isso foi uma coisa minha mesmo ... quando estou muito desesperada muito nervosa rezo ... assim meu estômago parou de arder ... estou trabalhando minha cabeça nesse sentindo ... não vou deixar de falar com o Chico ... não me preocupar com coisas que não aconteceram porque se tiver que acontecer vai acontecer se eu brigar vai acontecer mais rápido ... vou deixar assim porque pelo menos meu estômago fica mais tranqüilo ... não posso fazer isso com meu estômago ... não sei onde vou parar mas quero deixar de ficar tanto de cara feia e ver se melhora meu humor e meu estômago ... daí está me dando uns estalos ... vontade de estudar porque estava gastando minha energia me preocupando com coisas que podem ou não acontecer.

773. Depois que tomei essa decisão nossa relação também melhorou ... estamos conversando bastante ... sempre conversamos só que agora não estamos brigando... não sei se o Chico percebeu que mudei de atitude mas espero que sim ... resolvi isso por mim e não por ele ... porque se existe uma coisa que não gosto é dizer para mim que se não fizer isso vai me deixar ... é a pior estratégia que a pessoa pode usar.

774. Quando sinto-me pressionada tenho dito ao Chico:

775. - Não me pressione ... eu gosto de você ... quero ficar com você ... quero meu casamento.

776. Agora ele me culpa por aquilo que eu disse ... que não dava mais seis meses e eu que se continuasse assim não durava mais que um ... mas o que falei não foi uma

verdade mas uma reação ao que ele falou ... e foi porque não tinha intenção nenhuma de romper com o casamento.

777. Uma vez quando ele disse que desse jeito iríamos nos separar disse a ele que não precisava esperar daqui a seis meses ... se já estivesse decidido era só pegar as coisas e sair para que esperar seis meses ... mas não me faça pressão que eu detesto.

778. Ele faz comigo o que não gosta que faça com ele: ameaça. Em momento algum estou dizendo que estou totalmente satisfeita na relação ... mas para mim está suportável.

779. Ele mantinha um bloquinho de anotações em inglês onde tudo o que eu dizia era anotado e usado contra mim em nossas discussões.

780. Conversamos sobre minha atitude com relação ao nosso relacionamento sexual que eu tinha dito que ele estava estressado ... tem estudado muito a cabeça dele não para ... eu já estava agindo como se não tivesse mais cura ... estava me comportando como se não tivesse mais volta ... de voltarmos ao normal.

781. Fico bastante incomodada pelo fato de achar que o Chico precisa aprender também que a vida dele inteira está sempre dedicando para outras coisas ... largando muito sua vida pessoal ... qualquer hora já disse que vou ter que interná-lo no Juquiri ... minha preocupação é que ele não para ... precisa diminuir o ritmo.

782. Quando o Chico está envolvido com as coisas dele ... e sei que é necessário ... fico dentro de casa parecendo uma barata tonta ... sei que estou errada tenho que compreender ... mas o que faço eu?

783. Fico em casa sentada ao lado dele ... isso que acontece. Quando digo que vou sair e fazer alguma coisa ele diz:

784. - Onde é que você vai? Por que não vai me levar?

785. Ele quer fazer os negócios dele mas quer que eu fique lá também.

786. Vamos supor que escolhi um esporte qualquer para fazer ... pode ser futebol ou vôlei e que retorno a tal hora mais ou menos ... período em que ele também vai estar envolvido com as coisas dele.

787. Um dia desses eu não estava fazendo nada ... estava irritada de não fazer nada ... levantei-me do sofá e disse:

788. - Vou a missa.

789. Olha ... não deu dois tempos e ele estava arrumado para ir a missa ... e eu nem chamei só disse que ia a missa ... mas ele se arrumou e foi a missa comigo ... largou o que estava fazendo. Neste caso não briguei e nem cobre pelo que estava fazendo mas já estava de saco cheio de ficar vendo-o e eu não fazendo nada.

790. Tenho lido ... mas não assisto televisão ... agora estamos saindo todo sábado.

791. Minha intenção não é anular o Chico ... mas sei que acabo fazendo isso ... percebo que quem está falando nessa hora é minha insegurança e como deixá-la pra lá ... não tem jeito.

792. Sempre estou achando que o Chico poderia me trocar por qualquer pessoa ... qualquer um é ameaça ... como se não fosse capaz de segurá-lo ... sempre acho qualquer pessoa é melhor do que eu ... e nem sei porque penso isso.

793. Não são todas as pessoas que olho que acho que são melhores do que eu ... mas penso comigo assim ... o Chico vai gostar mais dela do que de mim porque ela é mais interessante ... tem uma cabeça melhor do que a minha ... é mais madura ... é incrível ... não sei porque tenho esse medo mas tem pessoas que são da mesma idade que eu e perto delas sinto como se tivesse vinte anos e elas uns quarenta quando no entanto temos a mesma idade.

794. Não sei muito bem porque mas acho que o nível de vivência de maturidade ... me sinto uma criança perto delas ... é nesse ponto que falho ... que perco ... e não busco essas vivências para que eu possa mudar porque não sei o que pode me transformar numa pessoa assim ... não sei o que elas tem que eu gostaria de ter ... só acho que são mais maduras.

795. Percebo essa maturidade pelo que falam ... o modo de agir é completamente diferente do meu ... e percebo que é justamente isso que o Chico cobra em mim ... cobra alguns procedimentos ... quando vejo determinado comportamento que me cobra e que não tenho e vejo nas outras pessoas sinto como se ele fosse me trocar por aquela pessoa ... ela será mais interessante porque se cobra de mim vai gostar dela que tem e eu não tenho.

796. Muitas vezes não entendo porque o Chico saiu da casa da mãe dele e veio morar com uma pessoa chata como eu ... além do que ele diz que piorei muito. Depois que passamos a conviver juntos tudo fica muito mais exposto.

797. O Chico diz que não ligo ... não dou atenção ... que penso demais e fico só no pensar ... diz que até preferia pegar uma matuta porque além de não pensar não teria maldade nenhuma.

798. Já disse que gosto dele ... da idéia de estar casada com ele ... estou tentando demonstrar ao invés só de falar quem sabe assim ele também retribui. Quando me sinto rejeitada ou começando a sê-la não vou mais ... a rejeição nem precisa acontecer ... basta eu sentir ... estar na minha cabeça e pronto.

799. Sei que se o Chico quisesse poderia estar com qualquer pessoa e se está comigo é porque gosta e quer. Sei também que preciso deixar esse medo de perder o Chico e ir atrás do que pode me realizar profissionalmente ... encontrar meu caminho.

800. Nesses três últimos dias estou me posicionando assim ... porque as vezes gastamos energia aqui ali e quando percebemos já estamos desgastados ... as vezes fico cansada ... aí digo pra que isso ... o diacho é que sei o que tenho que fazer e quando vejo acontece alguma coisa e perco meu equilíbrio. Não vou mais dizer que vou tentar agora vou fazer.

801. Espero conseguir fazer porque senão realmente não vai dar certo ... mas em momento algum penso em separar ... acho tão gostoso estar sossegada dentro de uma relação ... não relaxo na relação ... vivo o tempo inteiro tensa ... o Chico me deixa muito tensa porque talvez eu esteja preocupada em agradá-lo demais e não estou sendo eu mesma ... estou o tempo todo preocupada com a aprovação dele. Ontem disse para ele se não percebeu que tenho mudado ... no começo me incomodava porque ele não lavava a louça não ajudava a enxugar ... tinha que fazer as coisas mas isso não me incomoda mais ... faço sem me preocupar se ele faz e isso não me deixa mais aborrecida. Ele reclamava que eu não apagava as luzes quando eu levantava ... isso para mim já virou uma coisa tão normal que já apago as luzes e isso tudo ele não percebe e além disso arruma outros.

802. Antigamente reclamava porque eu reclamava das louças ... porque eu não apagava as luzes porque eu não fazia isso porque eu não fazia aquilo ... aí tudo que ele reclamava fui me habituando a fazer e já se tornou um hábito até porque é realmente necessário ... mas vou dar um exemplo grosseiro de como agora ele já reclama de outras coisas ... se paro o carro mais para frente tinha que ter parado mais para trás ... sempre arranja alguma coisa para reclamar ... como é que a pessoa reclama de tudo e hoje disse isso a ele ... ontem coloquei um comprimido efervescente dentro d'água num copo pequeno por isso estava quase cheio ... ele reclamou:

803. - Para que tanta água Ana?

804. - Não mas não é ... é porque é uma coisa gostosa.

805. E nem era tanta água ... aí eu disse:

806. - Você reclama sempre ... se eu botasse pouca água você ia reclamar porque estava com pouca água e reclama também porque tem muita água ... reclama porque a luz está acesa e reclama porque está apagada ... reclama porque a água está quente e porque a água está fria. Essa deve ser a crise do primeiro ano de casamento.

807. Fico pensando que preciso acabar logo a leitura desse meu texto porque quem sabe daí não vou perceber que todos os meus problemas acabaram.

808. Estou com preguiça ... falta de ânimo ... falta vontade de viver e por isso vou tocando levando a vida ... não sei porque isso mas tem umas três ou quatro semanas e

é de antes mesmo do Chico ameaçar separar-se de mim ... não estamos brigados nem nada.

809. Não sei se estou feliz ... não sei como estou ... mas sempre acho que falta alguma coisa o que me leva a pensar que isso é normal. Já estou acostumada com o fato de sentir que falta alguma coisa que já não estranho quando estou meio pra baixo ... sou um poço sem fundo.

810. Nunca consigo alguma coisa que me satisfaça e sempre estou buscando outra coisa ... sempre está sempre faltando alguma coisa mas quando eu conseguir abrir minha boca e dizer assim “me encontrei” acho que tudo isso some ... não é uma insatisfação em relação ao casamento ... é como se eu estivesse procurando me sentir feliz com alguma coisa ... me entusiasmar por alguma coisa ... tem horas que não dá para explicar ... não consigo saber o que está faltando ... a motivação ... sentia vontade de mudar para minha casa ... mudei mas não era isso que faltava na minha vida e de certa forma sabia disso ... achava que mudando para minha casa uma parte das coisas se resolveriam mas sinto que falta alguma outra coisa ... não sei o que mas percebi que quero tudo prontinho ... como se quisesse uma fórmula mágica que dissesse para mim: “olha Ana é isso aqui que está faltando na tua vida” ... estou procurando.

811. Quando mudei para minha casa passei a assumir meu filho ... tive um casamento que rompi mesmo sendo uma relação de certa maneira bastante cômoda ... com meus pais era uma relação de dependência ... sei que estas foram conquistas ... coisas que tanto buscava foram resolvidas ... mas existe outra parte que não está completa e não sei o que falta ... talvez quisesse ter a mesma exclusividade que tinha na minha casa com meus pais principalmente minha mãe ... queria ter isso na relação com o Chico ... só que ele também tem um projeto de vida e está correndo atrás dele ... meu filho está se preparando para ir embora e eu ... no meu filho não vou me prender ... ele vai embora e tenho que deixar que siga a vida dele ... sei que casei não para ter alguém onde grudar mas casamos para poder ter um sonho conjunto ... para poder ter uma parceria.

812. Sempre falamos em ter um emprego bom para que possamos viajar todos os anos ... melhorar nossa casa ... um carro melhor e podermos viver melhor ... passear ... filhos não se encaixam nem nos meus nem nos dele.

813. Quando refiro-me ao futuro penso em passar num concurso para ter uma melhora financeira ... financiar o estudo do meu filho ... mas também sempre acho que não é isso que quero ... não percebo onde está o prazer e a satisfação nisso.

814. Para o Chico nesses nossos planos também há uma realização pessoal o que não acontece para mim ... mas onde está minha realização pessoal? Por isso faço

terapia. Sei que quando cheguei a terapia disse que era por causa da minha gastrite ... mas hoje sei que ela é o resultado de um monte de coisas ... é conseqüência e estou buscando até hoje ... daqui para frente já nem sei mais se vou buscar porque já estou tão acostumada ...

815. O tempo está passando e eu estou ficando velha ... mas sinceramente não consigo gostar de nada por isso digo que falta alguma coisa em mim ... vejo os outros que tem uma vida com sentido onde qualquer coisa dá prazer ... a mim não ... porque sou uma eterna insatisfeita.

816. Existem pessoas que com as mínimas coisas que conseguem ficam tão contentes e eu não. Não sei se consigo olhar para dentro de mim reconhecer-me ... aceitar meu jeito ... como falo expesso relaciono com as pessoas ... depois olhar e pensar o que quero ... olho para a vida e acredito nela ... é real.

817. O livro "Fragmentos" apresenta-se como verídico e no entanto não é ... as pessoas que leram o livro acreditavam no que estavam lendo ... precisavam acreditar ... sentiram-se traídas.

818. Não tenho mais capacidade de brincar ... de ser criança ... não sei mais fazer isso ... porque não posso ser desse jeito e ser feliz?

819. Queria estar satisfeita desse jeito ... mas não estou e sei que tenho que mudar.

820. Sei que será certo o que eu escolher ... me fará feliz? Mas e quando não se pode ... porque não posso fazer o que quero ... tenho que ver as possibilidades que tenho ... não posso abrir mão de várias coisas ... assumir as conseqüência ... sei que assim não sou vítima porque estou fazendo escolhas ... mas não posso privar meu filho de estudar ... porém não posso me esconder a partir das coisas que aconteceram ... tenho consciência de que aconteceram e ter consciência com livre arbítrio ... liberdade de escolha que também exige um trabalho ... dá um canseira.

821. Conscientemente não quero que o Chico me enxergue como vítima ... qualquer mudança que tenho ou quero fazer me desgasta muito ... quando falo sobre essas coisas dá uma canseira ... saio daqui como se tivesse apanhado ou trabalhado trabalhado trabalhado ... isso me cansa mais do que trabalhar ... pensar nessas coisas me cansa mais do que se eu trabalhasse porque mexo mexo mexo ... está igual o meu trabalho onde mexo mexo mexo e não consigo sair daquele negócio.

822. Sair dessa situação significa achar um jeito ... mas não sei porque sou truncada assim ... sei que tenho que resolver as coisas mas não resolvo ... pioro a minha vida ... estou com a história de um poço lá em casa que fazem dois meses e ainda não resolvi ... e agora piorou de vez ... não tem nem uma gota d'água ... sabe o que é nem uma gota ... aí fico doida porque fico com raiva de mim ... porque não faço as coisas ... mas

não sinto vontade de fazer .. só faço amarrada ... na última hora quando vejo que não tem mais jeito e que sou eu que tenho que fazer aí eu faço ... mas não porque quero ... não queria ser assim ... aborreço comigo ... brigo comigo mesmo porque não queria ser assim e porque me deixo ser assim.

823. Queria ter prazer nas coisas que faço o que não acontece ... queria ter prazer ao menos de ler esse meu texto aqui eu queria ter prazer ... isso é que me incomoda é a falta de prazer nas coisas ... em qualquer coisa ... me incomoda profundamente.

824. Me incomoda não ter e quem tem prazer muito fácil ... embora seja um incômodo diferente ... acho tão bonito as pessoas fazerem as coisas gostando de estar fazendo aquilo que fico me perguntado porque não consigo gostar de alguma coisa como a pessoa gosta ... porque não gosto de ler ou escrever ou de jogar pingue-pongue ou bater uma bola?

825. Sei que para gostar de algo é preciso colocar-se à disposição para conhecer experimentar ... mas tudo que conheço não gosto ... esse é meu problema ... será que tem mais alguma coisa para eu conhecer ... porque das que conheço não gosto de nada. Estou falando de um imenso vazio.

826. Já peguei qualquer leitura para ver se consigo tirar alguma lição para mim mas aí começo a ler e não consigo terminar nada. Tentei pegar o tal do “Penitente” para ler de novo ... até levei lá para casa porque estava ali na casa da mamãe ... digo que tenho que achar alguma coisa ... quem sabe as “Brumas de Avalon” minha irmã leu todos ... “A Insustentável leveza do ser” não conseguir ler esse livro de jeito nenhum ... nunca consigo ler um livro sem esperar dele uma lição ... é como quando olho para os quadros na parede ... quero saber ... só presta se eu acertar o que é.

827. Estou lendo um livro ... “Só o Amor é Real” que aliás também não terminei de ler ... é um psicólogo que faz regressão ... a cura através de vidas passadas ... ele tem um outro livro onde fala que as pessoas costumam melhorar depois que falam dos seus traumas ... dos problemas que guarda interiormente ... fiquei pensando ... talvez o fato de ter falado para você a respeito do meu problema ... me deixou um pouco mais tranqüila ... é como se tivesse tirado um peso de mim tivesse dividido a responsabilidade ... se você divide ... a carga não fica somente em cima de você ... eu me sentia muito ruim com aquilo ... é como se eu tivesse dividido ... me sinto mais leve ... me senti muito bem de conversar ... não sei se estas coisas estão me influenciando ... mas estou me sentindo melhor ... também por estar conseguindo realizar as coisas que sempre tive vontade ... estou finalizando meus objetivos ... meus sonhos que tinha de mudar ... como já mudei ... como se eu tivesse RETOMANDO A MINHA VIDA ...

estou mais sossegada ... fico pensando na minha melhora ... porque graças a Deus ... estou caminhando.

828. Quando começo uma leitura se não gosto largo ... assim como larguei já milhares de vezes “A Insustentável leveza do ser” ... agora comecei novamente. Não larguei ainda mas estou no comecinho e não consigo avançar ... acho muito maçante ... não consigo ler algumas coisas. Muitas vezes até é um assunto que me interessa ... que pode melhorar alguma coisa em mim então vou em busca dessa coisa para ver essa melhora ... já tinha visto várias vezes entrevistas na televisão sobre várias pessoas que de repente fizeram algumas mudanças e foram positivas ... e sou assim ... quando vejo algo que pode trazer algum benefício para minha vida vou atrás ... estava lendo sobre o assunto e gostei é sobre decoração ... juntou o útil ao agradável ... estou tentando ler um livro sobre isso agora.

829. Por enquanto do que estou lendo não posso fazer muita coisa ... só colocar espelhos dentro de casa sininhos ... inclusive queria saber e não consegui que sinos Tibetanos são esses ... ou como são ... ensina a posicionar móveis ... o que deve ficar dentro de um quarto ... que cores utilizar ... sugestões para ornamentar a casa.

830. Não sei porque isso poderia ajudar na minha vida mas alguém já disse que melhora ... e se alguém disse que melhora vou e acredito nisso ... talvez a fé ou o fato de acreditar que aquilo pode mudar acabe provocando mudanças ... já ouvi dizer que isso muda alguma coisa ... ainda não posso perceber mudanças porque não fiz nada não mudei nada porque atualmente não posso mudar nada ... lá em casa está uma zona mas pretendo executar algumas das coisas que li.

831. Não vou mudar o telhado da minha casa porque o livro está dizendo que é melhor ... coloco outras coisas ... alternativas ... se teu telhado é assim você não tem que mudar o telhado da sua casa para harmonizar ... existem outras maneiras.

832. Ah ... mas não fiz nada até agora ... eu li apenas ... pensando em mudar e vou fazer mudanças dentro de casa ... se estou certa ou errada não sei.

833. Sei que tudo isso acontece porque fico procurando ... não uma fórmula milagrosa mas algo que me dê sentido ... que saia de dentro de mim ... sei lá gosto de mexer com decoração ... de lugares que tem coisas místicas ... me sinto bem ... também enjoou muito rápido das coisas ... quando arrumei minha casa ... para mim estava perfeita mas agora não sinto mais o mesmo prazer que tinha ... sinto vontade de mudar as coisas de lugar ... lá na casa da minha mãe meu quarto não ficava eternamente na mesma posição ... tenho que estar mudando o tempo todo e lá em casa tudo é muito apertado e não posso fazer isso o que me incomoda ... quero mudar

e não consigo porque não tem muito jeito de mudar para harmonizar ... sinto que está em desarmonia ... mas também acho que o problema não está nos móveis.

834. Penso que se eu mudo alguma coisa aqui ali posso entrar e sentir uma energia diferente e começar a agir diferente ... estou fazendo o contrário ... deveria eu mudar para o ambiente mudar ... mas quem sabe se o ambiente mudar eu não mudo junto com o ambiente ... é isso que pretendo.

835. Ainda não sei como posso usar o que li para fazer mudanças na minha casa ... vou harmonizar minha casa do jeito que quero ... colocar tudo organizadinho bonitinho ... gosto muito de casa arrumadinha e hoje a minha está um pandemônio ... isso me agonia. Acho que eu ando num pandemônio.

836. Sei perfeitamente que estou tentando fazer uma coisa que não devia ... devo me organizar para depois organizar minha casa.

837. Às vezes a gente tenta se enganar mas não se engana ... não estou me enganando ... estou tentando melhorar o visual para ver se consigo melhorar porque percebo que realmente sou eu e não a casa ... mas não penso em ir para nenhuma outra casa ... em voltar para a casa da minha mãe ... nada disso ... estou bem ... só que brigamos demais eu e o Chico ... hoje para não discutir cada um fica no seu cantinho ou então quando falamos já é com irritação ... nos agredimos e daqui a pouco estamos bem.

838. Estou irritada e não sei porque ... é dentro de mim ... ontem estava tão agitada tanto que nem discuto quando estou assim embora sinta vontade ... o Chico também anda bastante irritado ... ele diz que fico falando isso o tempo inteiro que tudo me incomoda ... que só sei reclamar ... mas realmente ando muito irritada e agoniada ... como se tivesse caçando briga ... falo comigo mesma que tenho que me acalmar.

839. As vezes sinto que vivo em função do Chico ... ele diz para mim que só faço as coisas que tenho vontade mas digo que só fazemos as coisas quando ele está com vontade ... algumas coisas nem me incomoda ... mas outras me incomodam muito ... mas se eu falar isso ele vai dizer de novo que só vivo reclamando ... prefiro não falar ... só que estou me fechando e isso me agonia demais ... não quero ser assim ... aí é sempre assim minha vida inteira e continuo assim ... fazem três anos que estou aqui tenho que mudar e não faço nada ... ao invés de melhor estou me afundando ... só fiz sair da casa da minha mãe o que não mudou nada ... agora ao invés de estar sobre as rédeas do meu pai e da minha mãe estou na do meu marido.

840. O Chico fala comigo de uma forma que me sinto mal por falar ... fala para mim e consigo me sentir uma idiota ... estou igual a uma colega minha que quando separou do marido que fazia ela se sentir uma idiota pelas brigas que tinham ... é incrível ... ele

consegue me transformar numa idiota ... ele tem um dom ... devia ser político porque ia conseguir mil votos ... consegue convencer até a mãe ... quer dizer ... a mãe dele é mais convencida do que todo mundo ... me transforma numa idiota que já nem sei mais o que falo ... começo a dizer o que não gosto e findo depois me arrependendo do que falei ... como é que pode isso ... como uma pessoa pode ser tão imbecil a esse ponto? Se reclamei é porque estava me afetando ... e como é que depois posso me arrepender de ter reclamado.

841. Sei que nem sempre ele tem razão ... porque depois continuo com a mesma encheção de saco porque não me convence ... desse jeito tenho que concordar com ele que não vamos conseguir viver juntos.

842. Sinto agora e em outros momentos da minha vida que não estou revertendo o tempo que tenho para mim mesma e é claro que vou ficar muito irritada com um punhado de coisas ... independente do Chico estou me anulando por mim mesma.

843. As vezes não sei em que direção devo dar meu passo.

844. Esses dias queria ir no Cine Brasil assistir um filme ... mas meu marido não queria ... disse então que iria sozinha ... ele me criticou porque não sai sozinho ... como não quer ir então preciso privar-me.

845. Esses dias estive na loja do meu tio onde ocorreram aquelas confusões familiares de sempre ... na frente dos meus tios quando minha mãe fala é como se papai estivesse errado e quando ela chega no carro dá outra entonação em sua voz deixando parecer que naquele momento defendeu meu pai. Fui deixar minha mãe em casa e ia deixar minha irmã na casa dela quando disse que ia buscar um vestido na costureira ... ela disse:

846. - Então vou contigo ... porque não estou fazendo nada até a hora de ir para a missa.

847. Fomos discutindo sobre o que aconteceu com minha mãe e meus tios ... só que para mim foi tão natural sair que falei que ultimamente não agüentava mais escutar a voz do meu tio ... não gostava de ficar mais perto deles em função do que tinham feito pra gente ... que o único tio que eu gostava era meu Tio Gervásio . Falei e foi uma coisa tão espontânea que acho que minha irmã estava mais incomodada ... que se envergonhou mais do que eu ... então ela disse para mim que também nunca conversou a respeito por vergonha ... que quando fez o processo Hoffmam foi justamente também por causa dessas coisas e que o psicólogo lá havia orientado para um dia conversar comigo a respeito. Disse a ela que minha psicóloga também havia falado isso para mim ... que teria que conversar a respeito com ela. Ela ainda é pior do que eu porque não lembrava nada ... ela lembra de Santa Catarina ... e eu nem sabia

que isso tinha acontecido em Santa Catarina com ela ... só que com meu outro tio ... ela lembra que lá faz muito frio ... então quando minha mãe ia no mercado ela nos deixava com esse meu outro tio ... na verdade com os dois ... mas ela fala de um tio que eu também cito ... tenho só essas lembranças e ela tem muito mais a respeito dele ... ela me contou que quando estava frio ... ficávamos todos enroladinhos no cobertor e ele mexia com ela por debaixo do cobertor com a desculpa de estar com frio ... ela lembra disso.

848. Daqui ela não lembra de nada ... então contei algumas coisas que lembro ... a situação do quarto que já falei ... me senti muito a vontade para falar ... não senti aquela vergonha não ... estava muito a vontade falando ... inclusive até falei com ela que isso prejudicou minha relação com ela porque sentia necessidade que ela me protegesse por ser a mais velha ... isso atrapalhou um pouco porque eu não conseguia ter confiança nela achava que deveria ter me protegido e não me protegeu ... conversamos muito com relação a isso. Ela não pode me esclarecer muita coisa ... disse que queria ter conversado com ela a mais tempo para ver se conseguia me ajudar a lembrar de coisas e que agora quando começasse a pensar que se livrasse de vergonhas ... de medo ... porque temos sempre esses receios de dizer que isso não aconteceu ... mas é preciso ... eu me despojei ... precisamos levantar a possibilidade de ter acontecido ... que fica mais fácil para aceitarmos e se aconteceu também não podemos fazer mais nada ... já aconteceu e não vai ser o fato de eu ficar mascarando que vai deixar de ter acontecido. Ela não lembra de nada ... não pode elucidar nada para mim ... dizer como começou e nem quando parou ... nem eu nem ela lembramos ... se antes lembrava quando começou agora também não sei se aconteceu comigo alguma coisa quando era menor ... ela disse que devia ter uns sete e eu uns quatro ou cinco anos ... não lembro dessa parte ... tanto que quando ela falou aqui ou lá ... eu disse não aqui ... porque só me lembro aqui e no entanto havia acontecido lá ... para ela deve ter sido muito mais traumático. Se também aconteceu alguma coisa comigo em Santa Catarina ela não lembra ... não sabe.

849. Ela também não sabe se com ela chegou a ter relação ... e também se houve não se sentiu a vontade ... talvez trabalhe isso na cabeça dela e alguma hora resolva sentar comigo e conversar.

850. Falar com minha irmã ... falar e ouvir sobre esse assunto ... para mim foi fácil ... foi muito fácil como se esse assunto não fosse uma coisa do outro mundo ... não me senti envergonhada de falar ... nem o que meu tio mandava que ficássemos o fato dele mandar que nós o masturbássemos ... falei de uma forma tão clara ... só falei que ainda sinto muito nojo de olhar para ele ... não agüento olhar para ele assim como ela

também ... ela disse que pensou que só fosse ela e como não lembra das coisas que aconteceram aqui ou não quis me contar ... talvez ainda se sinta muito envergonhada para chegar e conversar comigo sobre isto ... abri uma porta e agora cabe a ela também largar a vergonha de lado porque não vai ajudar ... alguns fatos ela me elucidou ... conversamos muito sobre a mamãe os procedimentos dela ... falei de algo que sempre me magoou ... o fato da mamãe nos deixar dormindo na sala e os irmãos dentro do quarto quando o normal seria o contrário ... ela não lembra disso ... eu era muito menor que ela e lembro perfeitamente ... muita coisa que falei ela não lembra mas uma coisa ela falou e vejo que é muito recalcada ... se contássemos para a mamãe talvez ela não acreditasse e por isso talvez não tenhamos contado porque sempre defendeu muito os irmãos dela ... diria que estávamos inventando que é coisa da imaginação de criança ou iria arrumar qualquer justificativa para a atitude deles ... talvez tenha sido um desses os fatores que nos levou a nunca ter contado porque talvez não adiantaria nada ... até perguntei se ela achava que a mamãe pudesse saber do que se passava ... ela acha que não e eu também acredito nisso. Agora ... cogitamos que talvez se tivéssemos contado para o papai ... teria sido resolvido.

851. Quando minha irmã começou a falar achei que levantaria a possibilidade da mamãe ser cúmplice nessa situação ... eu que levantei porque quando começou a falar pensei que fosse dizer isso ... mas ela disse que não que achava que ela não fosse acreditar na gente ou que fosse achar uma justificativa ... ela ficou engasgando para falar a palavra justificativa ... aí cogitei algumas idéias para ver se era isso que ela estava pensando.

852. Não acredito numa possível cumplicidade da minha mãe. Acredito que talvez ela não acreditasse no que iríamos contar ... que poderia achar tudo fruto da nossa imaginação porque queríamos fazer alguma intriga ... ela sempre gostou muito dos irmão e talvez quiséssemos chamar atenção ou ficaria super chocada mas tentaria arrumar uma justificativa para a atitude dos irmãos ... ela sempre procurou fazer mais pelos irmãos do que pelas filhas ... e nosso pai sempre gostou mais da nossa mãe do que de nós ... sempre soube disso mas nunca tinha olhado por esse lado ... somos carentes de amor ... se perguntarmos para minha mãe ela diz que foi a melhor ... que deu o maior amor ... mas a gente sempre percebeu isso ... sempre fez mais por eles do que pela gente ... se perguntarmos ela vai responder que não ... mas é como sentíamos ... minha irmã muito mais ressentida porque meu pai sempre gostou muito da minha mãe ... então se você levar alguém em casa que possa perturbar minha mãe ele briga ... levar os netos que vão dar canseira na mamãe ... minha mãe não está preocupada com a canseira mas meu pai acha que ela vai se cansar ... assim

acabamos não tendo nem o grande amor de uma mãe nem o grande amor de pai ... acho que se pensássemos na carência de amor masculino que temos ... a falta de um pai ... porque realmente meu pai nunca foi muito carinhoso ... chegamos a conclusão que nosso pai é o melhor do mundo mas em matéria de afeto ficou faltando ... nunca foi muito carinhoso e por outro lado também nunca fomos muito carinhosas com ele porque não tinha essa proximidade ... porque espanhol é muito seco ... diferente ... nunca tivemos muita intimidade e isso ficou faltando ... são coisas que não podemos mudar porque já aconteceram ... talvez se soubéssemos que poderíamos mudar alguma coisa ... mas já deixamos o tempo ir passando ... sei que não posso voltar ... não posso mudar o que já aconteceu mas daqui para frente posso ... hoje procuro chegar mais no meu pai ... já o agrado já beijo mais e já me sinto um pouco mais livre para isso.

853. Embora não seja possível mudar mas nesse momento iniciei uma outra história com minha irmã ... abri um capítulo novo para nossa vida e a partir de agora temos a possibilidade de redescobrir uma a outra. Minha irmã colaborou mas eu abri e comecei a fazer as mudanças ... trouxe uma vivência ... uma experiência de vida uma situação que me incomodava muito que é a relação com minha irmã ... uma relação mesclada de ciúmes solidão inseguranças cobrança ... trouxe tudo isso para meu cotidiano e abri um capítulo novo.

854. Para mim realmente foi muito natural conversar com minha irmã ... porque não estou olhando mais como um problema ou como um trauma ... não é uma marca o que aconteceu mas agora estou olhado como uma passagem como uma etapa da minha vida ... um acontecimento que não posso apagar mas que no entanto não vai mais determinar minha vida.

855. Conversar com minha irmã sobre essa situação era algo que ainda estava devendo a mim mesma.

856. Espero que ela consiga lembrar das coisas melhorando também minhas lembranças ... minha irmã está passando por uma fase muito difícil ... conversando fiquei muito mais triste ... é como se eu tivesse conseguido superar e ela ainda não.

857. O casamento dela vai mal ... depois começamos a conversar já outro assunto ... porque até então isso não acontecia ... nunca tínhamos conversado sobre nossas vidas ... quando falamos é de uma forma muito superficial ... nunca conversamos ... ela falou para mim que tem pelo menos uns quatro anos que não tem nenhum relacionamento sexual com o marido dela ... é triste da gente vê ... diz que ele é muito seco que não é carinhoso e que fala para os amigos dele que ... coitada da minha irmã ... que ele

casou com ela porque eles já eram quase irmãos ... disse que uma vez quando ele tentou se aproximar ela disse:

858. - Se somos irmãos e você fizer isso comigo é incesto.

859. Achei tão engraçado ... a pessoa se ressentiu ... ela é muito magoada ... então falo para ela que não adianta continuar ... sinceramente não gosto de dar esse conselho para ninguém mas acho que esse casamento não vale mais nada ... uma que ela vive praticamente sozinha ... não só nisso ... o financeiro ele não ajuda em nada ... sabe o que é nada nada nada ele não dá nada ... a única responsabilidade que tem é de pagar a energia da casa e mesmo assim não paga fazem três meses. Na sexta-feira ele foi pescar ... largou ela sozinha e aconteceu um problema na casa ... ela pensou que tivessem cortado a energia ... ele não se preocupa nem com os próprios filhos. Falei para jogar mais responsabilidade nas costas dele ... tipo assim ... não levar lá pra casa da mamãe ... se tivessem comida comiam se não tivessem não comiam ... que aí ele ia aprender ... porque ele diz:

860. - Leva os meninos lá pra tua mãe.

861. Assim ele pode dormir sossegado ... esse tipo de coisa vai desgastando a relação deles ... é um monte de coisas por isso não sei até que ponto vale a pena ficar se desgastando com uma relação dessa ... ela pode encontrar uma outra pessoa que a valorize que ajude que respeite ... ele já tem tudo ... tem quem patrocina ... meu pai ou ela mesma ... meu pai se dispôs a pagar a energia mas ela disse que não ... ele continua sem fazer nada.

862. O marido da minha irmã praticamente não trabalha.

863. É claro que meu pai ajudaria com a maior boa vontade mas ela tem que fazer alguma coisa para que ele tome a responsabilidade de volta.

864. Não disse todas essas coisas para ela no mesmo dia ... foi num outro dia quando ela foi jantar na mamãe ... estavam todos envolvidos naquela confusão por causa da energia ... nesse dia ela me contou coisas ... que não falei nada só fiquei escutando ... já no outro dia falou inclusive que não gostava quando a mamãe ia lá na casa dela ... me senti até incomodada porque de certa forma eu fazia a mesma coisa que ela reclamou da mamãe que ia lá e ficava prestando atenção em tudo ... eu não gostava muito de ir na casa dos outros porque normalmente vou e fico olhando se está arrumado ou não ... e é isso que a mamãe faz quando chega na casa dela. Na casa dela tem uma parede toda estragada ... agora posso entender que ela não quer ter a parede daquele jeito ... mas é porque está passando por alguns apertos e grandes. Sinto que para minha irmã falta tranquilidade interna e dinheiro.

865. Ela não consegue arrumar sua casa por dentro porque está muito mais bagunçada do que o lado de fora ... ela diz que prefere até quando o papai vai lá porque não repara tanto quanto a mamãe ... o papai reclama mas das coisas que estão faltando ... não tem aquele olhar reprovador. Minha mãe é assim mesmo e tem algumas coisas nela que me incomodam profundamente ... por isso disse para minha irmã que quando eu era pequena ... sempre dizia que se meus pais se separassem queria ficar com meu pai.

866. Já tive um olhar tão crítico como o da minha mãe ... já melhorou muito depois que passei a ter minha casa ... ter uma família para cuidar ... passei a ter um ritmo diferente do da minha mãe e a criar minhas próprias prioridades.

867. Minha mãe tem que manter tudo limpo e brilhando dentro de casa ... mas eu não necessariamente porque isso faz parte da vida dela ... estou aprendendo muita coisa ... hoje já vou dormir se a louça não estiver lavada e tranqüilamente durmo e acordo no outro dia lavo a louça se preciso ... não sou mais neurótica quanto a isso mas já fui bastante ... acho que quando se vive em algum meio torna-se fruto dele ... mas agora estou na minha casa ... arrumo na hora que estou com vontade e quando não estou não arrumo ... se estou afim de dormir eu durmo ... o Chico as vezes enche o saco quando esqueço alguma coisa ... mas entra por aqui e sai por ali.

868. Já me culpei muito por estar neste momento sentindo-me mais feliz que minha irmã. Sei que minha irmã também tem feito as escolhas dela e embora possa querer ajudá-la tem coisas que ela mesma tem que fazer ... que cabe a cada um ... é a trajetória de cada um e ninguém pode ocupar o espaço do outro. Sei também que com relação ao casamento dela não posso mexer porque é uma decisão dela ... que diz ter medo que os filhos digam mais tarde que foi ela quem não quis continuar casada privando-os da presença do pai. Disse que é ela quem está fazendo essas escolhas e portanto agüente as conseqüências ... não reclame ... é você que está escolhendo isso ... porque a pessoa tem dois caminhos ... e estou aprendendo isso ... não sei se por causa das conversas na terapia ... são dois caminhos e se eu escolher aquele tenho que me responsabilizar pelo que vem depois ... existem caminhos que não tem volta ... mas para voltar é possível pegar um paralelo próximo ... um atalho e ir parar lá no outro.

869. Existem caminhos que não tem volta ... outros tem ... cada um faz suas escolhas ... traça seus caminhos mesmo que as vezes acerte ou erra ... o importante acima de tudo é ter certeza de que a escolha foi feita ... é fazer a escolha porque depois não há culpa por não ter feito. Não vou me culpar pela escolha que fiz ... o momento facilita determinadas escolhas e por algum período foi muito bom ... portanto

porque se arrepender? Não sei se terei uma grande amizade com ela ... mas isso só o tempo ... o importante é um dialogo que se iniciou ... abri uma porta e vamos ver se ela consegue e permite passar por ela.

870. Não posso ficar imaginando nem estou com vontade de imaginar o que vem por aí ... o que queria era dar essa liberdade para ela ... senti que ela ficou muito mais envergonhada do que eu para falar ... porque acho que ela nunca ... como me disse nunca conversou com ninguém ... perguntou se eu tinha conversado com o Chico e disse que sim mas que tinha levado bastante tempo ... e fora a terapeuta o Chico e ela não contei a mais ninguém ... primeiro tinha conversado com minha terapeuta ... que tinha levado um ano ou mais ... depois ainda levei mais outro tanto para contar pro Chico e que depois do Chico para ela já foi mais outro tanto ... só que do Chico para ela já foi um período mais rápido ... quer dizer ... me acostumei mais com o fato ... não é bem essa a palavra mas já digeri bastante ... tornou-se uma coisa normal ... já não encaro como um problema ... agora é claro que ainda preciso de bastante tempo para poder ver se acabo com esse nojo que tenho dos meus tios ... só de ouvir a voz ... tu acredita que já pensei se acontecesse alguma coisa com ele nem sei se choraria? Mas isso já não é nenhum trauma. Se acontecesse alguma coisa com meu tio não iria sentir falta ... isso é horrível ... não é? Não sei se um dia vou deixar de ter nojo dele.

871. Ontem falei para ela que se um dia ele chegar em mim ... acho que ele já percebe que o evito ... as vezes ele está num local ao meu lado conversando com minha mãe ... em outras épocas ficaria ali o tempo inteiro conversando embora nem sempre com vontade ... hoje ele está ali conversando e eu dando atenção para meu outro tio que gosto muito ... o Gervásio ... talvez por nunca ter feito nada conosco.

872. O Tio Gervásio tem todo o crédito do mundo ... quer dizer o amor que tínhamos que dividir não consigo mais dividir ... jogo todo nele.

873. Se um dia ele chegar para mim e perguntar ... se me pegar num dia como pegou minha irmã talvez olhe para ele e diga:

874. - Volte ao passado ... ao seu passado ... volte ao passado que o senhor saberá a resposta a essa pergunta.

875. Ela me disse que ainda não tinha coragem de falar ... talvez eu tenha ... isso não pode mais me incomodar ... não pode ocupar um espaço maior do que já ocupou.

876. Hoje não ocupa um espaço grande ... não estou esperando por esse dia ... não estou ansiosa por ele chegar para conversar comigo ... mas caso chegue hoje já tenho coragem de falar ... gostaria de contar isso para meus pais mais do que qualquer outra coisa ... porque gostaria de falar tudo que guardei ... essas minhas magoas ... essas minhas coisas com minha mãe e com o meu pai ... gostaria de conversar sobre isso ...

mas acho que jamais faria ... é quase impossível. É mas isso está lá na frente ... não preciso preocupar-me agora.

877. Só tenho medo de fazer como minha irmã falou ... que se ela não bebesse não conseguiria falar ... disse que ela não é lesa ... porque minha irmã tem mania de beber ... uma vez ela bebeu ... coitada ... olhava para a cara da minha tia e dizia:

878. - Eu gosto muito da senhora minha tia ... sei que bota chifre no meu tio mas gosto muito da senhora.

879. Voltei a encontrar minha irmã ... sempre a encontro na casa da minha mãe ... mas não temos conversado sobre nossas questões ... porém não somos mais duas desconhecidas ... quando nos encontramos para mim continua a mesma coisa ... o fato de termos conversado não significa nenhuma diferença em nossa relação.

880. Também não sei que tipo de diferença poderia ter ... não vi mudança alguma ... talvez futuramente mas é claro que algo mudou ... porque coisas que nunca haviam sido ditas foram e claro que isso abre portas ... maior liberdade para conversar e poder se abrir sem restrições sem vergonhas ... abriu uma porta e estou esperando para ver o que vai entrar por essa porta ... mostrei que estou aberta para conversar ... porque também creio que ela deva estar processando.

881. Não sei porque acho que deveria falar com meu pai e com minha mãe ... já que botei a público ... gostaria de mostrar para minha mãe e meu pai o que aconteceu ... que eles também pudessem entender alguns comportamentos ... estou ultimamente entendendo o porque dos meus problemas estomacais ... sinto como se os tivesse enganando ... porque enquanto aquilo era só meu ... sei lá ... não sei se consigo me expressar ... meu cérebro bloqueou aquilo então não estava mentindo apenas não contei e agora me sinto com vontade de falar.

882. Talvez eu queira denegrir a imagem do meu tio ou quero falar porque isso pode me ajudar a crescer ou ainda para acabar com meu tio ... não sei no que me ajudaria ... por isso que ainda não contei ... se realmente tivesse certeza de que me ajudaria em alguma coisa já teria contado então acho que não me ajuda em nada ... não basta só chegar na minha mãe e mostrar quem é meu tio ... também não sei o que preciso fazer ... alguma coisa que mudasse ... mas o que vai adiantar contar para eles? Não vai adiantar nada. Eles vão poder resolver alguma coisa? Não.

883. Ah não vai ... não vai sarar não vai apagar. Isso não acontece mais ... se ainda acontecesse eu tivesse tomado ciência e fosse contar a eles e a coisa parasse ... acho que mereceria contar ... mas não acontece mais ... já acabou ... faz parte do passado ... só traria mais desgosto ao meu pai e minha mãe ... não acho que vale a pena.

884. Estou convencida de que não vale a pena transtorná-los por isso ... mas ainda assim gostaria de contar ... não gosto de enganar ... não gosto de sentir como se estivesse enganando ... e outra pela admiração que todos tem por uma pessoa que não é merecedora dela ... o medo que todos tem de uma pessoa que não merece nem respeito ... vejo tantas coisas que falam ... colocando-o num pedestal como se fosse a criatura mais importante da família e desmerecem outros que talvez tenham muito mais valor ... mais respeito e são mais merecedoras desse respeito dessa admiração do que ele ... isso ainda me incomoda.

885. Mas não sei se isso é suficiente para que eu possa falar ... eu mato o meu pai e mato a minha mãe ... e aí? O que ganhei? Nada ... faz perder.

886. Não quero ser o centro das atenções ... dispenso ... mas arrumaria uma grande confusão.

887. Gostaria que acabasse essa imagem de perfeição ... isso gostaria ... porque eles xingam tanto o meu tio porque é homossexual e acho que isso perto do que ele fez é pequenininho ... porque ele sendo homossexual está usando o que é dele ... uma opção dele ... não está abusando de ninguém ... não está usando ninguém para atingir seus fins seus objetivos ... acham que é uma coisa monstruosa ... mas é menos imoral do que o outro fez ... então porque jogar meu tio lá na lama quando o outro deveria estar e não está? Se faz de santo ... esse tipo de coisa ... não gosto disso o que me incomoda ... tenho medo de que numa hora que eu esteja muito ... num impulso eu fale ... porque como sou muito impulsiva vou muito de momento ... se no meu momento estiver bem para falar aquilo ... sou capaz de falar.

888. Gostaria que meu tio passasse pelo que eu passei. Vingança.

889. Mas não vivo para a vingança ... porque não passo o tempo inteiro pensando numa forma de fazer com que meu tio assuma o que fez ... embora meu tio esteja sempre presente na minha vida ... foi a ele que chamei quando precisei ... quando bati o carro ... ele incomoda mas está presente.

890. A presença do meu tio me incomoda ... sei que me incomoda porque ainda não me liberei do que ele representa ... mas não sei como.

891. Gostaria que realmente a máscara caísse ... mas não por mim ... por isso que até hoje não o fiz porque não vai mudar em nada minha vida ... mas que acabe a vingança ... esse sentimento e depois talvez eu vá ocupar o papel de vítima mais uma vez ... só que daí uma vítima pública e oficial perante a família ... e isso será bom para mim? Acredito que não. Não gosto mais de me ver como vítima ... por isso que ainda não fiz nada ... não quero mais confusão.

892. Não sei como soltar ... quero me livrar disso ... não consigo me livrar.

893. Não sei como fazer isso ... não sei como simplesmente esquecer ... largar de mão ... gostaria imensamente ... hoje gostaria de poder olhar para ele sem me incomodar ... que fosse uma pessoa comum para mim como se fosse meu cunhado que nunca me fez nada ... um primo que nunca me incomodou ... gostaria de olhar para ele e sentir isso ou mesmo pena ... porque uma pessoa que faz um negócio desse com uma criança deve ser um doente ... então ao menos pena eu gostaria de sentir ... não incômodo ... porque o incômodo significa que sentimos alguma coisa ... é lógico que tenho vontade de denegrir a imagem dele porque isso me incomoda ... tenho que fazer alguma coisa ... denegrir ... quem sabe se eu denegrir a imagem dele esse incômodo sare mas e se não sarar? E se no lugar desse incômodo vier um outro pior? Então não quero resolver assim ... seria bom que todo mundo soubesse quem ele é ou quem ele foi ... mas isso não vai me ajudar ... não quero fazer isso ... não quero porque não vai me servir de nada e eu nunca fui uma pessoa vingativa.

894. Porém não sei quais alternativas me restam ... se soubesse já teria resolvido isso ... quero muito esquecer ... largar lá atrás ... quer dizer ... uma grande parte já superei mas realmente existe o incômodo da presença ... é engraçado ... antes de falar comentar essa história a presença dele não me incomodava da forma como me incomoda hoje ... antes eu não gostava daquela maneira autoritária ... a pressão que exercia sobre a gente ... não só sobre mim mas principalmente sobre mim já que estou falando de mim ... eu tinha um medo ... hoje a sensação é diferente ... antes eu ainda conseguia falar com ele ... hoje não consigo mais ... não consigo me sentir bem na presença dele ... quando ele está presente não gosto de estar ... faço de conta que ele não está ... a presença dele hoje me incomoda muito mais do que já me incomodou antes de eu resolver falar sobre o assunto.

895. Esse meu tio é casado ... gosto da minha tia ... tenho pena dela porque acho ele um mal marido ... passa as noites na rua só chega de madrugada ... ela aceita ... também vai fazer o que? Já disse para ela que é muito santa ... que meu tio tem sorte de tê-la como esposa porque se fosse outra ele já tinha ganhado uns bons pares de chifres ... é verdade nunca gostei do modo não só dele mas nunca gostei do modo que meus tios tratam as minha tias ... nunca gostei ... é como se a mulher da rua fosse sempre melhor do que a que está em casa e eles falam isso ... nesse ponto sempre gostei do meu pai ... o pai nunca ... como ele sempre gostou muito da minha mãe sempre valorizou a de casa ... ele fala que as vezes ela é chata igual aos irmãos ... mas nunca você vê ele dizendo que fulana é melhor do que a minha mãe.

896. Como filha sempre admirei essa atitude do meu pai ... tanto que eu dizia que quando cassasse gostaria de ter um homem parecido com meu pai.

897. Não sei se tenho um marido parecido com meu pai ... em alguns pontos sim ... não sei porque acho que o Chico tem o jeito dele ... de falar ... ele diz que são coisas da minha cabeça mas acho que as vezes me menospreza um pouco.

898. Menospreza dentro de casa talvez para que eu possa crescer ... não sei fora quando não estou não sou uma mosquinha para saber ... mas na frente dos nossos amigos eu falava dele ... não falava mal só a verdade e já que ele ficava bravo e eu não podia falar a verdade então não falaria mais ... tanto que não falo mais ... só que é ele que faz ... digo assim:

899. - Olha ... como é que você critica uma postura em mim e a faz?

900. Sei que o que sinto pode ser desejo de vingança.

901. Passei muito tempo parada e agora tenho que colocar muita coisa no lugar ... não só minha como do meu filho também ... está acostumado com um tipo de vida e agora vai ter que entrar no meu esquema de vida ... me arrependo de não ter mudado antes ... teria poupado muita coisa e hoje meu filho estaria bem acostumado ao meu ritmo de vida e não ao ritmo lá de casa ... eu também estaria acostumada com outro ritmo e não essa vidinha ... de simplesmente chegar e dormir ... seria um outro estilo de vida ... exemplo para meu filho ... se ele aprende o que vê comigo iria fazer do mesmo jeito ... sou o exemplo dele. Quando ele acorda falo para dobrar sua colcha ... ele faz ... tomamos o café ... vou arrumando uma coisa e ele vai guardando a margarina na geladeira ... arrumando tirando as coisas da mesa ... aos poucos a gente vai se ajustando.

902. Essa viagem do Chico foi boa ... porque o Fernando na mudança não ajudou em nada o Chico ficou ... disse que se eu não chamasse sua atenção ele iria chamar ... já que eu não faço ele iria fazer ... que estava muito preguiçoso ... muito folgado e de fato poderia estar ajudando ... depois chamei a atenção dele ... estou tentando colocar ele num ritmo para quando o Chico chegar ... porque o Chico não tem modos para chamar e mãe é mãe ... a mãe chamar a atenção da gente é uma coisa já outra pessoa ... as vezes não aceitamos tão bem ... ver os defeitos e os erros serem corrigidos é muito difícil aceitar ... ainda mais ele na idade que está e acostumado a paparicação da vovó ... aos poucos vai entrar nos eixos ... temos que ter muita paciência tanto eu como ele ... ele nunca foi acostumado a nada disso e não será de uma hora para outra que vai mudar tem que ser aos poucos. Só que está demorando muito.

903. Quando penso e digo que esse pouco está muito pouco quero dizer que o que pretendia até hoje não consegui chegar ... estou falando do meu filho mas ao mesmo tempo de mim ... porque não consegui fazê-lo entrar no meu ritmo ... eu e meu filho temos um mesmo ritmo ... quer dizer ... em relação a casa estamos nos habituando e

ainda não consegui levá-lo de uma vez ... vivo brigando por conta disso porque para mim ele não mudou da casa da minha mãe ... passa mais tempo lá do que em casa ... falo isso mas ele não acredita ... lá em casa é pequeno apertado não tem os luxos que a casa da minha mãe tem ... se é para levar um amigo não chama lá para casa ... vai e os encontra na casa da minha mãe.

904. Isso me incomoda porque acho que temos que chamar as pessoas para nossa casa e acho que as pessoas e mesmo ele tem que aceitar a casa dele hoje ... não pode ter vergonha se a casa é pequena e não é igual a casa da vó ... que é bastante boa ... ele acha que os meninos vão achar que piorou de vida e isso não tem nada haver ... eu adoro minha casa ... não tenho vergonha nenhuma de levar as pessoas lá ... mas ele tem ... uma vez falei para ele:

905. - Você tem vergonha porque tua casa é casa de pobre ... não tem muita coisa ... não tem nada.

906. Ele disse:

907. - Ah mãe ... você só fala isso.

908. Comparando a casa da minha mãe com a minha a dela é grande tem muitos quartos e muitas coisas ... é tudo arrumadinho com tapete um monte de objetos ... para mim minha casa é agradável ... o Chico também gosta e eu gosto muito do jeito da minha casa porque nunca gostei de muita coisa ... já estou agoniada porque o Chico quer comprar uma estante para colocar na sala e minha sala é pequena um ovinho e ainda vou colocar uma estante porque meus livros estão todos guardados dentro do guarda-roupa e o Chico invocou que quer uma estante para colocar os livros na sala ... só que disse quero os livros guardados ... não os quero à vista à mostra. Lá em casa tem muita poeira que vai enchendo o livro ... por isso quero que fique na parte de baixo pelo menos fica escondido ... aí ele fica com raiva porque diz que nunca aceito as idéias dele ... acabo cedendo:

909. - Vai ... vai lá e compra a tua estante.

910. Sabe ... só para não me perturbar ... quer fazer ... faz. Mas eu não queria ... particularmente não gosto de livro em sala ... não gosto de muita coisa ... sou clara com o Chico ... disse a ele que não queria ... entendo que lá em casa realmente não tem onde colocar uma estante que não seja na sala ... mas eu falei ... dei uma idéia para ele comprar uma mesa menor porque a mesa do nosso computador é bastante grande e para um quarto pequeno fica enorme ... falei para ele:

911. - Compra uma mesa menor e colocamos uma estantezinha do lado para colocar os livros.

912. Nada do que falo ele aceita ... quer do jeito dele e eu do meu jeito ... acabamos não fazendo nada ... então para não deixar de fazer vou e compro a estante ... tinha falado também:

913. - Compra uma sapateira ... coloca os livros dentro da sapateira e a televisão em cima ... alguma coisa que mantenha os livros fechados para não pegar muita poeira.

914. Tem muita poeira lá em casa e se não tirar todo santo dia as coisas ficam muito sujas ... agora nessa época até que fica menos por causa da chuva ... acho melhor a lama do que a poeira ... vou deixando.

915. O Fernando por outro lado reclama que perto de casa não tem nenhum vizinho com quem possa conversar ... que os amigos dele estão pelo lado da casa da minha mãe ... isso eu concordo ... além do que a avó recebe bem os meninos ... faz isso faz aquilo e eu não sou nenhuma excelência ... tenho a receita de pão de queijo mas nunca fiz.

916. Percebo que quando falo da dificuldade de adaptação do Fernando para algumas coisas que caminham muito lenta ... estou falando de mim ... acho que é por isso que encaixo na minha profissão de bióloga ... porque se fica muito tempo pesquisando uma só coisa ... ela não evolui de um momento para outro ... digo que até nisso sou lentina ... tem coisas que exigem muita rapidez enquanto outras demandam atenção com um tempo longo ... o experimento fica lá não sei quanto tempo ... você fica mastigando aquela coisa muito tempo para conseguir alguma coisa ... o normal não é o que tem que ser feito de um momento para o outro ... não é preciso tomar decisões rápidas sempre.

917. Não quero dizer que para fazer direito ou carreira diplomática a pessoa precise ser lesa ... também não quero me desmerecer ... desprezar-me. Estou falando assim porque percebo que me encaixo ... que meu ritmo se encaixa melhor em coisas desse tipo ... também não sou nenhuma lesa ... não estou sendo pejorativa ... mas é que como sou lerdinha para algumas coisas ... tem hora que sou muito devagar.

918. Já me acostumei realmente a um certo menosprezo ... com essa idéia de que sou lenta. É engraçado ... não me achava lenta mas a partir do momento que comecei a acreditar que sou lenta estou a cada dia mais lenta mesmo.

919. Pensando ... agora depois de tudo o que tenho dito ... ainda em relação ao abuso que sofri ... acho que aceitei melhor o fato ... já não me incomoda mais ... não me sinto mais tão culpada ... não fui culpada de sofrer o abuso ... não consigo recordar de ter gostado ... talvez seja esse o ponto ... mas não consigo lembrar de algum momento que tenha gostado ... não deixei de contar para meus pais porque sentia prazer ou satisfação com o que estava acontecendo ... talvez medo ... porque as

peessoas não falam sobre essas coisas ... não sei ... pelo julgamento que as pessoas poderiam fazer talvez ou mesmo por não acreditarem ... exato ... hoje não me importo com o julgamento que as pessoas possam fazer de mim ... não sou a única e não me sinto responsável ... não me considero responsável pelo que aconteceu e em momento algum incitei meu tio a isto ... não me vejo mais assim.

920. Me sentia talvez culpada por ter feito com que ele achasse que eu queria aquilo ... porque quando ele disse que eu queria aquilo eu acreditei que queria aquilo ... não me recordo em momento algum ter gostado do que ele fazia comigo ... mas não descarto essa possibilidade ... digo que não me recordo ... não afirmo que não mas não me recordo em momento algum de ter gostado ... mas é que como ele disse para mim que me daria aquilo que eu queria ... acreditei ... talvez me senti culpada durante anos porque me levei a acreditar que queria aquilo quando não queria ... hoje não me sinto mais responsável ... jogo a culpa ... a culpa daquilo é dele ... ele como adulto sabia o que estava fazendo.

921. Como não sou culpada posso estar livre para ser feliz.

922. Esses dias mesmo ... é uma bobagem mas que em outras épocas ... fiz duas reservas para o Fernando viajar em duas companhias aérea ... porque ele queria ir junto com os colegas ... depois que fiz minha escolha a moça da outra agência me ligou para eu desmarcar ... em outra ocasião teria mentido e dito a ela que ele não iria mais ... com vergonha de dizer que havia escolhido uma outra ... mas não me comprometi a comprar com ninguém ... tenho o direito de escolher em qual ele vai ... disse para a moça:

923. - Não ... ele preferiu ir em outra companhia porque os amigos irão em outra ... por isso queria desmarcar a reserva que havia feito com você.

924. Algumas coisas estou procurando não mentir ... porque damos aquela mentirinha branda ... mas nos viciamos a não fazer escolhas ... e é uma escolha ... você tem direito e liberdade de escolher.

925. Eu via isso como uma coisa errada ... tinha vergonha de fazer minhas escolhas ... as vezes é uma coisa boba ... mas que para mim significa uma mudança muito grande ... sinto mudanças aos poucos mas é muito lento para mim.

926. Sei também que corro o risco de esconder-me atrás dessas pequenas mudanças ... são lentas e faço isso esporadicamente ... agora estão até mais freqüentes ... mas ainda assim acho que são muito lentas ... queria que fossem mais rápidas ... que eu fosse mais rápida.

927. As grandes mudanças de que falo por exemplo ... já liguei para a Universidade Pública ... me informei da data para pedido de ingresso para portador de diploma de

curso superior o que para mim isso é muito importante ... pode ser que eu chegue lá e quebre a cara ... mas estou numa ansiedade enorme com relação a isso. A inscrição para concorrer a vaga será dia dezessete dezoito ou dezenove de janeiro ... não posso esquecer porque tenho que dar entrada no meu processo de solicitação de vaga ... já sei quais são os documentos necessários e dessa vez não vou perder ... pelo menos o prazo ... penso que se não tiver que ser eles não vão deferir minha vaga mas vou dar meus passos ... fazer minha parte ... aliás dois passos ... porque vou pedir numa coisa e na outra ... de duas formas ... por dois caminhos diferentes.

928. Vou ficar em cima ... essa também é minha parte ... se não lutar as coisas não acontecem ... se lutar e não conseguir talvez porque não seja o momento ... aí vou me conformar ... não vou me sentir triste porque nesse caso terei feito alguma coisa pelo que desejo ... se não tentar não vou atribuir ao destino ... é muito simples ficar aqui esperando ganhar na loteria se não for lá e marcar um cartãozinho.

929. Já fiz muito isso ... ficar aqui esperando ... e dizer que se for para acontecer vai acontecer ... temos que fazer acontecer ... tenho um pouco de medo do que vem ... mas é um medo que estou dando conta ... o que vem não pode ser diferente daquilo que estou vivendo ... do que estou fazendo ... as rédeas da minha vida estão nas minhas mãos ... a vida nas minhas mãos.

930. Sinto-me insegura com o que vem para saber se dou conta ... mas digo assim ... vem ... deixa vim que vejo ... não adianta ficar como essa noite que passei preocupada ... sem dormir ... estou um caso sério sobre esquecer ... estava sexta feira estava na fila do banco para receber meu salário ... aí um sujeito veio e me entregou três contratos ... na fila ... já não deveria ter recebido ... era horário de expediente mas como era dia de pagamento todo mundo vai para a filinha ... estava com ameaça de bloquearem as contas da repartição deixando todos apavorados ... até poderia depositar meu cheque mas e o risco de bloquear e ficar sem salário ... fiquei lá na fila ... deveria ter mandado entregar no departamento que depois eles me repassam ... mas peguei ... chegou alguém e me pediu que fizesse um depósito ... fui lá peguei o papelzinho e a caneta não funcionava ... fui para dentro da sala de uma colega onde coloquei os papéis sob a mesa junto com a guia do depósito ... escrevi e sai ... deixei os contratos lá ... mas em momento algum os papéis me fizeram falta ... é como se eu me desligasse como se aquilo nunca tivesse existido ... depois fui para meu departamento ... tocava no assunto do problema e em momento algum lembrei dos contratos ... ontem a tarde quando resolvi trabalhar e fazer os pareceres que tinha que fazer por causa dos contratos é que fui procurar ... tinha quase certeza que estavam dentro da minha bolsa ... aí fui lembrar do que havia acontecido ... me lembrei

exatamente de onde estavam ... passei a noite inteira acordada com medo porque um negócio desse não posso fazer ... nunca fui assim ... nunca fui irresponsável mas estou muito desatenta o que culmina em irresponsabilidade ... o Chico me deu um sabão ... fiquei doidinha ... cheguei no trabalho pela manhã e fui direto na sala da colega ... que me disse:

931. - Não ... eu vi isso aqui e sabia que era importante ... tanto que guardei.

932. Eram três contratos ... se perdesse estava era ferrada ... aí digo:

933. - Lá vou eu ser demitida ... porque isso aqui era sigiloso ... minha profissão trabalha com documentos ... é função da nossa atividade.

934. No filme que assisti ... "O sexto sentido" uma coisa chamou minha atenção ... gostei da forma como o garoto enfrentou ... correu a vida inteira mas enquanto corresse dos fantasmas ficaria o tempo inteiro com medo ... resolveu enfrentar ... quando conseguiu enfrentar superou ... continuava com medo mas não era aquele medo de antes ... sabia que sempre os fantasmas estariam em torno dele ... porque poderia ajudá-los ... mas já não tinha mais o problema de ver ... sabia que era difícil ... só que não tinha medo porque ele era maior do que os fantasmas e poderia ajudá-los ... achei interessante ... o garoto dizia que o psicólogo era o único que poderia ajudá-lo mas foi o próprio garoto que resolveu ... o psicólogo não poderia fazer por ele.

935. O psicólogo foi incompetente porque não ouviu o que o rapaz tinha a dizer ... e assim como não estava acreditando no que o garoto falava ... no momento em que ouviu e acreditou no que o garoto lhe mostrou ... conseguiu ajudá-lo assim como a si próprio.

936. Existia a verdade do psicólogo ... e não a verdade do outro. Para ele existia a normalidade e a anormalidade ... não conseguiu entrar na história do outro ... percebi isso e achei super dez ... como se tivesse uma viseira podendo enxergar só aquilo não sendo possível enxergar além daquilo ... ele não conseguia enxergar ... tinha uma verdade a seguir tanto que estava querendo internar o garotinho ... e só não o fez porque ele também estava morto.

937. Mas chegou a pensar que o garoto estava doido ... no que venceu a barreira de acreditar na sua verdade como única conseguiu ajudar a ele próprio.

938. O psicólogo poderia ter ouvido melhor a fita do primeiro garoto antes ... interessante ... é óbvio que havia ouvido a fita ... mas não com o ouvido ... ouviu conforme queria.

939. Os dois tinham a mesma patologia ... o psicólogo e o menino ... porque se ajudaram para que cada um supera-se seu trauma ... a mesma situação onde o psicólogo havia sido incapaz de ajudar o primeiro menino.

940. Preciso também enfrentar meus próprios problemas ... falando sobre eles ... enfrentei quando comecei a falar da existência desses fantasmas ... quando conversei com minha irmã ... como se tivesse falado com um fantasma que minha irmã se tornou para mim ... é bem interessante mas não tenho aquela amizade com minha irmã ... de ir a casa dela fazer alguma coisa ... mas sinto que alguma coisa mudou ... eu e minha irmã.

941. Não estou mais apressada em querer que as coisas aconteçam ... com o tempo vão melhorando ... mas já sinto que houve alguma mudança ... as vezes ela liga para mim ... coisas que não aconteciam com muita frequência ... é o começo de alguma coisa ... não sei o que virá ... mas já é um bom começo.

942. Quando contei para o Chico ele disse que já sabia ... imaginava que eu tivesse vivido alguma coisa assim ... ele não mudou comigo ... também por já ter falado bastante sobre isso não entrei mais com aquela coisa pesada ... aquilo não representava mais uma grande coisa.

943. Aconteceu e não tem nem adianta apagar ... não adianta querer apagar ... por isso não esperava tanta mudança ... já não existia barreira entre eu e o Chico mas com minha irmã senti que existia silêncio ... quando se sabe que existe alguma coisa mas ninguém toca no assunto ... não falamos mais sobre isso talvez porque por enquanto já tenhamos resolvido ... ela ficou de pensar e na hora que se sentir aberta ou livre para falar sobre algum outro assunto ou alguma coisa que tenha lembrado vai falar porque já dei liberdade para falar ... vou deixar acontecer ... porque da mesma forma que dei liberdade a mim mesma ... abri uma porta e vou esperar por ela porque acho que para ela era muito difícil também ... assim como foi para mim.

944. Para mim foi muito bom falar e quanto mais eu falo melhora muito mais.

945. Identifico mudanças até mesmo físicas em mim ... os óculos que usava ... era preto ... pesado ... me escondia atrás dele ... era um óculos de velho ... que na época escondiam muita coisa ... um rosto de menina e uma mocinha ... um rosto doce meigo que agora mostrei ... olho para mim e vejo as mudanças que aconteceram ... sei que as mudanças físicas não são as mais importantes ... mas também são importantes.

946. Estou numa fase bege ... comprei uma estante lá pra casa ... o Chico queria aqueles mognos ... eu quero bege por isso comprei marfim depois posso até pintar de outra cor ... quero tudo claro ... já gostei muito de cor escura mais agora quero entrar em casa e sentir claridade.

947. Para que haja uma mudança externa é preciso que tenhamos mudado algo interno ... assim não fica artificial.

948. A leitura desse texto deixou de ser importante para mim ... interessante ... eu tinha tanta vontade de acabar a leitura do texto ... que ele perdeu a importância ... não

tenho mais aquela ansiedade que tinha em terminar o texto ... tanto que não sinto falta de fazer a leitura.

949. É como se aquilo lá ficasse atrás ... não tenho mais ansiedade ... porque logo quando eu chegava aqui queria ler ... quando você me interrompia ... eu dizia ... agora só na próxima de novo ... sabe ... e agora é como se aquela parte da história ... porque aquilo é como se fosse uma parte da minha história ... já tivesse ficado para trás e não tem mais importância ... é interessante como essas coisas mudam realmente ... não faço mais questão ... não quero mais nem ler ... não precisa ... já esqueci ... quer dizer ... ela existiu mas já não tem importância ... faz parte é claro porque não posso apagar ou simplesmente dizer não aconteceu ... mas ficou para trás e daqui para frente está sendo diferente.

950. Acabou.

951. Esse é um bom método ... esse de falar ... escrever e ler ... porque consegui ... porque uma coisa é você lembrar diferente de você vê e ler a sua história ... o que aconteceu é bem interessante ... não sei bem qual a diferença desse método com o outro que já experimentei ... assim consigo enxergar ... explicar o porque não sei ... é muito confuso ... mas prefiro assim porque eu mesma pude constatar o que aconteceu comigo ... você está ali ... não tem como fugir ... eu ... as coisas ficam muito concreta ... realmente aquilo aconteceu ... só não sei explicar.

952. Sei que é para eu tomar minha narrativa ... mas não como uma cadeia ... para me prender ... minha vida não é só aquilo que está naquele texto ... mas aquilo é uma parte ... tenho outras narrativas mas ali mostrei a pior parte da minha história ... minha vida era uma bagunça.

953. Estando escrito é possível ter noção do que está acontecendo ... fica no texto só o que é essencial. Sei que as vezes falamos de coisas que não são fundamentais ... mas que gosto de conversar e saber.

954. Essa semana aconteceu um negócio comigo que achei que ainda não estou completamente boa ... quer dizer ... fiquei desesperada ... é como se a história se repetisse e fiquei com medo da história se repetir. Essa semana achei que estava grávida ... ontem inclusive o Chico falou:

955. - Rapaz ... se tu descobrir amanhã ... se der positivo ... tu vai entrar em depressão.

956. Eu digo:

957. - Ah ... com certeza ... e dependendo do que acontecer ... ao invés de amanhã encerrar minha terapia só retornando no ano que vem ... vou disser a Bete que ela não vai viajar ... que não vai me largar nem na semana que vem.

958. Não pode me abandonar ... porque se eu estivesse grávida não iria agüentar.
959. Ah ... agora já posso ser abandonada ... sabe você ter certeza de que não está ... minha menstruação simplesmente não veio fazem dez dias ... não estou grávida ... já fiz o teste ... fui ao médico que me examinou e disse que o útero estava normal ... bonitinho ... mas me mandou fazer o exame onde o resultado foi negativo porque teria que me medicar e não poderia correr nenhum risco de estar grávida ... deve ser uma alteração hormonal ... já tive isso a dez anos atrás quando fiquei quase dois meses sem menstruar ... mas tinha plena consciência de que não poderia estar grávida ... tinha feito as contas dos dias todinhos que o Chico estava viajando e quando ele chegou estava já no finzinho daquela fase quando não se pode.
960. Normalmente além da tabelinha tomamos outros cuidados ... não havia acontecido nada que pudesse justificar como por exemplo ter furado a camisinha ... apesar de ter essa consciência ... o fato da menstruação não vir me deixou doente ... aí entrei em parafuso ... não dormia ... porque há tantos anos atrás eu tinha me preparado para estudar fora quando engravidei ... cortou ali ... o acaso ou o descuido ... não sei que nome dou mas aconteceu ... e agora que eu tinha começado a tomar coragem de retomar o rumo da minha vida e fazer uma coisa que queria ... de novo iria acontecer ... tudo bem ... sei que a responsabilidade de uma gravidez hoje também seria minha ... mas no momento encarei como se não fosse mais ter condições e tivesse que me conformar de novo em parar.
961. Pensar em parar me deixou triste ... esse fato sim me deixaria deprimida ... não a gravidez em si ... porque já não tenho mais tanto problema com a gravidez. Não poderia pensar em aborto sou contra ... penso que os cuidados devem ser tomados antes ... se estivesse grávida iria ficar numa boa. Um aborto por exemplo seria muito mais penoso para mim do que enfrentar a gravidez. Fiquei realmente desesperada. Sei que você não me abandonaria.
962. Ainda não me sinto firme o suficiente com relação a essa retomada da minha vida ... por isso posso ter usado essa possível gravidez para atrapalhar minha retomada. Se engravidasse seria como uma válvula de escape que estou arrumando para não tocar minha vida ... uma resistência ... para não chegar a fazer aquilo que quero fazer ... porque aí arrumaria uma desculpa.
963. Até acho que também pode ter uma causa orgânica ... falei isso para o médico mas ele disse que só tomaria essa providência se o exame tivesse dado negativo como deu ... que iria pedir um exame de hormônio porque quando fico para menstruar sinto muita dor de cabeça ... passo uma semana com dor de cabeça ... meus seios endurecem que chega ficam duro mesmo ... parece que estão empedrados ... meu

cabelo está caindo demais ... estou ficando careca ... minha pele ... estou retendo muito líquido ... como se tivesse engordando.

964. Vou falar com o ginecologista e se ele achar melhor vou procurar um especialista ou um clínico geral também ... o negócio do meu médico é tirar bebê e ele é doido ... ele é médico da minha irmã ... e diz:

965. - Mas será possível que não vou fazer um parto seu.

966. Eu digo:

967. - Não ... você deixa para minha irmã que ela é mais corajosa do que eu.

968. Aí quando chego lá desesperada ... que já é a segunda vez ... ele diz:

969. - Que bons ventos lhe trazem? Menstruação atrasada?

970. Aí eu disse:

971. - Pois é doutor.

972. Ele disse:

973. - Poxa ... finalmente.

974. Já respondo:

975. - O senhor não se anime muito não ... porque não vai ter.

976. Tudo isso é para eu ir para frente.

977. Entendo que a história não pode se repetir porque não sou a mesma menina ingênua ... não estou solteira ... o que significa que não seria nas mesmas condições ... mas a história no sentido da minha carreira ... da minha vida ... essa sim.

978. Me senti tão ruim quando imaginei estar grávida. Disse:

979. - Poxa ... como é que deixei isso acontecer?

980. Se não quero ... não posso deixar que uma coisa dessas aconteça ... sou eu que tenho que tomar cuidado ... não é mais ninguém. Já falei para o doutor que se essa gravidez não fosse gravidez mesmo ... a cartelinha de comprimido vai me ver de novo porque é ruim me ver de novo nessa situação ... o médico me aconselhou a parar por um tempo por já estar a muito tomando comprimido ... resolvi seguir a orientação ... mas não caio nessa de novo.

981. Mas o pior é que eu estava com a cartelinha de pílula porque tinha resolvido que iria voltar a tomar ... aí fiquei meia lesada ... porque o mês passado comprei a cartela de comprimido e disse que iria tomar e não tomei ... a cartela ficou lá ... quer dizer a culpa ainda é maior ... comprei o negócio e larguei lá.

982. Agora vou fazer um exame para ver a taxa hormonal ... e para isso não posso estar tomando comprimido ... é melhor que não esteja tomando nada ... vou aproveitar e fazer agora.

983. Mas falando do meu filho ...

984. Chega a noite não faz absolutamente nada deita na cama e dorme ... adolescente é estranho ... me sinto como se estivesse sozinha em casa porque não me faz companhia ... entra para o quarto dele ... liga a televisão ou o computador fica jogando e eu fico lá sozinha.

985. Será que a vida em família é isso? Não era isso que eu gostaria ... gostaria que sentasse conversasse ... mas é muito calado fechado é igual ao pai dele ... não é de muita paparicação ... não é de chegar e dizer “mãe vem cá vamos fazer um negócio vamos fazer outro e tal vem fazer assim” ... mas de repente não soube passar para ele o que eu queria ... agora vamos ter que fazer um trabalho de mudança ... tanto do meu comportamento como o dele ou vai continuar nessa ... sei que a maioria das pessoas são assim ... minha irmã eu lembro que era assim ... chegava e se enfiava dentro do quarto dela e pronto ... raramente ia assistir televisão na sala ... vai ver ele puxou para a tia ou o pai ... para mudar é difícil ... temos que aceitar o tal do diferente ... mas eu não queria ... queria que a gente fosse feliz.

986. Entrar na minha casa a primeira noite ... estava muito cansada nervosa ansiosa ... é diferente ... é como se tivesse num lugar estranho. Eu tinha como referência a casa da minha mãe a minha casa ... quando dormia na casa da minha tia era muito estranho ... queria logo sair e voltar para a casa da minha mãe ... agora não ... agora estou encarando como minha casa como uma coisa gostosa ... hoje entro dentro dela e gosto ... é bom abrir a porta e saber que estou na minha casa ... no meu espaço ... mas a primeira noite foi como se estivesse num lugar estranho ... não gostei da primeira noite ... estávamos arrumando a casa ... deu seis horas chamei o Chico para irmos para a casa da minha mãe comer e levar a comida do Sultão ... ele disse:

987. - Já começou a neura das seis horas ... já quer voltar para casa?

988. Quando estávamos arrumando minha casa ia chegando perto das seis horas ... ele olhava para mim e dizia:

989. - Agora você está na tua casa mulher tu não tem outra casa ... agora aqui é tua casa.

990. Ainda não consegui assimilar ... achei tão estranho ... o Sultão ainda está lá na casa da minha sogra ... queria que estivesse em casa assim iria economizar de estar todo dia indo lá ... hoje eu trouxe a comida dele para levar ... fiz cedo para ver se vou cedo para casa ... porque tenho que ficar conversando um pouco com ela ... não vou chegar lá entregar a comida e ir embora ... as vezes saio de lá oito e meia ... chego em casa muito tarde ... não dá vontade de fazer nada é só deitar e dormir ... não consegui me ajeitar nos horários de ir para casa ... estou gostando mas ainda não entrei no ritmo ... também dois três dias ... na hora do almoço por exemplo eu bem que podia almoçar

e ir para casa ... não fico ali deitada como se ali ainda fosse a minha casa ... aí eu fico pensando ... mas eu tenho que ir para casa? Por que não posso descansar onde estou? Por outro lado se estou em casa depois acordo e vou fazer alguma coisa vou arrumando ... assim passo a maior parte do tempo ali na casa da minha mãe ... ocupando espaço ... digo:

991. - Não tenho que estar aqui tenho que ir embora.

992. É isso que está faltando ... mas vou me acostumar ... próxima semana já chego aqui e digo:

993. - Ah está lindo e maravilhoso.

994. Mas ... eu já acordei mais tranqüila.

995. Aos trancos e barrancos ... mas cá estou eu.

“A prioridade absoluta tem de ser o ser humano, acima desta não reconheço nenhuma outra prioridade.”

Saramago



http://images.suite101.com/741872_com_braque_vio.jpg

06.05.2010

9. BIBLIOGRAFIA

9.1 Bibliografia Citada

- ANDRADE, Carlos Drummond. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade. **Lembrança de Velhos**. São Paulo: EDUSP, 1987.
- BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **Psicologia Simbólica Junguiana**. São Paulo: Linear B, 2008.
- CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, Texto e História**. São Paulo: Loyola, 1999.
- CHRISTOFOLETTI, Elisabete de Lourdes. **Educação Popular, Facilitadora do Processo de Transformação Social. Uma Leitura a Respeito do Movimento da Consciência em Educadores de Adultos**. Dissertação. UNICAMP - Faculdade de Educação, Campinas-SP. 1994.
- CHRISTOFOLETTI, Elisabete. Psicologia Textual: Uma Proposta Metodológica. **Caderno de Criação**, Porto Velho-RO, n. 21, p. 09-14, 2000.
- CIAMPA, Antônio da Costa. **A Estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HILLMAN, J. **Encarando os Deuses**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- HILLMAN, James. **O Mito da Análise**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HILLMAN, James. **A Prata e a Terra Branca** – parte II. Xerox. s/d
- HILLMAN, James. **A Blue Fire**. New York, Harper Perennial, 1991.
- JUNG, C.G. **Estudos Experimentais**. v. II Petrópolis: Vozes, 1997.
- JUNC.C.G. **Psicologia e Alquimia**. 2 ed. v. XII Petropolis: Vozes, 1994.
- JUNG, Carl G. **Símbolos da Transformação**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- JUNG, Ema & FRANZ, M.L. **A lenda do Graal: do Ponto de Vista Psicológico**. São Paulo: Cultrix, 1991.

- KAST, Verena. **Sisifo: a mesma pedra – um novo caminho**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- McGUIRE,W.(org.) **A Correspondência Completa de Sigmund Freud e Carl G. Jung**. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SANTOS, Nilson. **Seringueiros da Amazônia. Sobreviventes da Fartura**. Tese. De Doutorado. USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo: 2002.
- SVENDSEN, Lars. **Filosofia do Tédio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

Internet

Pedro Pedreiro - <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45160/> em 17.10.2010

Infância - <http://www.youtube.com/watch?v=D9hCuyTRef4> acessado em 16.05.2010

Kairós

- http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/02/Francesco_Salviati_005.jpg/160px-Francesco_Salviati_005.jpg&imgrefurl=http://pt.wikipedia.org/wiki/Kairos&usg=__D9g5xw4JafgbQS-TUISrLGWRSE8=&h=218&w=160&sz=12&hl=pt-br&start=0&zoom=0&tbnid=a8O_ZmxX5ddcJM:&tbnh=107&tbnw=79&prev=/images%3Fq%3Dkairos%2Bafrescos%26um%3D1%26hl%3Dpt-br%26sa%3DG%26biw%3D1280%26bih%3D709%26tbs%3Disch:1&um=1&itbs=1&iact=hc&vpx=957&vpy=278&dur=1026&hovh=107&hovw=79&tx=87&ty=46&ei=sznDTNHfPMOOswaO0sCmCA&oei=sznDTNHfPMOOswaO0sCmCA&esq=1&page=1&dsp=28&ved=1t:429,r:12,s:0 – acessado em 23.10.2010

Rembrandt Harmenszoon van Rijn - http://www.ignezferraz.com.br/img/dicas/film-art_09rembrandt.jpg - acessado em 05.05.2010

Os sapatos - <http://pimptoes.files.wordpress.com/2008/08/van-gogh3.jpg> - acessado em 05.05.2010

Morte de Sócrates - <http://picsicio.us/image/4738adda/> - acessado em 24.10.2010

Boy with a Top de Jean-Baptiste Siméon Chardin - http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jean-Baptiste_Sim%C3%A9on_Chardin_006.jpg – acessado em 24.10.2010

A bordadeira – vermeer - <http://a6.idata.overblog.com/490x600/1/14/42/38/Peintures/Vermeer-La-dentelliere.jpg> - acessado em 10.05.2010

Moça com brinco de pérola - http://api.ning.com/files/CZWTRkJcGY1xK9nCYbgHPURJSYUBzpZwrB99iDghRD2F-U*FAn672bO71RXY3GwPZq2EJFMUEuCOIV0RZF0zvJfJcYLtgWym/moacombrincod eprola.jpg - acessado em 10.05.2010

Sagrada família - http://www.sagradafamilia.tv/rec/images/content/base/odilon_redon_silncio.jpg - acessado em 10.05.2010

Klee - http://images.suite101.com/741872_com_braque_vio.jpg - 06.05.2010

Paul Klee. Hermitage. 1918. - <http://www.abcgallery.com/K/klee/klee2.JPG> - acessado em 06.05.2010

- <http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.dnt.adv.br/wp-content/uploads/2010/03/bico-de-pena.jpeg&imgrefurl=http://www.dnt.adv.br/noticias/processo-eletronico/curiosidade-da-decada-de-30-jurisprudencia-aceita-documento-datilografado-em-substituicao-ao-escrito-em-bico-de-pena/&usq=4XVI9vPJtOx3gAcAmqAaUvrFLMk=&h=401&w=445&sz=50&hl=pt->

[BR&start=1&zoom=1&tbnid=qENTUAQNYGugdM:&tbnh=114&tbnw=127&ei=ZuwDT
oKgAYP4gAfM3J3sDQ&prev=/search%3Fq%3Dbico%2Bde%2Bpena%26hl%3Dpt-
BR%26sa%3DX%26biw%3D1280%26bih%3D709%26tbn%3Disch%26prmd%3Divn
s&itbs=1](http://www.youtube.com/watch?v=4uJkStUpB0M)

Filmes:

Antes da Chuva - <http://www.youtube.com/watch?v=4uJkStUpB0M>

Avatar - <http://www.youtube.com/watch?v=sa8NpSgnAH0>

Almas a Venda - http://www.youtube.com/watch?v=iBqt4_OBpvk

Baaria - http://www.youtube.com/watch?v=uaP2Fy35M_Y

Baaria II - <http://www.youtube.com/watch?v=vXJ38KWcf4g>

Abril despedaçado - <http://www.youtube.com/watch?v=sJrv-WpP8bU>

9.2 Bibliografia Lida ao Longo da Formação com Relevância Para Este Tema

ALVARENGA, Maria Zélia de. **O Graal. Arthur e Seus Cavalheiros: Leitura simbólica**. Goiânia: Dimensão, 1997.

ALVARENGA, Maria Zélia de. **Édipo. Um Herói Sem Proteção Divina. A Saga dos Labdácidas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

ACHERBERG, Jeanne. **A imaginação na cura**. São Paulo: Summus, 1996.

BRANDÃO, Junito. **Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega**. v II, J-Z, Petrópolis: Vozes, 1991

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. v II. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

BYINGTON, C. A. **Construção Amorosa do Saber**. São Paulo: Religare, 2003.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **O Arquétipo da Vida e da Morte. Um Estudo da Psicologia Simbólica**. São Paulo: apostila, 2002.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. 5 ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1999.

- CHARDIN, P. Teilhard de. **O Lugar do Homem na Natureza**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- CHRISTOFOLETTI, Elisabete. Psicologia e Narrativa: Psicologia Textual. *Anais do II Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana*, Rio de Janeiro, p. 36-37, 2000.
- CHRISTOFOLETTI, Elisabete. Sonho e Psicologia Textual. **Primeira Versão**, Porto Velho-RO, n. 133 UNIR, 2003.
- CHRISTOFOLETTI, Elisabete. Psicologia Junguiana e Psicologia Textual. *Anais do IV Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana*, Punta Del Leste-Uruguai, p. 423, 2006.
- CHRISTOFOLETTI, Elisabete. Internet: O tempo-espaço das coisas (aparentemente) impossíveis. **Anais do V Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana**, Santiago de Chile, p. 178-183, 2009.
- ELIADE, Mircea. **Rites and Symbols of Initiations**. New York: Harper & Row, 1965.
- EDINGER, Edward F. **O Encontro com o Self**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- FEINSTEIN, David; KRIPPNER, Stanley. **Mitologia Pessoal. A Psicologia Evolutiva do Self**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Á Sombra Desta Mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 1995.
- GAMBINI, Roberto. **Voz e o Tempo: A reflexões para jovens Terapeutas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, s/d.
- GUGGENBUHL-CRAIG. A. **O Abuso do Poder na Psicoterapia**. Rio de Janeiro: Achiame, 1978.
- HILLMAN, James. **O Código do Ser**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- HILLMAN, James. **Estudos de Psicologia Arquetípica**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- HILLMAN, James. **Paranóia**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.
- HILLMANN, James. **Psicologia Arquetípica**. São Paulo: Cultrix, 1995.

- HILLMAN, James. **Suicídio e Alma**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- HILLMAN, James. **Re-Visioning Psychology**. New York: Ed. Harper Colophon Books, 1975.
- HUXLEY, Aldous. **A Filosofia Perene**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- JOHNSON, Robert. **Imaginação ativa: inner Work**. São Paulo: Mercuryo, 1989.
- JUNG, Carl Gustav. **Cartas 1906-1945**. v I, Petrópolis: Vozes, 2001.
- JUNG, Carl Gustav. **Cartas 1946-1955**. v. II, Petrópolis: Vozes, 2002.
- JUNG, Carl Gustav. **Cartas 1946-1955**. v. III, Petrópolis: Vozes, 2003.
- JUNG, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1994.
- JUNG, Carl Gustav. **Freud e a Psicanálise**. 3 ed. v. IV, Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do Inconsciente**. 10 ed. v. VII/1, Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.
- JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o Inconsciente**. 12 ed. v VII/2, Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.
- JUNG, Carl Gustav. **A Energia Psíquica**. v VIII/1, Petrópolis-RJ: Vozes, 1987.
- JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. 4 ed. v VIII/2, Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.
- JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 5 ed. IX/1, Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.
- JUNG, Carl Gustav. **Aion Estudo sobre o Simbolismo do Si-Mesmo**. 5 ed. v IX/2, Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.
- JUNG, Carl Gustav. **Civilização em Transição**. v X/3, Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.
- JUNG, Carl Gustav. **Resposta a Jô**. 5 ed. v XI/4, Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.
- JUNG, C.G. **Mysterium Coniunctionis**. Vol XIV/3. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

- JUNG, Carl Gustav. **O Espírito na Arte e na Ciência**. v XV, Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.
- JUNG, Carl Gustav. **AB-Reação, Análise dos Sonhos, Transferência**. 2 ed, v VI/2, Petrópolis-RJ: Vozes, 1990.
- JUNG, Carl Gustav. **A Vida Simbólica**. v XVIII/1, Petrópolis-RJ: Vozes, 1988.
- JUNG, C. G. **Analytical Psychology, Notes of the Seminar Given in 1925**. Princeton University Press, Bollingen Series XCIX, 1989.
- KILROE, Patrícia. The Dream as Text, the Dream as Narrative. In, **Dreaming**. v 10, n. 3, (publicação digital sem paginação), 2000.
- SANTOS, Nilson. A Criação e o Pensamento Científico, in **Caderno de Criação**, Porto Velho-RO, ano V, n. 14, p. 15-39, 1998.
- WILKOMIRSKI, Binjamin. **Fragmentos: Memórias de uma infância 1939-1948**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- WILLEMART, Philippe (org). **Gênese e Memória: Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições**. São Paulo: Annablume, 1995.



<http://www.abcgallery.com/K/klee/klee2.JPG>

06.05.2010

“Qual a herança que posso deixar? Exatamente uma. Penso que poderá ser dito quando já não estava no mundo: Paulo Freire foi um homem que amou. Ele não podia compreender a vida e a existência humana sem amor e sem a busca de conhecimento, Paulo Freire viveu, amou e tentou saber. Por isso, foi um ser constantemente curioso.”

Paulo Freire (educação na cidade, pag 140)

ANEXOS

Anexo A

Carta de Autorização

Porto Velho, de de 2011.

A Elisabete Christofolletti,

Eu, _____,
_____(estado civil), RG _____,
CPF _____, declaro para os devidos fins que cedo os
direitos de minhas entrevistas, gravadas e transcritas para Elisabete
Christofolletti, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e
limites de citações, desde a presente data.
Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Anexo B

CD

Este CD é composto pelo arquivo digital da Monografia, e com todas as sugestões de visitas a páginas/ vídeos da web que foram propostas ao longo do texto.